



«Apaixonei-me pela família fascinante
que está no centro deste livro incrível.»

Ann Napolitano

QUOCIENTE DE FELICIDADE

LIVRO DO ANO • *OPRAH DAILY*
NOMEADO MELHOR THRILLER • GOODREADS CHOICE AWARDS

ANGIE KIM

BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TOP
SEL
LER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



«Apaixonei-me pela família fascinante
que está no centro deste livro incrível.»

Ann Napolitano

QUOCIENTE DE FELICIDADE

LIVRO DO ANO • *OPRAH DAILY*
NOMEADO MELHOR THRILLER • GOODREADS CHOICE AWARDS

ANGIE KIM

BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TOP
SEL
LER

ANGIE KIM

**QUOCIENTE
DE
FELICIDADE**



os livros em primeiro lugar



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: maio de 2024

QUOCIENTE DE FELICIDADE

Título original: *Happiness Falls*

© 2023, Angie Kim Writing LLC

Publicado por Hogarth,

uma chancela de Penguin Random House LLC, Nova Iorque

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Topseller é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Pedro Póvoa

Revisão: Raquel Mouta

Capa: Wonder Studio/Carolina Leonardo

Design da capa: Cassie Gonzales

Fotografias da capa: Quint Buchholz (casa), Boyan Dimitrov/Shutterstock (ondas)

ISBN: 978-989-583-068-8

Composição digital: leerendigital.com

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [topseller.editora](https://facebook.com/topseller.editora)

Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)

Índice

Quociente de Felicidade

Créditos

Dedicatória

Epígrafes

Parte I – Estão Todos Bem

Parte II – Quociente de Felicidade

Parte III – A Nova Linha de Base Reduzida

Parte IV – O Mito do «Bah-Bo» Não Verbal Feliz

Parte V – Esta Não é a História de uma Pessoa Desaparecida

Parte VI – Cem Dias

Nota da Autora

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Angie Kim

Dedicado a Jim, Carleton, Steve e Andrew

Perdi um mundo — foi há dias!

Alguém encontrou?

EMILY DICKINSON (1896)

Uma pessoa senta-se numa duna no deserto, não vê nada, não ouve nada. No entanto, algo pulsa e brilha no silêncio. — O que torna o deserto belo — disse o Príncipezinho — é haver um poço escondido algures...

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY,

O Príncipezinho (1943)

O mundo é um local surreal. Sejam curiosos.

STEPHEN HAWKING,

O Universo numa Casca de Noz (2001)

PARTE I

ESTÃO TODOS BEM

Locke, Bach e K-Pop

Não chamámos logo a polícia. Mais tarde, haveria de me recriminar por isso e de pensar se não teria sido tudo diferente se não tivesse ignorado a situação, insistindo que o meu pai não estava *mesmo* desaparecido, apenas atrasado, provavelmente ainda na floresta à procura do Eugene, a pensar que ele tinha fugido. A minha mãe diz que a culpa não foi minha, que estava apenas a ser otimista, mas eu sei que não é verdade. Não acredito no otimismo. Acredito que existe uma linha ténue (isto se existir alguma) entre o otimismo e a idiotice deliberada, por isso tento evitar completamente o otimismo, não vá eu pisar nessa linha por engano.

O meu irmão gémeo, o John, também insiste em fazer-me sentir melhor, e diz que não podíamos adivinhar que havia algo de errado naquela manhã tão típica, o que é um perfeito disparate. Afinal de contas, porque partimos do princípio de que as coisas não podem correr mal só porque ainda não correram? A vida não é geometria; os piores momentos, aqueles que podem mudar a nossa vida, não acontecem de forma previsível, no fundo de um declive de uma reta. As tragédias e os acidentes são trágicos e acidentais precisamente devido ao seu carácter inesperado. Além disso, considerar qualquer coisa na nossa família como «típica»... só me resta abanar a cabeça. Nem sequer estou a pensar nas coisas medianamente típicas, como o facto de eu e o John sermos gémeos, a nossa birracialidade (coreana e caucasiana), os papéis parentais não tradicionais (mãe que trabalha, pai que fica em casa), ou os apelidos diferentes (Parson da parte do

pai + Park da parte da mãe = Parkson como apelido dos filhos). Nada disto é comum, certamente, mas também não será chocante na nossa zona, nos dias que correm. O que nos torna inequivocamente atípicos é o duplo diagnóstico do meu irmão mais novo, o Eugene: autismo e uma doença genética rara chamada síndrome de Angelman (SA) em mosaico, o que significa que não consegue falar, tem dificuldades motoras e — e isto é o que fascina muitas pessoas que nunca ouviram falar de SA — um comportamento involuntariamente feliz, com sorrisos e gargalhadas constantes.

Perdão, estou a desviar-me do assunto. É um dos meus maiores defeitos e algo que estou a tentar melhorar. (Para ser sincera, não tenciono anular esta minha característica por completo porque, por vezes, estas tangentes acabam por ser importantes e/ou divertidas. Por exemplo, a minha tese de licenciatura, *Filosofia da Música e Programação Algorítmica: Locke, Bach e K-pop vs. Prokofiev, Sartre e Jazz Rap*, nasceu de uma nota de rodapé na minha proposta original. Além disso, não consigo evitar; é assim que a minha mente funciona. Vamos encontrar um meio-termo: vou colocar as minhas divagações em notas de rodapé. Quem gosta de pequenos desvios divertidos, como eu e o meu pai, pode lê-las. Quem acha as notas de rodapé irritantes (como o John) ou quer saber o que aconteceu o mais depressa possível (como a minha mãe), pode ignorá-las. Quem estiver indeciso pode experimentar algumas e ver como corre.)

Adiante. Falava eu da polícia. O facto é que sabia que havia algo de errado. Todos sabíamos. Não queríamos chamar a polícia porque não queríamos dizê-lo em voz alta, tal como eu agora ando aqui às voltas, centrada na questão periférica de chamar a polícia em vez de dizer simplesmente o que aconteceu.

Cá vai. O meu pai, Adam Parson, de 50 anos, está desaparecido. Às 9h30 de terça-feira, 23 de junho de 2020, ele e o meu irmão Eugene, de 14 anos, foram até ao Parque de River Falls, aqui perto, como faziam quase todas as manhãs desde que regresssei da universidade para ficar em confinamento. Sabemos que chegaram ao parque; há testemunhas oculares, uma dezena de caminhantes e passeadores de cães que os viram juntos em vários pontos do trilho da cascata até às 11h10. Às 11h38 (sabemos a hora exata pelas imagens da câmara do veículo), o Eugene já tinha saído do parque e corria por

uma estrada secundária estreita do nosso bairro, obrigando um condutor que não tinha parado num sinal de stop e feito a curva demasiado depressa a desviar-se para uma vala, de modo a não atropelar o meu irmão. Pouco antes de as imagens da câmara ficarem distorcidas com o abanão do embate, vemos um Eugene difuso, que não para, não se vira, nem sequer olha para o carro ou para qualquer outra coisa — limita-se a tropeçar um pouco, tão perto do carro que quase se podia jurar que tinha sido atingido. O chiar dos pneus e o som do carro a bater na vala, para não falar da reação em cadeia dos dois carros que vinham atrás, causaram aparentemente uma terrível cacofonia de estalidos metálicos, batidas e guinchos que atraíram as pessoas para a rua. Os transeuntes relataram ter visto um rapaz, que mais tarde identificaram como sendo o Eugene, a cambalear dali para fora. É de notar que nenhum dos cinco transeuntes, três condutores ou dois passageiros envolvidos no acidente viu o meu pai a anteceder, perseguir ou acompanhar o Eugene. Confirmámos este facto várias vezes, e é indiscutível: o Eugene estava sozinho no nosso bairro.

Enquanto tudo isto acontecia, eu estava a viver aquele que considerava ser um dos grandes momentos trágicos da minha vida. É engraçado como este tipo de apreciações é relativo, como muda consoante o contexto: esse dia tornou-se, obviamente, desde então, o Dia do Desaparecimento do Pai, mas, se me tivessem perguntado nessa manhã, teria afirmado de forma inequívoca ser aquele o Dia da Grande Separação. Mesmo que não tenha sido nada tão dramático como isso. A verdade é que a separação já tinha acontecido, à minha revelia, aquando do afastamento parcial do Vic, que não me passou despercebido, mas que na altura interpretei como uma necessidade de estar sozinho. Era a minha primeira Relação Séria (ou seja, daquelas que duram mais de seis meses), e eu pensava que estava a ser atenciosa ao afastar-me em vez de pedir atenção e insistir para que ele se abrisse comigo e me desvendasse a sua alma ou outras tretas dessas, mas, *na verdade*, tudo indica que eu estava a falhar uma espécie de teste — o meu grau de interesse, a importância que dava à nossa relação, etc. O telefonema dessa manhã foi apenas um aviso de cortesia para me dar conta dos resultados.

Ouvi calmamente a conclusão *exageradamente* neutra e casual do Vic, que me disse que achava melhor «continuarmos separados»,

porque era óbvio que eu não atribuía assim tanta importância à nossa relação. Ocorreu-me então que aquele telefonema era mais um teste, que eu podia passar se fingisse estar chateada e dissesse «claro que é importante» e «é só o confinamento e a agonia de estarmos separados, a angústia do isolamento», blá-blá-blá. Mas eu não sou de dramas. Além disso, fiquei fula da vida por perceber que aquele tipo que costumava louvar a minha «refrescante falta de paciência para joguinhos» estivesse ele próprio a fazer um joguinho comigo e a esperar que eu alinhasse e me saísse bem. Tudo aquilo era infantil, insultuoso e, muito sinceramente, desonesto. E foi exatamente isso que eu disse assim que ele parou de falar, mesmo antes de desligar. (Acredito piamente que não devemos ter filtros nas coisas que dizemos.) Atirei o telemóvel para o outro lado do quarto — desligar um *iPhone* não é tão satisfatório como desligar aqueles telefones fixos antigos, como o telefone da cozinha, e, além disso, o meu telemóvel tem uma capa de titânio industrial —, mas, raios, foi cair na minha colcha de pelúcia.

Estava a pensar em pegar nele para tentar novamente quando vi algo pela janela que me fez estancar: um rapaz com uma camisola amarela, a dobrar a esquina da nossa rua, a correr. O que o meu cérebro não conseguiu conciliar foi o facto de a camisola pertencer ao Eugene — lembrava-me perfeitamente de ele a ter vestido nessa manhã —, mas aquela passada de corrida não. A parte do mosaico da síndrome de Angelman do Eugene significa que ele tem dois conjuntos distintos de genes no corpo: células com um defeito de impressão e células que funcionam normalmente. O mosaico faz com que ele seja «menos afetado» e não tenha alguns dos sintomas mais graves que podem afetar as crianças com SA, como convulsões e dificuldades em andar e comer.[1] O Eugene consegue fazer algumas coisas que pratica desde sempre, como usar utensílios, andar e até correr, mas tem problemas em manter uma coordenação e velocidade consistentes. É como um trava-línguas; podemos conseguir dizer uma ou duas vezes, se for com cuidado e devagar, mas, quanto mais longo e/ou rápido for o enunciado, maiores são as hipóteses de falharmos. O Eugene precisou de anos de terapia só para percorrer longas distâncias — daí fazer caminhadas diárias de ida e volta ao parque com o meu pai, para praticar — e sempre pensei que ele não gostava nada de

correr. Como seria então possível que aquele rapaz, que parecia ser o meu irmão mais novo, estivesse a correr pela nossa longa rua?

É engraçado esta coisa dos irmãos; pensamos neles como um dado adquirido, mas depois acontece algo de bom ou de mau que desenterra e torna visível aquilo a que os coreanos chamam *jeong*. É difícil de traduzir; não é uma emoção específica — não é afeto, nem amor —, é antes um elo complexo definido pela sua profundidade e história: aquela sensação de pertencermos ao mesmo todo, de termos os nossos destinos entrelaçados, impossíveis de separar, por muito que queiramos. Desci as escadas a correr, abri a porta da rua e saí, descalça.

— Meu Deus, Eugene, olha para ti! — exclamei, enquanto batia palmas. Nem sequer parecia coisa minha, mas cheguei mesmo a desatar aos gritinhos e aos pulos.

Mas onde estava o meu pai? Dei voltas à cabeça para tentar perceber se, na altura, pensei sequer na pergunta. Não reparei que ele não estava presente, mas isso também não foi uma questão para mim, se é que isso faz sentido. Quer dizer, não o vi, mas os pais são assim. Parece que estão sempre lá, por isso partimos do princípio de que estão, se for suposto estarem. Não pensei nisso, é o que quero dizer, no pressuposto de que ele teria incentivado o Eugene a correr e que, ao chegarem ao nosso bairro, o meu pai o teria deixado ir à frente a correr. Havia tantos motivos para o meu pai ter ficado para trás — podia ter sido atrasado pelas artroses dos joelhos (que eu soubesse, não as tinha, mas não me parecia descabido, tendo em conta que já fizera 50 anos) ou podia ter parado para gravar um vídeo, como os pais costumam fazer. Não que tenha pensado conscientemente nessas hipóteses na altura; como disse, pensei nele como os filhos pensam nos pais, ou seja, não pensei de todo.

Talvez isto seja uma desculpa, mas acho que estava demasiado encantada com o Eugene para pensar em qualquer outra coisa. Ele é lindo. Todos comentam o facto de ser uma mescla extraordinária dos nossos pais — não uma salgalhada de traços diferentes de cada um deles, como eu e o John, mas uma verdadeira amálgama, como se os olhos/nariz/cor da pele/etc. do nosso pai se tivessem fundido com os da nossa mãe. A luz do Sol a refulgir no seu rosto, aquele sorriso rasgado, triunfante e orgulhoso, e, sobretudo, a forma como corria

pelo nosso relvado, com as pernas e os braços numa elegante sincronia atlética como eu nunca tinha visto. Ao aproximar-se, vi arranhões nos joelhos e sujidade na camisola amarela, mas isso dava-lhe um ar ainda mais alegre de miúdo traquinas a brincar no bosque com os amigos, a rir e a dar pouca ou nenhuma importância aos arranhões daí resultantes.

A minha eterna irritação com o John, a minha mágoa pelas palavras duras da minha mãe na noite anterior — nada disso importava. Custava-me que não estivessem a presenciar aquilo, só desejava ter o meu telemóvel para poder gravar o Eugene e mostrar-lhes as imagens. Esqueci-me de que estava irritada, esqueci-me dos múltiplos testes do Vic, esqueci-me do ultimato da minha mãe, esqueci-me de tudo exceto de que nunca tinha visto o Eugene tão gracioso, tão mundano, e corri pelo relvado para o abraçar com força.

Não sei do que estava à espera — um abraço apertado, talvez; que aqueles braços que pareciam tão fortes e ágeis me cingissem, ou até mesmo o seu habitual quase abraço, inerte como se tolerasse o meu amplexo, com os braços a levantarem-se frouxamente e depois a caírem como se não aguentasse o esforço. Não nos tínhamos abraçado ultimamente, e suponho que estava à espera de que a emoção daquele momento apagasse a estranheza que havia entre nós, que desfizesse o que acontecera no Natal. A esperança é uma coisa perigosa, leva-nos a confundir o que é possível com o que não é.

O Eugene continuou a correr e, quando estávamos já muito próximos, com aquele sorriso enorme ainda na cara, levantou as mãos e empurrou-me. O Eugene, o meu irmão mais novo, empurrou-me para o chão. Com força.

Agora que penso nisso, devia ter-me precavido, tendo em conta que corria na minha direção a toda a velocidade. Mas aquele sorriso — aquele sorriso é um problema. Sei que nem sempre significa alegria, que o Eugene às vezes sorri e ri quando sente ansiedade, dor, sobrecarga sensorial, até raiva; já li sobre isso, falei com médicos sobre isso, vi provas disso. Mas há coisas que estão tão enraizadas na nossa cultura, talvez na própria humanidade, que é difícil convencer-mos do contrário; a intuição supera sempre o intelecto. O sorriso é um exemplo disso mesmo. Não os sorrisos falsos e escarninhos, mas aqueles sorrisos rasgados, de rosto inteiro, como os

do Eugene — com lábios, olhos, sobrancelhas, até as orelhas, tudo misturado. Os meus pais e o John diziam que eram capazes de «ler» as diferenças subtis nos sorrisos do Eugene, de modo a desvendarem o seu verdadeiro estado emocional, mas eu nunca fora capaz de os discernir. Além disso, não tinha qualquer razão para duvidar da sua felicidade; estava tão arrebatada com a extraordinária normalidade daquele momento, tão feliz eu própria, que parti do princípio de que o Eugene devia sentir o mesmo, e o seu sorriso indiciava isso mesmo, confirmava-o. O que estou a tentar dizer é que não estava preparada para o empurrão, e caí. Torci o tornozelo e senti um choque elétrico a subir-me pela coluna.

— Ai! — gritei, mais alto do que a dor física justificava, mais para fazer com que o Eugene parasse, mas ele seguiu em frente, passou pela porta da rua e entrou em casa.

Porque não me levantei logo? Parece-me agora evidente que se tratou de um daqueles momentos de viragem nas nossas vidas, uma bifurcação crucial de duas realidades possíveis. Realidade A: cerro os dentes, levanto-me, entro em casa para ir buscar gelo, começo a pensar onde está o meu pai e envio-lhe uma mensagem/um pedido de localização ou ligo-lhe; fico ralada com a ausência de resposta, e ligo à minha mãe e ao John, que vêm imediatamente para casa; iniciamos as buscas antes da tempestade e talvez até chamemos a polícia. O meu pai é encontrado — ferido, talvez até a precisar de ser retirado com a ajuda de um helicóptero, UCI, coma, amputação, o que seja, mas vivo — e todos aprendemos uma lição sobre como não tomar a nossa sorte, e uns aos outros, como um dado adquirido, e continuamos a viver o resto da nossa vida, quaisquer que sejam os níveis de felicidade e a duração da mesma. Realidade B: fico deitada e não faço nada.

Escolhi a B.

Em minha defesa, tentei mexer-me e doeu muito. Podia ter suportado a dor e ter-me levantado, é verdade, mas parecia-me difícil e eu não queria nada que fosse difícil. Além disso, estava cansada, e era estranhamente agradável estar na rua, com a relva fresca e espinhosa contra os dedos das mãos e a planta dos pés. O nosso bairro é oficialmente um subúrbio de Washington D.C., mas costumava fazer parte do parque, por isso manteve o seu aspeto rural, com casas de quinta isoladas, quintais arborizados e ruas estreitas e de gravilha. A

nossa rua era particularmente sossegada e deserta, e, ali sentada, sem telemóvel ou computador, senti uma paz tranquila a invadir-me, a dor no meu tornozelo a suavizar.

O quarto do Eugene ficava mesmo por cima de mim e a janela devia estar aberta, porque conseguia ouvir-lhe os saltos, acompanhados pelos sons agudos da voz — aquilo a que chamo *risiccato*, por parecer uma mistura de canto, riso e violino tocado em *spiccato* (aquele som produzido pelo arco ligeiramente saltitante). É o que ele faz para aliviar o stress: perde-se no movimento repetitivo e no som para restaurar a ordem quando os sentidos lhe ficam sobrecarregados.

Olhei para a janela do quarto dele. Tinha o sol a bater-me nos olhos, mas, através do véu de luz, consegui ver-lhe o topo da cabeça a subir a cada segundo, com o tom agudo a surgir no momento em que a cabeça atingia o ápice, seguido do tom grave dos pés a baterem no chão. Quase parecia a faixa rítmica de uma canção — *hiii-bum, hiii-bum, hiii-bum* — precisa e sincopada, sendo o seu *risiccato* uma nota aguda que algumas coloraturas nem sequer conseguem atingir. Eu tenho uma afinação perfeita, por isso percebi que era um ré, quase uma oitava acima do seu habitual fá.

Deitei-me na relva e fiquei a olhar, a ouvir, a pensar. Quanto mais alto o tom, mais rápida a corrida, o empurrão. Em retrospectiva, parecem-me pistas óbvias, réplicas alimentadas pela adrenalina do choque do carro e do que quer que tivesse acontecido no parque com o meu pai, mas, naquele momento, só conseguia concentrar-me no quanto o Eugene estava a mudar, no quanto já tinha mudado, enquanto continuava distraída. Aquele empurrão, em particular, chocou-me. Não apenas o facto de o Eugene me ter atacado sem razão aparente — não era inédito —, mas pela força dele, pela sensação de agressividade. Dois braços dobrados à altura do peito, e depois um movimento de cotovelos suave, impercetível e eficiente, que fez com que uma rapariga de 20 anos, 1,70 metros e 59 quilos como eu caísse para trás. A última vez que ele me tinha agredido fora no Natal. Apenas seis meses antes, mas era mais pequeno na altura, um miúdo magricela cujos braços eu conseguia segurar para o impedir de arranhar-me — mas não de pontapear, como descobri da pior maneira. Agora, tinha a minha altura e estava sem dúvida mais

volumoso e pesado. Tinha 14 anos: já não era uma criança, mas ainda não era um homem; aquela terrível e mágica idade em que um desajeitado se pode tornar invencível e depois novamente desajeitado, ou até mesmo em que as duas coisas coexistem. Em breve, faria 15 anos, a idade em que o John atingiu 1,83 metros. Quanto mais corpulento e mais alto o Eugene ficasse, mais cuidado eu teria de ter. Muito em breve, se é que isso não acontecia já, ele seria capaz de se virar até ao John ou ao meu pai.

Senti os olhos a lacrimejar. Não eram lágrimas de choro — eu raramente choro. Só podia ser a luz do Sol. Aquele brilho intenso estava a afetar toda a minha visão depois de ter passado mais de 90% dos últimos três meses de confinamento no meu quarto, com as cortinas fechadas. Além disso, os meus olhos estavam cansados, as pálpebras pesadas e doridas. Adquirira o hábito de ficar acordada até tarde, de adormecer por volta do nascer do sol, de ser obrigada a acordar para o pequeno-almoço em família e depois voltar para a cama, mas, graças ao Telefonema do Vic, não tinha dormido nessa manhã. A adrenalina do golpe duplo Vic-Eugene mantivera-me desperta, mas essa adrenalina e a dor estavam a desaparecer rapidamente, o que me deixava esgotada.

Sentia-me sonolenta, com os olhos a fecharem-se, quando ouvi o ruído constante do cascalho a ranger — passos a avançar pela entrada. O meu pai. Esquecera-me de que ele ainda não tinha chegado. Esperava que fosse ver como eu estava e me levasse para dentro de casa, e só de pensar nisso fiquei ainda mais exausta; não me queria mexer, não queria falar sobre o facto de o Eugene me ter empurrado, não queria ter de lidar com nada nem com ninguém. Ainda assim, tenho de admitir que me custou quando percebi que ele continuou a andar, sem dizer nada; não pude deixar de imaginar a algazarra que não teria sido se fosse o Eugene que estivesse ali deitado, imóvel. Quase disse «só para ficares descansado, não estou morta, mas obrigada pela preocupação», mas foi mais gratificante não dizer nada, ficar ali deitada e pestanejar para não chorar, no pleno exercício do meu regozijo por ter sido semiabandonada, empurrada para o chão e agora ignorada pelas pessoas que supostamente me amam. Tive noção, naquela altura, de que o facto de não fazer nem dizer nada era um teste passivo-agressivo muito semelhante aos que tinha imputado ao

Vic há menos de dez minutos, mas havia qualquer coisa de admiravelmente indulgente, quase romântico, em tudo aquilo.

Os passos continuaram pela entrada e contornaram a casa em direção às traseiras. Quando ouvi o rangido ténue da porta de tela do alpendre a abrir-se, ponderei se o meu pai estaria a evitar-me de propósito, como fizera na noite anterior depois da discussão que tive com a minha mãe. Nada de especial: ela descobriu que eu tinha mudado de curso — de Filosofia e Música para Computação Musical, com ênfase em Composição Algorítmica — e que acabara de obter aprovação para me licenciar um ano mais cedo, algo que ainda não lhes tinha contado. Não é que estivesse a guardar segredo, mas não me ocorreu falar disso com eles. Falei com os meus professores e orientadores académicos e, sinceramente, pensei que os meus pais aprovariam o facto de escolher uma área mais prática, já para não falar de ficarem contentes por pouparem um ano de propinas.

«A questão não é essa», dissera a minha mãe. «Não é a substância da decisão, mas o facto de não te teres dado ao trabalho de nos contar.» Pedi desculpa, mas, com a carga horária ridícula que tinha às costas, acabei por me distrair e esqueci-me de tocar no assunto. «Mas tu voltaste há meses e nós temos estado juntos todos os dias, pelo menos ao pequeno-almoço e ao jantar. Sinceramente, Mia, ages como uma inquilina. Sei muito mais sobre o que se está a passar na vida do John.»

Poupem-me. Primeiro: não falávamos durante o jantar devido à obrigatoriedade diária de haver uma Noite de Cinema + Jantar em Família, integrada na campanha dos nossos pais para usar a pandemia para nos tornar mais próximos. Segundo: desculpem lá, mas não há quem aguentasse o John e o seu melodrama semanal de acabar e retomar com a namorada, uma rapariga que os nossos pais *adoravam*. Entre esses relatos pormenorizados e a angústia da família por saber que a Henry's House — o centro de terapia do Eugene e local de estágio de verão do John — estava a lutar para se manter aberta durante o confinamento, tudo o que eu fazia durante o pequeno-almoço era ouvir e comer.

Pensei que o meu pai iria ao meu quarto depois de a minha mãe sair, para exprimir a sua mágoa e acalmar as coisas entre nós, mas nunca o fez. Ao pequeno-almoço, a minha mãe informou-me de que

ela e o meu pai queriam «ter uma conversa comigo» mais tarde, o que me pareceu uma ameaça. Pensei em antecipar tudo com um recital de lágrimas sobre a agonia do drama da separação do Vic, mas não, tinha quase a certeza de que não lhes tinha falado do Vic, o que só iria piorar as coisas, contribuindo com mais argumentos para as queixas da minha mãe sobre o facto de eu não lhes contar nada.

Fechei os olhos e virei a cara para o sol ofuscante. O mundo ficou vazio. Laranja-vivo. Um caleidoscópio de fosfenos rodopiou, substituído por explosões de vermelho que surgiam como fogo de artifício translúcido, tornando a paleta mais escura e mais intensa, num carmesim carregado. Apertei os olhos com mais força, e os pontos negros escorreram em manchas como borrões de tinta em papel molhado, saltando para cima e para baixo ao mesmo ritmo que a cabeça do Eugene na janela; os ecos visuais dos seus saltos a combinarem com o *hiii-bum* que ouvia por cima de mim. Perdi-me no ritmo de tudo aquilo. O sol aquecia-me as pálpebras e deixei-me adormecer.

[1] Por outro lado, o autismo torna o Eugene menos social e comunicativo do que muitas crianças com SA, que anseiam por ligações sociais. De facto, já ouvi pessoas descreverem o autismo e a SA como opostos, devido ao estereótipo de que as pessoas autistas são desprovidas de emoções e não são sociáveis. O médico que diagnosticou o Eugene disse que a SA por si só já é rara (afeta 1 em cada 20 mil nados-vivos) e que, por isso, com a variante em mosaico e o duplo diagnóstico de autismo, o Eugene era um «prodígio único», algo que me pareceu ter sido dito com a intenção de nos fazer sentir melhor.

Armadilhas Heurísticas à Saciedade

Há um conceito heurístico chamado percepção seletiva, um tipo de enviesamento de confirmação que descreve aquela poderosa tendência humana para fazer suposições e até apreender as coisas de forma diferente consoante a forma como se alinham com as nossas expectativas. Esperamos que x aconteça, acontece algo que é consistente com x (embora também com y e z), por isso decidimos que x aconteceu. Eu contava que o meu pai chegasse a casa com o Eugene, por isso, quando ouvi passos na entrada cinco minutos depois de o Eugene chegar, pensei: *Pai*. Senti aquilo de forma tão fácil, profunda e intuitiva que se me tivessem perguntado (como a minha mãe e o John fizeram quatro horas mais tarde) se tinha visto o meu pai, teria respondido que sim (como respondi mesmo). Não pensei naquilo como uma suposição, decisão ou crença; aconteceu mesmo. O meu pai estava em casa. Claro que estava. Onde mais poderia estar? Além disso, quem mais poderia ser aquela pessoa?

Assim que fazemos a primeira suposição, ocorre um novo enviesamento cognitivo: o enviesamento de ancoragem, a tendência que todos temos para confiar em demasia na primeira informação que obtemos sobre um determinado tópico. Qualquer informação subsequente é interpretada de forma distorcida, visto que nos agarramos obstinadamente à suposição original, apesar das indicações de que esta pode não estar correta (por exemplo, porque haveria o

meu pai, que sempre foi curioso ao ponto de se tornar irritante, de passar pela filha imóvel e deitada sem parar?) A minha equação Passos = Pai tornou-se uma âncora sólida para todos os meus pensamentos posteriores. Quando o suposto pai passou por mim em silêncio, construí uma narrativa improvável sobre o facto de ele não querer saber de mim, em vez de repensar a minha suposição. Quando ouvi o Eugene a continuar a saltar no quarto, não pensei: *Olha que estranho, o pai nunca deixa o Eugene saltar tanto tempo. Às tantas, aquela pessoa não era o meu pai*; em vez disso, pensei: *Graças a Deus que o pai está a dar descanso ao Eugene, talvez esteja finalmente a aprender a descontrair*.

À medida que o tempo passava, a âncora afundava-se mais, e eu espalhei o seu efeito a terceiros. Quando a minha mãe me enviou uma mensagem a perguntar se tinha visto o meu pai e o Eugene, porque estava preocupada que tivessem sido apanhados pela chuva, eu disse que sim, que tinham chegado a casa muito antes da tempestade. Quando ela e o John chegaram a casa e não encontrámos o meu pai em lado nenhum, eu disse que ele devia ter perdido o telemóvel no parque e que devia ter voltado para o procurar. É quase assustador pensar na minha certeza arrogante e na aceitação inquestionável da minha família, mesmo à medida que o dia avançava e o regresso do meu pai se tornava cada vez mais improvável.

A razão pela qual estou tão concentrada no *porquê* e no *como* da minha suposição Passos = Pai é que isso, mais ainda do que o facto de eu ter adormecido, ditou o momento em que iniciámos as buscas, um fator que, desde então, descobri ser o elemento mais importante para encontrar pessoas desaparecidas com vida, independentemente da idade, circunstância ou ambiente. Com base numa cronologia que construí com recurso a registos telefónicos, dados meteorológicos e recreações cronometradas, calculei quanto tempo perdemos em virtude da minha suposição errada: quatro horas, mais minuto, menos minuto. Passo a explicar os meus cálculos: desliguei o telefone ao Vic às 11h41, o que significa que saí e caí por volta das 11h45, e ouvi os passos por volta das 11h50. Se tivesse feito o mínimo esforço para dizer um olá superficial ou até mesmo abrir os olhos, teria percebido que não era o meu pai, ter-lhe-ia telefonado ou enviado uma mensagem e, em seguida, telefonado ou enviado uma mensagem à minha mãe e ao John. Eu e a minha mãe somos pessoas racionais —

de um modo geral, não entramos em pânico —, mas o John de certeza que se tinha passado e voltado para casa (o local onde está a estagiar fica a seis minutos de carro) e começado a procurar imediatamente, o que colocaria o início desta hipotética busca por volta das 12h15, mais de uma hora antes da tempestade.

Assim, face a este hipotético início das buscas às 12h15, eis o que aconteceu de facto: acordei por volta da 13h30 com gotas de chuva a caírem-me na cara, lentas e espaçadas, mas pesadas, daquela forma ameaçadora que indicia que está prestes a desabar um temporal, e com uma rajada de vento que me atirou o cabelo para os olhos, simultaneamente a um estrondo próximo, que pensei ser um ramo de árvore a cair no nosso telhado, mas que entretanto percebi que teria sido a corrente de ar a fechar a porta da rua. Cambaleei até à porta mais próxima de mim (a porta lateral da cozinha, que, felizmente, nunca fechamos), mas sem conseguir entrar antes de a chuva desabar sobre mim.

Às 13h34, quando estava a entrar para o duche, ouvi o sinal de mensagem no telemóvel. Teria ignorado — já tinha visto oito chamadas não atendidas e um ecrã cheio de mensagens do Vic, iterações de «Desligaste-me o telefone na cara? A sério?!?!», «Liga-me de volta!!!» e «Então?!?!» (o Vic adora abusar dos pontos de exclamação e interrogação) —, mas aquele era o som de *A Quinta Dimensão*, que tinha atribuído à minha mãe, e a verdade é que estava a tentar cair-lhe nas boas graças depois da discussão da noite anterior, por isso respondi-lhe, garantindo que o meu pai e o Eugene tinham chegado a casa antes da tempestade e que, claro, teria todo o gosto em dar uma volta à casa e fechar todas as janelas. Queria mesmo fazer isso, mas já estava despida, por isso enviei uma mensagem ao meu pai a pedir para fechar as janelas («Por favor, *per* mãe», especifiquei — estou a tentar controlar os meus instintos de mandona) antes de me meter num duche bem longo e bem quente.

Trocámos mais cinco mensagens. Tudo coisas relacionadas com a logística familiar e com o papel de comprador e cozinheiro da família desempenhado pelo meu pai — mais café e vodca (mãe), gelado e pizza congelada (John) e sushi para o jantar (eu). Várias mensagens sem resposta, sem que nenhum de nós atribuísse importância a esse facto. Era o meu pai que cuidava de nós; era *ele* que reparava, que

prestava atenção, que nos salvava dos problemas. Era essa a sua função. (Podemos dizer que a minha mãe também tinha essa função, mas apenas quando estava em casa e não quando estava a trabalhar, tal como o meu pai fazia antes de trocarem de lugar, há quatro anos.) Se reparámos na ausência de resposta foi por irritação, não por preocupação, mas, sinceramente, a verdade é que nunca reparei. A situação com o Vic estava a ficar descontrolada; fiz os possíveis por ignorar a enxurrada de chamadas e mensagens, mas acabei por ficar tão farta que tive de o bloquear, o que me deixou furiosa por ter sido obrigada a tornar-me o tipo de pessoa que bloqueia ex-namorados.

Por volta das 15h30, a minha mãe e o John chegaram a casa mais cedo para uma reunião por Zoom sobre o semestre no estrangeiro do meu irmão, que teria início no outono, mas que, entretanto, foi cancelado. Para não variar, a minha mãe seguiu diretamente para o quarto do Eugene, para lhe dar o habitual abraço de «olá, tive saudades tuas». (Nem sequer vou comentar a inexistência de uma rotina semelhante no que toca à minha pessoa, coisa que até agradeço, visto que dispenso abraços.) Ambos entraram no meu quarto cinco minutos depois, o John para dizer que não encontrava o pai em lado nenhum, onde é que ele estava?, e a minha mãe para dizer que o Eugene ainda tinha a roupa enlameada e os sapatos de caminhada e que não parava de saltar — o que é que se passava? Eu disse-lhes que não era a polícia dos sapatos dentro de casa e que talvez o pai tivesse saído para fazer uns recados. A minha mãe disse que não, que o carro dele estava na entrada, e o John acrescentou que o telemóvel do pai estava «fora do radar».

— Fora do radar? Mas agora somos espões infiltrados? — Fico arrepiada só de pensar nisso, na maneira como revirei os olhos e me ri do John. Procurei a localização do meu pai no telemóvel: localização atual desconhecida, última localização conhecida às 11h12 no trilho da cascata, um dos poucos pontos do parque com rede (embora intermitente). Era óbvio o que tinha acontecido. — Repara, o telemóvel dele estava no parque a esta hora. Ele já veio a casa desde então, por isso deve ter deixado o telemóvel no parque. Isso explica porque é que ele não nos enviou nenhuma mensagem. A dada altura, apercebeu-se do que tinha acontecido e voltou para o procurar. Faz todo o sentido.

— O quê? Não faz sentido nenhum. Porque sairia sem nos dizer? — contrapôs o John.

— Humm... porque não o faria? Ele. Não. Tinha. O. Telemóvel. É o que acontece quando perdemos alguma coisa. — Falei pausadamente, exagerando na articulação das palavras, como faço quando o John está a ser estúpido. Ele detesta isso.

— Mas porque não deixou um bilhete? Ou falou contigo diretamente? — insistiu o John, sem ponta de irritação e sem acusar o meu sarcasmo, o que era invulgar e preocupante. Ele estava mesmo preocupado, o que, por sua vez, me deixou preocupada.

— Um bilhete? Em que século é que estamos? De certeza que ele pensou que só ia estar fora durante meia hora. Deve voltar a qualquer momento.

Olhámos os dois para a minha mãe. Não costumava meter-se nas nossas zangas, mas aquilo era diferente. Ela suspirou. Conheço bem os suspiros dela, e aquele em particular — curto e audível, com um franzir de sobrolho e um abanar de cabeça — significava «você os dois são demasiado crescidos para estas tretas infantis». Olhou para mim.

— Quando foi a última vez que o viste em casa?

Haveria um indício no fundo da minha mente, uma dúvida ínfima, de que eu pudesse *não ter visto* o meu pai, muito menos *dentro* de casa, desde que tinham saído para o parque? Mas conseguia imaginá-lo a franzir o sobrolho e a abanar a cabeça perante o facto de ter passado o dia todo deitada, e depois a dar-me espaço, caminhando até ao alpendre das traseiras para entrar.

— Quando ele chegou a casa, por volta das 11h30 ou assim.

— 11h30? — exclamou o John. — Então, tanto quanto sabemos, o pai pode ter torcido um tornozelo e estar lá sentado há cinco horas, a pensar porque é que não o vamos ajudar.

Quis dizer-lhe para se acalmar, fazer pouco das suas capacidades matemáticas, dizer que as 11h30 tinham sido há *quatro* horas, mas a minha mãe disse:

— Vamos lá ter calma e falar sobre isto. Mia, quando o pai chegou a casa, disse alguma coisa sobre o telemóvel? Parecia preocupado? Estava a coxear ou magoado? — Foi ao procurar pistas na minha memória de três segundos que comecei a pensar: Será que abri os

olhos? Vi as pernas dele... ou os sapatos? Precisamente quando me apercebi de que não lhe tinha visto a cara nem ouvido a voz, a minha mãe disse que tinha enviado uma mensagem ao meu pai para ele trazer para dentro a encomenda que tínhamos recebido nessa manhã. — O pai fez isso? Mais alguém veio cá a casa? Vizinhos?

Desde que a minha mãe e o John entraram, o ambiente no quarto foi mudando gradualmente. A nossa preocupação tornava-se mais notória a cada pergunta que se fazia; pequenos passos numa ligeira descida. Assim que estas duas constatações convergiram — 1) eu não tinha visto nem ouvido o meu pai, e 2) havia outra pessoa (e, portanto, outros pés) a subir a nossa entrada naquela manhã —, os pequenos passos transformaram-se numa queda abrupta num precipício.

— Que encomenda? — perguntei. — Quando é que chegou?

A minha mãe franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

— Hoje de manhã. Porquê?

— A que *horas*? E onde é que a deixaram? Podes verificar, por favor?

A minha mãe consultou o e-mail com a hora de chegada, mas eu já sabia. Do lado de dentro da porta de tela do alpendre das traseiras às 11h47, quando eu estava deitada na relva, debaixo da janela do Eugene, sonolenta ao sol do fim da manhã.

Contei à minha mãe e ao John. Sentia-me estranhamente entorpecida — não sei se pelo constrangimento de me aperceber do meu erro ou pela premonição de que aquilo era o início de algo significativo — e usei esse entorpecimento para fingir uma leveza que não sentia. Falei de forma objetiva, cingi-me aos factos: o empurrão do Eugene, o tornozelo magoado, o deixar-me estar deitada na relva, o sol nos olhos, os passos. Disse que ainda havia uma hipótese de ser o pai, mas que provavelmente não era, e que nesse caso...

— Nesse caso, o pai nunca voltou para casa. O Eugene veio para casa sozinho e o pai esteve desaparecido o dia todo e tu nem sequer reparaste — constatou o John.

E tinha razão. Não só não reparei, como impedi ativamente os esforços de *outros* para repararem. Se o John não o tivesse dito, talvez eu própria o tivesse assumido. Mas há qualquer coisa na acusação de um irmão — sobretudo de um gémeo — que desencadeia um instinto

de negação. É algo que remonta aos nossos tempos de criança, provavelmente ao útero, em que nos acotovelávamos um ao outro. *Mentira. Verdade. Mentira.*

Passei à ofensiva, num tom tão casual e condescendente quanto possível:

— *Desaparecido?* Estás a fazer uma tempestade num copo de água. Tenho a certeza de que o pai está bem. Pode haver milhentas explicações.

Passei a divagar com a primeira que me ocorreu, uma variação da minha anterior teoria da busca do telemóvel perdido, em que o meu pai voltava ao parque depois de acompanhar o Eugene em segurança até ao nosso bairro, mas, muito sinceramente, nem eu própria acreditava nela, e já estava à procura de algo melhor quando me ocorreu: o Eugene deve ter fugido no parque. Sim, claro, isso fazia sentido, sobretudo tendo em conta a correria daquela manhã. O meu pai andar à procura de um telemóvel durante quatro horas, no meio de uma tempestade terrível... isso era um disparate, claro. Mas, se ele achasse que o Eugene estava perdido no bosque, não arredaria pé dali dia e noite, procuraria atrás de cada árvore, de cada rocha, em cada rua do bairro, até o encontrar. Não nos ligava: não podia, fosse como fosse, por causa da pouca rede, mas, além disso, o meu pai tinha a mania de ser o protetor da família, carregando ele próprio os fardos para nos poupar a dor e a preocupação. E nem sequer consideraria a possibilidade de o Eugene chegar a casa sozinho. O meu irmão tinha pavor de atravessar as ruas, e naquela quase autoestrada de quatro faixas que separava o nosso bairro do parque havia dias em que o meu pai levava uns bons cinco minutos a convencê-lo a atravessar. Nunca havia de pensar que o Eugene estava em casa.

Mais tarde, enquanto estava em linha de espera com um serviço de urgência, ocorreu-me: *como* é que o Eugene chegou a casa? Eu sabia que as estradas estavam muito menos movimentadas com a pandemia, mas mesmo assim era inconcebível que tivesse atravessado aquela estrada sozinho, o que significava que o meu pai devia tê-lo ajudado a atravessar a estrada até ao nosso bairro e dito para ele correr para casa apenas quando chegasse às ruas seguras e familiares. Aquela foi a primeira vez que me ocorreu: será que o meu pai fugiu intencionalmente?

Em todo o caso, na altura, não parámos para pensar no percurso do Eugene até casa. O que interessava era que tínhamos uma explicação plausível, consistente com uma realidade em que o nosso pai estava bem, a procurar em todo o lado menos no único sítio onde o Eugene estava em segurança há várias horas. Visto assim, era quase cómico — que tonto era o nosso pai! — e eu até cheguei a dizer:

— Já estou a ver que nos vamos rir disto ao jantar, e o pai vai ficar tão envergonhado. Devíamos obrigá-lo a lavar a louça para nos compensar das preocupações.

Não quero dar a impressão errada. Não foi só gozo e brincadeira, nada disso. Não estávamos a delirar; sabíamos que não seria tão fácil como ir ao parque e encontrar o nosso pai a vaguear e a chamar pelo Eugene, correr para lhe dizer que o meu irmão estava em casa, e acabarmos todos aos abraços e às gargalhadas, como acontece nas séries televisivas. Não tivemos de dizer o que era óbvio, que uma (se não a) razão provável para a longa demora do nosso pai era o facto de estar magoado. A minha mãe limitou-se a dizer que devíamos ir à procura dele e levar um estojo de primeiros socorros, por precaução, e eu disse que ligaria para os hospitais mais próximos, por precaução.

Foi nessa altura que o John falou em chamar a polícia. Disse-o como se já tivéssemos falado sobre isso e tomado uma decisão. Depois de eu ter dito que o meu tornozelo ainda estava dorido e que não queria atrasá-los, e que por isso devia ficar em casa, para o caso de o pai voltar antes deles, o John disse:

— Então, quando chamares a polícia, dá-lhes o nosso...

— A *polícia*? — estranhei.

O John olhou para mim, depois para a mãe e depois de novo para mim. Parecia confuso, como se não conseguisse perceber qual de nós não estava a ver bem a coisa.

— Humm, o pai está desaparecido. É isso que se faz quando as pessoas desaparecem, chama-se a polícia.

E ele a dar-lhe com o «desaparecido».

— Para de dizer que ele está *desaparecido*. O pai é um homem adulto que ainda não chegou a casa de um sítio para onde nem sequer tinha de ir. Ainda está de dia lá fora, por amor de Deus, e nem sequer tirámos cinco minutos para o procurar. Além disso, não podes participar o desaparecimento de uma pessoa sem terem passado vinte

e quatro horas.

— O quê? Onde é que ouviste isso? Num programa de televisão?

— Li sobre isso. Na *The New Yorker*. — (Mentira. Vi no *Lei & Ordem: Unidade Especial*.)

Vi a dúvida a instalar-se, o rosto do John a suavizar-se, os olhos a desviarem-se para baixo e para o lado, como se tentasse lembrar-se se tinha lido aquilo. (Não tinha; ele nunca lê os artigos, só as bandas desenhadas.)

— Além disso — prossegui, enquanto olhava para a minha mãe para ver se ela resolvia a nossa discussão —, se a polícia se envolver, sabes que vão tentar falar com o Eugene, talvez levá-lo para a esquadra. Será que queremos isso?

A resposta foi não. O Eugene não se dava bem com estranhos ou ambientes novos. Não era apenas uma questão de conforto (embora isso fosse fundamental para nós, sobretudo para a nossa mãe), mas também o receio de que o stress adicional tornasse mais difícil a comunicação com ele. Antes de ir para o parque, a minha mãe conseguiu que ele parasse de saltar e ajudou-o a tirar a roupa e os sapatos sujos, mas, assim que perguntou o que tinha acontecido ao pai, na esperança de perceber alguma coisa através da sua linguagem corporal, expressões faciais, gestos, *qualquer coisa*, o Eugene correu para o armário e recusou-se a sair. A minha mãe queria tentar perguntar novamente mais tarde, usando cartões com imagens — SIM (sorriso), NÃO (careta) e NÃO SEI (encolher de ombros) —, os últimos de uma longa série de instrumentos de comunicação alternativa que os terapeutas do Eugene tinham experimentado ao longo dos anos. Para preservar qualquer hipótese de o Eugene se acalmar o suficiente para nos dizer algo útil sobre o pai, precisávamos de manter a polícia afastada. Foi o que eu disse, e ganhei. A minha mãe decidiu que, por enquanto, devíamos ser nós a procurar o pai.

Sei o que estão a pensar. Estou a pensar o mesmo. O John tinha razão; eu estava errada. Se tivéssemos chamado a polícia imediatamente, eles teriam vasculhado na água, procurado sangue nas rochas, interrogado testemunhas — tudo aquilo que acabaram por fazer, mas de forma atempada, o que faria diferença na trajetória da investigação. Talvez.

Mas, por vezes, quando algo acontece, ou melhor, quando algo

pode ter acontecido, conseguimos manter o medo à distância negando-o. Confirmar a sua gravidade dizendo-o em voz alta — «Temos uma emergência. O nosso pai está desaparecido.» — não só é aterrador como parece insensato quando ainda há dois caminhos que podem ser seguidos. O momento está em equilíbrio como um balancé e a brisa mais ligeira pode ser o fator decisivo entre subir ou descer, encontrado ou desaparecido, vivo ou morto. Vi o mesmo pensamento nos olhos da minha mãe: chamar a polícia significaria que tínhamos um problema grave em mãos. Rir da tolice do meu pai podia ajudar a desequilibrar o balancé na direção certa, a convencer o universo a deixar-nos em paz.

Não precisam de dizer; eu sei — desejar e fingir não levam a lado nenhum. Nós sabíamos disso. Talvez fosse apenas uma questão de egoísmo, um desejo de manter a relativa tranquilidade da nossa vida por mais algum tempo, pelo menos, a bem do Eugene. Quase conseguia ouvir o meu pai a dizer: «Estou bem, não se preocupem comigo; preocupem-se com o Eugene, é dele que têm de cuidar.» Foi o que fizemos, e, claro, em retrospectiva, parece-me agora evidente: aquele meio dia de ignorância — feliz, não, digamos antes pré-dolorosa — trouxe-nos muitos mais problemas mais tarde.

Iniciámos as buscas pelo meu pai às 16h04. Com três horas e 49 minutos de atraso, caso não tivéssemos... vocês sabem. O parque tem 162 hectares de bosques e riachos, limitados a norte pelo rio Potomac. O plano era que o John percorresse o parque de bicicleta, usando os trilhos para cobrir o máximo de terreno possível, enquanto a minha mãe conduzia e caminhava à volta do perímetro do parque e dos bairros circundantes. Eu devia ficar em casa com o Eugene, alimentá-lo, mantê-lo calmo, talvez tentar perguntar-lhe outra vez pelo pai, e ligar para os hospitais locais.

Liguei para onze. Nunca me tinha apercebido de que havia tantas urgências por perto. Disse a mim própria que era uma perda de tempo, que só o fazia porque a minha mãe me tinha pedido, mas, de cada vez que perguntava se um Adam Parson ou um desconhecido tinham dado entrada naquele dia, os músculos do meu peito contraíam-se, expelindo o ácido do estômago para o esófago e, a cada *não*, sentia um

alívio e tudo se soltava e voltava ao seu lugar. Entre um telefonema e outro, verificava a localização da minha família, à espera de que algo mudasse — atualizava a localização do John e a antiga do meu pai, via os dois pontos a aproximarem-se e depois a afastarem-se, o ponto do John a circular à volta do parque, o ponto fantasma do meu pai a manter-se inalterado.

Eram 18h03 quando a minha mãe me ligou. Estava deitada no chão do quarto do Eugene, ao lado do meu irmão, que se encontrava deitado num pufe tapado por um cobertor. Estava agarrado ao *iPad*, a ver repetidamente um vídeo de desenhos animados Manhwa que tinha visto vezes sem conta na Coreia. A minha mãe sugeriu todo aquele cenário para o manter confortável e equilibrado, mas, sinceramente, o vídeo também me estava a ajudar. Vivemos na Coreia durante oito anos, dos meus 5 aos 13 anos, e aquele vídeo ainda me transporta imediatamente para o nosso apartamento em Seul — terá algo que ver com o tom melífluo do estilo de conversa informal das crianças nos desenhos animados —, e eu precisava daquilo naquele momento. Atendi a chamada da minha mãe e disse de imediato:

— Pronto, liguei para todos os hospitais num raio de 80 quilómetros e não há sinal do pai. E, sim, lembrei-me de perguntar se tinha dado entrada algum desconhecido.

A minha mãe não disse nada e eu quase desliguei, já a pensar que ela devia estar sem rede.

— Mãe? Estás a ouvir? Alguma novidade? — perguntei, antes de ela poder dizer alguma coisa.

Disse-me que tinham procurado por toda a parte; que percorrera a área de carro, que o John tinha andado de bicicleta por todo o lado, em trilhos, fora deles, à volta dos bosques, ao longo do rio, nos bairros, e que não havia sinal do meu pai, que o parque estava vazio e assustador, com poças de lama por todo o lado devido à tempestade recente, sem ninguém por perto.

— Mia — disse-me, e lembro-me de me sentar ao ouvir a forma como pronunciou o meu nome. Parecia tratar-se de um anúncio importante. — Mia — repetiu. — Não conseguimos encontrá-lo. Receio bem... — Pigarreou. — Temos de chamar a polícia.

Assenti com a cabeça. Respondi que estava bem. Disse-lhe para voltar para casa e que nos víamos em breve, e desliguei.

Olhei pela janela do Eugene. Que estranho — ainda nem 18h30 eram, naquela tarde de verão, e, olhando para o céu, podia jurar que era o pôr do sol. Seria das nuvens pós-tempestade. O céu parecia sombrio, o sol espreitava através de uma brecha nas nuvens junto à linha do horizonte, com um fulgor ardente. As nuvens pareciam uma cordilheira distante, num cinzento-azulado da cor de uma nódoa negra que começa a desaparecer, e o céu à volta do Sol era de um vermelho suave, demasiado uniforme para ser real. Ponderei se não seria um sonho, fruto da minha mente privada de sono que estaria a processar o melodrama com o Vic.

As crianças Manhwa cantavam uma cantiga alegre em sol maior, pontuada por gritos agudos que perfuravam e rangiam, o equivalente em desenhos animados às unhas a raspar num quadro.

— Eugene, maninho, isso está muito alto. Vamos baixar o volume, está bem? — Peguei no *iPad*.

O Eugene aproximou o ecrã da cara e agarrou-o com mais força. Os polegares ficaram-lhe roxos da pressão. Ao olhar mais de perto para a sujidade que tinha nas mãos, reparei num crescente de vermelho-escuro debaixo da unha do polegar direito.

Endireitei-me. Inclinei-me para ver as outras unhas e reparei nos mesmos rasgos de vermelho debaixo das unhas do indicador e do dedo médio da mão direita. Levantei-me para procurar a camisola amarela e os calções que ele trazia vestidos do parque e encontrei-os num monte de roupa suja atrás da porta da casa de banho. Quando levantei a camisola e vi uma mancha vermelho-escura no ombro, a campainha tocou.

Mesmo antes de ver as fardas da polícia pelo óculo da porta, tive a sensação de que tudo estava a mudar. As luzes intermitentes do carro-patrolha deviam estar acesas, os feixes estroboscópicos vermelhos e azuis atravessaram o cenário do falso pôr do sol e deixaram os meus sentidos em sobressalto. Não me lembro de ter visto as luzes, mas devo tê-las visto. É a única explicação que encontro para o que fiz a seguir. Apanhei a pilha de roupa suja do Eugene e corri para a lavandaria para a meter na máquina de lavar com detergente. Carreguei no botão *Start*. Quando a campainha voltou a tocar, corri para junto do Eugene, sussurrei «anda» e levei-o para a casa de banho. Pus a água a correr e disse-lhe para entrar. Pus sabonete numa esponja

e entreguei-lha, apontando para as unhas. Fiz o gesto de friccionar e disse-lhe para esfregar com força. Tirar tudo. Lavar, limpar.

Isto Pode Ficar Feio

Demorei muito tempo a abrir a porta da rua. Devem estar a pensar (como o John pensou quando lhe contei tudo mais tarde) que me estava a passar, a duvidar do que tinha acabado de fazer e a pensar se tinha destruído provas que nos poderiam levar até ao meu pai. Mas não. Tinha 99% de certeza do que estava debaixo das unhas e na camisola do Eugene: os restos secos do sangue do meu pai. Não era nada de especial. Acontecia de vez em quando durante exercícios de terapia mais complicados. O meu pai é pateta e, para recompensar o Eugene por se ter esforçado, costumava atirá-lo ao ar, o que o meu irmão adorava. Ultimamente, como o Eugene estava a ficar mais crescido, era mais ele que saltava com o meu pai meio a apoiá-lo e meio a impulsioná-lo. Por vezes, a sincronização entre ambos não era a melhor e o Eugene acabava por dar um pontapé ou arranhar o meu pai sem querer. Só pode ter sido isso que aconteceu. Mas se a polícia visse aquilo, iria interpretar mal, e sabe Deus o que fariam ao meu irmão.

Portanto, não, o problema não era o sangue. O problema era o que tinha lido enquanto pesquisava sobre o facto de não se poder participar um desaparecimento nas primeiras vinte e quatro horas, o motivo da discussão com o John. Pesquisei e vi que ele tinha razão: é um mito. «Tendo em conta que as primeiras vinte e quatro horas são fundamentais para localizar pessoas desaparecidas, porque haveria de ser proibida a sua participação durante esse período? É um disparate», afirmou um especialista do FBI. Os peritos atribuem as culpas a

Hollywood, especulando que a série 24 deve ter inventado isso para tapar alguma lacuna no enredo. Uma publicação num blogue que abordava este assunto referia outro mito difundido pela televisão como sendo verdadeiro: quando alguém está morto, a polícia aparece em casa da família sem aviso prévio para notificar os parentes mais próximos.

Por norma, não acredito em coisas como o destino ou o fado ou o que quer que seja, mas a coocorrência de 1) a polícia aparecer sem eu ter ligado, 2) uma hora depois de ter lido o artigo e 3) quando o meu pai estava inacessível — pareceu demasiado extraordinária para ser uma coincidência. Ocorreu-me que tinha ligado para todos os hospitais, mas nenhuma morgue. Fiquei ali, nauseada, como se fosse vomitar, com dores no estômago (não comia desde o pequeno-almoço, não fazia ideia se era fome ou stress ou se me tinha aparecido o período — que dia era?, que mês?), e fiz respirações de yoga porque sentia a cabeça a andar à roda, mas depois percebi que estava a respirar de forma demasiado audível e, merda, ouvi a polícia a dizer: «Está aí alguém?» Estava a pensar seriamente em esconder-me num armário, pé ante pé, quando, pela janela lateral, vi o carro da minha mãe a parar na entrada, seguido pela bicicleta do John. Tinha de me recompor, por eles, e lidar com algumas questões complicadas. Abri a porta.

— Olá, estamos aqui por causa de um acidente de viação que ocorreu esta manhã neste bairro — disse a agente, e eu imaginei logo o meu pai na nossa estrada estreita e sinuosa, um carro a embater no seu corpo e a catapultá-lo para cima, o Eugene a entrar em parafuso e a correr, correr, correr. Claro. Foi assim que o Eugene atravessou a estrada; não estava sozinho, não no início. Não conseguia sequer imaginar o trauma. Não admira que tivesse saltado sem parar durante horas, que tivesse corrido para o armário.

— Ele está morto? — perguntei, e as minhas palavras saíram num tom áspero que não reconheci.

Os agentes pareceram surpreendidos. A mulher disse:

— Desculpe, quem é que está morto?

Ao mesmo tempo que o homem dizia:

— O quê? Não. Estão todos bem.

Aconteceram muitas coisas logo a seguir, nas quais tentei

concentrar-me, mas o meu cérebro estava focado no facto de estarem *todos bem*. A onda de alívio foi como uma corrente de ar que me desequilibrrou. A minha mãe e o John vieram a correr, falando por cima um do outro — Havia novidades? O pai tinha chegado? —, e os agentes, confusos, esclareceram que estavam ali por causa de um rapaz, identificado pelos vizinhos como morando na nossa casa, que teria causado um acidente de viação. Disseram que precisavam de falar com ele e com os pais, não só para efeitos de participação do acidente, mas também, como disse a agente, «para efeitos de proteção e bem-estar da criança».

Aquela frase foi o equivalente verbal a uma bofetada; fez parar tudo — a tagarelice da minha mãe e do John, o cântico de alívio de *estão todos bem* na minha cabeça, o chão a balançar. Sabíamos o que aquelas palavras significavam, tínhamos ouvido bastantes histórias de terror de outras famílias com necessidades especiais sobre inquéritos dos Serviços de Proteção de Menores abertos em casos de perigo, negligência e maus-tratos infantis. Uma criança com as necessidades especiais do Eugene a correr pelas ruas sem supervisão era o tipo de coisas que justificavam que as crianças fossem retiradas aos pais. Por instantes, cheguei a pensar: *É bom que o pai esteja metido em sarilhos, porque, se não estiver, a coisa pode ficar feia, e depressa*. Mas depois fez-se luz: ele *estava* metido em sarilhos, daqueles mesmo sérios. Caso contrário, nunca deixaria acontecer o que aconteceu ao Eugene.

Eu, o John e a minha mãe olhámos uns para os outros, e senti a mesma certeza a passar por nós e a unir-nos. O John começou a balbuciar qualquer coisa, mas a minha mãe aclarou a garganta e deu um passo em frente, apertando o braço do John como se dissesse «eu trato disto», e vi algo que só posso descrever como uma expressão de «não se metam com a minha família» a tomar conta do semblante da minha mãe.

— Sou a Dra. Hannah Park, mãe do rapaz que procuram — disse ela, o que me surpreendeu; ela normalmente omitia o «doutora», argumentando que a maioria das pessoas associava o título aos médicos, e não ao seu doutoramento em Linguística Aplicada.

Mas o que mais me surpreendeu foi a sua voz e postura autoritárias. Sei que não é o tipo de coisas em que nos devamos fixar numa altura como esta, mas foi realmente impressionante a mudança

que se deu na minha mãe. Foi como se ela se tivesse tornado uma pessoa a sério. Não que ela não seja uma pessoa a sério, claro, mas eu não pensava na minha mãe fora do âmbito desse papel, com qualidades que fossem além daquela mistura maternal de ser cuidadora e eternamente cansada. E não é que não soubesse que ela era inteligente — li a dissertação que escreveu sobre as insuficiências dos sistemas de romanização existentes quando aplicados à língua coreana e cheguei mesmo a utilizar a abordagem fonético-ortográfica que ela propôs na minha própria tese —, mas a forma como ela fala às vezes fez-me esquecer disso. Ela fala inglês como uma imigrante; com sotaque e uma sintaxe demasiado perfeita que a faz parecer estranhamente *nerd*, estrangeira. Normalmente, isso envergonha-me, mas, ao observá-la do ponto de vista de um estranho, fiquei impressionada com a imponência da sua dicção formal, a dignidade régia das suas sílabas exageradamente articuladas. Explicou a condição do Eugene, tendo o cuidado de sublinhar que ele estava em segurança em casa, que era amado, cuidado e supervisionado de perto pelo pai e por ela, claro, mas também por nós, os seus irmãos de 20 anos, e também explicou a «confluência de acontecimentos exacerbados pela incapacidade verbal do Eugene» que fez com que só há pouco tempo tivéssemos percebido que o pai não tinha regressado a casa.

Disse tudo aquilo num tom de voz calmo e escorreito, mas, ao descrever a busca que ela e o John tinham feito no parque, a voz começou a falhar-lhe.

— Sei que vieram aqui por causa do acidente de viação que envolveu o meu filho, e vou assumir toda a responsabilidade e colaborar... — A minha mãe pestanejou, como se estivesse a tentar não chorar, e eu peguei-lhe na mão e apertei-a. Ela engoliu em seco e continuou: — Mas peço-vos que adiem a investigação até encontrarmos o meu marido. Por favor. Precisamos da vossa ajuda.

Tudo se precipitou depois disso. A polícia reagiu com uma eficiência sistemática e urgente, recolhendo os dados e fotografias do meu pai e comunicando o seu desaparecimento. Em quinze minutos, estava em curso uma busca interjurisdicional que envolvia a polícia e a guarda florestal. Os dois agentes disseram que iam tratar da coordenação, mas para não nos preocuparmos, pois tinha sido

destacada uma inspetora para o caso, alguém com «experiência nesta matéria». O John quis ir com eles para lhes mostrar onde já procurara, os trilhos preferidos do nosso pai, as mesas de piquenique que ele gostava de usar, mas os agentes recusaram, pois ele já os tinha mostrado no mapa e, além disso, queriam que ficássemos para falar com a inspetora.

— Não vou dizer para não se preocuparem, porque é claro que se vão preocupar — disse a agente de quem eu tinha decidido que gostava —, mas cuidem de vocês. Cuidem do Eugene. Vão para dentro. Sentem-se. Comam. Deixem-nos tratar disto por enquanto.

Não sou boa a deixar as coisas para as outras pessoas. O John costuma acusar-me de ser controladora, e conheço-me o suficiente para saber que não está a ser totalmente injusto, sobretudo em questões que considero serem importantes. Mas, naquele momento, as palavras da agente foram um bálsamo. Por vezes, é um alívio ceder o controlo.^[2] Toda a responsabilidade, decisões e análises foram transferidas para pessoas com competência — uma palavra tão bonita, «competência» — que prometeram tomar conta da situação e fazer um trabalho melhor do que aquele que faríamos sozinhos. Senti vergonha de ter sido tão contra chamar a polícia. O John nem sequer me repreendeu por isso. Quando os agentes estavam a sair, agradeceu-lhes por terem iniciado uma busca apesar de ainda não terem passado vinte e quatro horas, e eles disseram que não havia problema, que não existia qualquer regra das vinte e quatro horas ou algo do género, e pronto. Fiquei por perto, à espera de que o John dissesse alguma coisa, que se vangloriasse ou que, de forma casual e subtil, introduzisse o assunto na conversa, mas ele nunca o fez.

O John foi preparar qualquer coisa para comermos e eu fui ao andar de cima dizer à minha mãe que a polícia se tinha ido embora. Ela tinha tirado o Eugene do duche e estava a ajudá-lo a vestir-se para falar com a inspetora, que chegaria em breve. Espreitei pela porta do quarto e vi o Eugene já fora do duche e vestido com a roupa mais elegante que ele tolera: um polo, calças e até meias, que ele normalmente detesta. A minha mãe penteava-lhe o cabelo molhado e estava atrás dele, olhando-o ao espelho com tanta ternura que me apeteceu chorar.

— Olá. — A minha palavra saiu num sussurro. — Estás tão bonito,

Eugene.

A minha mãe olhou para mim pelo espelho e sorriu, acabou de lhe pentear o cabelo e ajeitou-lhe o colarinho. Ocorreu-me que o Eugene não era capaz de esfregar as mãos sozinho, pelo menos não muito bem. À socapa, olhei-lhe para os dedos, para as unhas. Limpas.

No andar de baixo, o John gritou que a inspetora tinha chegado, que devíamos descer. A minha mãe afastou-me o cabelo para o lado, para longe dos olhos. Pegou na mão esquerda do Eugene e eu na direita. Antes de começarmos a caminhar juntos, sorriu-me como se dissesse: «Está tudo bem. Vamos ficar bem. Vai correr tudo bem.»

[2] Esta é uma das coisas de que às vezes sinto falta dos meus tempos de miúda: ter de obedecer cegamente aos pais. Não me interpretem mal, eu e o John tivemos a nossa quota-parte de rebeldia, mas sempre confiámos e respeitámos os nossos pais. Quando o Eugene foi diagnosticado com autismo (só mais tarde é que descobrimos que era Angelman), lembro-me de que os meus pais se sentaram comigo e disseram que eu era muito responsável e madura, e que por isso tencionavam dar-me mais independência e confiar em mim para fazer mais coisas sozinha. Tinha 9 anos e fiquei muito orgulhosa — queixava-me sempre de que não era um *bebé*, queria que me deixassem tratar da minha vida —, mas também me lembro do ligeiro pânico que me invadiu. Tipo, OK, e agora? Depois disso, sempre que me sentia confusa e lhes queria perguntar o que devia fazer, lembrava-me da nossa conversa e de como não podia desiludi-los, de como ficariam orgulhosos por saberem que eu própria tinha tratado de tudo.

Flocos de Neve, Arco-Íris e o Vórtice Infernal da Hiperanálise

Eu conhecia a inspetora. Ou melhor, já me tinha cruzado com ela, lembrava-me da sua figura de 1,83 metros e do seu cabelo muito curto e muito ruivo de há três anos, quando foi falar ao nosso liceu depois de, num período de dois meses, se terem suicidado três alunos. A inspetora Morgan Janus. Quando nos apresentámos, ela olhou para mim, semicerrou os olhos como se estivesse a tentar concentrar-se e disse:

— A importância das conotações semânticas? Liceu de River Falls?
— Perante o meu aceno de cabeça envergonhado, ela prosseguiu: — Bem me pareceu que te tinha reconhecido, mesmo com a máscara.

Explicou à minha mãe que eu tinha ido ter com ela para discordar do uso da expressão «cometer suicídio» por parte das autoridades policiais. Tinha argumentado que a expressão estava eivada de juízos de valor, que conotava culpa — cometemos um crime, uma fraude, um homicídio, um pecado; não se comete um AVC ou uma depressão.

— A Mía lembrou-nos de que os jovens que tinham morrido eram seus amigos e que lhes custava ouvir que os recriminávamos enquanto vítimas — disse a inspetora Janus antes de se virar para mim. — Alterámos a política do departamento nesse aspeto. Agora, faz parte da nossa formação em sensibilidade. Por isso, obrigada.

Sempre achei que tinha sido muito desagradável, a dar sermões aos adultos — pior, à polícia — com aquela arrogância própria da

juventude. Era o tipo de coisas que me faziam corar quando já estava na universidade e que me faziam prestar mais atenção às minhas ações e à maneira como as veria dez anos depois. Ainda assim, não posso negar que a sua demonstração de apreço me lisonjeou. Agora sei o que ela tinha descoberto e nos estava a esconder, tenho para mim que era esse o seu objetivo — desempenhar o papel de polícia bom para ganhar a nossa confiança —, mas, na altura, pensei que ela estava apenas a ser simpática.

A inspetora prosseguiu com a sua conversa lisonjeira (não que pensasse isso na altura), salientando a sua formação como assistente social e início de carreira como terapeuta familiar. Não disse taxativamente: «Por isso, podem confiar em mim», mas isso ficou implícito. Enfatizou tanto essa formação que nem sequer pensei nela como polícia — mais como terapeuta, para nos ajudar a ultrapassar os desafios emocionais. Havia ali claramente uma dinâmica de admiração (sobretudo por parte do John, que está a pensar em trabalhar na área social), porque quando penso nela agora, com o seu persistente franzir de sobranceiras e olhos arregalados que denotavam uma surpresa perpétua, não percebo como não lhe detetei imediatamente a falsidade.

Durante uma hora, ficámos sentados à mesa resguardada do alpendre (até o Eugene, embora ela o deixasse ver vídeos com auscultadores) e respondemos a perguntas. Inquiriu-nos sobre aquela manhã, sobre o que tinha sido habitual ou não. A parte do habitual foi fácil. Somos uma família que depende da rotina e dos horários, e as linhas gerais das nossas manhãs tinham sido as mesmas durante toda a pandemia. Até tínhamos uma tabela plastificada para o Eugene, com alarmes correspondentes definidos no seu *iPad*. Às 7h30, o pai acordava-nos; tomávamos banho, vestíamos-nos e descíamos às 8h00 para ajudar o pai a preparar o pequeno-almoço; às 8h15, sentávamo-nos à mesa elegante da sala de jantar para tomar o pequeno-almoço em família, uma tradição que o pai iniciou quando percebeu que o Eugene estava mais calmo de manhã, antes de ser sobrecarregado por todos os estímulos sensoriais do dia; subíamos às 9h15 para lavar os dentes; às 9h30, dispersávamos — o John seguia para o seu estágio na Henry's House, um centro de terapia próximo (um dos poucos empregos que não obrigavam ao confinamento), a minha mãe para o

escritório vazio que começou a arrendar no início de junho para se concentrar no seu trabalho de tradução, o meu pai e o Eugene para o parque para fazerem exercícios de terapia, caminhadas e um piquenique, e eu para o meu quarto para tratar da «pesquisa para a tese», que consiste sobretudo em dormir, ouvir música e pesquisar fóruns de discussão sobre composição musical («A música inteligente não é inteligente nem musical. Está aberto o debate.»). Passo a passo, aquela manhã tinha sido exatamente como todas as outras manhãs.

A inspetora Janus é uma daquelas pessoas que acenam com a cabeça enquanto dizemos alguma coisa, como aqueles bonecos cabeçudos.

— Isso é muito útil — disse ela, num tom que me fez pensar que não era. Olhou para cada um de nós de forma profunda, como se quisesse estabelecer ligações pessoais, e disse: — As vossas manhãs são iguais, tal como os flocos de neve são iguais. — Aquilo pareceu-me vagamente confucionista, como uma daquelas frases que lemos nos bolinhos da sorte e que eu odeio (o primeiro lampejo de suspeita), mas percebi o que ela quis dizer. — Se nos concentrarmos nas diferenças, aconteceu alguma coisa fora do normal hoje de manhã, qualquer coisa, por mais pequena que seja?

A anormalidade era uma coisa importante para a inspetora Janus. Sempre que lhe dizíamos algo de que nos lembrávamos, ela perguntava:

— Isso é invulgar? É atípico de alguma forma?

Se a resposta fosse afirmativa, o seu nível de interesse quadruplicava. A minha mãe e o John ficavam irritados com isso, dava para perceber, frustrados que estavam com a dezena de perguntas que ela fez sobre o facto de o meu pai usar calções de ginástica em vez dos habituais calções caqui, por exemplo. Mas (e é neste ponto que me dou na cabeça por ter baixado a guarda de forma tão estúpida) fez-me sentir uma afinidade com ela. Partilho do seu fascínio obsessivo por pequenas mudanças que têm implicações drásticas. Na minha experiência, estudar as variações é a melhor forma de obter uma compreensão completa da norma. E, por vezes, é a mais ínfima diferença que tem o maior impacto.

Por exemplo, o ADN ensinou-me uma lição durante uma visita de estudo ao Smithsonian quando ainda andava no liceu.

— Os seres humanos têm mais de 90% do seu ADN em comum com os macacos e 99% com outros seres humanos — disse a guia.

A turma fez «oh» e «ah», e o John e os outros rapazes ficaram todos excitados e fizeram uma dança de saltos frenética, parecendo um bando de chimpanzés sob o efeito de *crack*. A guia ficou encantada com a nossa alegria e falou da semelhança entre todos os seres humanos, de como podemos ter mais ADN em comum com alguém de raça e sexo diferentes do que com alguém que se parece connosco. Para ilustrar, apontou para mim e para o John (estávamos ao lado um do outro) e disse:

— Tu, uma rapariga de ascendência asiática, podes partilhar mais ADN com este rapaz de ascendência europeia do que com esta rapariga que se parece contigo — e aqui apontou para a Becky Nguyen.

Os nossos colegas riram-se e alguém gritou:

— Mas o John e a Mia são gémeos! — A guia riu-se, condescendente, mas com uma expressão de incerteza, como se não soubesse se estavam a brincar com ela, e olhou para mim.

Senti a cara a arder de humilhação (ainda me lembro de tentar convencer-me de que ela é que devia sentir vergonha, não eu, e de ter falhado), mas consegui olhá-la diretamente nos olhos, muito séria e digna, e dizer no tom mais paternalista possível:

— É verdade. Eu e o John somos gémeos falsos. Além disso, temos ascendência coreana, e a Becky é vietnamita, e acho que não somos nada parecidas.

Nessa noite, já em casa, dei uma vista de olhos ao relatório genético da nossa família nos ficheiros médicos do Eugene. Até aos 7 anos, o seu único diagnóstico era autismo. Mas, numa conferência sobre o tema, a minha mãe estava a falar do sorriso dele e de como estava grata por ele ser tão feliz, e alguém mencionou a síndrome de Angelman. Os geneticistas que a confirmaram fizeram testes a toda a família para detetar comorbilidades e incluíram uma análise das diferenças cromossómicas do John e minhas numa nota de rodapé de três páginas, que, dado o tipo de letra minúsculo, era provavelmente mais longa do que o próprio relatório. Extrapolando com base nos dados, calculei que o meu ADN e o do John são 99,97% idênticos.

Para pessoas que têm uma diferença tão ínfima, é notável como

somos tão distintos. Devemos ter recebido genes opostos dos nossos pais, sem qualquer sobreposição, a combinação máxima de ADN díspar possível entre irmãos. O John ficou com as partes bonitas — os olhos castanho-esverdeados, redondos e profundos do pai, emoldurados pela estrutura óssea delicada e o nariz mimoso da mãe —, enquanto eu fiquei com os sobejos angulares — o nariz romano e a monocelha grossa do meu pai, os olhos estreitos da minha mãe. Ambos temos cabelo preto, mas o do John é ondulado, com uma tonalidade avermelhada, ao passo que o meu é liso com laivos azulados.[3]

Temos apenas um traço idêntico, as pestanas invulgarmente longas e espessas, mas até isso acentua as nossas diferenças. O John tem a mania de olhar fixamente para os nossos olhos, pestanejar em câmara lenta e depois olhar de soslaio como se fosse tímido, o que nos dá a oportunidade de admirar a beleza, a extensão e o brilho das suas pestanas. É nojento, e só aguento aquilo porque vejo que ele hipnotiza os nossos pais ao criar uma aura quase religiosa em que todas as transgressões são perdoadas. No meu caso, já me disseram que tenho tendência para pestanejar rapidamente enquanto franzo o sobrolho, como uma rapariga que experimenta pela primeira vez usar pestanas falsas demasiado longas e pesadas.

E se as ramificações da nossa variação de 0,03% no ADN — rapariga *versus* rapaz, musical *versus* atlético, hiperléxico *versus* (relativamente) monossilábico — parecem drásticas, pensemos no Eugene, na forma como um corte numa das três mil milhões de cadeias de ADN teve um impacto tão profundo na sua vida. Coisas que muitas pessoas consideram fundamentais para a existência humana — a capacidade de fazer com que o rosto corresponda e expresse os nossos sentimentos, de esperar que o corpo obedeça às nossas ordens, de usar palavras para comunicar — são coisas das quais este defeito parcial infinitesimal em 0,00000003% dos genes privou o Eugene.

Isto para dizer que eu, mais do que ninguém, sei o que são diferenças microscópicas. Sei que são importantes, e a minha família sabe que são importantes. Pensámos e vivemos com esta realidade mais do que a maioria das pessoas, e, por norma, teria aplaudido o escrutínio minucioso da inspetora Janus. Mas o tempo era limitado; estava prestes a anoitecer. Não queríamos ficar sentados em casa a

falar daquela manhã, da nossa família, ou de qualquer outra coisa. Queríamos estar no parque — queríamos que *ela* estivesse no parque, a vasculhar os bosques, os trilhos, tudo. Já com uma hora daquele relato minuto a minuto e da inspetora Janus a perguntar repetidamente se algo era invulgar/atípico/incomum/inesperado, reparei que a Lua se tornava visível no céu cada vez mais escuro. Olhei para o relógio. 20h15.

A minha mãe disse qualquer coisa sobre o facto de o meu pai ter pensado em fazer o jantar de família na sala de jantar nessa noite, e eu pensei: *Por favor, por favor, por favor, não perguntes se isso é algo «fora do normal», senão eu grito*, mas claro que a inspetora Janus perguntou, e eu quis gritar que sim, porra, que toda a nossa vida era fora do normal, que a merda do mundo era fora do normal, e se não se importava de se concentrar na coisa mais fora do normal de todas, o desaparecimento do meu pai, e ir procurá-lo em vez de perder tempo a falar connosco.

Consegui dizer isto em vez de gritar (sem «porras» e «merdas» à mistura, e com um «por favor» no final). Mas mesmo com a contenção tonal e fraseológica, a coisa saiu com alguma acrimónia, e o John e até a minha mãe ficaram sem saber como ou se deviam responder. No entanto, a inspetora Janus não reagiu, apenas acenou com a cabeça e disse para não nos preocuparmos, que tinham um processo paralelo duplo em curso e que, enquanto ela falava connosco, várias equipas estavam a vasculhar o parque, incluindo várias unidades caninas.

— Caninas? — inquiri.

— Cães pisteiros, para detetar o cheiro — disse ela.

Quis gritar que sabia o que significava canino, ou ela pensava que eu era estúpida?, mas só consegui pensar que aquilo era sério. Só faziam buscas com cães pisteiros quando...

— O meu pai é alérgico a cães — disse eu, ao mesmo tempo que o John disse:

— Que cheiro?

A inspetora Janus olhou para mim da mesma forma que as pessoas olham para o Eugene quando começa a rir e aos saltos nos elevadores, e depois virou-se para o John.

— Sangue, para o caso de estar ferido. Mas também cheiro humano. Ele pode ter-se perdido ou caído algures. A tua mãe deu-nos

algumas das roupas dele. Mas tenham em atenção que, por norma, quando as pessoas não voltam para casa, é intencional; não estão em perigo. Acontece alguma coisa e são chamadas a sair: um amigo tem uma emergência, ou só querem sair e desanuviar, e esquecem-se de avisar a família ou não podem fazê-lo porque o telemóvel ficou sem bateria, coisas assim. É por isso que é importante falar convosco, com amigos, localizar cartões de crédito, usar a geolocalização, indagar sobre desavenças domésticas, etc.

— Desavenças? — repetiu o John. — Acha que o meu pai está bem e que se foi embora porque se zangou com a minha mãe?

A minha mãe abanou a cabeça.

— O Adam nunca faria isso. Ele nunca deixaria o Eugene sozinho, independentemente de tudo o que pudesse acontecer.

— Claro, claro — concordou a inspetora Janus, naquele tom que se usa para apaziguar uma criança irracional, a despachar, enquanto se centrava nos aspetos logísticos e entregava à minha mãe formulários de consentimento para assinar.

— Não, não é *claro*. — A minha mãe deixou cair os papéis em cima da mesa e assumiu uma postura mais rígida. — Preciso de saber que está a levar a sério aquilo que estamos a dizer. Não se trata de um homem que se atrasa a chegar a casa para jantar porque foi a algum lado com uma mulher e se esqueceu de telefonar. Ele estava com o nosso filho que não consegue falar e quase foi atropelado por um carro. Isto não é um caso *normal*. Há aqui algo de muito errado.

— Compreendo e garanto-lhe que não estou a encarar isto de ânimo leve, nem eu nem os meus colegas que estão a coordenar com os guardas-florestais e as equipas de salvamento e que estão dispostos a trabalhar toda a noite se for necessário, tal como eu. Mas faço isto há muito tempo e a pior coisa que podemos fazer é tirar conclusões precipitadas. Por isso, vou manter a mente aberta e tentar recolher o máximo de informações possível, tanto para ajudar os meus colegas que estão a procurar no parque, como para pensar nos outros motivos que possam justificar o seu desaparecimento, quanto mais não seja para os excluir.

Pedi à minha mãe que assinasse os formulários de consentimento para aceder aos registos telefónicos e bancários, assim como às informações da apólice de seguro de vida.

— Seguro de vida? Para que precisaria de um seguro de vida? —
A minha mãe leu o formulário. — Espere, está a pensar...
É especialista em suicídios? Foi por isso que a enviaram?

— Não, trato de todo o tipo de casos.

— Mas suicídio... é algo que está a considerar?

Ela olhou para a minha mãe, sem pestanejar, e disse:

— Nesta fase inicial, o meu trabalho é considerar *todas* as possibilidades.

Todas as possibilidades.

Aquela frase fez com que todas as partes do meu corpo entrassem em erupção — os meus pensamentos, os meus nervos, o meu sangue. Aquela mulher alta, uma inspetora, achava que o meu pai podia ter-se suicidado. E quem sabe o que mais estaria incluído em «*todas* as possibilidades» que ela estava a considerar? Talvez que o meu pai fosse como aquelas mães que se fartam dos filhos e fogem — os pais que ficam em casa também fazem isso? E, se o suicídio estava em cima da mesa, porque não o homicídio?

Pensei no empurrão do Eugene, no sangue debaixo das unhas e na camisola. Pensei na forma como a inspetora Janus nos tinha perguntado várias vezes, num tom displicente (cuidadosamente pensado?), ao longo da noite, porque é que não tínhamos chamado logo a polícia. Estaria ela a ponderar quando — e *se* — teríamos ligado à polícia se eles não tivessem aparecido por acaso para falar sobre o acidente de viação?

A minha preocupação com o meu pai, a falta de sono, a culpa e a confusão, a preocupação com o Eugene — tudo isso se transformou num turbilhão de pânico e paranoia que começava a perturbar o meu discernimento, o que restava dele, e, de repente, fiquei zangada com o meu pai, furiosa com ele, por não estar ali, por ter causado aquela confusão, e depois furiosa comigo mesma por ser desleal, egocêntrica e horrível. Talvez por isso tenha desvalorizado o que aconteceu a seguir.

A minha mãe estava a fazer perguntas sobre o acidente de viação — se havia feridos, se podia falar com o condutor — e a inspetora Janus sacou do auto do acidente. Quando leu: «Condutor relata que avançou lentamente depois de ter imobilizado o veículo à entrada para o cruzamento», vi o Eugene a cerrar os olhos e a abanar a cabeça

de forma enfática. Pensei que fosse algo no vídeo que o estivesse a perturbar, mas, quando a inspetora Janus colocou o auto na mesa, ele baixou o *iPad* e esticou o pescoço, como se o estivesse a ler. Quase disse qualquer coisa, mas a minha mãe pegou no auto, o meu irmão voltou a concentrar-se no ecrã e eu disse a mim mesma que o Eugene não sabia ler.

À saída, a inspetora Janus pediu para anotarmos tudo aquilo de que nos lembrássemos e que pudesse ser invulgar. É engraçado que até então eu tivesse insistido — não dissesse só por dizer, mas acreditasse mesmo — que não tinha havido nada de invulgar, mas agora, com aquele cenário de «*todas as possibilidades*», tudo tinha mudado; todas as facetas do nosso pequeno-almoço assumiram um tom sinistro. Foi como quando usei lentes de contacto pela primeira vez. Quando coloquei aqueles pequenos discos de plástico, as manchas alaranjadas no nosso papel de parede transformaram-se em intrincados padrões geométricos vermelhos e amarelos. Os pormenores saltaram-me à vista, desde a forma como eu tinha pegado no sal ao pequeno-almoço e o meu pai ter dito: «Mia, devias provar antes de partires do princípio de que a comida precisa de sal» (estaria a tentar ensinar-me uma última lição de vida?), até ao facto de ele ter feito bacon a sério em vez do habitual bacon de tofu (um mimo para a última refeição, ciente de que a questão do colesterol em breve deixaria de ser um problema?).

Mas, mais do que essas especificidades em que só reparei em retrospectiva, havia uma sensação diferente no pequeno-almoço como um todo — tudo pareceu 5% mais intenso do que o habitual. O sorriso do Eugene, por exemplo, parecia menos nebuloso, dirigido e reativo a pessoas e comentários específicos; a sua felicidade aumentava e diminuía em ondas, em vez de se manter estável num determinado nível. Chegou a rir-se de uma anedota que a minha mãe contou. Ele ria-se frequentemente quando toda a gente se ria, mas, naquela manhã, reparei que ele olhava diretamente para a minha mãe, com os olhos focados, como se tivesse percebido a piada e se estivesse a rir por isso e não por um efeito de contágio.

Além disso, o meu pai e a minha mãe foram simpáticos um com o outro — não uma simpatia típica de quem está casado há vinte e cinco anos, mas uma simpatia de primeiro encontro. O meu pai elogiou os

brincos que a minha mãe já usava há um mês, e a minha mãe agradeceu-lhe por fazer café, coisa que ele já fazia todos os dias há quatro anos, talvez mais. Ponderei se teriam discutido, se teriam trocado palavras, daquelas azedas mas não tão gravosas que exigissem um pedido de desculpas. Dei um pontapé ao John por baixo da mesa para ver se ele também tinha reparado, mas ele só disse: «Está quieta!», e depois foi ele próprio demasiado simpático com o pai, agradecendo-lhe por ter comprado o iogurte de pêssago de que ele tinha gostado na semana anterior, dizendo:

— Foi muito atencioso da tua parte, pai. És um pai mesmo porreiro. Fazes tanto por nós. Obrigado, pai. A sério. Obrigado.

Pronto, se não fosse pelo exagero do «a sério» (a sério!) e do segundo «obrigado», talvez eu tivesse deixado passar, mas não consegui não me rir, o que quase me fez engasgar com o café que tinha na boca. Assim que me passou o ataque de tosse, estava prestes a dizer-lhes para pararem com aquilo, que era demasiada sacarina para aquela hora da manhã — a minha família precisa que a chame à razão de vez em quando — quando me ocorreu que talvez fosse eu o problema. De facto, a minha mãe e o John franziram o sobrolho, o meu pai abanou a cabeça, desiludido, mas não surpreendido, e ninguém me perguntou se eu estava bem. Lembrei-me das palavras da minha mãe na noite anterior, que tinha de tentar ser (ou pelo menos agir como se quisesse ser) um membro da nossa família, não uma inquilina. Olhei para o meu prato e murmurei: «Desculpem.» Ainda me senti tentada a dizer «a sério» e a rematar com um segundo «desculpem», mas não o fiz. Limitei-me a comer.

Acho que o meu pai teve pena de mim, ou talvez quisesse acabar com o constrangimento. Deu-me uma palmadinha no braço e disse:

— Está tudo bem. A sério. Está tudo bem. — E piscou-me o olho. O Eugene olhou diretamente para mim e riu-se. Mais uma vez, não foi um riso automático de contágio social, e isso fez-me rir. O meu pai disse ao John: — Quanto a *ti*, agradeço *imenso* o teu reconhecimento. A sério. — E isso desencadeou uma gargalhada por parte do John e da minha mãe.

Naquele momento mais ternurento, o meu pai ergueu o seu copo. Ele gosta muito de fazer brindes, adora usá-los para dar uma de filósofo e perorar sobre a vida e a família, e por vezes sobre o

universo, sobre o caminho que percorremos, blá-blá-blá. Mas desta vez não o fez; posicionou o copo de água de cristal contra um feixe de luz solar que entrava pela janela, criando pequenos arco-íris na mesa, e disse:

— Olha, Eugene, o teu preferido.

O Eugene já estava a sorrir, claro, mas olhou para cima (para o teto, para mais arco-íris?), para baixo e depois para o pai, e ambos se riram. Se não o conhecesse, diria que ele estava a gozar com o meu pai, a revirar os olhos à sua lamechice, como qualquer adolescente.

Após a saída da inspetora Janus, repeti a cena na minha cabeça e tentei interpretá-la. Se aquele pequeno-almoço tivesse sido o último que tomámos juntos, teria sido uma feliz coincidência termos ganhado uma recordação cheia de bondade, risos e até arco-íris — tudo coisas ridiculamente assombrosas que podemos saborear? Ou seria uma pista a ser explorada, um indício de um homem que pressentiu ou talvez tenha planeado uma desgraça iminente e que quis despedir-se? E o (possível) revirar de olhos do Eugene, seria um sinal de que algo se passava com ele?

Gostava de poder falar sobre estas microanomalias com a minha mãe e o John, perguntar-lhes se tinham reparado nelas, se estavam preocupados com as implicações, se eram mesmo anomalias. Mas eles detestavam aquilo a que a minha mãe chamava o meu modo «vórtice» (como quem diz «Alerta, alerta: estás a cair num vórtice infernal de hiperanálise»). O meu pai era quem me dava mais rédea solta. Além disso, estávamos demasiado ocupados para perder tempo com especulações. A minha mãe ligou a toda a gente — amigos, vizinhos, terapeutas do Eugene, outras famílias com necessidades especiais — e vasculhou as coisas do meu pai, os ficheiros, as contas, à procura de qualquer coisa fora do normal, segundo as instruções da inspetora Janus.

O John decidiu centrar as suas atenções no Eugene, explicar-lhe o que se estava a passar e tentar perguntar-lhe o que tinha acontecido ao pai com recurso aos cartões com imagens SIM-NÃO, bem como outros cartões e aplicações de comunicação alternativa com imagens de atividades, alimentos e brinquedos que o meu irmão podia utilizar para nos dar conta das suas necessidades e desejos. Era um tiro no escuro. O Eugene detestava sistemas baseados em imagens; nunca

tinha conseguido passar nos testes de apontar para a imagem correta e, recentemente, recusava-se liminarmente a colaborar. Além disso, como é que alguém podia usar este conjunto limitado de imagens de nível pré-escolar para dizer o que aconteceu a alguém que amava? Não havia nenhuma fotografia de alguém *perdido* ou *raptado* ou *atacado* e *ferido e deitado no meio da floresta, desesperadamente à espera de ajuda*.

A minha mãe atribuiu-me a tarefa de piratear o portátil, o e-mail, a nuvem e as contas telefónicas do meu pai. Ambos usavam uma aplicação de alta proteção das palavras-passe, por isso as palavras-passe do meu pai estavam todas no telemóvel (que, claro, estava em parte incerta), mas a minha mãe achava que ele podia ter guardado palavras-passe antigas em algumas contas. Durante duas horas seguidas, tentei várias combinações de data de nascimento, aniversários, segurança social, nome e iniciais, mas foi em vão. Estava quase a desistir quando me lembrei do disco rígido portátil de 1 *terabyte* que tinha oferecido ao meu pai no Natal e que ele usava para fazer cópias de segurança do computador portátil.

Encontrei-o na secretária do meu pai, numa gaveta debaixo de uma pasta de arquivo. Caíram algumas folhas soltas e eu estava a colocá-las de volta na pasta quando reparei no que parecia ser um código. Cada página tinha perguntas na caligrafia do meu pai, seguidas de letras na sua letra de imprensa mais cuidada, com números ao lado:

Forma de energia mais utilizada atualmente?

BMAK 2:31

Camada da atmosfera de que trata a nossa lição?

MYOOF 4:28

Diz-me 1 de 5 tipos de energia alt? (Passar para integral)

WUGXFHQL 6:23

Mas que raio? As perguntas pareciam fáceis; perguntas de ciência básica destinadas a esconder códigos como naqueles filmes de espionagem que o meu pai adora. Seria ele um espião? Ou teria guardado as suas palavras-passe aleatórias num formato que só ele conseguisse decifrar? No interior da pasta de arquivo, o meu pai tinha escrito «LOGIN-UYV@1019». *Login* para quê? Um portal para agentes de operações secretas?

Levei o disco rígido e a pasta de arquivo para o meu quarto. O disco com as cópias de segurança não estava protegido por palavra-passe. Liguei-o ao meu computador e abriu diretamente no ambiente de trabalho do meu pai. Um monte de pastas — Contas, Seguros, Impostos, Filhos, Eugene-Clínica, Eugene-Terapia, Eugene-Escola, Eugene-HenrysHouse, tudo coisas normais — e um ficheiro. Um PDF chamado *2018_ApolSegVid_AJP*. A apólice de seguro de vida do meu pai? Porque é que não estava numa pasta? O que significava o facto de ser o único ficheiro que não estava numa pasta?

Estava a tentar acalmar-me, a obrigar a minha mão pouco cooperante a deslocar o cursor para abrir o ficheiro, quando reparei noutra coisa inquietante: uma coluna de pastas separada das outras, à direita, e translúcida, como se devesse estar escondida. QF-Geral, QF-Investigação, QF-Hipóteses, QF-Experiências. Cliquei duas vezes em QF-Experiências. Pediu-me a palavra-passe. Que merda. Tentei abrir os outros ficheiros QF. O mesmo. Todos protegidos por palavra-passe. Cliquei com o botão direito do rato e acedi às propriedades. Vinte e quatro subpastas só no QF-Experiências. O que era aquilo? O que era o QF? Só me ocorreu que pudesse ser uma sigla, mas experiências? Hipóteses?

Espera. O *login* que estava dentro da pasta de arquivo. «UYV@1019». Tinha oito caracteres, e a palavra-passe tinha... sim! Oito caracteres! Os meus dedos tremeram enquanto escrevia as letras. Não tinha dormido nem comido, estava assustada, e sentia o mundo desfocado à minha volta de uma forma muito desagradável. Pressionei no *Enter*.

Nada.

Experimentei todos os códigos de oito letras que estavam nas folhas da pasta de arquivo, todos os códigos de quatro letras combinados em diferentes ordens, combinações de «UYV» + cinco letras e «1019» + quatro letras, sete letras com números e símbolos. Nada, nada, nada.

Respirei fundo e disse a mim própria para persistir. Estava a rever os códigos para os introduzir na ordem inversa quando a minha mãe bateu à porta e entrou para dizer que ela e o John não tinham tido sorte, nem com os amigos do meu pai, nem com o Eugene, e para me perguntar como me tinha saído. Abri a boca para lhe falar do disco

rígido, mas houve algo que me impediu. Foi o aspeto da minha mãe — abatida e cansada, com uma flacidez pesada a sobrecarregar-lhe cada parte do corpo, desde as sobranceiras até aos tornozelos. Não quis acrescentar mais uma coisa desconhecida e incognoscível.

Mas não. A minha mãe tinha-nos contado que a inspetora Janus a chamou de parte para falar de possíveis problemas conjugais que pudessem vir ao de cima e para perguntar se ela queria receber atualizações sem o conhecimento dos filhos.

— Eu disse-lhe que não havia nada disso — contou a minha mãe.
— As nossas vidas não são assim tão interessantes. Além disso, não nos podemos dar ao luxo de perder tempo. Temos de contar tudo uns aos outros. John, não me escondas nada com receio de que eu fique sentida. Mia, não nos excludas de nada nem tentes fazer tudo sozinha. Partilhamos tudo. Entendido?

Partilhámos, e não só porque ela estava em modo ditatorial. Se aprendemos alguma coisa com os policiais que o meu pai escolhia para as Noites de Cinema em Família, é que uma pessoa tem sempre uma informação aparentemente irrelevante que é a chave para resolver o mistério, mas só se for combinada com algo que outra pessoa saiba. Quantas vezes gritámos para a televisão «Meu Deus, *falem* uns com os outros!» e quisemos dar-lhes uns calduços pelo ecrã?

— Na verdade, encontrei algumas coisas que... Eu mostro. Não sei o que pensar disto — acabei por lhe dizer, e a minha mãe já estava a entrar no quarto quando ouvimos o som de um helicóptero a aproximar-se.

Não era inédito, a nossa casa estava aparentemente numa rota de voo para a Casa Branca, mas aquele parecia diferente, mais próximo, como se estivesse a vir na nossa direção. A minha mãe saiu para o corredor e eu fui atrás dela. O John e o Eugene também saíram e olhámos todos pela janela do corredor em direção ao parque. Não conseguíamos ver para além das copas das árvores, mas o som do helicóptero estava a transformar-se num ruído constante, a pairar sobre uma área específica. Estava calor dentro de casa — não tinha fechado as janelas como a minha mãe pedira —, mas senti frio; os meus braços e mãos começaram a tremer.

Olhámos uns para os outros. A minha mãe abriu os braços e cingiu-nos contra si como quando éramos pequenos, apertando o

Eugene entre todos nós, como ele gosta. A pressão forte acalmou-o, acalmou-nos a todos. Ficámos assim, abraçados uns aos outros, a sentir o calor dos nossos corpos juntos, as nossas respirações em sincronia, até deixarmos de ouvir o helicóptero.

[3] Sempre me irritou o facto de a mescla de géneros na nossa aparência fazer as raparigas ficarem caidinhas pela cara de «menino bonito» do John, enquanto eu sou considerada «interessante», um adjetivo que é tudo menos um elogio. Sempre que os homens têm características consideradas «femininas», isso torna-os mais atraentes para as mulheres (daí a cena do homem sensível que não tem medo de chorar e do menino bonito que as miúdas adoram), ao passo que as mulheres com características «masculinas» (como o meu maxilar e nariz bem vincados, e a minha atitude pragmática) parecem repelir os homens. Prova de que as mulheres são menos rígidas em relação à conformidade de género e à heteronormatividade do que os homens? Está aberto o debate.

Requiem

Há um momento quando acordamos depois de algo horrível ter acontecido em que tudo parece normal. Um ponto intermédio entre dormir e acordar, onde os dois mundos parecem igualmente plausíveis. Já não estamos no mundo dos sonhos, mas a memória agarra-se a ele, os seus vestígios são rapidamente ultrapassados e deslocados pelas realidades sensoriais do momento — a sensação da almofada, o cheiro do nosso hálito sob o cobertor, as frestas de luz a dançar nas cortinas.

Não percebo as pessoas que conseguem acordar com o primeiro toque do despertador. Adoro fazer ronha. Basta pressionar um botão e consigo prolongar a névoa surreal dessa fase liminar, embalada pelo brilho difuso do mundo dos sonhos, onde tudo é possível, onde posso pensar numa coisa e, de repente, ela aparece, sem transição, sem explicação, sem lógica. É como ficar sentada no cinema após o final de um filme épico, a ouvir a banda sonora enquanto os créditos vão passando, com tempo para refletir antes de voltarmos ao mundo real.

Na maioria dos dias, volto a adormecer um sem-número de vezes. Mas no dia 24 de junho, a primeira manhã depois de o meu pai não ter regressado a casa, não fiz ronha nenhuma. Tinha continuado a analisar as palavras-passe e mal tinha dormido, por isso devia estar exausta, mas, assim que o despertador tocou, acordei. Durante uns gloriosos três segundos, só tive noção de que estava na minha cama.

Mas lembrei-me logo do meu pai. Tudo ao mesmo tempo; passei do normal ao devastador num zeptossegundo. Certa vez, quando

estávamos a ajudar a minha mãe a lavar o carro, o John abriu a mangueira sem querer. Eu estava a cantarolar a minha última composição, a ensaboar o capô completamente a leste, quando fui atingida na cara pela água. Foi isso que senti: um choque de adrenalina e medo numa explosão tão inesperada e intensa que não consegui respirar e tive de me agarrar à cama. Tudo parecia mais horrível, talvez porque esta realidade alterada se tivesse solidificado durante a noite, e acordar com o nascer do sol, indiferente à nossa situação, só tornava tudo mais cruel. Ou talvez fosse o elemento de traição, a culpa por ter adormecido e escapado para um vazio apazível.

Ou talvez eu esteja a confundir o choque do regresso à realidade com o que aconteceu a seguir, o som que me aterrorizou.

Para explicar devidamente o que era aquele som e porque me perturbava tanto, tenho de recuar mais de dez anos, até à altura em que vivíamos em Seul com a Harmonee, a nossa avó.^[4] Mudámo-nos de Washington para a Coreia quando eu tinha 5 anos — porque a empresa de consultoria do meu pai abriu uma filial em Seul, disseram-nos eles, mas, na verdade, acho que foi porque a minha mãe ficou grávida do Eugene e queria ajuda com o bebé. (O meu pai não tinha horários certos e, aparentemente, nós dávamos «água pela barba» naquela altura: o John sofria de uma ligeira PHDA, com ênfase no H, e como eu era hiperléxica e não gostava de brincar com as outras crianças, os médicos pensavam que tinha síndrome de Asperger.) O Eugene era um recém-nascido perfeito: bochechas rechonchudas, Pernocas gordas e olhos que nos fixavam intensamente. Fazia todas as coisas normais nos bebés — dormir, comer, fazer cocó — tudo a horas e em grandes quantidades. Mas não chorava. Mesmo quando era expectável que o fizesse — quando acordava de repente ou tinha a fralda suja — não fazia barulho. Chamávamos-lhe o bebé mais feliz do mundo.

A Harmonee adorava o Eugene, levava-o para todo o lado às costas, ao estilo tradicional coreano, e falava com ele exclusivamente em coreano. (Torcia o nariz ao facto de eu e o John não falarmos bem coreano.) A minha mãe dizia que as crianças bilingues normalmente demoram mais tempo a desenvolver a fala, por isso ninguém se preocupava com o facto de o Eugene não falar. Mas, por altura do

segundo aniversário, reparámos que, por vezes, o meu irmão abria a boca e mexia os lábios, como se estivesse a falar, mas não emitia sons, como um peixinho.

Emitiu o primeiro som quando tinha 3 anos. Estava a ver televisão com a Harmonee depois do jantar, enquanto eu e o John limpávamos a casa. Foi há onze anos, mas ainda me lembro do momento: o John estava a passar-me o copo de martíni da mãe — ele enxaguava, eu secava — e, quando os meus dedos apertaram a haste escorregadia, ouvi um grito agudo, não um grito humano normal, mas o urro de uma centena de porcos e um conjunto de violinos desafinados a guinchar acima do lá com sétima maior, combinados numa nota cacofónica penetrante que me fez doer os ouvidos. Deixámos cair o copo, que se estilhaçou no chão. Corri para a sala.

Era o Eugene, com o cadáver da Harmonee aos pés. Um AVC. O que tornou tudo horrível — mais horrível, melhor dizendo — foi o sorriso do Eugene. Foi a primeira vez que reparámos que o Eugene sorria quando claramente não devia estar feliz, e isso assustou-me, fez-me pensar se haveria algo de errado com ele a um nível profundo e fundamental.

O Eugene voltou a emitir aquele som na manhã seguinte, assim que acordou. Era tão insuportavelmente intenso como o da noite anterior, mas perpassado por um tom de lamento, como uma ária de despedida numa *changgeuk*, uma ópera tradicional coreana. Ouvi naquele som o que não consegui ver no seu sorriso na noite anterior: a dor de testemunhar a morte da Harmonee sem poder contar a ninguém, a tristeza e o medo — todo um requiem numa única nota dissonante e frenética.

Depois disso, o Eugene continuou a emitir sons, mas não com o tom agudo ou a intensidade daqueles dois gritos — uma oitava e vinte decibéis mais abaixo. Cantava e ria mais do que gritava, com um toque de doçura melódica, em rajadas curtas e repetidas como o *spiccato*, a técnica do arco saltitante que eu estava a treinar (mas, infelizmente, sem sucesso) para dominar no violino. Depois do diagnóstico de autismo, considerámos que se tratava de um comportamento repetitivo típico das crianças autistas. Foi nessa altura que comecei a chamar-lhe *risiccato*, o que o John detestava, mas que os nossos pais acharam giro e passaram a usar.

O que quero dizer é que as vocalizações agudas do Eugene se tornaram relativamente normais para nós, algo em que já nem reparávamos. Cheguei a um ponto em que, quando me lembrava da guturalidade daqueles dois gritos originais, tentava convencer-me de que devia ter sido fruto da minha imaginação, que foi ampliando cada recordação com o tempo. Mas, ao acordar naquela primeira manhã após o desaparecimento do meu pai, o Eugene emitiu o grito de requiem original e, mesmo na outra ponta do corredor, através da porta fechada do seu quarto e do meu, consegui ouvi-lo novamente.

Corri para o quarto do Eugene. A minha mãe já lá estava e conseguira acalmá-lo. Abraçava-o com força, com os olhos fechados, esforçando-se por se manter calma.

— O que foi? O que se passa, Eugene? — perguntou o John, passando a correr por mim.

A minha mãe abriu os olhos. Estavam vermelhos, e as pálpebras inchadas.

— Está tudo bem — sussurrou, embalando o Eugene com força e afagando-lhe o cabelo num padrão repetitivo. — Foi só um pesadelo. Vão preparar cereais, sim? Já vamos descer.

O John começou a dizer qualquer coisa, mas a minha mãe virou a cabeça e olhou para ele. Conheçíamos bem aquele olhar. Podia estar a sorrir, a franzir o sobrolho, em silêncio, a gritar, o que fosse. Aquele olhar penetrava na nossa alma e sabíamos que só tínhamos de calar a boca e obedecer.

Assim que fechámos a porta, o John fez tenções de dizer qualquer coisa. Mandeí-o calar e fiz sinal para que me seguisse. Descemos as escadas e ligámos a ventoinha da cozinha.

— Estás a pensar no mesmo que eu? — perguntei.

— Não sei no que estás a pensar, mas eu cá estou a pensar que preciso de café, o mais depressa possível. Não acredito que ainda não nos tenham dado notícias. Pensei mesmo que íamos acordar e que o pai estaria aqui com uma explicação perfeitamente inocente.

— Refiro-me ao Eugene e àquele grito. Lembras-te da última vez que ele fez isso?

— Sim, ontem.

— Vá lá, nem tu és assim tão surdo. Sabes que foi diferente. Por isso é que fomos todos a correr para o quarto dele. Normalmente, ele

faz aquele *risiccato*...

— Odeio quando dizes isso. Tem tanto de imaturo como de pretensioso.

— E eu ralada. O que estou a dizer... Não te lembras da última vez que ele acordou assim? Foi na manhã a seguir à morte da Harmonee.

O John não disse nada, limitando-se a dirigir-se à máquina de café. Mas, quando o fez, reparei num brilho no seu olhar que indiciou que estava a lembrar-se. Abanou a cabeça, mas era como se estivesse a tentar convencer-se a si próprio, não a mim.

— Acho que devíamos contar à polícia — sugeri.

— E dizemos o quê? Que ele fez o som que faz sempre que acorda, mas que achamos que pode ter sido mais alto do que o habitual? Que interesse é que isso tem?

— Ele acordou exatamente da mesma forma que acordou da última vez que algo de mau aconteceu a alguém de quem ele gostava e que mais ninguém sabia. Pode ter acontecido o mesmo agora, e ele pode sentir-se frustrado por não nos conseguir dizer algo importante. Talvez o pai esteja ferido ou preso algures ou tenha sido raptado ou...

O John abanou a cabeça.

— Estamos todos stressados e assustados, e o Eugene está a captar e a reagir a isso, mais nada. Tenho a certeza de que o pai está bem. Foi como disse a inspetora. Há uma explicação em que não estamos a pensar. Sei que vai acabar tudo bem. O pai está bem. Tem de estar.

O que quis ele dizer com aquilo? O pai não *tinha de estar* nada. O mais certo era que tivesse acontecido alguma coisa horrível ao pai que só o Eugene soubesse. A dor, a frustração e o medo foram a causa daquele som horrível. Era óbvio.

— O pai não está bem, e o facto de dizeres isso faz-me pensar que estás a delirar. Nem sequer te importas?

— Se não me importo? Não fui eu que não reparei que ele não tinha voltado. Não fui eu que insisti para não chamarmos a polícia. Já pensaste que, se aconteceu alguma coisa má ao pai, a culpa pode ser tua? — Fechei os olhos. Até que enfim. A culpa. Aquelas palavras invadiram-me e infiltraram-se na minha pele. Ouvi o John a suspirar.

— Mia, eu... Não foi isso que eu quis dizer. Isso não é...

O telefone da cozinha tocou. Cruzámos olhares. Tocou novamente,

interrompendo a paralisia do momento. Levantámo-nos e corremos até lá. O John chegou primeiro.

Apesar de toda a conversa sobre o pai estar bem, era notório o tremor na voz do John quando atendeu. Respirei fundo e lembrei-me de que a polícia dava sempre as más notícias à família pessoalmente. Mesmo que estes meus pressupostos sobre a polícia já tivessem sido desmentidos noutras ocasiões.

O John não disse nada, nenhuma indicação de quem, o quê, porquê, nada. Acenou com a cabeça, uma e outra vez, e eu só queria gritar-lhe que dissesse alguma coisa, que as pessoas do outro lado do telefone não nos podem ver a acenar com a cabeça, que temos de dizer «ahã», «claro», *qualquer coisa* — quando ele abriu a boca. Não saiu nenhuma palavra, e, naquele momento, achei-o muito parecido com o Eugene. Por fim, disse:

— Está bem, obrigado. — Tinha a voz um pouco trémula, e desligou.

— O que foi? O que se passa? — perguntei, antes mesmo de ele pousar o telefone.

— A equipa de busca encontrou... — A voz falhou-lhe e ele pigarreou e pestanejou, com força, como se não conseguisse ver. Senti um vazio no estômago. — Encontraram pessoas que se cruzaram com ele e com o Eugene ontem. A inspetora Janus está a falar com eles agora, e vai passar aqui com um especialista daqui a uma hora para perceber como falar com o Eugene.

Respirei fundo. Levei a mão ao estômago para o fazer assentar. Peguei no café e nos cereais.

Seria de esperar que tivesse sido problemática a primeira vez que nos sentámos para tomar o pequeno-almoço sem o nosso pai. Acho que, acima de tudo, quisemos manter o Eugene calmo para a entrevista, além de que a minha mãe e o John tinham de arranjar quem os substituísse no trabalho, o que me incumbiu da responsabilidade de cancelar todas as sessões de terapia do Eugene. Gostava que pudéssemos ficar juntos e não ter de lidar com outras pessoas, mas a verdade é que todo aquele trabalho logístico acabou por ser uma bênção. Só quando ouvimos o alerta sonoro do Eugene para lavar os

dentes é que erguemos os olhos dos telemóveis e nos virámos uns para os outros.

O meu pai criou uma rotina quando o John perdeu dois dentes de leite a escovar os dentes. O meu irmão decidiu que nunca mais lavaria os dentes e, num espírito de solidariedade, eu juntei-me à greve. Para nos convencer a lavar os dentes, o meu pai passou a cantar uma canção tola que eu e ele «compusemos» e a organizar um concurso de lavagem de dentes, que incluía contagem decrescente, uma ampulheta roxa de três minutos do nosso dentista e comentários engraçados (Oh, gosto do estilo e da elegância da Mia Parkson a escovar os incisivos inferiores!). O meu pai tentou que a minha mãe o substituísse, mas, felizmente, ela recusou. (A minha mãe tem voz de cana rachada; é uma daquelas pessoas tristes que pensam que o volume pode compensar a atonalidade.) Naquela altura, o meu pai trabalhava muito e raramente nos via, e a minha mãe incentivou-o a fazer disso uma rotina diária: um momento especial de ligação entre pai e filhos, todas as manhãs, sempre que ele estava em casa. Ela também apreciava o momento, com o seu próprio ritual de dez minutos: sentada à janela com o seu café, a ler um pequeno poema em inglês e em coreano que tinha escolhido anteriormente, considerando as diferenças rítmicas e de subtexto entre as duas versões.

Com o passar do tempo, a rotina foi-se tornando mais simples — a contagem decrescente, a ampulheta e, por vezes, a pontuação no final —, e tenho a certeza de que teria acabado por desaparecer se não fosse o Eugene. Era uma das poucas atividades de grupo que permitiam ao meu irmão participar ativamente e em pé de igualdade e, além disso, era uma coisa fácil que todos tínhamos de fazer fosse como fosse. Mesmo quando já estávamos na universidade, o meu pai enviava mensagens de grupo com uma contagem decrescente para o ritual da lavagem dos dentes, caso estivéssemos na casa de banho a preparar-nos (aconteceu três vezes em dois anos comigo; semanalmente com o John). Era o tipo de rotinas invisíveis que faziam de nós uma família atípica. Que jovens normais de 20 anos ainda ligavam ao ritual piroso de lavagem de dentes da família?

Aquela manhã era a primeira em que eu estava em casa e não ouvia o meu pai dizer: «Partida, largada... um, dois, três, LAVAR.» Tinha levado o meu telemóvel para a casa de banho e quase esperava

ouvir o toque personalizado que tinha descarregado para o meu pai: o Darth Vader a respirar e a dizer: «Eu... sou o teu pai.»

Tentei pegar na escova de dentes, mas não consegui; doía-me o peito, como se sentisse os pulmões apertados, incapazes de se expandirem para apanhar ar. Peguei novamente no telemóvel, acedi às mensagens do meu pai e escrevi «Um, dois, três, LAVAR!» Virei a amпуlheta roxa e fiquei a ver os grãos de areia cor-de-rosa a caírem e a formarem uma pequena duna.

Quando estava a pegar na escova de dentes para tentar novamente, olhei para o ecrã do telemóvel. A minha última mensagem — «Um, dois, três, LAVAR!» — moveu-se ligeiramente para cima e, por baixo da minha caixa de texto, apareceu a indicação de ter sido lida às 9h24.

Peguei no telemóvel. Agarrei-o com as duas mãos. O meu coração batia mais depressa, com mais força, e senti um formigueiro nos dedos das mãos, dos pés, na cabeça, *no corpo todo*.

A minha mensagem, agora lida, deslizou pelo ecrã e surgiu uma caixa de texto cinzenta na parte inferior. Ponto, ponto, ponto. A piscar, a piscar, a piscar.

As lágrimas não demoraram. Um dilúvio. O meu pai estava bem. Estava a escrever uma mensagem. Estava *vivo*. Tinha tido medo de o dizer, de o pensar, mas cheguei mesmo a ponderar que ele podia estar morto — meu Deus, que palavra horrível, o estômago às voltas só de pensar nisso, e quis ligar ao meu pai, mal podia esperar para lhe ouvir a voz, para gritar com ele, para nos rirmos e pormos fim às últimas vinte e quatro horas, mas estava a soluçar e as minhas mãos tremiam tanto que não conseguia controlá-las. Porque é que a mensagem dele não aparecia?

Diante do lavatório, ouvi a respiração pesada e ridícula do Darth Vader — o sinal de mensagem de texto do meu pai — e desatei a rir quando peguei no telemóvel.

No ecrã, em letras brancas brilhantes contra o fundo escuro do meu telemóvel, podia ler-se: «Quem és tu?»

[4] Harmonee não é o nome da minha avó, é a forma como se diz «avó» em coreano, convertida para inglês através do sistema de

transliteração coreano-inglês da minha mãe. A minha mãe tem inúmeros motivos para detestar os sistemas de romanização coreanos padrão (escreveu literalmente uma dissertação sobre o assunto). Pessoalmente, detesto grafias em inglês que sugerem que as palavras coreanas têm um som diferente do que é suposto terem, como *halmeoni* (que eu pronunciaria «hal-mi-oh-nai» em vez da forma mais correta, «har-mo-ni») para «avó» ou *babo* (que poderia ser pronunciado «bei-bo» em vez de «bah-bo») para «tolo».

Uns Meros 25 Graus

Já estou mesmo a ver o que estão a pensar. Devem estar a pensar que fiquei arrasada quando li «Quem és tu?» e imaginei que não fosse o meu pai, mas sim um estranho que teria encontrado o telemóvel algures, ou — coisa de telenovela, mas possível — que era o meu pai, mas que estaria com amnésia, a vaguear por aí, a imaginar quem seria a «Mia» que aparecia naquela misteriosa coisa retangular que tinha na mão. Qual das duas opções a pior.

Mas há uma coisa que não sabem: aquilo já tinha acontecido. Na verdade, era um acontecimento quase recorrente, fruto das artimanhas de um certo gémeo imaturo que gostava de aceder aos telemóveis dos nossos pais e mudar o meu nome de contacto para algo infantil — «Cru L. Ah» e «Souto Linha» eram os seus preferidos, mas quando gozei com uma das suas escolhas por ser particularmente superficial e genérica («I. Diota»), ele mudou o meu nome para «Pleonasmo Sesquipedal», o que não deixou de me impressionar, até encontrar no histórico de pesquisas do computador da família: «palavras grandes e pretensiosas para pessoas irritantes que usam palavras grandes e pretensiosas». (Este é o problema do Google — a democratização da inteligência e do conhecimento. É também o que tem de melhor, mas é problemático quando tentamos ganhar uma discussão com um irmão menos erudito.) Claro que eu retaliava com algo igualmente tolo — tento evitar a infantilidade, mas o John desperta o pior que há em mim —, o que fazia com que os nossos pais, por vezes, não conseguissem saber quem lhes estava a enviar mensagens, eu ou o

John. Por norma, a minha mãe procurava o número de telefone associado para perceber, mas o meu pai alinhava sempre. No início, ficámos entusiasmados com a troca diária de nomes, mas isso depressa se tornou aborrecido, pelo que passámos a fazê-lo apenas algumas vezes por ano. Os nossos pais fingiam ficar exasperados com aquilo, mas acho que, lá bem no fundo, divertiam-se à grande. Por um lado, achavam os nomes que escolhíamos engraçados e até mesmo informativos — na altura em que o jogo esteve ao rubro, usámos esta artimanha para contornar a nossa habitual política de não nos chibarmos um do outro (por exemplo, «Aquele que Teve Um Suficiente no Teste de Matemática»). Além disso, nenhum dos dois tinha irmãos, e pareciam achar piada aos nossos picanços mútuos, um sinal paradoxal de proximidade entre irmãos, semelhante à forma como o frio extremo pode imitar o calor e até causar queimaduras.

Se tivesse parado para pensar quando vi aquele «Quem és tu?», teria deixado de lado as brincadeiras e respondido «Mia» ou «M». Mas estava demasiado entusiasmada para pensar. Reagi por instinto e escrevi a minha resposta padrão, uma piada privada: «A pessoa mais normal e nada especial que conheces».

A resposta do meu pai foi instantânea, quase simultânea com a minha: «Mia?»

Estão a ver aquela rã proverbial que só se apercebe de que está em água a ferver depois de morta? (Vá, claro que ela não se apercebe de nada depois de morta e, seja como for, as experiências provaram que isto é falso — as rãs saltam quando a água atinge uns meros 25 graus Celsius —, mas percebem onde quero chegar.) Imaginem que essa rã é colocada em água mais fria e só nesse momento de alívio é que percebe que esteve em perigo e a sofrer. (Mais uma vez, eu sei que as rãs não têm o córtex cerebral desenvolvido ao ponto de se aperceberem destas coisas; trata-se obviamente de uma rã metafórica e proverbial.) Assim que li «Mia?», tornei-me essa rã. Senti um alívio súbito e percebi que não tinha acreditado na minha própria bazófia de que a mensagem só podia ser do meu pai; que, se calhar, a minha resposta tinha sido uma espécie de teste. Do género, por favor, *por favor*, sabe quem sou sem eu ter de dizer que sou a Mia, a tua filha.

E a resposta provou-o — era o meu pai.

A mensagem «Mia?» subiu no ecrã.

Outra caixa de texto. Ponto, ponto, ponto. A piscar, a piscar, a piscar.

A caixa cinzenta desapareceu e a mensagem «Mia?» voltou para baixo, para onde estava. Esperei que a nova mensagem aparecesse — por vezes, pode haver um atraso de cinco segundos, e detesto não saber se está prestes a aparecer ou se a pessoa a quem estamos a enviar a mensagem mudou de ideias e decidiu não escrever nada. O problema é a expectativa. Nenhuma resposta é muito melhor do que a promessa não cumprida de uma caixa de texto.

«Pai?», escrevi eu. Não chegou ao destino. Mas que raio? Liguei-lhe. Foi diretamente para o voice mail. Só me lembrei de uma explicação: tinha ficado sem bateria. Frustrante, sim, mas um problema menor, agora que o meu pai tinha passado de possivelmente morto a indubitavelmente vivo. Nada mais importava?

Corri para o corredor, a chamar pela minha mãe, pelo John, pelo Eugene. Parecia uma louca, até para mim própria, e todos eles apareceram de imediato para me ouvir falar sobre as mensagens do meu pai. Mostrei-lhes o ecrã do telemóvel.

Será que reparei na reação do Eugene naquele momento? Foi tão rápida que talvez não tenha reparado. Acho que o seu sorriso habitual se deve ter misturado com o riso lacrimoso da minha mãe e do John, fruto do alívio coletivo que tomou conta de nós. No entanto, quando o Eugene me tirou o telemóvel das mãos, reparei que, embora os seus lábios estivessem curvados para cima, num simulacro familiar de sorriso, os seus olhos não estavam enrugados de alegria; estavam arregalados de medo, com os globos oculares esbugalhados de forma caricatural.

— Eugene, o que estás a fazer? — Tentei recuperar o telemóvel, mas ele segurou-o com as duas mãos e afastou-o do meu alcance.

E aquilo voltou a acontecer: ele olhou atentamente para o ecrã, da mesma forma que tinha olhado para o auto da polícia na noite anterior. Só que não por alguns segundos, tão fugazes que pensei ter sobreposto algo imaginário a um momento irrelevante. O Eugene não estava apenas a olhar para o ecrã. Estava a ler. Não parecia estar a ler como a maioria das pessoas, com os olhos a moverem-se da esquerda

para a direita e de cima para baixo, mas mais como se estivesse a tirar uma fotografia de todas as palavras como um todo: os olhos fixos no ecrã, semicerrados como se quisesse focar as palavras, e depois, *clique*, um piscar de olhos forte, o sorriso a permanecer nos lábios, mas acompanhado por uma expressão de pura confusão e pânico nos olhos, *à volta* dos olhos, as sobrancelhas cada vez mais erguidas, as rugas na testa a aprofundarem-se em concomitância.

Não tinha qualquer dúvida: o Eugene, o meu irmão mais novo que nunca tinha dado qualquer sinal de conhecer o alfabeto, estava a ler as mensagens entre mim e o meu pai, a processar as palavras e a ficar angustiado com elas. Era hipnotizante, maravilhoso e intrigante, tudo ao mesmo tempo.

— Eugene, estás... Ele está... Estás a ler?

Lembro-me de ouvir aquelas palavras na voz do John e de ficar desorientada por ver os meus pensamentos a saírem da boca de outra pessoa, enquanto pensava se não estaríamos presos numa dimensão onírica surreal. O Eugene começou a cerrar os olhos como se não conseguisse olhar para as palavras do telemóvel que tinha nas mãos.

— Meu anjo, o que se passa? Deixas a mamã ver? Dá cá à mamã.
— A minha mãe disse aquelas palavras com todo o vagar e cuidado, como se ele fosse uma bomba prestes a explodir.

Fui assaltada por uma irritação súbita. Na altura, não percebi porquê nem quem ou o que me estava a irritar (foi tudo muito rápido), mas, em retrospectiva, percebo que aquele foi um ponto de viragem, a altura em que a minha perceção do Eugene começou a mudar. Já não era o irmão mais novo que sempre conheci, desprovido de palavras, mas um desconhecido capaz de ler, de compreender, de *cogitar*: tudo aquilo que os médicos tinham dito que ele nunca seria capaz de fazer.

O Eugene parecia sentir o mesmo. Abanava a cabeça de um lado para o outro, numa objeção violenta, cuja incongruência com o sorriso estampado no rosto aumentava a sensação de ter os lábios pintados, um palhaço aterrador. Ainda com os olhos bem fechados, abriu a boca e soltou um gemido. Era uma versão prolongada do que eu tinha rotulado de forma tão ligeira como o seu habitual *risiccato*, mas esta palavra, com a sua conotação pueril, não era adequada para descrever o único som que o Eugene conseguia produzir para comunicar a sua

dor, indignidade, sofrimento, incredulidade; um enfático *não* e, de repente, percebi porque é que o John sempre detestou o termo. O Eugene atirou o telemóvel como se fosse uma cobra que ele se tivesse apercebido de que tinha na mão, cravando os dedos no couro cabeludo como se quisesse abrir o crânio para chegar a algo no seu núcleo e despedaçá-lo.

Devo ter gritado para ele parar, e o John também, mas só me lembro da mãe a gritar:

— Eugene-ah, o que se passa? Vem cá, a *Umma* está aqui — mas em coreano, o que nos fez parar a todos.

Tinha-nos dito certa vez que, para ela, falar em inglês requeria três passos: pensar em coreano, traduzir para inglês, falar em voz alta. O processo é rápido, a expressão quase coincidente com o pensamento, mas a questão é que, para a minha mãe, falar em inglês requer pensar. Já falar em coreano, a sua língua materna, é puro instinto. Quando não consegue pensar (quando está dominada pelo medo ou pela raiva, por algo incisivo), ela volta ao coreano; é um indicador útil, uma forma clara de percebermos até que ponto ela está zangada ou, em alturas como esta, até que ponto devemos estar preocupados. O Eugene também parecia ter percebido (Como? Pensava que ele não conseguia distinguir o inglês do coreano), pois parou tudo e olhou para a nossa mãe, para o pânico que lhe contorcia o rosto, antes de lhe cair nos braços.

O telefone da cozinha tocou.

— É o pai! — disse eu, e comecei a descer as escadas a coxear para ir atender.

— O quê? Porque é que havia de ligar para o telefone fixo? — contrapôs o John, mesmo quando passou por mim a correr.

O motivo era óbvio: o telemóvel do meu pai ficou sem bateria, por isso teve de usar o telefone de outra pessoa, e ele não memorizou nenhum número novo desde que mudou para os *smartphones*, por isso ligou para o telefone de casa, um dos poucos números que sabe de cor. Mas estava demasiado ocupada a correr para lhe explicar. O John é muito mais alto e rápido, sobretudo tendo em conta o meu tornozelo, e chegou primeiro ao telefone, mas a chamada era *minha*. Arranquei-lhe o auscultador da mão.

— Pai? Pai!

— Mia?

Uma voz de mulher.

— Inspetora Janus — disse eu. — Ouça, o meu pai enviou uma mensagem...

— Mia? — repetiu ela, e acrescentou mais algumas coisas, mas a ligação era má (devia estar no parque, onde a cobertura de rede é irregular, o que eu costumava achar engraçado, a comunhão com a natureza e tudo o mais, mas que agora era só algo que não me fazia sentido) e as palavras soaram entrecortadas — M... a, eu... o teu pai... de volta... aqui... — antes de a chamada cair.

— Estou? Estou? — retorqui eu ao som da chamada desligada, com a dissonância do acorde quase em lá e fá a provocar-me uma comichão intensa no tímpano.

— O que é que ela disse? O pai está com ela? — perguntou o John enquanto eu me atrapalhava com o telefone, com o identificador de chamadas e, caramba, onde estava o raio do botão de retorno de chamada? — Mia! — gritou ele, e eu respondi:

— Não sei! Não consegui ouvir! — Por fim, encontrei o botão e pressionei-o, ouvi os sons desafinados da marcação automática que normalmente me irritavam, mas que naquele momento me acalmaram. Respirei e disse: — Acho que ela disse que o pai está com ela, mas só consegui ouvir de três em três...

Finalmente, o toque. *Vá lá, atende*, pensei, ou talvez tenha murmurado as palavras, sei lá. Quatro. Cinco. Seis.

— *Vá lá, atende* — disse, desta vez em voz alta. Como se fosse uma deixa, ouvi um clique e a voz da inspetora Janus, mas, que treta, era o voice mail. «Saudações. Ligou para...» Perdi a cabeça. — *Saudações?* Mas você é algum Borg a falar com humanoides? Quem é que diz «saudações»? — gritei para a voz irritantemente serena e bati com o auscultador no descanso. — Nada disto estaria a acontecer se tivéssemos a merda de uma rede de jeito por aqui. Mas em que século é que nós vivemos? John, estou a avisar-te, se disseses uma palavra sobre a forma como protestei contra a instalação da torre nova, juro...

— A localização do pai mudou — disse o John, enquanto olhava para o telemóvel.

— O quê? — Aproximei-me dele.

O ponto do meu pai na aplicação de localização da família ainda

estava a cinzento, indicando uma localização antiga, mas tinha mudado para o parque de estacionamento, com a indicação de tempo de há seis minutos. O momento em que me enviou a mensagem. Além disso, o ícone da bateria do telemóvel dava conta de uma barra fina a vermelho: quase descarregada. Eu tinha razão; ficou sem bateria a meio da mensagem.

Meu Deus, pensei. Ou talvez tenha dito em voz alta. Estava tonta; era difícil perceber. Pestanejei para voltar a focar o ponto desfocado. Estendi o dedo indicador para o ecrã do telemóvel do John e toquei no ponto. Estava quente.

Ambos desviámos os olhos do telemóvel. Virámo-nos um para o outro. Será que o pai ainda lá estava? Não precisámos de o dizer; eu via a pergunta na cara dele, sabia que ele a via na minha. Semicerrei os olhos, ele ergueu as sobrancelhas — ambos lentamente, os nossos rostos numa harmonia rítmica, tonal, embora os nossos movimentos fossem diferentes. Abri a boca, vi a dele aberta, e soube o que ambos íamos dizer.

— O parque.

Aquelas palavras foram como o tiro de partida para uma corrida. Corremos os dois, o John para a garagem a gritar «Vou buscar os sapatos» e eu para cima a gritar «Vou dizer à mãe», com a adrenalina a anular a dor do meu tornozelo. Apanhei o telemóvel do chão, gritei à minha mãe que íamos sair e que enviaria uma mensagem a explicar, corri para a garagem, entrei no carro, pus o cinto de segurança e calcei os sapatos que o John tinha posto no tapete enquanto fazia marcha-atrás e arrancava em direção ao parque. Não devemos ter demorado mais de sessenta segundos, um triunfo da nossa coordenação fraterna bem vincada. Costumávamos ser sempre assim, mas deixámos de ser a dada altura, e eu já me tinha esquecido de como aquilo era mágico, o simples prazer da sincronia e simultaneidade impercetíveis.

Peguei no telemóvel para enviar uma mensagem à minha mãe e lembrei-me do Eugene a ler a mensagem, de como aquilo tinha parecido muito importante há apenas cinco minutos. Não, não podia pensar nisso. Precisava de esperar. Se aprendi alguma coisa com os 331 episódios do *Serviço de Urgência* a que assisti de uma assentada quando tive estreptococos, foi que as emergências são relativas e que é

sempre necessário fazer uma triagem.

O meu telemóvel abriu-se automaticamente na minha troca de mensagens com o meu pai, e eu toquei naquelas palavras, comecei a sorrir, mas quando deslizei o dedo por cima das caixas de texto — «Quem és tu?»... «Mia?» — senti uma pressão no peito, como se respirasse algo pesado.

Virei-me para o John.

— Mudaste o meu nome esta semana? No telemóvel do pai?

— Não, tenho um bom guardado, mas o pai mudou o código de acesso. Porquê? Porque seria estranho o pai perguntar quem era se visse um nome antigo?

Precisamente. Perturbou-me o facto de ele ter dito aquilo de forma tão casual, como se fosse óbvio. Fiquei preocupada com o meu bom senso — primeiro, a história da encomenda e agora isto. Como é que não tinha pensado naquilo? O que mais me estava a escapar?

— Também achas que sim? — consegui dizer.

— Claro. Foi a primeira coisa que pensei quando nos mostraste as mensagens, mas achei que era apenas o pai a ser o pai. Não é mais estranho do que tu jogares jogos. Enfim, não interessa. O que interessa é que ele sabia que aquela eras tu.

Mas será que sabia?

— Então, porquê o ponto de interrogação? É como se estivesse a adivinhar, sem *saber*. Como se ele se lembrasse do meu nome, mas não soubesse, como...

Ao dizer aquilo, tornou-se nítido o que já andava à espreita na periferia da minha memória: filmes. Mais concretamente, filmes que assentavam nesta premissa duvidosa de reconhecimento ou não do nome de alguém numa mensagem devido a demência, dois dos quais tínhamos visto nos últimos meses devido à recente obsessão da minha mãe com a doença de Alzheimer e a demência.^[5] Estes filmes têm sempre uma cena inicial que apresenta o primeiro momento perturbador de perda de memória e, em dois filmes recentes, a cena obrigatória envolvia o filho (adulto) da personagem a enviar uma mensagem a dizer «adoro-te» (o que, convenhamos, era um sinal claro de que se tratava de ficção, porque que criança com mais de 10 anos faz isso de livre vontade?). Um pouco profeticamente, eu e o meu pai brincámos com a situação, comigo a apontar a implausibilidade

daquele cenário e o meu pai a concordar que, se recebesse uma mensagem de afeto aleatória minha, pensaria logo que eu tinha sido raptada e exigiria saber quem estava a enviar a mensagem.

— *Helloooo*, Terra chama Mia — disse o John, a cantarolar, o que odeio. — Como o quê?

— Pode ser Alzheimer.

— Meu Deus, temos de parar de ver esses filmes.

— Ouve. Sei que parece ridículo, mas isso é porque os filmes são foleiros. Se tivessem ganhado Óscares ou se tivessem estado em Sundance ou Cannes ou... — O John suspirou de forma audível. — Pronto, está bem, esquece os filmes. A questão é que a demência precoce é mesmo uma cena e o pai já passou dos 50 anos. Tudo parece encaixar. Ele tem andado estranho, distraído, e...

O carro deu um solavanco e abrandou para metade da velocidade. O John agarrou-me no ombro para me impedir de voar para a frente.

— Desculpa, mas aquilo... — Fez sinal com o queixo para a estrada à nossa frente. Um sedan cinzento igual ao da inspetora Janus saía do parque de estacionamento e vinha na nossa direção. Sem sirenes, sem luzes a piscar, sem excesso de velocidade, aparentemente estava tudo normal, mas é claro que não estava, e eu percebi por que o John tinha travado.

Será que o meu pai estava naquele carro?

Era estranho como o nosso carro parecia estar a andar em câmara lenta, enquanto o meu coração batia ao triplo da velocidade normal, com tanta força que o sentia no pescoço, nos ouvidos, nas têmporas.

Queria que o John parasse o carro, queria sair, correr para o meu pai. Levei a mão ao puxador da porta e apertei — a palma da minha mão palpitava, era quase *audível* —, mas quando estava prestes a puxar, percebi o que se passava. Uma rapariga a ter aulas de condução com um homem mais velho. O sinal de néon da escola de condução tornou-se visível na lateral do automóvel.

Conduzimos em silêncio o resto do caminho. Estávamos perto da entrada do parque, do ponto de localização do meu pai; apenas a algumas centenas de metros. Acho que nem sequer respirei.

[5] Começou quando a minha mãe leu sobre um imigrante com

Alzheimer que deixou de saber falar inglês e passou a falar na sua língua materna, que não falava há sessenta anos. Sempre que ela escolhe um destes filmes, pergunto-me: se ela perdesse a capacidade de falar inglês, como comunicaria com o pai, que mal fala coreano? A existência partilhada numa mesma casa seria suficiente? E, por outro lado, será que isso a aproximaria do Eugene, uma vez que conseguiria compreender verdadeiramente o que é ser incapaz de comunicar com as pessoas com quem se vive, incapaz de formar a ligação emocional que advém da partilha de histórias e ideias, das confissões íntimas às trocas logísticas e às piadas casuais que preenchem os silêncios do dia a dia?

Algo Belo e Perigoso

Uma fileira de cones cor de laranja bloqueava a entrada do parque de estacionamento, com um sinal a anunciar que o parque estava fechado.

— Merda — disse o John. — A quarentena. — Não havia sequer lugar para encostar. — Acho que aquela rua ali em cima tem estacionamento — disse ele, enquanto recuava, mas eu soltei o cinto de segurança, abri a porta do carro e saí. — Qual é a ideia, Mia?

Esquece. Ele ia a uns cinco quilómetros por hora. Tirei os cones do caminho. Era uma emergência. Eles que me prendessem.

— Vamos — gritei, e entrei a correr.

O parque não era grande, teria espaço suficiente para uns 60 carros, mas era arborizado, com uma espessa fila de pinheiros altos a dividir o parque ao meio, por isso demorei alguns segundos a verificar ambos os lados. Vazio. Senti as pernas bambas e tive de me encostar ao tronco de uma árvore. Claro que sabia que era um tiro no escuro, e que o meu pai não estaria parado no meio de um parque de estacionamento, para a eventualidade de os filhos verem a sua localização e decidirem ir buscá-lo.

Abri a minha aplicação de localização familiar, vi o ponto do meu pai — há dezasseis minutos — e dirigi-me para o local. O meu ponto azul e o ponto cinzento do meu pai aproximaram-se cada vez mais até formarem um círculo perfeito. O meu pai tinha estado onde eu estava, a olhar para o telemóvel como eu olhava agora para o meu, a ler a minha mensagem, talvez a rir-se e a lembrar-se de quando me disse:

«Muito bem, a partir de agora, vou chamar-te *a pessoa mais normal e nada especial que conheço*». Isto depois de me ter irritado com ele por me ter envergonhado com o seu discurso exagerado no jantar de formatura do liceu. Onde é que ele se meteu?

O John estacionou ao meu lado e saiu do carro.

— O pai devia estar com a polícia, porque não deixam ninguém entrar aqui. Talvez o tenham levado para casa.

— Não, teríamos passado por eles. — Só havia um caminho para nossa casa a partir dali. Mas o John tinha razão, só a polícia e afins é que estacionavam ali. Autoridades, serviços de emergência, como por exemplo... — Uma ambulância. Como é que não pensámos nisso? Encontraram-no, mas é claro que ele estava desorientado, desidratado, e foi por isso que lhe administraram uma intravenosa ou algo assim do género, mas ele ainda estava tonto, viu a minha mensagem e pensou: «Quem é?», depois recebeu a minha mensagem de blá-blá-blá e pensou: «Hmmm, é a Mia?», porque ainda está confuso, e depois ficou sem bateria. — Fazia todo o sentido.

— Talvez — respondeu o John, mas a sua expressão indiciava um «duvido».

— Ou — aventei —, às tantas eram os socorristas que tinham o telemóvel do pai e lhe disseram: «Recebeu uma mensagem do *Sesqui* não sei quê», porque não conseguiram pronunciar o nome (quem consegue?) e o pai disse: «Quem?». Eles decidiram enviar uma mensagem a dizer «Quem és tu?» e depois leram-lhe o que escrevi e o pai disse: «Oh, é a Mia», e eles tornaram: «Mia?», só para confirmar, mas depois ficam sem bateria e dizem: «Bem, temos de ir para o hospital.» Topas?

— Talvez — repetiu o meu irmão, com o sobrolho cada vez mais franzido. Irritou-me a sua falta de apoio, quando ele nem sequer conseguia propor uma alternativa.

Um pequeno riacho separava o parque de estacionamento de uma grande área de piquenique e de um miradouro de águas turbulentas. Atravessei a ponte pedonal de madeira em busca de alguém a quem pudesse perguntar se tinha visto uma ambulância por ali. Não encontrei ninguém, mas vi um panfleto com a fotografia do meu pai no miradouro. Era uma fotografia formal, a antiga foto profissional do meu pai que constava na página de Internet da empresa. Barba feita,

cabelo curto bem penteado, fato e gravata. Ontem de manhã, trazia uma t-shirt, não fazia a barba há um dia, talvez dois, e o cabelo estava comprido e ondulado; há pelo menos três meses que não via tesoura. Como é que alguém o reconheceria? Era nisso que eu estava concentrada, não no sinal mesmo por cima do folheto, onde se lia em letras vermelhas e a negrito — o rio pode matar! não entre! —, um aviso para que as pessoas se mantivessem no trilho e fora das rochas escorregadias, com um Contador de Mortos, mesmo em frente, a dar conta do número de quedas fatais e afogamentos desde a abertura do parque nos anos 60.

Contemplei a paisagem que se abria à minha frente, uma série de rápidos que formavam pequenas quedas de água muito populares entre os canoístas. A água agitada colidia e contornava as rochas irregulares, enquanto os borrifos formavam uma névoa espessa e sempre presente no topo. Encostei-me à balaustrada que me dava pela cintura e que os turistas por vezes saltavam para tirar uma fotografia melhor, em cima de uma pedra junto ao rio. Por vezes, os miúdos faziam o mesmo, para sentirem a emoção de estarem perto de algo belo e perigoso.

Será que o meu pai tinha estado ali? Será que ele...

Não. O Eugene adorava água, era atraído por ela de uma forma inexplicável, uma característica da síndrome de Angelman, mas também não suportava barulhos fortes. Em situações que envolviam as duas coisas, a sensibilidade ao ruído superava a obsessão pela água. Era a fiabilidade desta premissa desigual, Ódio > Amor, que fazia com que o meu pai se sentisse seguro ao trazer o Eugene para aqui. Ficavam sempre longe dos locais de perigo das águas turbulentas como as desta zona, e escolhiam sempre os troços mais calmos e tranquilos.

— Mia, olha quem encontrei — gritou o John.

Ele e uma mulher que me parecia vagamente familiar vinham a correr na minha direção. Ela estendeu os braços como se fosse abraçar-me, mas parou.

— Oh, Mia, lamento muito pelo teu pai, gostava de te poder dar um grande abraço. — Ali estava um dos poucos aspetos positivos da pandemia: a proibição de bombardeamentos de afeto físico não solicitados e indesejados por parte de conhecidos dos nossos pais que

nós mal conhecemos e que não conseguimos identificar. — Estava a dizer ao John que vim ajudar na busca. O grupo de brincadeira ficou de se encontrar às dez.

Assim que ela referiu o grupo de brincadeira, lembrei-me. Era a mãe de um dos miúdos do grupo de terapia de socialização do Eugene na Henry's House. O John disse:

— A Susan estava a dizer que viu carros da polícia a sair...

— Sim, quando vinha para aqui, há cerca de vinte minutos. Talvez me tenha escapado, mas não vi nenhuma ambulância. Definitivamente, não vi sirenes.

Engoli em seco.

— Talvez a polícia o tenha levado diretamente para o hospital. Devíamos ir ver.

— Claro. Por favor, diz à tua mãe que estou a rezar por vocês. Já estão a lidar com tanta coisa. Nem dá para acreditar, depois das notícias horríveis da semana passada...

— Que notícias? — dissemos eu e o John em uníssono.

A mulher pestanejou e alternou o olhar entre mim e o John; um olhar que estava capaz de jurar que era de surpresa, confusão e averiguação. Mas foi muito fugaz e subtil — e, mais importante ainda, as suas palavras seguintes não revelaram nada.

— O vosso pai disse-me que vão passar a ter aulas online no próximo semestre e que a vossa viagem de família estava cancelada — disse ela, acrescentando que estava a ser uma situação muito difícil para todos, mas sobretudo para nós, famílias com necessidades especiais, tendo em conta o fardo adicional.

Sabendo agora o que ela estava a encobrir, não posso deixar de ficar impressionada com a forma como conseguiu disfarçar tão bem, com o seu raciocínio rápido. Já a substância da desculpa foi menos convincente. Ter aulas online era «horrível»? Como é que o cancelamento de uma viagem podia ser considerado um «fardo adicional»? Mas o seu tom de voz era perfeito e tinha a dose certa de preocupação à Caracóis Dourados: não tão divagante e ansiosa que parecesse culpada, como uma mentirosa apanhada em flagrante, e não tão despreocupada que parecesse falsa. Em retrospectiva, fico assombrada com a perícia com que ela nos distraiu da sua possível argolada e nos deixou ansiosos por virar costas. Corremos para o carro

por entre agradecimentos murmurados.

A poucos passos do nosso carro, mesmo no ponto onde o nosso pai tinha estado, o meu telemóvel tocou. A *Quinta Dimensão*, o toque das mensagens da minha mãe. A mensagem de grupo para mim e para o John apareceu no ecrã: «MENINOS! RESPONDAM! ONDE ESTÃO????» Respondi com uma mensagem curta: «Desculpa, esqueci-me de enviar mensagem. No parque. Já te ligo.»

Quando abri a porta do carro, ouvi novamente o toque da minha mãe. Não apenas uma, mas umas dez vezes seguidas, sem pausas, em simultâneo com toques do telemóvel do John.

Podem tomar conta do E? Na minha casa de banho. Preparei-lhe um banho para o acalmar.

Tragam um copo de sumo para o E.

Meninos? Estão aí?

As chamadas estão a ir para o voice mail. Onde estão?

Não vejo o carro. Saíram de casa?

O que se passa? ONDE ESTÃO??

— Não enviaste mensagem à mãe? Como foste capaz? — O John ligou à mãe. — Mãe? Mãe? Nós estamos bem. Mãe, tem calma. Nós estamos bem. Mãe? Consegues ouvir-me?

Gritei para o telefone:

— Mãe, eu disse-te que íamos sair, não ouviste?

O John mandou-me calar.

— Não consigo ouvir-te. Mãe?

Eu ouvia uma voz entrecortada, aguda e histérica. Enviei-lhe uma mensagem: «Estou a chegar a casa.» E disse ao John:

— Enviei-lhe uma mensagem. Desliga para ela receber a mensagem.

O John disse-lhe:

— Mãe? Vê as mensagens. — Parecia perturbado, quase aos berros. Atirou o telemóvel e ligou o carro. Não conseguia olhar para mim.

— Eu sei. Fiz asneira — admiti. O John não disse nada. — A culpa

é toda minha, peço desculpa — tentei novamente. Nada.

Ele pestanejou e arrancou estrada fora. Pensei nos trechos da voz da minha mãe que ouvi. Estaria a chorar? Ela nunca chorava. Uma dor surda irradiou do meu peito quando pensei na minha mãe sentada ao lado do Eugene, na banheira, incapaz de sair dali; o marido desaparecido, e sem saber de nós. Deve ter enviado as mensagens e ligado quando estávamos no parque de estacionamento. Quanto tempo estivemos lá?

As mensagens da minha mãe tinham todas a mesma hora: 9h52. Estranhamente, a última mensagem, «ONDE ESTÃO?», indicava as 9h51, um minuto *antes*. Senti um ligeiro formigueiro no couro cabeludo, que foi crescendo à medida que passava para os meus braços e depois para os meus dedos agarrados ao telefone.

A mensagem do meu pai, «Mia?», chegou um segundo depois da minha mensagem a dizer que era a pessoa mais normal que ele conhecia, o que eu tinha considerado ser uma prova de que era o meu pai que estava a responder, visto ser uma piada privada. Mas e se tivesse sido escrita *antes* da minha?

Eis o cenário que começava a formar-se na minha cabeça: alguém encontra o telemóvel do meu pai e entrega-o à inspetora Janus, que está no parque de estacionamento, onde há dados intermitentes. Às 9h24, ela recebe a minha mensagem, «Um, dois, três, LAVAR!», em tempo real, e responde: «Quem és?» Enquanto estou a escrever a minha resposta, chegam todas as minhas mensagens anteriores das últimas vinte e quatro horas. Com base nessas mensagens, a inspetora Janus adivinha que sou eu e escreve «Mia?», ao mesmo tempo que envio a minha estúpida piada privada.

Contei ao John. Ele não disse nada, o que me fez pensar que concordava que era plausível. Provavelmente provável.

Estávamos a cinco minutos de casa, mas não consegui esperar. Assim que tivemos rede no telemóvel, fiz o que devia ter feito desde o início: liguei para a esquadra de polícia, pedi à rececionista que transmitisse uma mensagem urgente à inspetora Janus a perguntar se ela tinha enviado a mensagem que recebi do telemóvel do meu pai e dei-lhe o meu número.

O meu telemóvel tocou dali a trinta segundos. Atendi em alta-voz.

— Mia — disse a inspetora Janus, e eu vi logo. — Fui eu que

enviei a mensagem. Peço imensa desculpa.

O John encostou e parou o carro, fechou os olhos e caiu sobre o volante. Surgiram tantas perguntas, confusas e sobrepostas: Porque é que ela não se identificou? Porque não ligou mais cedo, não continuou a tentar, para que eu não fosse apanhada nesta fantasia ilusória? Como é que eu pude acreditar, por um minuto que fosse, que o meu pai ia fazer *joguinhos* comigo — como é que *eu* pude fazer joguinhos com *ele* — no meio daquela crise? (Respostas que vim a saber mais tarde: ela queria ter ligado, mas o telemóvel do meu pai ficou sem bateria; ela não tinha o meu número de telemóvel; uma combinação de dois preconceitos heurísticos — o preconceito da normalidade e o efeito avestruz).

Estava ela a dar-me uma explicação muito pormenorizada — tinham encontrado o telemóvel do meu pai, mas não conseguiram desbloqueá-lo (nenhum de nós sabia o código de acesso), e, quando apareceu uma mensagem de alguém que não reconheceu, ela aproveitou a oportunidade para responder a partir do ecrã de bloqueio —, quando a voz do John se fez ouvir:

— Encontraram... o meu pai? Ele está... — A pausa prolongou-se no tempo, e quase consegui ouvi-lo a experimentar as palavras que cabiam naquela frase: «morto», «vivo» e tudo o que havia no meio.

— Ele está bem? — disse eu, por fim.

Ela respondeu:

— Não.

Antes de ela poder dizer mais alguma coisa, ouvimos um burburinho com alguém a gritar o nome dela e a inspetora a dizer que tinha de desligar e que passaria lá por casa dentro de dez minutos para explicar tudo. Desligou o telefone.

— Não acredito que ela não nos tenha dito nada — indignei-me. — Ela só disse que não. Não o quê? Não, ela não o encontrou? Ou encontrou-o, mas não, ele não está bem, e, nesse caso, como é que ele não está bem?

O John abraçou-me. Um abraço de urso, como os do pai. Quando éramos pequenos, costumávamos dormir abraçados uns aos outros, mas já não me lembrava da última vez que nos tínhamos abraçado assim — por mais de um segundo e só nós os dois, não num abraço de família. Mesmo quando nos despedimos a caminho da universidade, o

abraço foi rápido, e ambos ficámos irritados com os nossos pais por fazerem com que o abraço parecesse performativo e avaliado, com as suas fotografias e vídeos e comentários como «Veem? Vocês vão sentir a falta um do outro.» O John disse:

— Sei que te estás a passar. Eu também estou. Mas temos de manter a calma. Pela mãe e pelo Eugene. Está bem? Tem de ser.

Consegui não chorar até chegarmos a casa. A minha mãe andava de um lado para o outro na nossa entrada, e eu corri para a abraçar com força, para lhe dizer repetidamente que estava arrependida, que nunca mais a assustaria daquela maneira. Ela afastava-se constantemente do abraço para olhar para mim, para tocar na minha cara, nas minhas faces, no meu cabelo, depois nas faces, no cabelo do John, e depois voltava a abraçar-nos. O que me fez chorar foi o medo que vi na cara dela. Era um medo tresloucado, estava com o cabelo todo em desalinho, como se o tivesse literalmente arrancado, ou tentado arrancar, como se não acreditasse que voltaríamos para casa, apesar de lhe termos tentado dizer o contrário. Abracei-a com força, eu e o John abraçámo-la, e ela abraçou-nos, mas de forma débil, como se tivesse perdido todas as forças, como se estivesse a lutar contra a gravidade e a perder.

A dada altura, ocorreu-me: se o meu pai não for encontrado, se não voltar para casa, ou até mesmo se voltar, é assim que vai ser a partir de agora. Até ao fim dos nossos dias, sempre que um de nós for a algum lado e não regressar a tempo, não avisar os outros onde está, lembrar-nos-emos deste momento, do que pode acontecer. E vamos sentir o coração a despedaçar-se.

Diga-nos e Pronto

Sentada diante da inspetora Janus à nossa mesa do alpendre, tive um *déjà-vu* intenso. Dizem que o *déjà-vu* é um erro de equacionamento da memória, um subproduto estranho do nosso cérebro a tentar conciliar a ativação accidental do banco de memória errado. Mas, por vezes, não é de todo um erro de processamento, mas apenas um sinal de que estamos, de facto, a fazer a mesma coisa vezes sem conta.

A sensação acabou assim que ela se pronunciou:

— Não conseguimos encontrá-lo.

Ela não foi cruel. A sua declaração sem rodeios — sem desculpas, sem preâmbulos, sem paninhos quentes, nada — pode parecer insensível, mas sempre preferi enfermeiras que dão injeções sem aviso prévio. Já tínhamos sido torturados que chegasse; não queríamos nem mais um minuto a temer más notícias ou, pior ainda, a esperar por boas notícias.

A inspetora procurou perguntas em cada um dos nossos rostos, mas nenhum de nós disse nada, por isso ela prosseguiu. Disse que a busca inicial estava concluída, e que tinha incluído uma busca com infravermelhos no helicóptero, *scans* térmicos e equipas cinotécnicas, e que não tinham conseguido encontrar o nosso pai em lado nenhum do parque ou nas imediações.

Fez uma pausa e disse que tinham encontrado a mochila dele no meio do rio — quando ela disse a palavra «rio», lembro-me de ter ouvido uma forte inspiração, de me ter perguntado quem estaria a ser tão histriónico e de perceber que era eu. A mão do John agarrou a

minha com força, enquanto a inspetora Janus dizia que a mochila tinha sido encontrada 800 metros a jusante do trilho do parque onde ele fora visto pela última vez; que, como sabemos, a água é rápida e serpenteia pelas muitas rochas irregulares e que, felizmente — lembro-me de inspirar outra vez ao ouvi-la dizer «felizmente», e de apertar a mão do John por reflexo —, a alça da mochila tinha ficado presa numa delas. O telemóvel parecia funcionar — a capa de militar testada contra quedas e à prova de água, areia, neve e pó aparentemente não deixou os créditos por mãos alheias —, mas tudo o resto estava encharcado e a ser processado pelo laboratório forense.

Foi nesta altura que a inspetora Janus atravessou a sala para ir buscar um dossiê à sua mala. Parecia que estava a demorar demasiado tempo para realizar uma tarefa tão simples, mas, agora que olho para trás, ocorre-me que ela estava a dar-nos tempo para processar as notícias, para nos apercebermos de que o nosso pai não estava só perdido ou ferido, mas sim *desaparecido*, possivelmente para sempre. Não é que estivessem a desistir — estavam a organizar um grupo de busca voluntário para «voltar a passar a pente fino todos os cantos e recantos» —, mas era inegável que os resultados iniciais da busca tinham feito pender a balança da probabilidade de o meu pai ser encontrado de mais para menos de 50%. Uma mudança subtil em termos de números, talvez, mas cruzar a linha dos 50% significava uma reviravolta de 180 graus na perspetiva de provavelmente encontrado para provavelmente desaparecido.

Voltou a sentar-se, observou-nos atentamente, expectante, como se estivesse a antecipar uma rajada de perguntas. E havia perguntas, claro — tantas, pequenas e grandes, desde as logísticas às existenciais. Mas eu não me atrevia a perguntar nada. Ninguém as expressou, todos em ânsias, com as perguntas não formuladas a girar em torno do núcleo da nossa necessidade, da nossa súplica: Não nos obrigue a perguntar. Não nos obrigue a dizer em voz alta palavras indizíveis e impensáveis sobre o nosso pai dentro de água: «afogamento», «recuperação do corpo», «mergulhadores». Diga-nos e pronto.

Um pensamento arrepiante: seria o silêncio dela um teste? Seria o nosso silêncio atípico e, tal como tinha questionado o facto de não termos chamado a polícia, estaria ela a ponderar porque é que não estávamos sedentos de informação? Cheguei-me à frente:

— Tendo em conta que a mochila estava dentro de água, quais são as implicações para a pessoa que... Quer dizer, quem é que pode ter caído com ela... — Aquilo era uma tortura e eu não conseguia continuar. Felizmente, a minha mãe salvou-me, ou talvez as minhas palavras tivessem quebrado a nossa paralisia coletiva, mas, independentemente disso, ela terminou a minha pergunta.

— O que lhe diz o facto de ter encontrado a mochila do Adam sobre a possibilidade de ele ter caído? E, se caiu, quais são as hipóteses de o encontrarmos?

As rugas na testa da inspetora Janus relaxaram (estaria ela aliviada?), e tentei concentrar-me no que ela estava a dizer, o que era difícil porque o meu estômago não parava de dar voltas, obrigando-me a engolir os cereais que me tinha forçado a comer pouco antes. Ela disse que a resposta à nossa pergunta era que não havia uma boa resposta, que, apesar da experiência do parque em salvamento na água, o sucesso continuava a ser incerto e que, muitas vezes, os corpos — era notável a facilidade com que ela dizia «corpos», como se fosse apenas mais uma palavra — nunca eram recuperados e os objetos pessoais, como sapatos, podiam aparecer semanas ou mesmo meses depois, a quilómetros de distância do ponto de origem.

— Entretanto — prosseguiu —, há muitas outras pistas que estamos a seguir. Primeiro, os objetos recuperados na mochila. Ainda estamos a secar tudo para preservar o máximo possível, mas deixem-me mostrar-vos algumas fotografias para verem se alguma coisa vos parece invulgar.

Estendeu sobre a mesa uma dezena de fotografias que retirou da pasta. A mochila do meu pai, o verde-escuro tão molhado que parecia preto. O telemóvel, com o ecrã escuro e vazio, mas, de resto, igual ao de sempre. Barras de cereais, as preferidas do Eugene, e uma garrafa de água. As chaves e canetas dele. Uma pasta de arquivo com uma coisa amarela a sair por cima. Um caderno verde de argolas, inchado da água.

A minha mãe tocou na última fotografia e aproximou-a.

— Nunca vi isto. Isto estava na mochila do Adam? — A inspetora Janus disse que sim, ao que a minha mãe respondeu: — OF. Não faço ideia do que possa ser.

Virei a fotografia na minha direção. A escrita na capa do caderno

estava praticamente ilegível, desbotada pela água, mas a segunda linha começava claramente por F. A primeira letra da primeira linha parecia um círculo, com o canto inferior direito esborratado. Se não tivesse passado a noite a ver os ficheiros QF do meu pai, também poderia ter visto ali um O. Mas não era um O. Era um Q. QF outra vez. A inspetora Janus disse:

— A minha equipa está a secar o caderno para o ler, para o caso de conter algo relevante. Vai demorar algum tempo porque está muito molhado, mas conseguimos ler o suficiente para perceber que o F provavelmente significa Felicidade. Estão agora a enviar uma digitalização da primeira página.

O Q não me tinha dito nada até então. Havia tantas coisas que podia significar sem o contexto da segunda palavra: quota, quarto, quarentena, quórum, quiche, quilo, quisto, quieto, quebrar, querela, questionar, quantificar, e por aí fora.

Mas ao lado de Felicidade, o significado de Q surgiu-me de imediato. Pestanejei e as palavras apareceram na minha cabeça.

Quociente de felicidade.

PARTE II

QUOCIENTE DE FELICIDADE

Blue Brain

Dizem que o cérebro humano tem uma capacidade de armazenamento que lhe permite guardar tudo o que existe na Internet, o equivalente a 4,7 mil milhões de livros. Mesmo que se acredite que tudo o que vivemos é armazenado, incluindo os sonhos e as sensações no útero, a que podemos aceder acionando as ligações sinápticas certas, isso continua a representar apenas uma pequena fração do nosso cérebro. Por isso, a questão é: porquê? Porque temos todo este espaço adicional desperdiçado no cérebro, que nunca iremos preencher?

E mais uma pergunta que vem a propósito: alguma vez vos surgiu na mente um(a) nome/imagem/frase que não se lembram de ter ouvido ou visto e pensaram: «De onde é que isto veio?»

Uma resposta possível a ambas as perguntas, segundo determinados filósofos: todo o conhecimento humano está dentro de nós, armazenado em cada um dos nossos cérebros e, à medida que vivemos a nossa vida, as nossas experiências desencadeiam as ligações que permitem aos indivíduos aceder a estes pontos de conhecimento omnipresentes (mas não omniacessíveis) — em tudo semelhante à forma como as recordações individuais funcionam, mas a um nível tribal ou de espécie. Parece um pouco fantasioso, bem sei, mas há elementos comuns que sustentam as religiões e filosofias de todo o mundo, desde o taoísmo e o inatismo de Platão até ao nativismo de Chomsky. Na verdade, os neurocientistas que trabalham com um supercomputador suíço que simula a atividade cerebral, o Projeto Blue Brain, provaram a existência do conhecimento inato através de

exames de interconetividade neuronal. (É complicado, mas pensem nisso como se partes diferentes do cérebro se iluminassem, ao contrário do que seria de esperar se o conhecimento fosse fruto da experiência ou da memória.)

Quando o «quociente de felicidade» me veio à cabeça ao ver a fotografia da polícia do caderno do meu pai, pensei: *Blue Brain*? Porque aquela frase não era de uma recordação, pelo menos não de uma recordação minha. Nunca a tinha ouvido ou visto, mas *sabia* que o título do caderno do meu pai era *Quociente de Felicidade*; foi uma espécie de intuição, algo que eu sempre soube, e isso confundiu-me e assustou-me um pouco: haveria alguma base de conhecimento coletivo a nível familiar que me permitisse aceder às recordações do meu pai?

— Acho que isto deve ser um Q, não um O — disse à minha mãe e à inspetora Janus, enquanto segurava a fotografia do caderno do meu pai. — Lembras-te, mãe? Os ficheiros QF que encontrei ontem à noite? — Senti-me tentada a dizer mais, que aquilo significava «quociente de felicidade», mas não conseguia perceber como é que sabia isso, e há muito que tinha decidido não confiar em nada que não pudesse explicar e verificar, uma lição dolorosamente confirmada pelo desastre da mensagem «Mia?». Expliquei à inspetora Janus: — Encontrei uns ficheiros com o nome QF no disco rígido do meu pai. Não consegui abri-los, mas devem ser importantes, visto que o meu pai se deu ao trabalho de os proteger com palavras-passe.

Não é que estivesse à espera de algum prémio por ter descoberto esta pista, mas esperava uma pequena demonstração de interesse. No entanto, a minha mãe continuou a examinar as fotografias, como se nem sequer estivesse a ouvir, franzindo ligeiramente o sobrolho como faz quando começo com os meus devaneios. O John suspirou. Já calculava; nenhum deles tinha pensado muito nos ficheiros ou na pasta de arquivo que continha o código. A inspetora Janus sorriu — pelo menos, acho que sorriu, pela forma como a sua máscara se moveu — numa espécie de incentivo, e eu senti um pequeno turbilhão de gratidão. E disse:

— Espero que consigamos descobrir o que é, assim que for possível ler o caderno.

A minha mãe levantou os olhos das fotografias e disse:

— Onde está a carteira do Adam? Não a encontraram? Estou a ver

as chaves dele. Ele guarda-as no mesmo compartimento.

— Nós reparámos nisso, mas pensámos que ele guardava a carteira no bolso.

— Não, ele detesta isso, e, seja como for, estava com os calções de ginástica sem bolsos. Ele tem muito cuidado em mantê-la fechada porque tem a paranoia de que possa cair.

Enquanto acenava com a cabeça e escrevia no bloco de notas, a inspetora Janus disse:

— Vou ver as fotografias da mochila, mas é possível que o fecho se tenha aberto e que a carteira tenha caído. A corrente é muito forte, e com tantas rochas irregulares por todo o lado os objetos acabam por ser atirados de um lado para o outro e, por vezes, ficam despedaçados... — Parou de escrever e de falar a meio da frase. Deve ter-se apercebido do efeito das suas palavras. Fechei os olhos para afastar a imagem do meu pai a cair nos rápidos. A inspetora Janus prosseguiu: — Peço desculpa. Não estava a pensar em...

O telemóvel da inspetora tocou e, pela forma como ela se levantou, olhando para o telefone como se fosse um amigo com quem não falava há muito, percebi que ficou aliviada por não ter de acabar a frase. Disse que era uma chamada importante e que a atenderia no carro.

— Aqui está muito quente e abafado — disse a minha mãe. — Vamos para dentro, para nos refrescarmos.

Não estava assim tanto calor, mas isso fez-me lembrar de uma coisa.

— Mãe, porque é que obrigaste o Eugene a vestir calças e meias? Sabes que detesta isso.

A minha mãe pareceu genuinamente intrigada.

— Foi ele que escolheu a roupa — disse, virando-se para o meu irmão. — Querido, tens calor? Queres calções? Calor? — disse ela com aquela voz aguda de bebé, que só agora eu reparava como era irritante. Queria dizer-lhe para parar com aquilo, para falar com ele como uma pessoa normal. Mas quem era eu para a repreender? Também fazia isso com o Eugene, todos nós fazíamos. O meu irmão ignorou-a, com os olhos postos no ecrã. Ele estava sempre a ignorar coisas, mas aquilo era deliberado; a sua mensagem era tão clara como se a tivesse dito em voz alta. A minha mãe também percebeu e deixou

cair o assunto, mas depois disse em voz baixa, num tom monótono quase inaudível, como se dissesse a si própria: — Está bem, mas eu preciso de café, por isso vamos entrar.

Isto teria parecido demente, só que o John, que estava do outro lado do alpendre, pareceu ouvir e respondeu também ele em surdina:

— Preciso mesmo de um café.

Aquela estranheza dos dois irritou-me e eu disse em voz alta (não gritei, mas falei num tom tão inapropriadamente alto como o deles tinha sido inapropriadamente baixo):

— ESCUSAM DE TIRAR CAFÉ PARA MIM, OBRIGADA.

A mãe e o John assustaram-se e trocaram olhares de quem não sabe se devia ficar preocupado ou irritado, e eu pensei que o meu pai se riria se estivesse ali, e que se juntaria a mim para gozar com eles.

— Vou ficar aqui com o Eugene. Acho que tenho de cortar no café — disse, em voz baixa. — Eugene, o que sabes sobre o quociente de felicidade? — prossegui, numa cadência, tom e volume tão normais quanto possível.

Ele olhou para cima, com um ar surpreendido, mas no bom sentido (por causa da forma como eu estava a falar com ele?), e depois olhou para a fotografia do caderno do meu pai. Senti uma leveza no peito, o peso da última meia hora a desaparecer. *Calma, pode não ser nada*, disse a mim própria, mas continuei:

— O pai falou contigo sobre isso? Porque ele nunca me contou nada, e acho que a mãe e o John também estão a leste. Mas tenho a estranha sensação de que é disso que trata este caderno.

O Eugene olhou para mim e depois para o caderno (juro que pareceu um aceno de cabeça), e o seu olhar fixou-se naquela fotografia específica, não em nenhuma das dezenas de fotografias que estavam por perto, não no seu *iPad*.

Agora que olho para trás, gostava de não ter feito o que fiz a seguir. Mas não consegui evitar. O meu pressuposto de que o Eugene não conseguia compreender praticamente nada estava enraizado há mais de uma década. Era muito complicado aceitar que, de repente, ele sabia o que significava o «quociente de felicidade». Amontoei as fotografias da polícia, espalhei-as ao acaso e disse:

— Eugene, podes indicar-me o quociente de felicidade? — A sua expressão descaiu, o que eu podia jurar ser uma sombra de

desilusão... talvez de raiva? Pestanejei, e nada. Ele voltou a concentrar-se no *iPad*, como sempre. Teria sido fruto da minha imaginação? Teria visto coisas onde elas não existiam? — Eugene, desculpa, eu sei que é difícil apontar. Que tal olhares? Olha para o quociente de felicidade. Olha para o caderno. Eugene?

Ele nem sequer pestanejou. Estava farto de mim. Sei agora que ficou zangado por ter sido posto em xeque e testado como uma cobaia de laboratório. Por eu ter sido condescendente com ele. Mas não consegui perceber isso na altura. Só conseguia pensar que, há menos de uma hora, vira como a falsa esperança podia fazer estragos não só em mim, como no John e na nossa mãe. Estava a tentar aprender com essa experiência, a dar o meu melhor para não alimentar esperanças desta vez com o Eugene, mas não resultava. O otimismo é como os gelados: por mais que tente lembrar-me de que fazem mal e que devia ficar longe deles, sou humana, não consigo furtar-me a uma colherada e, quando dou por mim, estou a comer a embalagem inteira, a devorá-la, e acabo sempre por me sentir maldisposta e com vontade de vomitar, tal como me sentia naquele momento.

— Preciso de mais café — constatei, e fui para dentro.

Na cozinha, senti-me tentada a contar à minha mãe que o «quociente de felicidade» me tinha surgido na cabeça como por magia. Ela gosta muito da teoria de que os nossos cérebros estão todos ligados; na verdade, foi a minha mãe que me falou dela pela primeira vez.^[6] Mas, verdade seja dita, sempre detestei essa teoria, sobretudo a versão linguística de Chomsky, o nativismo, que afirma (e sei que estou a simplificar demasiado) que a linguagem é inerente e distingue os cérebros humanos — o que nos torna verdadeiramente humanos —, o que levanta a questão: o que é que isso faz do Eugene? Não ajuda o facto de este tópico me fazer lembrar a minha primeira aula de Filosofia na universidade, que ainda me deixa furiosa e triste. O professor dizia que Platão e Descartes eram o «avô» e o «pai» da teoria do conhecimento inato, e eu levantei a mão para referir pensadores asiáticos mais antigos e para dizer que me irrita que as pessoas classifiquem o inatismo/nativismo como escolas epistemológicas de pensamento, mas classifiquem as mesmas ideias das culturas asiáticas

como disparates místicos. Isto desencadeou o que pensei ser uma discussão fascinante sobre a apropriação e o carácter ofensivo dos rótulos «misticismo oriental» *versus* «pensamento racional ocidental», mas mais tarde fui dar com um *chat* da turma que dizia que o professor não concordava com «os disparates daquela rapariga asiática», mas que tinha fingido que sim para evitar ser acusado de racismo.

Não. Tinha de haver uma explicação racional para o aparecimento da expressão «quociente de felicidade» na minha cabeça. Só precisava de me concentrar. Sentei-me ao lado do John e bebi do café dele. O meu irmão bebe o café excessivamente doce, com quantidades absurdas de adoçante. É algo que detesto, mas precisava de cafeína naquele momento e estava demasiado cansada para ir tirar um café para mim. Pelo menos, era forte, e a cafeína teve efeitos imediatos; senti os vasos sanguíneos do meu cérebro a dilatarem-se, tudo a acelerar. O John e a minha mãe pareciam *zombies*. Precisava de os distrair. Tínhamos de fazer alguma coisa, e não apenas ficar sentados, a matutar.

— Sem pensares, o que significa para ti «quociente de felicidade»? — inquiri.

E a minha mãe:

— O Eugene deve estar com calor. Vou levar-lhe uns calções. — E saiu da sala.

— Certo. — Virei-me para o John. — «Quociente de felicidade». Ideias.

Ele encolheu os ombros.

— Números. Divisão. Alguém que divide a quantidade de alegria na vida de alguém ao meio; por outras palavras, que suga a alegria da vida dessa pessoa, como tu estás a fazer comigo neste momento.

O facto de o John ter a mania de que é esperto normalmente irrita-me, mas aquele bocadinho de normalidade animou-me. Aquela lamechice dos abraços já chateava.

Bebi mais um gole da zurrapa do John (era estranho como não conseguia parar de beber aquele líquido) e pensei: *Números de felicidade, quantidade de felicidade*. Vieram-me à ideia, quase quando engoli o café, duas ocasiões em que o meu pai, a felicidade e os números se cruzaram. A primeira foi logo a seguir ao Incidente do Cemitério, na

altura em que voltámos para os Estados Unidos, ou seja, teria eu 13 anos. A conversa foi a seguinte:

PAI: Imagina que estás sentada num cadeirão, diante de uma lareira crepitante, a ler um livro. Qualquer pessoa nessa situação diria que estás satisfeita, digamos, 6 em 10 na escala da felicidade.

EU: Um é o mais feliz?

PAI: O quê? Não. Dez é o mais feliz. Porque é que um seria o mais feliz numa escala de felicidade de um a dez?

EU: Porque um é o melhor. Primeiro lugar, primeiro prémio, primogénito (*como eu*, pensei, mas não disse).

PAI (suspira): Não. Mía, às vezes... Adiante. Pois bem, seca, quente, diante de uma lareira, a ler. Se tivesses passado o dia todo assim e eu te perguntasse se estavas feliz, talvez dissesse seis. Perfeitamente satisfeita. Mas digamos que estavas com frio e infeliz na rua, no meio de uma tempestade, e que entravas e te sentavas diante da lareira. Aquecias, ficavas seca, começavas a ler um bom livro e eu perguntava-te se estavas feliz. Provavelmente, dirias um número mais elevado. Porque em relação ao que tinhas vivido até então, a tua linha de base, o teu nível de felicidade seria mais elevado, percebes?

EU: E se a pessoa não gostar de ler? E se for disléxica? E se tiver sofrido uma queimadura horrível ou se tivesse acabado de ver o *Inferno* em 3D (eu tinha acabado de ver o filme e tinha apanhado um susto de morte) e só o cheiro do fumo a aterrorizasse? Nesse caso, a pessoa que esteve diante da lareira o dia todo pode ser mais feliz porque teve mais tempo para se dessensibilizar.

Foi o fim da conversa. O meu pai limitou-se a olhar para mim e a abanar a cabeça. Seguiu-se um suspiro, uma careta e aquele olhar longo e silencioso que guarda para quando acha que estou a ser particularmente exasperante. Fiz-lhe o meu melhor olhar desafiante de adolescente e ele saiu da sala, ainda a abanar a cabeça e a suspirar. Para dizer a verdade, o que eu queria era arranjar uma discussão. Achei que o ponto de vista dele era interessante e, se não estivesse de mau humor e a sentir-me com 13 anos, teria alinhado.

O problema não era o facto de eu ser adolescente (embora isso também não ajudasse), mas o facto de pensar que ele estava a tentar torturar-me por causa do já referido Incidente do Cemitério. Não quero ir por aí agora — não gosto de falar sobre esse assunto, além de ser uma história interminavelmente longa e aborrecida — mas, resumindo, eu e o John levámos o Eugene em segredo até ao cemitério onde estão os nossos avós, nos arredores de Seul, e, depois de não darmos sinal de vida a noite toda, o meu pai pensou que tínhamos

sido raptados e mortos, o que não era uma suposição descabida, dado que foi dar connosco deitados no chão, completamente imóveis, no meio de um cemitério. Não estávamos mortos (obviamente), e ainda me lembro de acordar com um baque — o meu pai caiu quando nos viu; ficou com nódoas negras enormes nos dois joelhos durante dias — e de ver o meu pai quando levantei a cabeça. Nunca esquecerei a forma como o seu rosto se transformou na luz do amanhecer, como um daqueles truques em que um palhaço transforma uma expressão carrancuda num sorriso, mas intensificado à centésima casa — agonia dilacerante transformada em euforia arrebatadora. Mais tarde, disse-nos que foi precisamente *porque* estava destruído — «Só me apeteceu morrer, foda-se», disse ele, e lembro-me de ter sido a primeira vez que nos disse «foda-se» de forma intencional, sem hesitar nem pedir desculpa, o que foi fixe, mas também perturbador —, que o facto de se aperceber de que estávamos vivos lhe trouxe uma alegria demasiado intensa, «uma euforia quase violenta», nas suas palavras. Ele continuou a falar sobre isso, sobre o facto de estarmos vivos ser a base de referência da sua vida. Ter acreditado que estávamos mortos fez com que o regresso a essa linha de base se tornasse uma coisa extraordinária. Assim, neste contexto, quando ele deu o exemplo da lareira e falou de níveis de felicidade e linhas de base, já podem perceber como receei que aquela história fosse uma forma de me fazer sentir culpada. Quis encerrar o assunto, e encerrei.

A segunda vez foi vários anos mais tarde, por altura do quase divórcio dos nossos pais (e também quando o meu pai, não por coincidência, se tornou pai a tempo inteiro). Ele ligou o telemóvel ao carro depois de me ir buscar ao ensaio da orquestra e começou a passar automaticamente um *podcast* sobre felicidade. Abri a aplicação de *podcasts* e vi que o *feed* dele estava cheio de cenas de psicologia e filosofia de pacotilha sobre felicidade: *Como Ser Feliz, Como Não Ser Infeliz, Programa de Otimismo, Desafio da Gratidão, Meça a Temperatura da Sua Felicidade, Programa de 30 Dias de Felicidade, Alcance a Felicidade em Oito Passos ou Menos!* Fiquei muito orgulhosa de mim própria por ter conseguido não dizer nada ou mesmo revirar os olhos sub-repticiamente. Limitei-me a fechar a aplicação e a pôr a tocar a *playlist* de *rock* dos anos 80 do meu pai, que finjo tolerar, mas de que gosto realmente. Não relacionei o foco do *podcast* do meu pai com a nossa

conversa anterior sobre os níveis de felicidade à lareira; havia toda uma indústria em torno da «conquista da felicidade» e pensei que o meu pai tinha caído na conversa da banha da cobra. Mas lembro-me de ter retido o conceito de temperatura da felicidade, de pensar que era engraçado que as pessoas estivessem a tentar quantificar a felicidade, e de sentir algum reconhecimento, como quando nos lembramos de algo que estava escondido nos recantos da nossa mente. O meu pai fez-me uma pergunta sobre os meus horários e eu guardei aquela questão para pensar mais tarde, mas esqueci-me por completo.

Estas duas recordações fizeram-me perceber que o meu pai pensava na felicidade em termos numéricos. Mas a forma como comparava os diferentes níveis de felicidade no exemplo da lareira implicava uma *diferença*. Então, porquê um quociente e não uma diferença?

Quociente, não diferença. Aquilo pareceu-me familiar; estava na ponta do meu cérebro.

— Lembras-te de alguma coisa sobre um quociente *versus* uma diferença? Algo em que o pai estivesse a trabalhar? — perguntei ao John, que misturava mais café e adoçante na sua chávena. Peguei nela e bebi.

— Não — disse ele, recuperando a chávena —, mas não trabalhaste *tu* em qualquer coisa antes de ires para a universidade? Uma cena sobre como calcular o acorde mais triste ou algo assim para impressionar aquele tipo assustador que te deu com os pés?

Apeteceu-me corrigir o John — para que conste, *eu* é que lhe dei com os pés (embora não possa negar que o tipo era assustador) —, mas ele tinha razão: eu tinha de facto trabalhado no algoritmo para um programa de composição musical que expressasse matematicamente porque é que acordes dissonantes produzem diferentes funções harmónicas e/ou estados de espírito em diferentes tonalidades, apesar de terem o mesmo intervalo (digamos, sol para fá sustenido *versus* ré bemol para dó). Atribuí valores numéricos às notas musicais para demonstrar que, apesar de a *diferença* entre elas ser a mesma, os *quocientes* não são, que o conceito de quociente permite mais nuances porque tem em conta a altura da nota base. É semelhante à comparação entre 999 menos 995 e 8 menos 4. A diferença entre os dois conjuntos é 4, mas os quocientes são

drasticamente diferentes, com menos de 1% de variação no primeiro conjunto e 200% no segundo.

Falei sobre esta questão ao meu pai porque queria a ajuda dele para criar folhas de cálculo (ele *adorava* folhas de cálculo e chegou mesmo a dizer-me que pensava com base em folhas de cálculo) que me permitissem introduzir acordes diferentes e calcular automaticamente as ressonâncias variáveis. Algo se passou na cara do meu pai enquanto ouvia o meu raciocínio de diferença *versus* quociente. Disse-me:

— Mía, isso é brilhante. É exatamente o que... Tenho estado a trabalhar numa coisa, a tentar dar sentido à minha compreensão intuitiva da relatividade das emoções, mas estava a usar a subtração e a obter os mesmos valores para situações que sei que são distintas. Acho que a tua perspetiva sobre o quociente é exatamente aquilo que me faltava. És brilhante.

Assim que ele mencionou a «relatividade das emoções», lembrei-me da nossa discussão sobre a lareira, mas não disse nada porque estava demasiado envergonhada (mas também feliz) por ele ter dito (duas vezes!) que eu era brilhante. Fingi irritação para disfarçar o meu embaraço, dizendo que qualquer pessoa com um nível elementar de proficiência em música ou matemática («ao contrário de ti», insinuei) perceberia que a minha «perspetiva» era bastante redutora e, sinceramente, não era assim tão perspicaz. Dei-lhe um sermão sobre como «todos sabem» (o que provavelmente não é verdade) que os acordes de sol maior parecem mais felizes do que, digamos, os acordes de ré bemol maior, e que os acordes de ré menor são muito mais tristes do que os acordes de sol sustenido menor. Não estava a dizer aquilo para ser malcriada, embora agora me aperceba de que fui. O meu pai baixou o olhar, como se estivesse envergonhado e talvez até magoado, e concentrou-se na folha de cálculo. Lembro-me de pensar que devia dizer alguma coisa, talvez admitir o meu embaraço e explicar porque tinha dito aquilo. Mas não o fiz, e ele nunca mais voltou a falar de níveis ou quocientes de felicidade.

Sabendo o que sei agora, pergunto-me o que teria acontecido se lhe tivesse perguntado sobre a «relatividade das emoções». Ter-se-ia aberto comigo e revelado as suas teorias sobre a felicidade? Teria procurado a minha ajuda como uma espécie de assistente nas

experiências que agora sei que já tinha começado nessa altura? Ter-me-ia falado das mulheres? Daquela mulher em particular?

É impossível saber, porque nunca perguntei.

- [6] Aqui chegados, vamos fazer uma pausa rápida para um desafio: porque acham que a minha mãe acredita nesta ideia? Será que é porque a) ela é asiática e esta coisa de estarmos todos ligados soa a asiático, ao ancestral estilo secreto chinês do Panda do Kung Fu? Ou b) porque se lembram do doutoramento dela em Linguística e também da minha referência ao nativismo de Chomsky e imaginam que ela, tal como muitos doutorados em Linguística, idolatra Chomsky? (Resposta correta: B.)

Micro e Macro

Ao sentar-me de novo à mesa do alpendre, depois de a inspetora Janus ter terminado a sua chamada, reparei que a fotografia do caderno do meu pai estava separada das outras, colocada muito direitinha em frente ao meu lugar, como um individual de mesa ou um presente.

— Eugene, mudaste isto de lugar? — sussurrei.

Ele não levantou o olhar do *iPad*, mas pareceu-me ver-lhe a máscara a mexer-se.

Peguei na fotografia e pensei nas minhas três recordações. Na altura, não as reconheci como estando ligadas, mas, se as considerasse lado a lado e combinasse elementos de cada uma, fazia sentido que «quociente de felicidade» emergisse. Ver «Q» e «felicidade» terá desencadeado as recordações, que devo ter associado e sintetizado de forma instantânea e subconsciente. Tive a sensação de que o Eugene daria mais valor à minha revelação do que a minha mãe ou o John. Ou talvez estivesse a ficar louca; era difícil ter a certeza.

A minha mãe sentou-se e colocou uma folha de papel em cima da mesa.

— A inspetora vai voltar daqui a pouco, mas enviou esta digitalização. É daquele caderno verde. Parece que foi encontrado no bolso da frente. Eu já li. Podem ler.

Inclinei o papel para que eu e o John pudéssemos ler e percebi de imediato porque tinha determinado que o F significava Felicidade. No topo, numa letra de imprensa igual à dos estranhos códigos que constavam da pasta de arquivo, o meu pai tinha escrito preciso de

definir felicidade. O terço superior da página era o resumo datilografado de uma terapia de substituição de proteínas que visava «corrigir» os erros genéticos que causam a síndrome de Angelman. Os nossos pais tinham participado numa reunião sobre o debate médico e filosófico em torno do assunto, disseram que estavam a pensar inscrever o Eugene num estudo e pediram a nossa opinião. Lembro-me de dizer: «Qual é a dúvida? Se podemos corrigir uma deficiência, porque não o faríamos?», e de o John contrapor que não era assim tão simples, que achava que aquela visão era capacitista (um termo que tivemos de explicar aos nossos pais), em tudo semelhante à insistência das pessoas ouvintes em colocar implantes cocleares em pessoas surdas que não os queriam, ao que eu chamei a atenção para o facto de o Eugene não ter linguagem gestual ou outra forma de expressar a sua opinião sobre o assunto. Isto passou-se na altura das candidaturas a universidades e o John acabou por escrever o seu ensaio de inscrição sobre o assunto e sobre a razão para querer estudar Educação Especial.

A seguir ao parágrafo de resumo, o meu pai tinha escrito a tinta preta:

Normalidade = desejável. Será que este pressuposto é verdadeiro? Muitos adolescentes «normais» são infelizes, a maioria dos miúdos com síndrome de Angelman parecem felizes. Se queremos que os nossos filhos sejam felizes, se ser feliz é o objetivo humano, porque queremos «corrigir» o gene da SA?

Isto levanta a questão: Como definimos «felicidade»?

1) Nível micro: descrição hedonista, utilitária e desprovida de valor das emoções de um ser humano num determinado momento, OU

2) Nível macro: perspetiva de satisfação com a vida, uma visão mais profunda e aristotélica. Comer chocolates e ver filmes o dia todo? → Felicidade hedonística, mas sensação de vazio na perspetiva #2?

Para os nossos filhos, não queremos infelicidade nem a nível micro nem a nível macro. Queremos as duas coisas. O E parece ser feliz ao nível micro. Seguramente, muito mais feliz do que a M, até mesmo do que o J. Toda a turma deles é infeliz, stressada. 3 suicídios, quantos tomam antidepressivos? Mas, a nível macro, a vida do E é mais satisfatória? Sendo um miúdo com SA em mosaico, tem mais sorte do que a maioria. Não tem convulsões, consegue andar e comer de forma autónoma. MAS continua a ter refluxo e obstipação. Dorme mal. Não consegue comunicar necessidades ou desejos. O ponto crucial do problema: o E não consegue dizer-nos o que quer. É justo fazer algo deste género sem o seu consentimento?

Consideremos o J vs. a M: gémeos, QI e notas excelentes, atividades diferentes, mas ambos exímios nos seus campos. Nesse caso, porque são tão diferentes no que diz respeito à felicidade? O J é otimista até à exaustão, generoso na forma como interpreta os motivos das pessoas, com uma felicidade que é contagiante e melhora o humor de todos. Porque é que o J retira mais alegria das mesmas experiências do que a M? Será por razões genéticas? Os estudos revelam que a nossa composição genética de otimismo é responsável por 40% da nossa felicidade. Será que eu e a H temos o gene do otimismo em Op, e a M recebeu dois alelos de pessimismo, e o J dois de otimismo? Mesmo que pudéssemos mudar os dois pp da M para dois OO, tenho a certeza de que a M NÃO consentiria (e não deveria consentir).

Ao ler aquilo, fiquei sem saber o que pensar, o que sentir. O meu pai estava a analisar-me, a comparar-me com o John — talvez não fosse inesperado, dada a frequência com que os outros faziam essa merda, mas tenho de admitir que me senti magoada ao ler os seus elogios ao brilhantismo e à generosidade do John e a crítica implícita em relação a mim. (Embora ele tenha dito que o John era otimista «até à exaustão» e que eu não devia querer mudar.) Mas, inveja mesquinha de irmãos à parte, pensei na bela corrida do Eugene, na sua possível leitura (?!) do auto da polícia e das minhas mensagens, na compreensão da expressão «quociente de felicidade». Seria possível que...

— Mãe, o Eugene já está inscrito no estudo? Os tratamentos já começaram e não nos disseste? — perguntei, e o John completou:

— Estava a pensar no mesmo.

A minha mãe pareceu apanhada de surpresa.

— Não, claro que não. Acho que o estudo ainda nem começou. Porque é que vocês...

A inspetora Janus entrou e sentou-se. Deve ter reparado nas nossas expressões faciais confusas porque fez uma pausa antes de perguntar se estávamos prontos para continuar. A minha mãe disse:

— Sim, estava a mostrar-lhes a digitalização que me enviou.

— Tem mais páginas que possamos ler? — quis eu saber. — Já falei com o meu pai sobre este tipo de coisas e gostava de tentar perceber se podem ajudar nas buscas.

A inspetora disse que tudo o que encontrassem seria considerado prova, mas que também se tratava dos objetos pessoais do meu pai e que, claro, nos devolveriam tudo, e que adorariam contar com a

minha ajuda para decifrar as notas. Acrescentou que pediria à sua equipa que me enviasse digitalizações das páginas à medida que fossem secando. Depois de enviar o meu número à equipa dela, colocou uma pasta em cima da mesa e pousou cuidadosamente as mãos sobre ela, como se quisesse evitar que se abrisse sozinha.

— Dra. Park, sugeri falar primeiro consigo a sós antes de divulgar fosse o que fosse. Tem a certeza?

— Absoluta. Falámos sobre isso ontem à noite e concordámos que não devíamos esconder nada uns dos outros.

— Muito bem, se é essa a sua opinião... — A inspetora Janus abriu a pasta. — Encontrámos duas coisas que pensamos estarem relacionadas. A primeira é que há oito meses, em outubro, o Sr. Parson transferiu 20 mil dólares de um PPR para uma conta bancária em seu nome. Não correspondia aos números de conta que nos deu, por isso investigámos, e trata-se de uma conta corrente individual que ele abriu um dia antes de fazer a transferência.

» A segunda coisa é um número de telefone que nos chamou a atenção durante a análise dos registos telefónicos. Pensamos que pode estar relacionado com os 20 mil dólares porque começou a aparecer nos registos de chamadas do Sr. Parson em outubro, algumas semanas antes da transferência. O número de telemóvel pertence a uma tal Anjeli Rapari. O nome é-vos familiar?

Ergui os olhos e vi nos rostos do John e da minha mãe o que eu própria estava a sentir: nunca tinha ouvido aquele nome e, de alguma forma, aquilo assustou-me, ainda mais do que antes. Quis abraçar a minha mãe, enterrar a cabeça na curva do seu pescoço como quando era miúda, deixar que o seu cabelo comprido me cobrisse o rosto como um véu.

— Não — dissemos todos, não em uníssono, em sequência, como ecos.

— Nos últimos oito meses, houve inúmeras e frequentes chamadas e mensagens entre o telemóvel do Sr. Parson e este número.

O John disse:

— O meu pai está sempre a ligar e a enviar mensagens para os terapeutas do Eugene e para as outras mães da Henry's House. A agenda dele muda todos os dias, e...

— Eles trocavam dezenas de mensagens e chamadas todos os dias

— atalhou ela. — E cruzámos o nome e o número com a lista de terapeutas do Eugene e com o diretório das famílias da Henry's House. — Desejei não ter bebido tanto café com adoçante. Senti o estômago às voltas. Só me apetecia vomitar. — Como é a titular da conta, Dra. Park, podemos usar a sua autorização para aceder às mensagens do voice mail. Esta foi enviada para o telemóvel do Sr. Parson e apagada há dois dias, na noite anterior ao seu desaparecimento, mas a operadora arquiva as mensagens apagadas durante trinta dias, por isso conseguimos recuperá-la.

Clicou no telemóvel e começou a ouvir-se a mensagem. Uma voz de mulher, grave e rouca, com um ligeiro sotaque indiano.

Olá. Podes ligar-me? Sinto-me mal pela forma como deixámos as coisas. É que... Detesto andar assim às escondidas. Tens de contar à Hannah. Não é justo para ela, nem para mim. Nunca fiz nada assim. E o plano que traçaste... quanto mais penso nele, mais acho que é errado e muito doloroso. Liga-me.

Assim que a mensagem terminou, instalou-se o silêncio, e senti uma pressão forte e opressiva nos olhos, pescoço e peito. Perguntei-me como é que a minha mãe se estaria a sentir, mas era demasiado cobarde para olhar. Até que a inspetora Janus disse:

— Estamos a tentar contactá-la, mas o telefone está desligado. Ela mora no condado, perto da nossa esquadra, na verdade, e passámos por lá hoje de manhã — era essa a informação que eu estava a receber agora —, mas ninguém abriu a porta. Falámos com alguns vizinhos. Nenhum deles a conhece bem, mas parece que ela não vai a casa há alguns dias, talvez mais, embora ninguém possa dizer com certeza devido ao confinamento. Estamos a tentar obter um mandado de busca para entrar na casa, mas esta mensagem de voz, a frequência dos contactos e o facto de ela também não estar contactável sugerem que o desaparecimento do Sr. Parson pode ser voluntário, por isso é pouco provável que consigamos obter um mandado.

A inspetora usou uma linguagem o mais formal possível para nos proteger, mas eu sabia o que ela estava a dizer.

— Voluntário? — inquiriu o John. — Não pode ser voluntário. O pai nunca deixaria o Eugene sozinho. A inspetora não o conhece, mas podemos garantir que ele nunca faria isso.

— Sem dúvida — acrescentei. — Já para não falar que o pai não é

pessoa para andar metido com mulheres. Nós conhecemo-lo.

Mas, mesmo enquanto dizia aquelas palavras, pensei: «Conhecemos?» Achava que sim. Achava que ele era franco connosco, que nos contava tudo sobre as namoradas, o álcool, as drogas e o sexo nos seus tempos de universitário. Por vezes, tínhamos de lhe dizer que era informação a mais e que os filhos não gostam de ouvir falar da vida sexual dos pais, antes ou depois do casamento. Mas os ficheiros protegidos por palavra-passe, os códigos, o voice mail, os 20 mil dólares, aquela mulher misteriosa. Pensei nas estatísticas que estão sempre a ser divulgadas sobre o número de casamentos que acabam em divórcio, o número de pessoas que têm casos, e pensei em quantos dos filhos dessas pessoas partiriam do princípio de que os pais não tinham tempo ou meios logísticos, quanto mais apetência, para ter casos extraconjugais. Quantos teriam jurado que os pais não eram pessoas para trair?

Percebi que a minha mãe não estava a dizer nada, não estava a defender o nosso pai. Será que o choque a tinha silenciado? E depois ocorreu-me: talvez não conseguisse dizer nada. Talvez soubesse algo que nós não sabíamos.

O telemóvel da inspetora Janus voltou a tocar. Não estive muito tempo ao telefone, não disse muita coisa, apenas um «Ahã» e «Onde?». Quando desligou, disse:

— Colocámos alertas nos cartões de débito e crédito do Sr. Parson, e acabámos de obter um resultado. Um levantamento em dinheiro de mil dólares feito com o vosso cartão de débito conjunto, numa loja de conveniência a 80 quilómetros a sul daqui. Há meia hora.

Quem me dera poder voltar atrás no tempo, impedir-me de pensar o que pensei enquanto ela falava sobre as imagens de videovigilância da loja. Parecia entusiasmada, o que fazia sentido — aquela pista significava que o meu pai estava bem, a passear numa loja e a comprar coisas —, mas lembro-me de suplicar para mim mesma: *Por favor, não. Por favor, que isto seja um grande erro, que seja outra pessoa, que o meu pai esteja magoado ou morto. Porque se ele fez isto de propósito, se fugiu com uma mulher qualquer e fez isto à minha mãe, a nós, ao Eugene...*

Antes que eu pudesse terminar o meu pensamento, a inspetora Janus disse outra coisa que me fez parar. Tinha partido do princípio de que a pessoa que tinha usado o cartão de débito do meu pai — ou

seja, alguém que soubesse o PIN — só podia ser o meu pai. Mas a inspetora Janus perguntou se ele tinha escrito o PIN no cartão de débito — algo que parecia absurdo, mas que, segundo ela, muitas pessoas fazem — e/ou usado a sua data de nascimento como PIN — outra coisa muito comum — e depois referiu-se ao «potencial suspeito». Demorei algum tempo a perceber as implicações da palavra «suspeito». Como é que alguém — um *suspeito* — conseguiria obter o cartão de débito de alguém, a carteira de alguém que está desaparecido? Assalto? Rapto? Poderia tratar-se de um *crime*?[7]

Assim que pensei naquilo, apercebi-me de que o facto de eu esperar, desejar, rezar para que não fosse o meu pai e de preferir que ele estivesse morto a ser um homem que traísse a mulher e abandonasse o filho vulnerável — era tudo treta. Bem vistas as coisas, morto era morto, vivo era vivo, e eu preferia mil vezes ter um pai vivo patético, traidor e deplorável, a quem pudesse bater e gritar, do que ter um pai morto que fosse nobre, engraçado e adorável.

Até então, tinha sentido desilusão, raiva, tristeza, tantas coisas. Mas tudo isso desapareceu. A vergonha, implacável e furiosa, queimou tudo, destruiu tudo. Eu tinha desejado a morte do homem que desistira da sua carreira para ficar em casa a cuidar de nós, que nos levava para o outro lado do mundo e depois nos trouxera de volta. Independentemente do que ele tivesse feito, mesmo que andasse metido com uma mulher de voz rouca chamada Anjeli, como é que eu podia ter desejado a morte do meu próprio pai, mesmo sem dizer nada, mesmo que tivesse sido apenas por um momento? Que tipo de pessoa é que faz isso?

A Harmonee costumava dizer que a vergonha é a emoção mais poderosa e duradoura que temos, que, ao percorrer os seus mais de setenta anos de recordações, os momentos que lhe pareceram insuportavelmente intensos na altura — o primeiro amor na adolescência, o parto, a morte de entes queridos — tinham-se tornado mais brandos, mas ao recordar os momentos de que se envergonhava, mesmo desde a infância, ainda sentia o assomo do calor, o rubor na cara; a sua intensidade não só não diminuía como possivelmente até aumentara com o tempo. Costumava pensar que isto era algo que ela inventava para reforçar os sermões que nos dava sobre a importância de não mentir, de não sermos maus com os nossos colegas, uns com os

outros e, acima de tudo, com o Eugene. Mas acredito agora que ela nos estava a dizer a verdade. Porque agora, sempre que penso em tudo o que aconteceu naquele dia, não só no que já tínhamos passado, mas também nas coisas mais horríveis que ainda estavam para vir, os meus pensamentos voltam imediatamente para esses momentos de vergonha, e sinto um rubor a subir-me pelo pescoço e a instalar-se em manchas vermelhas e feias na minha cara, à vista de todos.

[7] Tenho pensado muito sobre isto e julgo que o rapto me teria ocorrido imediatamente se a pessoa desaparecida fosse a minha mãe, o Eugene ou o John. E porque não o meu pai? Porque ele é alto e forte? Mas o John é mais alto, mais forte. Porque não o considero vulnerável? Porque ele toma conta de nós? Mas a minha mãe também toma conta de nós e é cinturão negro de *taekwondo*, e faz muito mais exercício do que o meu pai. A única explicação que me ocorre deriva do condicionamento dos meios de comunicação social: os homens adultos não são raptados nos mistérios de pessoas desaparecidas que vi e li (a não ser que sejam espiões ou estejam ligados à máfia, o que não se aplica de todo ao meu pai). Mas isso levanta as seguintes questões: 1) porque é que o facto de as vítimas serem mulheres torna estas histórias tão populares? e, mais importante, pelo menos do ponto de vista da perpetuação da imagem dos homens adultos como fortes e poderosos, 2) porque é que o facto de as vítimas poderem ser homens torna estas histórias aparentemente implausíveis e raras?

Aquele Verão

Parece estranho dizer que foi um choque quando o especialista dos Serviços de Proteção de Menores apareceu naquela manhã, porque há muito tempo que prevíamos que acontecesse. Claro que digo «há muito tempo», mas nem sequer tinha passado um dia, apenas dezoito horas, desde que a polícia nos bateu à porta pela primeira vez. As tragédias e as emergências alteram a nossa percepção do tempo. O dia que tinha passado, com tanta coisa a acontecer, a falta de sono, os altos e baixos da emoção, fazia parecer que o meu pai estava desaparecido há um mês.

Acho que o choque terá sido, paradoxalmente, *porque* a visita dos SPM estava planeada. A combinação de golpes de 1) a mochila do meu pai ter sido encontrada no rio, 2) a mensagem de voz enigmática da mulher que também podia estar desaparecida e 3) o levantamento de dinheiro por parte de alguém que tanto podia ser o meu pai como o seu assaltante/raptor/assassino mudou tudo. A ideia de cumprir um horário previamente estabelecido pareceu-me desrespeitosa face à magnitude destes acontecimentos, como ir fazer uma limpeza oral logo após ter sido diagnosticado um cancro. Esperava que a inspetora Janus dissesse que a entrevista com os SPM tinha sido cancelada, que tinha de sair a correr para uma reunião de emergência, para correr atrás de pistas, que não havia tempo a perder. Quando o carro chegou e ela disse que devia ser o pessoal dos SPM, a minha mãe perguntou:

— Ainda... vamos fazer isso?

— Porque não? — contrapôs a inspetora Janus.

Se pensássemos que havia alguma hipótese de a polícia obter informações úteis do Eugene, talvez tivéssemos tido uma opinião diferente. Poder-se-ia argumentar que era mais importante do que nunca que a polícia se sentasse com o Eugene, para perceber o que tinha acontecido no parque. Mas já contávamos que a entrevista fosse uma grande perda de tempo. Era inevitável: a entrevistadora seria uma assistente social simpática que traria consigo cartões com fotografias, um conhecimento básico de linguagem gestual e uma esperança profunda e inabalável de que uma combinação de boas intenções, paciência e compreensão seria a chave para estabelecer uma ligação com o Eugene — quantos filmes e séries tínhamos visto em que bastava isso para conseguir comunicar com um miúdo anteriormente inalcançável? Igualmente inevitável era a forma como iria terminar: o Eugene continuaria a não reagir, e a ansiedade, a frustração e o foco nos seus vídeos aumentariam até que ele tivesse uma crise e/ou comesse a saltar. A assistente social acabaria por desistir e apresentaria um relatório onde constava que sim, tinha envidado todos os esforços para entrevistar o filho, e acabaria por seguir em frente. Ciente disto, e com a vida do meu pai em risco, era difícil não ficar impaciente com o facto de a inspetora Janus estar a perder tempo com uma lista de verificação.

Mais uma razão para o choque: enquanto a interrogadora percorria o caminho até nossa casa, a inspetora Janus avisou-nos de que teríamos de sair para poderem interrogar o Eugene a sós. Tentou dizer aquilo de forma casual, como se fosse assim que conduziam todos os interrogatórios, mas o facto é que nunca tinha pedido para falar com nenhum de nós em privado. Tinha-nos tratado a todos como uma equipa. E agora, de repente, queria falar com o Eugene sem a «influência inapropriada» da nossa presença?

— Não, não vou sair daqui — disse a minha mãe. — O Eugene é meu filho e é menor de idade, e não consinto nem consentirei que seja interrogado sem a minha presença. — A inspetora Janus disse qualquer coisa sobre o facto de não ser necessário o seu consentimento ao abrigo da legislação da Virgínia, e que podia interrogar menores desde que eles consentissem, ao que a minha mãe respondeu: — Ótimo. Assim que ele disser que consente que o interroguem sem a presença da mãe, terei todo o gosto em sair.

Parecia uma advogada durona. Já não o fazia há muito tempo, mas o primeiro emprego da minha mãe foi como intérprete de coreano-inglês. Costumava falar muito sobre isso, sobre como adorava a intensidade da interpretação em tempo real em negociações políticas acaloradas ou disputas legais, e sobre como os melhores intérpretes eram como os atores do Método, a tentar entrar na mente dos oradores para transmitir o seu subtexto e intenção emocional, além das suas palavras. Na verdade, foi assim que os nossos pais se conheceram, quando o meu pai estava a negociar um acordo com uma empresa coreana; ele adora falar sobre isso, sobre o facto de o diretor-executivo coreano tentar parecer inflexível, quando na verdade era demasiado brando e frouxo para tal, e de a minha mãe o ter salvado, proferindo as suas palavras agressivas com um toque sedutor de veneno que impressionou e intimidou completamente a equipa do meu pai. A minha mãe é sempre assim connosco, mas acho que temos tendência a ignorar essa vertente doméstica, maternal, a considerar que não tem real aplicação no mundo real. No entanto, ao ver a minha mãe a enfrentar a inspetora Janus, obrigando aquela agente alta e carrancuda a esboçar um sorriso constrangido e falsamente conciliador — acenando com a cabeça com um rápido «entendido» —, reconheci de imediato a profissional de topo que a minha mãe era, e percebi porque é que o meu pai se apaixonara por ela.

— Mas eles... — A inspetora Janus fez sinal para mim e para o John, e a minha mãe olhou para a porta, com um silencioso «podem ir».

Levantámo-nos, entrámos em casa e fechámos a porta.

— Vamos lá para fora? — sussurrou o John.

O problema do nosso alpendre era a impossibilidade de escutarmos sub-repticiamente; não se ouvia nada através da porta grossa. A nossa única esperança era irmos lá para fora, para trás dos arbustos mais próximos.

— Não, o sistema prisional está ligado — disse, referindo-me ao nosso sistema de alarme que apita quando uma porta para o exterior se abre. Depois do que fizemos de manhã, a minha mãe ligou-o para nos impedir de sair de casa sem ela saber. Normalmente, protestávamos contra este tipo de invasão da nossa privacidade e liberdade, mas não era altura de irritar a nossa mãe. — Mas espera. O

pai não pôs uma câmara de vigilância no alpendre?

O John correu para o painel do sistema de segurança e acedeu às câmaras que o pai tinha instalado há alguns anos para vigiar os terapeutas e as amas do Eugene, depois de ler histórias horríveis sobre crianças que não falavam e que sofriam abusos. O John encontrou a dita câmara e clicou para ativar o vídeo e o som. A câmara devia estar escondida na planta falsa do canto, ao nível dos olhos; era a cores e de alta-definição.

— Ena, a qualidade da imagem... chega a ser perturbador — constatou.

Encontrei o controlo de volume e aumentei o som.

A especialista dos SPM devia ser novata, não só pelo facto de parecer muito jovem (vinte e poucos anos, no máximo), mas pela forma como se vestia — fato de saia azul-marinho, blusa branca, sapatos de salto alto, cabelo apanhado num carrapito, pasta de couro —, que, em vez de lhe dar um ar profissional, a fazia parecer insegura, como se estivesse a compensar a inexperiência. Sentada diante da minha mãe e do Eugene, disse:

— Na verdade, não sou assistente social. Sou consultora do condado. Sou fonoaudiologista e especializei-me em comunicação aumentativa e alternativa para não falantes, de todos os tipos, mas sobretudo terapias que envolvem comunicação baseada em texto, através de quadros de letras e teclados.

Foda-se, pensei eu, ao mesmo tempo que o John o disse em voz alta, mas em surdina.

Estaria a ver coisas, ou a cara da minha mãe estava a ficar branca?

— A mãe parece que vai desmaiar — disse o John.

A terapeuta debitava o que parecia ser uma cassette sobre a sua formação, com um tom de voz animado — até mesmo *alegre* —, alheia ou talvez indiferente ao crescente mal-estar da minha mãe. Apeteceu-me entrar ali a correr e acabar com aquilo, gritar com a terapeuta para que deixasse de ser tão ignorante, ou pelo menos avisá-la para ter cuidado, explicar-lhe porque é que aquilo era perigoso. Mas talvez fosse injusto. Afinal de contas, era só por causa da história da nossa família com a terapia de escrita assistida — uma história que ela não podia conhecer — que eu estava a associar aquela mulher ao horror

do passado, àquilo que quase separou a nossa família.

Refiro-me ao período a que chamamos Aquele Verão. Acho que não somos a única família que tem este tipo de coisas, formas crípticas de nos referirmos a coisas que não queremos dizer em voz alta. Aquele Verão é o código para a altura em que os nossos pais quase se divorciaram. Foi também a altura em que a minha mãe voltou a trabalhar a tempo inteiro e o meu pai se «reformou». (Como a minha mãe gosta de salientar, é fascinante que se chame «reforma» quando os pais se despedem dos seus empregos, ao passo que as mães se tornam «donas de casa».) Eu e o John temos 99% de certeza de que aquela mudança teve algo que ver com o quase divórcio, mas nunca percebemos bem as minudências da cadeia causal envolvida, como por exemplo: a minha mãe fez um ultimato ou a ideia foi do meu pai? A minha mãe queria um emprego, o que obrigou o meu pai a demitir-se, ou o meu pai demitiu-se voluntariamente, o que permitiu à minha mãe arranjar um emprego? Por muito que gostássemos de saber os pormenores, a nossa curiosidade é posta em xeque pela certeza de que não devemos tocar no assunto — daí o código.

Aquilo foi fruto, como quase tudo na nossa família, do foco coletivo na incapacidade de falar do Eugene e das nossas tentativas desesperadas de comunicar com ele. Claro que isso é expectável em famílias como a nossa. Conhecemos muitos irmãos de crianças não falantes, através da Henry's House e de vários fóruns, e todos concordamos que este é o ponto fulcral em torno do qual as vidas das nossas famílias passaram a orbitar. Quando se ama alguém, é natural querer comunicar com essa pessoa — para ouvir as suas opiniões, estabelecer ligações e coordenar, fazer perguntas e obter respostas ou simplesmente trocar informações. E não ajuda o facto de sermos uma família verborreica, sendo a minha mãe especialista em Linguística e todos nós, até o John (embora ele não goste de admitir), gostarmos de jogos de palavras e puzzles.

Mas, por muito que eu, o meu pai e o John sempre tenhamos querido ajudar o Eugene a comunicar, nada se compara à dedicação da minha mãe. O diagnóstico de autismo do Eugene foi feito logo após a morte da Harmonee, numa altura em que a minha mãe passava

muito tempo sozinha com o meu irmão (enquanto o meu pai estava a trabalhar e eu e o John estávamos na escola), e ela caiu no mundo do autismo da mesma forma que se cai num buraco negro — ou seja, total e irremediavelmente, como se fosse em direção a uma singularidade inalcançável. Foi *consumida* por teorias, terapias, especialistas, conferências, suplementos.

Mas talvez a obsessão da minha mãe fosse inevitável, tendo em conta o seu amor pelo Eugene, o seu bebé, ao qual se juntou a mentalidade de alto rendimento dos tempos de faculdade e a expectativa de que ele fosse «sobredotado», visto que eu e o John tínhamos recebido esse rótulo desde cedo — mas pensei muito nisto, e acho que há um fator adicional que se infiltrou e ampliou esta situação, como na alquimia: a culpa. A minha mãe sente-se culpada pelo facto de o Eugene não falar. Sempre foi suscetível àquilo a que o meu pai chama «pensamento se ao menos», que a fazia duvidar das suas decisões e ações, algo que esteve sempre muito presente em tudo o que diz respeito ao Eugene. Na noite em que lhe foi feito o diagnóstico original de autismo (na semana em que fez 4 anos), ouvi-a dizer ao meu pai que a culpa era dela, que qualquer boa mãe o teria posto a fazer terapia da fala um ano mais cedo. Mais tarde, quando estava a responder a um questionário enquanto eu fazia os trabalhos de casa na sala ao lado, a minha mãe começou a ler as perguntas sobre os «fatores de risco», sobre a dieta pré-natal, vapores tóxicos de tintas, voos longos durante a gravidez, e por aí fora.

— Sim, eu fiz todas estas coisas; isto, isto, isto — disse, com o tom de voz a subir a cada novo «isto», até que o meu pai disse:

— Hannah, para. Não faças isto a ti própria. — Acho que o meu pai pensou que a minha mãe ia acalmar quando soubemos do diagnóstico de Angelman do Eugene, três anos mais tarde. Assim que saímos do consultório do geneticista, ele disse-nos a todos, mas foi claramente dirigido à minha mãe: — Pronto. Já sabemos. Está-lhe nos genes. É parte dele, algo intrínseco à sua identidade. Não podíamos ter o Eugene que temos, o rapaz que amamos, sem termos também o gene.

E talvez isso tivesse acontecido, excluindo a culpa da minha mãe, se não fosse pela reunião de acompanhamento.

Naquela altura, eu e o John tínhamos os nossos telemóveis e o

Eugene o seu *iPad*, por isso víamos coisas com auscultadores enquanto os nossos pais falavam com os médicos. Eu andava fascinada com o ADN na altura — estava a trabalhar num projeto de genética para a feira de ciências do liceu —, por isso baixei o volume e fiquei a olhar para o ecrã como se estivesse a ver um vídeo no YouTube, mas fiquei a ouvir a discussão (uma boa forma de escutar os adultos).

O geneticista não se calava com questões de seguros — tinha uma voz soporífera e atonal, e fiquei tão aborrecida que comecei a dividir a minha atenção com o vídeo —, mas ele comentou qualquer coisa sobre «maternidade» e a minha mãe disse:

— Desculpe, como disse?

O médico explicou que o erro genético de Angelman provém dos cromossomas da mãe.^[8] Ergui os olhos e vi o meu pai a pousar a mão na da minha mãe, como se estivesse preocupado, apertando-a, mas ela tirou a sua — não de forma brusca ou maldosa, mas calma e lentamente, juntando as mãos no colo, como se estivesse a rezar.

É possível que eu esteja a exagerar, que seja tudo coincidência e que esteja a confundir associação com causalidade. Mas foi nessa mesma semana que a minha mãe encontrou uma terapeuta de comunicação aumentativa e alternativa, a que chamarei TF[9], e a nossa vida mudou.

A TF não era uma terapeuta a sério, embora se autointitulasse como tal; era uma estagiária que tinha feito alguns meses de um programa de um ano sobre escrita com suporte físico, em que um terapeuta-facilitador toca ou segura no braço ou na mão de um não falante para o ajudar a apontar para as letras e assim soletrar palavras. A justificação para o contacto físico é que, para alguns não falantes, as palavras estão bloqueadas devido a dificuldades motoras orais e físicas, pelo que o apoio físico é necessário para controlar os braços, sobretudo no início. O objetivo é diminuir o apoio físico ao longo do tempo e permitir a digitação independente. Tudo isto pode ser aprendido facilmente através do Google ou da Wikipédia. O que o Google e a Wikipédia não dizem é a que ponto a nossa vida se tornou mágica.

Lembro-me de todo o inverno/primavera da escrita com suporte físico como a época mais feliz da nossa família. Tudo porque criou esperança na minha mãe. Nada daquilo era inédito — o entusiasmo

com um tratamento novo que chegava ao seu círculo de amigos —, mas havia algumas reservas. A minha mãe é uma académica, alguém que se orgulha da sua intelectualidade e, sempre que falava de uma coisa nova que tinha feito maravilhas no caso de um amigo de um amigo, dizia que tencionava experimentar, mas que o Eugene era muito diferente de xyz e que, por isso, provavelmente não iria resultar. Uma esperança limitada à qual equivaleria uma desilusão igualmente limitada. Essa premissa também se aplicava à TF, que estava a trabalhar com o Eugene de forma gratuita, em troca de ele servir como seu cliente «piloto». A minha mãe parecia considerar aquilo como algo descartável, uma experiência que podiam tentar sem qualquer desvantagem.

Creio que o que tornou a escrita com suporte físico diferente foi o facto de parecer funcionar com o Eugene. Logo no segundo mês de terapia, ele foi capaz de assistir a uma sessão inteira de meia hora de terapia sem ter uma crise ou precisar de saltar, algo que não tinha precedentes. Quando começou a apontar para as letras e a soletrar palavras, a minha mãe não desarmou do seu papel de Cética Racional. Sabia o que íamos pensar e expressou-o primeiro, seguindo o truísmo de que o ataque é a melhor defesa: o principal risco da escrita com suporte físico é o fenómeno ideomotor, também conhecido como o efeito do tabuleiro Ouija — que deslocamos sem nos darmos conta, de forma involuntária.

— Claro que o perigo de o terapeuta-facilitador tocar na mão da criança é ser o terapeuta a comunicar, não a criança — disse-nos.

Explicou como este era um risco maior para a TF, que tinha um sobrinho com síndrome de Angelman e estava a experimentar uma técnica especial de mão sobre mão personalizada para ele e para outras crianças com SA, como o Eugene, com fraco controlo muscular. A minha mãe disse que a TF reconhecia que a sua variação específica exigia muito mais apoio físico do que o sancionado pelo sistema da escrita com suporte físico, mas que estava constantemente atenta para se certificar de que não orientava ou influenciava as escolhas de letras dos seus clientes.

O avanço — que enraizou e fez crescer descontroladamente a esperança da minha mãe — aconteceu três meses após o início da escrita com suporte físico, quando o Eugene apontou para as letras

que diziam «dói-me a garganta». Nessa noite, o meu irmão teve febre e, no dia seguinte, o pediatra diagnosticou-lhe estreptococos.

A minha mãe, radiante, contou-nos o que se tinha passado, sem qualquer vestígio de ceticismo, e o meu pai e o John também pareciam convencidos, afirmando que tudo aquilo era fantástico, um grande ponto de viragem para o Eugene e para a nossa família. Quanto a mim, alinhei à frente da minha mãe, mas, mais tarde, disse ao meu pai e ao John que tinha estado a ler sobre videntes que fazem sessões espíritas para ajudar as pessoas a falar com os cônjuges mortos ou lá o que era — que alguns são vigaristas que vasculham o lixo das pessoas para descobrir mentiras convincentes, mas que outros são crentes genuínos que têm o talento de captar pistas subtis, sem intenção, sem sequer saberem que estão a inventar histórias.

— Por exemplo — disse eu —, a TF pode ter reparado inconscientemente que o Eugene estava a esfregar a garganta. Ou talvez outro cliente tenha cancelado a sessão por estar com estreptococos, o que fez com que ela pensasse nisso, e, como estão todos a tocar nas mesmas coisas, faz sentido que o Eugene tenha apanhado.

O meu pai pareceu intrigado e perguntou-me qual era o artigo, para poder pesquisar, mas o John não quis ouvir, e não o censuro. Já nos tínhamos habituado a ver a minha mãe triste, e vê-la tão feliz era contagiante. Não nos apercebemos do quanto uma pessoa deprimida e stressada afeta o estado de espírito de toda a família até ela se tornar mais animada. A minha mãe tornou-se uma pessoa que eu nunca tinha conhecido, o seu sorriso largo e enrugado, a mostrar as duas fileiras de dentes, inclusivamente os molares, tal como víamos nas fotografias dela e do meu pai, antes de termos nascido. Ela *cantarolava*. Cantarolava, porra! Era fantástico que todos os pequenos-almoços e jantares, que eram os pontos altos do dia, fossem passados com a minha mãe a contar-nos coisas novas que o Eugene soletrava, a dizer-nos que estavam a trabalhar na «generalização da competência» — tentar soletrar com outras pessoas ou noutros contextos — e que a minha mãe podia agora fazer perguntas, comunicar diretamente com o Eugene. Era como se fosse Natal todos os dias, a expectativa e a esperança desenfreada que animavam a minha mãe e, por extensão, todos nós. Mas, mais do que a felicidade, o que recordo desse verão

era o medo de que acabasse, de que tivesse de acabar. Era como se eu soubesse que não era real, que não podia durar, e quisesse prolongar aquilo o máximo de tempo possível. E talvez o meu pai sentisse o mesmo, e daí não ter dito nada.

Tudo acabou no dia em que a TF foi a nossa casa. Era um dos raros sábados em que o meu pai não estava a trabalhar e pôde passar muito tempo com o Eugene, só com o Eugene, o que não era habitual. Quando a TF chegou, fui à cave chamá-los. O meu pai tinha uma bola vermelha com estrelas verdes que eu nunca tinha visto. E dizia:

— Eugene, lembra-te, isto é uma bola *vermelha*, V-E-R-M-E-L-H-A. Com estrelas *verdes*. V-E-R-D-E-S, verdes. Está bem? Vamos fazer um jogo divertido com a bola vermelha com estrelas verdes. Toma, apanha.

O Eugene, como seria de esperar, não a apanhou. Peguei na bola e coloquei-a delicadamente na mão dele, como sempre fazia.

O que quero dizer é que não dei importância; não me ocorreu pensar naquele jogo como algo mais do que o meu pai a brincar com o Eugene de uma forma divertida, mas educativa. Quando chegámos à sala de estar, sentámo-nos no sofá enquanto o Eugene se sentava com a TF numa mesa junto à lareira, de frente para nós, para que pudéssemos ver as letras no ecrã do tablet da TF, assim como as suas mãos e tudo o mais.

A minha mãe tinha salientado a importância de a TF aceitar que nós assistíssemos — que era stressante para o Eugene, mas que a TF estava disposta a tentar porque a família estava muito entusiasmada e queria partilhar o momento. E até *eu* estava entusiasmada; tinha uma série de perguntas, a começar por saber se o Eugene queria um cão (a minha preferência e a do John) ou um gato (a preferência dos nossos pais) e se ele saltava tanto porque gostava mesmo daquilo ou porque não conseguia evitar (tal como eu quando roía as unhas). E mal podia esperar para ver as perguntas que ele me faria. Mas lembro-me de ver a mão dela sobre a dele e de pensar: o Eugene é perfeitamente capaz de mexer a mão sozinho; sim, eu sei que é difícil para ele, mas será que ela tinha de comandar os gestos do meu irmão daquela maneira (algo que os folhetos da escrita com suporte físico que a minha mãe tinha trazido para casa desaconselhavam vivamente)? Além disso, ele parecia um pouco distante, nem sequer olhava para as letras. Fazia-me

mesmo lembrar o tabuleiro Ouija, a forma como ela soletrava as letras e formava as palavras. Por outro lado, nunca o tinha visto ficar parado durante tanto tempo sem ser a ver um vídeo. E a dupla Eugene/TF estava a dizer coisas muito específicas que dificilmente a TF podia saber — por exemplo, que eu escondia os doces do Dia das Bruxas no meu antigo estojo de violino (coisa que eu tinha a certeza de que a minha mãe não sabia).

Cerca de vinte minutos depois do início da sessão, o meu pai disse:

— Há tanto tempo que estou à espera disto. Posso falar com o Eugene? Fazer algumas perguntas?

Pensei muito sobre aquilo, o porquê de a atitude do meu pai magoar tanto a minha mãe, e creio que foi pela malícia — a brusquidão combinada com o claro planeamento. O facto de ele não a ter avisado, de não ter levantado objeções ou demonstrado sinais de ceticismo, mas de ter insistido naquela sessão em casa, dizendo que precisávamos de testemunhar pessoalmente aquela maravilha. E a forma como ele pediu para falar com o Eugene — insegura e tímida, com um toque de nervosismo, como se estivesse intimidado e admirado — era o meu pai a ser o mais encantador e desarmante possível. Tenho a certeza de que a minha mãe e a TF pensaram que ele estava entusiasmado por falar diretamente com o filho pela primeira vez, tal como ele queria que pensassem. A dupla Eugene/TF respondeu S-I-M. O meu pai perguntou:

— De que cor era a bola com que estávamos a brincar na cave?

A TF ergueu o olhar, alarmada.

— Desculpa, mas esse não é o tipo de pergunta... Isto não é um teste.

— É uma pergunta simples. Qual é o mal?

— Está à procura de confirmação, e a insinuação de que não acredita na capacidade dele...

— Não estou a pôr em causa as capacidades *dele*. São apenas algumas perguntas. Não demora nada.

Foi incrível de ver, eficiente e devastador na sua eficácia. A dupla Eugene/TF disse que a bola era azul com riscas amarelas, o que era um bom palpite — temos uma bola assim para o trabalho de casa de fisioterapia do Eugene —, e que a história que o meu pai lhe andava a

ler ao deitar era um livro do Dr. Seuss, outro bom palpite, visto ser a escolha do mês do grupo de terapia de socialização do Eugene. O meu pai não corrigiu nada, limitando-se a continuar, alegre e descontraído. Porém, ao fim de cinco perguntas, tirou um papel do bolso e desdobrou-o.

— Eu já desconfiava, mas não deixei de ter esperança. Rezei para estar enganado — disse ele, e leu o papel: uma lista das respostas às suas cinco perguntas, por ordem. Nenhuma coincidia com as respostas da dupla Eugene/TF. Quando acabou, levantou o papel, como um advogado na televisão a mostrar uma prova aos jurados.

Foi a primeira vez que me lembro de pensar que o meu pai não estava a ser bondoso. Acho que foi por causa do seu calculismo, da forma como se tinha preparado cuidadosamente durante muito tempo — decorou as perguntas por ordem e datilografou as respostas, além de se ter dado ao trabalho de comprar uma bola diferente e de ler um livro diferente ao Eugene durante um mês sem que a minha mãe soubesse.

Houve um momento de silêncio enquanto todos olhávamos para as respostas; as palavras datilografadas não deixavam margem para dúvida: não fora o Eugene que respondera às perguntas. Na melhor das hipóteses, a TF não era digna de confiança; na pior, era uma fraude. A TF quebrou o silêncio, dizendo:

— Isto é absolutamente inaceitável. Nunca tive um cliente que me armasse uma emboscada destas, o que é completamente injusto, não só para mim como para o Eugene. Deve-me um pedido de desculpas. Agora mesmo.

Em retrospectiva, se ela não tivesse sido tão agressiva, se tivesse incluído alguma contrição ou humildade, um simples reconhecimento da sua falibilidade humana, a minha mãe poderia ter vindo em sua defesa com argumentos (que agora sabemos que são válidos) sobre a tensão emocional e o stress que este tipo de testes coloca na memória e na produção verbal. Mas a truculência sem remorsos da TF, a sua beligerância... era difícil de simpatizar com aquilo e impossível de defender.

— Por favor, saia — disse a minha mãe, devagar e com firmeza, articulando cada som para que a determinação fosse perceptível no seu tom de voz. A TF tentou dizer qualquer coisa e o meu pai começou a

interrompê-la, mas a minha mãe atalhou a conversa. — Não piore a situação para nós ou para si. Por favor, saia.

Enquanto a TF permaneceu na sala, foi fácil concentrar nela a nossa ansiedade e raiva coletivas, pela forma como se comportava como uma criança petulante e birrenta, arremessando o quadro com as letras para dentro da mala, atirando-a de um lado para o outro, sem sequer se despedir do Eugene antes de sair, batendo com a porta. Mas, assim que ela saiu, foi como se toda a emoção acumulada na sala deixasse de ter um alvo e precisasse de ser descarregada, como eletricidade estática. O meu pai tornou-se o condutor de terra natural, o nosso para-raios, atraindo todas as nossas emoções perdidas para si mesmo e para o papel que ainda tinha na mão, com os números alinhados por ordem: 1-2-3-4-5.

A minha mãe estendeu as mãos a tremer para o papel, e o meu pai entregou-lho. Ela segurou-o com as duas mãos, ficou a olhar durante muito tempo, com a boca entreaberta, e pensei que ela estava a tentar processar o facto de a TF ter andado de alguma forma a responder pelo Eugene aquele tempo todo. Mas depois concentrou-se no meu pai, com os olhos semicerrados como se não o reconhecesse, de rosto descaído, e percebi que tinha interpretado mal. Era desilusão, uma tristeza inefável, mas não apenas ou sobretudo em relação à terapia.

— Querida, lamento ter tido de fazer isto — disse o meu pai. — Provavelmente, nem te apercebeste, mas era óbvio que acabarias por partilhar inadvertidamente aspetos da nossa rotina familiar e histórias engraçadas enquanto coordenavas horários e fazias conversa de circunstância. E é natural que ela repetisse isso mais tarde, porventura de forma subconsciente, fazendo parecer que era o Eugene que estava a comunicar. — A minha mãe não disse nada e o meu pai continuou, subindo o tom de voz. — Hannah, duvido que ela tenha feito isto intencionalmente, e não acho nada que estivessem as duas conluiadas ou algo do género.

A minha mãe franziu o sobrolho, abanou um pouco a cabeça como se estivesse incrédula, e eu só pensei: *Meu Deus, para de falar, pai. Não piores as coisas.* Mas ele prosseguiu. Sentou-se ao lado dela e pôs-lhe a mão no joelho.

— Quero que saibas que não te culpo de nada. A sério.

A forma como ele disse aquilo fez-me lembrar aquelas cenas

importantes dos filmes candidatos aos Óscares, em que as palavras do ator são cheias de sinceridade, pontuadas por pausas significativas, com olhares profundos e ternos para a atriz.

— Bem, que magnânimo da tua parte — disse a minha mãe, mas sem sarcasmo. Tirou a mão do meu pai do joelho... não irritada nem zangada, mas gentilmente, com uma dignidade tranquila. Fui invadida por um assomo de fúria contra o meu pai, quis dar-lhe um pontapé com toda a força. — Anda, Eugene. Vamos lá para cima, tomar um banhinho — disse a minha mãe, levantando-se e estendendo a mão.

O Eugene seguiu-a obedientemente e eu pensei: *Uau, quase me esqueci de que ele estava aqui, esteve muito calmo durante tudo isto*, e pensei outra vez na minha mãe a tecer elogios à escrita com suporte físico e à TF. O John também subiu as escadas, zangado com o meu pai, tal como eu.

Esta era a nossa dinâmica habitual quando eles discutiam: o John com a mãe, eu com o pai. Não era propriamente tomar partido, era apenas a forma como as coisas funcionavam. Independentemente da pessoa com quem concordávamos, ambos tínhamos de fazer a nossa parte para os aproximar, para que cada um se sentisse melhor. Mas desta vez não.

— Tens noção de que foi uma atitude muito cretina da tua parte?

O meu pai franziu o sobrolho. Parecia estar a leste, não perceber o que se passava.

— Eu não a culpei de nada. A terapeuta era muito convincente, não espanta que ela tenha caído na armadilha. Eu também quase caí. Limitei-me a testá-la, para garantir que não era uma fraude. Sei que estás de acordo comigo. Tens dito isso desde sempre.

Eu tinha 16 anos, estava no auge da minha fase de rebeldia, e como me irritou que ele estivesse a ser hipócrita!

— Então, agora a culpa é minha? — Continuei a falar, ignorando os protestos do meu pai. — Sim, pus em causa a terapia. Mas não andei por aí a encenar golpes de teatro. É *disso* que estou a falar. A forma como agiste, planeaste tudo (durante o quê, um mês?) sem dizeres nada, permitindo que as esperanças da mãe aumentassem cada vez mais, para depois armares este espetáculo digno de uma série televisiva para a desmascarares. Foi como a tua cena do cemitério, do desespero total à euforia. Fizeste o oposto com a mãe. Deixaste-a

ganhar esperança, *ciente* de que era infundada, e, quando ela já estava feliz da vida, cortaste-lhe as vazas, e não só isso: fizeste-o à frente dos filhos, provaste que aquilo em que ela investiu todo o seu tempo e esforço era uma farsa total. Caramba, pai, estavas à espera de quê? Não podias ter humilhado mais a mãe. Ela agora sente-se tão infeliz como tu te sentiste eufórico no cemitério. Será que não consegues ver isso?

Claro que agora sei que o que eu disse teve impacto na forma como ele pensava sobre a relatividade da felicidade. Mas, na altura, o meu pai pareceu ignorar as minhas palavras, descartando-as com um gesto da mão antes de sair da sala.

[8] Lembro-me de pensar que a minha mãe não tinha síndrome de Angelman. Terá sido a interação dos genes dela com os do meu pai que causou o erro? Nesse caso, o causador não foi de todo «o gene materno». Que foi exatamente o que estudos subsequentes vieram demonstrar, embora só recentemente: que, em alguns casos, o erro genético de Angelman é causado pelo facto de o cromossoma masculino excluir o cromossoma feminino. Só há pouco tempo falei com a minha mãe sobre este assunto e ela disse que não era nada de novo — o primeiro panfleto que recebeu depois do diagnóstico original de autismo do Eugene explicava a teoria da «mãe frigorífico», que atribuía as culpas às mães frias e distantes, que causavam danos psicológicos irreparáveis aos filhos; uma teoria antiga e descartada nos Estados Unidos, mas que aparentemente ainda fazia escola na Coreia. Que disparate, isto de culpar as mães por tudo. E depois admiram-se que cada vez mais mulheres decidam não ter filhos, e que a taxa de natalidade esteja a diminuir drasticamente tanto nos Estados Unidos como na Coreia.

[9] Porquê as iniciais? Não é que me tenha esquecido do nome dela; podem crer que me lembro bem, tantas foram as vezes que a minha mãe falou dela nesse ano. E não é que tenha medo de lhe dar um nome, como se ela fosse o Voldemort. É um daqueles casos em que acontece algo tão horrível que não queremos aumentar a visibilidade dessa coisa/pessoa que preferíamos que

não existisse na nossa esfera de consciência. Prefiro que não saibam o nome dela; é tão simples quanto isso. TF também tem a vantagem de significar Terapeuta-Facilitadora (que é como ela descrevia a sua função) ou Terapeuta Farsante (que é como eu e o John lhe chamávamos em segredo).

Post Hoc, Ergo Propter Hoc

Costuma dizer-se que, quando algo horrível acontece, o nosso espírito fica destruído. Naquele verão, lembro-me de pensar que isso está errado. A minha mãe não ficou destruída. Apagou-se, como um computador portátil em modo de suspensão. Uma obliteração espiritual que durou uma semana, à qual se seguiu um ressurgimento numa versão translúcida e diminuída do seu antigo eu. Falou com todos nós, até com o meu pai, mas apenas o mínimo, o logisticamente necessário. Não se mostrou distante, como se quisesse castigá-lo. Era como se tivesse perdido toda a energia e sentido de missão. Deixou de fazer os trabalhos de casa de terapia com o Eugene, disse que queria aceitá-lo «como ele é, sem expectativas». (Mas, como o meu pai sempre disse, é impossível não ter expectativas em relação a uma criança. O que é uma criança senão a personificação de um potencial por realizar?)

O divórcio dos nossos pais era algo que temia desde os meus 13 anos, altura em que ouvi o meu pai queixar-se à minha mãe de que a preocupação dela com o Eugene tinha contribuído para não fazerem sexo há mais de um ano. Escusado será dizer que só a ideia de os meus pais fazerem sexo era atroz, sobretudo tendo em conta que isso estaria a acontecer na nossa casa, o espaço que eu partilhava com eles. Mesmo assim, percebi que aquilo não era bom, que não fazer sexo durante tanto tempo seria um prelúdio para o divórcio, algo em que pensávamos incessantemente por causa da estatística irreal que tínhamos ouvido segundo a qual mais de 80% dos pais de crianças

com necessidades especiais se divorciam. A perspectiva sempre iminente do divórcio era ainda mais intolerável do que o conceito de sexo parental, razão pela qual, por mais repugnante que fosse falar (quanto mais pensar) nisso, contei ao John o que tinha ouvido e logo tratámos de delinear um plano que envolvia ofertas frequentes para tomarmos conta do Eugene e vales de oferta em restaurantes românticos.

Depois do fiasco da TF, tornei-me paranoica e reforcei os meus esforços de espionagem. Não ouvi nenhuma discussão, o que me pareceu um bom sinal, até que o John me fez ver que talvez fosse porque eles não pareciam estar a falar um com o outro. Consultei o histórico de navegação do nosso motor de busca e vi coisas como «aconselhamento matrimonial na Virgínia do Norte», «período de separação na Virgínia», «custódia de filhos para donas de casa e acordos de custódia de crianças com necessidades especiais na Virgínia», embora não conseguisse descobrir qual dos pais estava a fazer estas pesquisas no Google.

Neste contexto, é fácil perceber porque dei o divórcio como certo quando, cerca de um mês após a visita da TF, os nossos pais se sentaram connosco para nos dizerem «algo importante».

— Queremos fazer um anúncio entusiasmante — disse o meu pai.
— Eu vou reformar-me e a mãe vai voltar a trabalhar a tempo inteiro!

Foi tão inesperado que me lembro de pensar que aquilo devia fazer parte do acordo de divórcio, a mãe a precisar de dinheiro e o pai a desistir do seu emprego a tempo inteiro para ter hipóteses de ficar com a custódia. Mas o meu pai sorriu, pôs o braço à volta dos ombros da minha mãe e beijou-lhe a têmpora. A minha mãe não pareceu radiante, mas também não pareceu infeliz. O meu pai disse que o facto de ser a minha mãe a fazer tudo em casa era cansativo e injusto e que, além disso, queria passar mais tempo connosco antes de irmos para a universidade, por isso iria tomar conta de tudo (as terapias do Eugene, cozinhar, fazer compras, levar-nos de carro aonde fosse preciso, tudo). A certa altura, o meu pai disse que «não podia estar mais orgulhoso de fazer este sacrifício maravilhoso pela minha família maravilhosa» e a minha mãe fez uma careta — um ligeiro esgar, seguido de uma correção imediata, como se não tivesse sido intencional e ela se tivesse dado conta. Lembro-me de pensar que não eram muitos os pais que

conhecia que desistiam de um emprego de prestígio para que a mulher pudesse retomar a *sua* carreira, os *seus* objetivos. Pensei que devia estar muito orgulhosa dele. E estava. Mas...

A questão é que sempre gostei mais do meu pai. Já ouvi dizer que, secretamente, os pais têm um filho preferido. Não sei se isso acontece connosco — acho que o Eugene ocupa tanto da vida dos meus pais que é difícil saber como se divide a minúscula quantidade de tempo que sobra para mim e para o John. Mas acho que os filhos também têm o seu progenitor preferido e, para mim, sempre foi o meu pai, o que terá que ver com o facto de o ver como alguém valioso para a sociedade, alguém que eu queria imitar. Mas também estava ciente de que isso era injusto, de que essa perspetiva assentava no facto de ver a minha mãe como uma «mera» cuidadora. A nobre generosidade do meu pai era tudo menos isso... ou talvez fosse, mas é fácil ser-se generoso quando já se recebeu tanto.

Olhar para o meu pai àquela luz, para o seu gesto e discurso grandiosos, que anunciavam um sacrifício igualmente grandioso — uma ínfima parte do que a minha mãe tinha feito durante dezasseis anos sem nunca referir a palavra «sacrifício» —, fez-me odiá-lo. Só por um microssegundo.

Há momentos em que algo que idealizámos durante toda a vida muda e se torna algo menos. Nada de muito visível, apenas uma desilusão infinitesimal. Mas é como passar de 100% para 99,9% — impercetível em termos quantitativos, mas drasticamente diferente em termos qualitativos, de impecável a imperfeito. Depois daquele episódio, dei por mim a pôr em causa os motivos do meu pai, a duvidar das suas perspetivas, de uma forma totalmente inédita.

Depois disso, as coisas acalmaram. A minha mãe foi trabalhar, o meu pai despediu-se e passou a tomar conta da casa, e começou a falar-se muito em aceitar o Eugene, em ajudá-lo a realizar-se o mais possível, em não tentar transformá-lo numa coisa que ele não é. Mas nunca consegui esquecer aquele vago ressentimento que vi na minha mãe, aquele estremecimento momentâneo, e a forma como parecia ressurgir sempre que o meu pai falava em sacrificar a sua carreira pelo bem da família. Soubemos que a TF foi expulsa do programa de formação de escrita com suporte físico por causa do seu método não autorizado de apoio mão na mão e que deixou de dar consultas, mas

alguns amigos mencionavam de vez em quando outros terapeutas que usavam novas variantes de terapias de comunicação baseadas em texto, que o meu pai rejeitava liminarmente. Tornou-se uma regra tácita em nossa casa: não podíamos falar de terapias de escrita alternativas para não falantes à frente da minha mãe.

Por isso, compreendem porque é que eu e o John quisemos correr para o alpendre e tirar dali a terapeuta dos SPM o mais depressa possível.

— Vamos tentar isto primeiro — disse a terapeuta.

No início, não consegui ver o que ela tirou do saco por causa do ângulo da câmara, mas ela colocou o objeto em cima da mesa.

Era um quadro de letras. Não um quadro eletrónico num tablet, como o que a TF usava, mas um quadro de plástico com estêncil, pouco maior do que uma folha normal de impressora.

A minha mãe disse:

— Não sei bem porque trouxe isto. Pensei que tinha falado com o terapeuta da fala do Eugene. Ele não... não usa isto, e não sei porque...

— Oh, desculpe — disse a terapeuta. — Vi um quadro de letras de estêncil nos artigos recuperados da mochila do Sr. Parson, por isso parti do princípio...

— Como assim? Não vi nada disso nas fotos da polícia. E ele nunca teria tal coisa, porque o Eugene não usa quadros de letras.

A inspetora Janus disse:

— Acho que estava numa pasta. Depois de seca, o laboratório abriu-a e estava lá um objeto igual a este.

— Mas porque não perguntamos ao Eugene? — disse a terapeuta, dirigindo-se ao meu irmão, numa voz surpreendentemente normal e não infantil. — Eugene, já tinhas visto isto?

O Eugene estava concentrado no seu *iPad*, mas a terapeuta segurou o estêncil à frente dele, agitando-o para lhe chamar a atenção. O Eugene pousou o *iPad* e agarrou no estêncil com as duas mãos. Ficou a olhar para ele. Tem piada — sei que, para a maioria das pessoas, as máscaras tornam mais difícil a leitura das expressões faciais. Mas, para o Eugene, a presença constante do sorriso faz com que este funcione como uma espécie de máscara e, paradoxalmente, o

facto de usar uma máscara anticovid tornou mais fácil a leitura das suas emoções. O sorriso filtrado permite-me concentrar nos olhos, sobranceiras e testa. Havia uma expressão distante no seu olhar, uma dilatação desfocada das pupilas e um enrugamento na cana do nariz. Denotava intimidade e saudade, como se olhasse para a fotografia de alguém que se ama e de quem se sente a falta. A minha mãe dissera que o Eugene não tinha sido incluído no estudo de substituição de genes, mas seria possível que o meu pai tivesse mudado de ideias sobre as terapias baseadas em texto?

— Eugene, posso ver isso? — A minha mãe parecia estar a esforçar-se para não perder a calma. Arrancou-lhe o quadro das mãos, com um vinco profundo entre as sobranceiras (um toque de impaciência que normalmente não demonstrava com o Eugene) e eu pensei: *O Eugene não vai gostar disto.*

Todos interpretámos mal o que o Eugene fez a seguir. É um erro lógico comum, a falácia *post hoc, ergo propter hoc* — ou seja, como y acontece depois de x , partimos do princípio de que x causou y . Mas não foi apenas a ordem sequencial dos acontecimentos que nos fez presumir que o Eugene estava a reagir com raiva. Parecia natural que o meu irmão, sendo um adolescente, reagisse com violência ao facto de a mãe lhe arrancar uma coisa das mãos.

O Eugene pegou numa caneta que estava em cima da mesa, segurou-a com o punho direito como se fosse um punhal e apontou-a à cara da minha mãe. Ela tinha o quadro de letras diante dos olhos (parecia paralisada, como se o observasse em busca de pistas) e a trajetória da caneta atravessou o espaço vazio da letra P, em direção ao olho esquerdo da minha mãe. O mais estranho é que o Eugene não parecia zangado ou agressivo; tinha uma expressão de placidez no rosto, que poderíamos ter interpretado como uma pista sobre as suas verdadeiras intenções, chegando assim mais rapidamente à resposta. Mas, como já o tínhamos visto sorrir mesmo quando estava furioso, não podíamos descartar a possibilidade de ele ter perdido a cabeça e estar decidido a magoar a minha mãe. A inspetora Janus correu para o Eugene e conseguiu agarrar-lhe o pulso no momento em que a ponta da caneta atravessava o estêncil, impedindo-o de atingir a minha mãe.

Ela reagiu de imediato, levantando-se para contornar a inspetora Janus e aproximar-se do Eugene, mas a inspetora gritou:

— Minha senhora, afaste-se! — Estendeu o braço e bateu com a mão no peito da minha mãe.

O Eugene deu um grito, e talvez tenha sido o choque de ouvir aquilo ou o ângulo estranho em que agarrou o pulso do meu irmão, mas a inspetora Janus perdeu o equilíbrio quando o Eugene puxou o braço para se libertar, caiu e bateu com a boca no que parecia ser uma esquina afiada da mesa. Quando estava a levantar a cabeça, o cotovelo do Eugene bateu-lhe no maxilar e na cara. Ela ainda não lhe tinha largado o pulso direito e tentou agarrar o outro, mas o meu irmão debateu-se, de olhos fechados e com a cabeça a abanar num violento *não*, e ripostou com arranhões na cara da inspetora que a fizeram cambalear para trás.

— Foda-se lá ó caralho! — dissemos eu e o John ao mesmo tempo (eu sei, é uma coisa muito específica para se dizer, mas, como já referi, a sincronia entre gémeos é mesmo uma cena) e desatámos a correr para o alpendre, com os uivos estridentes do Eugene a ecoarem pela casa. Quando abrimos a porta, a inspetora Janus estava a torcer os braços do Eugene atrás das costas e a minha mãe encontrava-se do outro lado, a sussurrar-lhe ao ouvido, a tentar abraçá-lo e embalá-lo, com o desespero estampado no rosto.

A cara da inspetora Janus era um bolo: a máscara arrancada, o lábio inferior a sangrar, uma linha vermelha brilhante ao longo de uma face (o Eugene detesta que lhe cortem as unhas, por isso tem-nas sempre compridas e afiadas) e a outra face vermelha da cotovelada. Mas mesmo assim ela não parecia vulnerável. Pelo contrário, parecia feroz e agressiva, e disse por cima dos uivos do Eugene:

— Dra. Park, afaste-se. Eugene, vou ter de te algemar. Tens de parar de lutar comigo.

— Algemas? Foi um acidente — disse a minha mãe. — Ele ficou agitado e você assustou-o, assustou-nos a todos, quando o agarrou assim...

— Minha senhora, afaste-se, por favor, se não quer que isto piore. — A inspetora Janus pôs-lhe algemas nos pulsos, fazendo com que os gritos do Eugene subissem mais meia oitava, num lamento insuportável de sofrimento e confusão.

Protestámos com a inspetora Janus, dissemos-lhe que estava a magoá-lo, que ele era apenas um rapaz de 14 anos, que não

compreendia o que se passava, que estava assustado. A minha mãe disse:

— Por favor, eu posso acalmá-lo se o soltar. — Virou-se para a terapeuta, que estava encolhida num canto. — Isto é cruel. Não devia defender a criança? Diga-lhe!

Vi a forma como a inspetora Janus e a terapeuta olhavam para o Eugene: não como uma criança assustada que merecia proteção e empatia, mas como uma *coisa*, como um animal selvagem, uma ameaça a neutralizar. A inspetora Janus disse:

— Tenho de nos proteger a todos: a todos *vocês* e também ao Eugene. Ele atacou-a e eu impedi-o de lhe fazer mal, fisicamente. Não vou colocar mais ninguém em risco. Preciso de levar o Eugene para a esquadra.

— O quê?

— Porquê?

— Vai detê-lo?

As nossas perguntas sobrepunham-se umas às outras.

— Tenho de apresentar um auto deste incidente de AAP. É obrigatório sempre que um agente é agredido, para depois ser analisado por um oficial de admissão dos serviços de criminalidade juvenil. Posso dizer-vos, por experiência própria, que, quanto mais colaborarem, melhor será para o Eugene. — Pegou na máscara e usou-a como um lenço de papel, limpando o sangue do queixo de forma demorada, quase teatral.

Talvez a ideia daquela encenação combinada com a ameaça fosse intimidar-nos. No meu caso, teve o efeito contrário: pegou na mistura confusa das minhas emoções e destilou o medo, deixando-me apenas irritada e determinada. Parecia ter tido o mesmo efeito na minha mãe, que lhe lançou um olhar longo e frio que tinha tanto de assustador como de impressionante.

— Como queira — disse a minha mãe. — Mas eu vou com ele e fico com ele. O tempo todo. E não nos vai dirigir a palavra até a nossa advogada chegar.

A inspetora Janus pestanejou e acenou com a cabeça.

— Com certeza. — Fez um esgar trocista. Ou pelo menos tentou, mas teve de se conter, com o lábio inferior a inchar a um ritmo alarmante. — Vou abrir uma exceção e permitir que o acompanhe.

Mas preciso que ele entre no meu carro. Agora.

— Tem o Eugene algemado. Ele não vai a lado nenhum e não vai fazer mal a ninguém. Pessoalmente, acho que isto é aviltante, mas terá toda a nossa cooperação. Mas, *com todo o respeito*, peço que me dê cinco minutos para o acalmar, de modo a podermos levá-lo para o carro sem sobressaltos. E peço também, mais uma vez *com todo o respeito*, que não volte a encostar um dedo no meu filho. — A minha mãe virou-se para mim e para o John. — Mia, liga o *iPad*. John, ajuda-me com a cadeira.

O *iPad* estava em pausa numa sequência de luta de super-heróis, com tiros por todo o lado. Não. Mudei para o vídeo de desenhos animados Manhwa do dia anterior e levantei o ecrã para o Eugene, ao nível dos olhos. Uma música simples em sol maior, o tom mais alegre, os animais dos desenhos animados em cores primárias, entre risos de uma alegria uniforme, com as bocas a abrir e a fechar em harmonia.

Os gritos do Eugene transformaram-se numa mistura mais silenciosa, mas também mais perturbadora, de lamúrias, gemidos e lamentos agudos. Parecia uma cria de animal a ser torturada. A minha mãe sussurrou-lhe ao ouvido que o amava, que lamentava muito pelas dores no pulso e pelas algemas, que tudo acabaria em breve e que ficaria tudo bem. Por cima do canto ruidoso dos dinossauros bebés que estavam a aprender a partilhar um bolo de arroz, disse-nos, a mim e ao John, o que devíamos fazer, para onde ir, a quem telefonar. Prestei atenção e disse a mim própria que tudo ia correr bem, reproduzindo as palavras da minha mãe. Mas não tirava os olhos da inspetora Janus e da terapeuta, que estava no canto. Vi como olhavam uma para a outra, como olhavam para o Eugene e para a minha mãe, e percebi: não ia correr tudo bem. Nem pouco mais ou menos.

De que Falamos Quando Falamos do Pai

As ruas estavam desertas. Seguíamos para a Henry's House, que fica mesmo à saída de uma grande autoestrada de seis faixas de rodagem nos arredores de Washington, e conduzir naquela artéria normalmente congestionada, sem outros carros em plena luz do dia... aquele ambiente apocalítico sinistro não era bom para a minha psique.

Ao longo dos anos, tinha ido muitas vezes à Henry's House. Os nossos pais escolheram a nossa casa pela localização, apenas a alguns quilómetros de distância. Aquele era o centro da nossa família — não era só a escola e o centro de terapia do Eugene e o local de trabalho do John durante o verão, mas também a nossa principal comunidade social. Ajudava crianças com uma miríade de diagnósticos, muitas delas com múltiplas doenças, o que despertou em nós um sentimento de pertença que não tínhamos sentido nos grupos de apoio que se dedicavam apenas à síndrome de Angelman ou ao autismo. Não é que não fossem acolhedores, mas é como ser birracial. Num grupo só de brancos, sinto-me asiática; num grupo só de asiáticos, sinto-me branca. A nossa vida familiar não se enquadrava nas experiências predominantes das famílias em que havia alguém com SA ou autismo, e era bom poder falar sobre isso sem ter de pensar no posicionamento do Eugene no espectro de qualquer uma das condições, ou sem sentir a exaustiva combinação de gratidão, culpa, preocupação e inveja relativamente à sua constelação específica de sintomas.

Por norma, a Henry's House é um local pacífico e sossegado, toda a atividade está contida no interior do acolhedor edifício de um piso, mas hoje estava agitada, com duas dezenas de crianças e terapeutas a correr no exterior, o que era ainda mais perturbador do que ver as ruas vazias. Sabia pelo John que havia muitas atividades no exterior; a maior parte do parque de estacionamento havia sido transformada em postos de atividades dentro de tendas e zonas de terapia de pequenos grupos, mas não deixava de ser uma visão estranha, como um oásis, o único foco de atividade humana até onde a minha vista alcançava. Ou talvez fosse a desorientação de perceber que a vida das outras pessoas, as suas rotinas, tinha continuado. Quando há uma emergência, esperamos que o mundo inteiro pare, ou pelo menos desejamos que pare, porque, claro, o nosso próprio mundo parou. Tenho a certeza de que isto é uma espécie de narcisismo, uma tendência cognitiva egocêntrica que pressupõe que as reações das outras pessoas espelham as nossas. Fosse o que fosse, naquele momento, sentia-o de forma aguda.

Estávamos ali para cumprir a missão da minha mãe: localizar a Shannon Haug, a advogada das famílias da Henry's House. Não tínhamos conseguido contactá-la, e o John achou que a diretora da Henry's House (também incontactável por telefone, visto que guardava sempre o telemóvel quando trabalhava com crianças) saberia como encontrá-la. Quando virei para o parque de estacionamento, o John disse:

— Não podes entrar; não são permitidas visitas. Espera no carro, está bem? — E abriu a porta do carro, a meio da curva.

— Tenta saber também a morada da Shannon — gritei enquanto ele corria para dentro do edifício.

Estava desesperada por segui-lo para ver o que se passava, mas tive de manobrar o carro a uma velocidade de caracol para evitar os miúdos. Era impressionante como, apesar de tantas escolas e campos de férias terem fechado, a Henry's House nunca tinha estado tão ocupada. Acho que é por causa de toda a ênfase na importância do diagnóstico e da terapia precoces; há um elemento de urgência na educação especial, um medo profundo de que perder uma semana de aulas e de terapia resulte num retrocesso significativo do qual é impossível recuperar. Nós, os irmãos, estamos sempre a falar disso, da

forma como os nossos pais tratam aquilo como uma corrida, como se houvesse uma janela de oportunidade limitada para os «corrigir» e, a certa altura, o cérebro dos miúdos perdesse a elasticidade. Foi por isso que o confinamento foi particularmente prejudicial para famílias como a nossa, e que a Henry's House lutou tanto para se manter aberta.

Tinha acabado de estacionar junto à entrada quando o John apareceu e entrou no carro.

— A boa notícia é que encontrámos a Shannon — anunciou. — A má notícia é que ela não está contactável.

— Porquê? Onde é que ela está?

— Estão a tentar deportar a família do Young. Falei-te disso, lembras-te? Não acredito que me esqueci, mas hoje é a audiência, e claro que a Shannon é a advogada deles. É virtual, mas ela não pode ser incomodada. — Young era o diretor-adjunto da Henry's House e um imigrante coreano da mesma idade da nossa mãe. Quando se conheceram, perceberam que tinham terminado o liceu no mesmo ano em Seul, embora não se conhecessem, por isso o John mantinha-nos informados de todas as novidades. — Seja como for, a Teresa disse que deve estar a acabar. Quando ligarem, ela vem cá fora e deixa-nos falar com ela.

Aquela notícia perturbara-me profundamente quando a ouvira pela primeira vez, ao pensar que aquela família, que estava nos Estados Unidos há mais de dez anos, teria de regressar à Coreia. Mas agora, com o Eugene algemado e o pai sabe-se lá onde, o sítio onde se vivia pareceu-me um mero pormenor técnico. Seul, Washington... interessava assim tanto? O John disse:

— Mandeí mensagem à mãe para a avisar. Como estará o Eugene? Achas que devíamos ligar?

— Claro que não — disse. — Neste momento, ela tem de se concentrar no Eugene. Não a distraias.

O John acenou com a cabeça. Roeu as unhas. Fechou os olhos, depois abriu-os. Consultou o telemóvel. Suspirou. Voltou a olhar para o telemóvel. Chegava a ter um efeito calmante para mim assistir a todo aquele nervosismo: uma espécie de catarse espelhada.

Duas mulheres saíram do edifício. Acenaram timidamente e vieram na nossa direção.

— Gaita, são as MG do pai — disse o John, referindo-se ao grupo

de mães dos colegas de terapia do Eugene, que entre nós apelidávamos de Mães Groupies. Eram um grupo unido, desde que a minha mãe tinha voltado ao ativo, e faziam muitas coisas em conjunto (visitas de estudo, brincadeiras, cafés semanais), mas o John jurava que as «noites das raparigas (e do rapaz)» se tornaram muito mais frequentes desde que o meu pai substituiu a minha mãe. («És um borracho; tenho de estar atenta. Aposto que estão todas caidinhas por ti»), brincava a minha mãe, entre piscadelas de olho e risadas. Tinha acabado de voltar ao trabalho, e lembro-me de pensar que gostava de ver a minha mãe assim, cheia de autoconfiança.)[10]

As Mães Groupies aproximaram-se do lado do carro do John, e ele baixou o vidro.

— John, Mia. Lamentamos imenso. Como estão? — disse a MG1. E a MG2 acrescentou:

— Estamos todas de rastos e a rezar por vocês. Vamos agora para o parque para nos juntarmos às buscas. Acho que a Susan já lá está.

Apercebi-me de que estas mães deviam pertencer ao mesmo grupo da Susan, a mulher que encontrámos no parque. Quando a inspetora Janus nos mostrou a mensagem de voz da tal Anjeli, lembrei-me do comentário da Susan sobre as «notícias horríveis da semana passada» e perguntei-me se estaria relacionado com isso. Talvez o divórcio, que o meu pai tivesse anunciado às amigas prematuramente (que estava apaixonado por outra mulher e que ia deixar a minha mãe) e que elas pensavam ser um facto consumado, daí as tais «notícias» que já saberíamos? Pensei em dizer ao John que devíamos ligar à Susan e exigir saber o que tinha ela querido dizer com aquilo, mas ao olhar para aquelas mulheres, para a sua ânsia excessiva, tive uma ideia melhor.

Inclinei-me para elas e disse:

— Obrigada. Ajuda muito saber que as pessoas se preocupam.

— Oh, *claro!* — e — Deve ser *tão* difícil! — disseram as mulheres.

Pus a minha mão no braço do John e belisquei-o subtilmente, o nosso velho sinal para «não te descaias, alinha no que eu disser», e continuei:

— Não é nada fácil, sobretudo depois das notícias horríveis da semana passada. — As duas acenaram com a cabeça, as caras num esgar de empatia agónica, mas, infelizmente, não disseram nada. —

Desculpem, pensei que o meu pai vos tivesse contado o que aconteceu, as notícias horríveis da semana passada, porque vocês são muito próximos e sei que ele confia em vocês e...

— Ele contou-nos — disse a MG1. — Ficámos de rastros.

A MG2 acrescentou:

— A segunda opinião não foi ontem?

Segunda opinião? Mas que raio? Senti uma sensação de pavor, como se a força gravitacional da Terra estivesse a aumentar tornando o meu corpo mais pesado e denso.

— Então, o meu pai contou-vos sobre a... primeira... quer dizer, a opinião inicial...

Ambas as mulheres acenaram com a cabeça. A MG2 (ou talvez a MG1, não sou boa a fixar as caras dos pais) disse:

— É horrível. Ele é tão novo. Disse-nos que havia antecedentes familiares. O vosso avô, certo? Mas mesmo assim...

Quando ouvi a palavra «avô», engoli em seco para não vomitar. A mão do John estava a segurar a manete das mudanças entre nós, e os nós dos seus dedos estavam brancos como uma cordilheira de montanhas nevadas. Tentei obrigar-me a falar, para ver se elas diziam mais alguma coisa, mas fiquei sem saber o que dizer.

Porque o meu avô, o pai do meu pai, tinha morrido três meses depois de lhe ser diagnosticado um cancro na próstata em estágio IV.

O meu pai andou um pouco obcecado com o cancro. Não o posso censurar, uma vez que o pai dele morreu aos 50 anos (o que parecia muito velho quando ouvimos falar disso pela primeira vez, tínhamos nós 4 anos), quando o meu pai ainda estava na universidade, antes de conhecer a minha mãe. O meu pai é filho único e o meu avô não quis sobrecarregá-lo, por isso só lhe contaram quando já estava no leito de morte. O meu pai vacilava entre a fúria — desejava ter tido mais tempo para processar a notícia, para passar mais tempo com ele — e a gratidão por ter sido poupado à agonia de ver o pai a sofrer durante meses. A mãe morreu de cancro da mama antes de nós nascermos, e lembro-me de o meu pai perguntar a vários médicos do Eugene se o gene Angelman podia estar relacionado com a aparente predisposição dos pais para o cancro. (A resposta era sempre negativa.)

A MG1 disse:

— Espero não me estar a intrometer, mas estávamos aqui a pensar... A consulta foi de manhã, antes... vocês sabem, do parque? Porque, se fossem más notícias, será que... a polícia iria considerar esse facto relevante?

Aclarei a garganta e forcei as palavras a saírem.

— Então, acham que ele recebeu a segunda opinião ontem de manhã e que o diagnóstico foi confirmado... cancro da próstata em estágio IV e que ele decidiu... — Engoli em seco, sem conseguir dizer a palavra «suicídio».

A MG2 disse:

— Oh, meu Deus, está em estágio IV? Sabia que era cancro da próstata, mas não tinha percebido... Lamento imenso, isso é horrível.

O meu estômago revolveu-se. Voltei a sentir o sabor do café horrível.

A MG1 disse:

— Estávamos a pensar se teria sido algo assim. Ele já estava tão deprimido e perturbado, e depois descobrir que já estava no estágio IV, não consigo imaginar o que ele... o que essa notícia deve ter... — Levou as mãos à boca tapada pela máscara, como se fosse algo demasiado horrível para ser dito.

O John interveio:

— Deprimido? Ele estava deprimido? — Tinha dificuldade em falar, as suas palavras eram roucas e hesitantes.

Olhei para as mulheres, que tinham os olhos arregalados, as cabeças viradas para nós, os braços nos ombros uma da outra, como espectadoras de um acidente fatal, e de repente fiquei furiosa com elas, com a sua maldita preocupação, com as suas pausas condoídas e com o seu voyeurismo bisbilhoteiro.

Felizmente para todos nós, a Teresa apareceu logo a seguir para nos dizer que tinha falado com a Shannon, que ia a caminho da esquadra de polícia e que se encontraria lá connosco dentro de quinze minutos.

Agradei à Teresa, fechei os vidros e arranquei sem dizer nada às MG. O John manteve-se em silêncio e não olhou para ninguém. Parecia em estado de choque.

— Para que lado vou? — perguntei quando nos aproximámos da

saída. Não houve resposta. — John! Acorda! Concentra-te! Preciso de direções. Qual é o caminho para a esquadra de polícia? — Ele não disse nada, limitou-se a ligar o telemóvel ao carro e a deixar que a voz tranquilizadora do sistema de navegação me orientasse pelas ruas. — Podes enviar uma mensagem à mãe a dizer que a advogada está a caminho?

Mais uma vez, não houve resposta. Mas ouvi o John a escrever e a enviar a mensagem: o ruído artificial das teclas e depois o som de envio. Sabia o que significava quando ele ficava assim, mal-humorado e silencioso, mas não conseguia lidar com isso naquele momento. Tinha de me concentrar em conduzir até à esquadra. Certificar-me de que tudo estava resolvido com a advogada. Ver os progressos das buscas no parque. Havia demasiadas coisas a acontecer, todas urgentes e horríveis. Não podia ir-me abaixo também. Alguém tinha de agir.

Mas o problema de conduzir numa estrada quase vazia e a direito é que não há nada que nos distraia dos nossos pensamentos. *Não penses nisso, não penses nisso, não penses nisso*, disse a mim mesma, mas parecia que tinha luzes néon à minha frente: C-A-N-C-R-O-E-M-E-S-T-Á-D-I-O-4-!-!-!-!-. Como é que o meu pai podia ter cancro? Ele nunca esconderia isso de nós, e certamente não contaria a algumas «amigas» aleatórias antes de contar à família. Por outro lado, apenas algumas horas antes, também teria jurado que ele nunca enviaria mensagens ou ligaria a uma mulher misteriosa nas costas da minha mãe durante meses, algo apenas um pouco menos plausível do que a ideia de ele andar com um quadro de letras. Seria possível que eu — todos nós — estivéssemos assim tão errados em relação ao meu pai?

Por mais inverosímil que fosse o facto de o meu pai ter cancro, se aceitássemos essa premissa como verdadeira, isso poderia explicar o seu desaparecimento. Sim, amaldiçoei as MG por terem sequer tentado referir essa possibilidade, mas alguém desaparece depois de descobrir que tem a mesma doença que causou uma morte atroz ao pai — é claro que pensas em suicídio. Conseguia imaginá-lo à beira de um precipício no parque, com a espuma da água branca aos pés, a pensar na melhor forma de contar à minha mãe, a nós, a querer deixar tudo aquilo para trás, fugir à dor.

Ou talvez o contrário. Se o prognóstico fosse mau, se ele tivesse

apenas alguns meses de vida, talvez isso o levasse a fazer *carpe diem*, a deixar para trás as suas responsabilidades — o casamento, a hipoteca, os afazeres, os filhos — e a fugir com o seu novo amor. Que se lixasse tudo o resto. Esvazia o teu PPR, levanta todo o dinheiro dos cartões de débito e crédito, vive ao máximo — diversão, felicidade, sexo — e justifica tudo isso dizendo a ti próprio que é para o bem da tua família, para lhes poupar a dor e a maçada de cuidarem de ti, para não manchares as suas recordações de ti com doença, quimioterapia, vômito e merda.

— O seu destino fica à direita — anunciou o sistema de navegação.

A esquadra de polícia ficava apenas a dois quarteirões de distância. A minha mãe estava lá. A advogada chegaria em breve. Podia contar-lhes tudo e confiar que resolveriam tudo e me diriam o que fazer, o que pensar.

— Estamos quase a chegar — disse ao John. — Recompõe-te. Já vai ser muito difícil contar à mãe sobre o cancro. Não te podes ir abaixo, está bem?

— Não podemos contar à mãe.

Virei a cabeça de repente. Os olhos dele estavam ligeiramente semicerrados e os lábios comprimidos, o que (macacos me mordam) significava que ele estava a falar a sério.

— O quê? Porquê?

— Cuidado! — gritou o John, apontando para um sinal vermelho. Carreguei no travão. Não havia ninguém atrás de nós, estávamos bem, mas, mesmo assim, o meu coração batia descompassado; sentia-o na palma das mãos e nos dedos que agarravam o volante. Ele continuou. — É demasiado. É demasiado doloroso. Temos de nos concentrar no Eugene e em encontrar o pai, e acho que isto não tem nada que ver com o facto de o pai estar desaparecido.

— Como podes dizer isso? É um motivo. Pode significar que ele se matou, ou pode ser por isso que decidiu fugir com a tal Anjeli. Ou talvez ela seja a médica dele. Pode ser isso que ela estava a dizer no voice mail, quando disse que o pai tinha de ser sincero com a mãe. Referia-se ao diagnóstico. Só pode ser isso! Foi por isso que ele levantou o dinheiro em outubro, para fazer um tratamento experimental, e não queria que a mãe soubesse.

Ele apontou.

— O semáforo está verde.

— Não há ninguém atrás de nós.

Abanou a cabeça, como se eu estivesse a ser irracional.

— Não podes ficar parada num semáforo verde. É ilegal, e estamos mesmo ao lado de uma esquadra de polícia. Segue. Ao menos, encosta para não estares a bloquear a estrada — disse ele, o que era ridículo, dado que não havia ninguém por perto, mas tudo bem, não disse nada e encostei. Um de nós tinha de ser adulto em relação a isto. Pus o carro em ponto-morto.

— Ouve — disse eu. — Estou tão chateada como tu. Mas...

— Diz-me que achas mesmo que há uma hipótese de o pai se ter suicidado ou fugido com uma mulher por ter cancro. — Não consegui. — Vês? Concordas comigo. Não é do feitio do pai fazer uma coisa dessas. Impossível, mesmo que descobrisse que só lhe restavam dois dias de vida.

— Mas não é isso que está em causa. Mesmo que seja uma coincidência e não tenha nada que ver com o desaparecimento do pai, é algo importante que a mãe precisa de saber. Já é mau que chegue o pai estar a esconder-lhe este e outros quatro mil segredos. Não podemos fazer-lhe isto. É agravar o problema e é uma falta de respeito para com a mãe. Quem és tu para decidir o que ela pode ou não aguentar? Ela é a mãe, *ela* é que decide isso em relação a *nós*, não o contrário. Ela não é uma donzela frágil em perigo, e irrita-me que estejas a ser — queria arranjar uma palavra que fizesse doer — «paternalista».[11]

— Tens razão — disse ele, num sussurro. Estava muito irritada com aquilo, com o ridículo de manter um segredo sobre um segredo, e queria continuar a desabafar, mas raios me partam se aquelas pestanas longas e húmidas não levaram a melhor. — Desculpa — disse ele, todo *condoído*, o que me fez sentir ainda mais culpada. — É que... nada disto faz sentido. Esta pessoa não é o pai. Como é que ele pode ser tão diferente da pessoa que eu pensava que ele era?

— Eu sei, estou sempre a pensar a mesma coisa — disse-lhe. — Mas acontece. Há homens que têm vidas duplas, que têm duas mulheres e filhos em cidades diferentes, que viajam de um lado para o outro durante anos e que, quando são descobertos, toda a gente diz

que é impossível, que é a pessoa errada, que o *seu* marido ou pai nunca fariam uma coisa dessas.

O John abanou a cabeça como se eu estivesse louca.

— Isso é daquelas coisas que só acontecem nas telenovelas, tipo, gémeos idênticos que trocam de cônjuge dia sim, dia não, ou coisa parecida.

— O quê? Porque trocariam... o *quê*? — Abanei a cabeça. — Enfim, o que estou a dizer é uma coisa real. Li um artigo sobre isso, tipo, na semana passada, que dizia que há muitos homens com duas famílias que estão a ser descobertos porque não podem viajar por causa do confinamento. — Mas enquanto estava a dizer aquilo, pensei: *Será que era um artigo legítimo?* Talvez fosse uma notícia falsa do *The Onion*, ou um daqueles artigos de um blogue humorístico que, de tão absurdos, parecem falsos, mas que na verdade são reais. (Era um dos muitos problemas de viver num mundo em mudança; estas categorias eram cada vez mais difíceis de distinguir.)

— Como é que o pai pode ter uma vida dupla, se está sempre connosco? — argumentou o John.

— Não estou a dizer que o pai *é* um desses homens, apenas que é semelhante, concetualmente falando. Porque estávamos a falar da possibilidade de não conhecermos verdadeiramente o pai. — Franzi o sobrolho. — Mas ele também não está sempre connosco. Ele sai todos os dias, pelo menos durante quatro horas, com o Eugene para o parque. Podia fazer qualquer coisa com qualquer pessoa, e nós nunca saberíamos porque o Eugene não consegue comunicar. Na verdade, se pensarmos bem, é um álibi brilhante.

— Então, achas que o pai ia fazer sexo com uma mulher num parque público? À frente do Eugene?

— Credo, não! Mas espera, talvez o Eugene tenha conhecido a tal Anjeli. Às tantas, até gosta muito dela.

— O quê? Que conversa é essa? Porque estamos sequer a falar disto?

Não fazia ideia. Mais importante ainda, porque estávamos sentados a um quarteirão da esquadra de polícia a tagarelar sobre coisas sem sentido em vez de irmos ter com a mãe e o Eugene?

— Os nossos cérebros estão todos marados porque ambos precisamos de dormir — disse, e arranquei. Ocorreu-me que, na

verdade, chegava a ser hilariante, mesmo que de uma forma profundamente trágica, a ideia de o pai ter uma vida secreta e contar com o facto de o Eugene não falar para se safar. Se isto fosse um filme (mas só funcionaria se fôssemos atores mesmo bons, ao nível de uma Saoirse Ronan ou de uma Florence Pugh), eu e o John começaríamos a rir descontroladamente, uma daquelas gargalhadas tão fortes que começamos a chorar, e depois perceberíamos que estávamos a chorar e isso far-nos-ia rir ainda mais, até mudar tudo de repente e acabarmos a chorar. Mas isto é a vida real, não um filme, e eu estava demasiado cansada para rir ou chorar, quanto mais as duas coisas ao mesmo tempo. Estava mesmo a sentir-me muito mal.

Ao estacionar num lugar, pensei que podia bater no sinal de estacionamento para visitantes que estava à minha frente, e que talvez a polícia aparecesse e me prendesse.

— Achas que se eu batesse neste sinal seria presa e poderia tratar do Eugene? — aventei, embora me ocorresse que seria enviada para uma prisão diferente, para mulheres adultas, por isso talvez não fosse boa ideia.

O telemóvel do John tocou. O toque do Kenny do *South Park* (*Oh, meu Deus! Mataram o Kenny! Seus filhos da mãe!*), o que significava que era o seu amigo Kenny a enviar uma mensagem. Não me queria rir — era muito inapropriado, para não dizer estúpido —, mas estava demasiado cansada para me conter e ficar zangada com isso, quando o John disse:

— Mas que...

— O que foi?

A mensagem do telemóvel do John dizia o seguinte: «Meu, este não é o teu pai?»

Por baixo do texto estava uma fotografia, uma captura de ecrã ampliada da cara do pai, com um ar aterrorizado e dorido, os óculos meio arrancados da cara, o maxilar vermelho e uma linha vermelha brilhante a descer-lhe pela face. E no canto inferior, um vislumbre da pessoa mais próxima dele, a pessoa que presumivelmente estaria a atacá-lo. Não se via quem era, estava tudo desfocado, a única coisa perceptível era uma mancha de cor: um amarelo brilhante, quase fluorescente.

[10] É engraçado como ser diferente de todos os outros num grupo nos pode fazer sentir isolados/inseguros ou especiais/importantes, consoante a hierarquia social da característica em questão. O caso da raça, por exemplo: é preferível ser branco nos Estados Unidos e até na Coreia, razão pela qual a minha mãe se sentiu desenquadrada e indesejada quando se mudou para os Estados Unidos em adolescente, ao passo que o meu pai não teve problemas em ser a única pessoa branca a visitar aldeias rurais na Coreia, onde todos olhavam para ele como se fosse uma celebridade. O mesmo acontece com o género. A minha mãe diz que é difícil ser levada a sério sendo a única mulher no seu local de trabalho; já o meu pai foi ungido rei do círculo dos pais que ficam em casa a cuidar dos filhos.

[11] Não sei se têm problemas deste tipo com os vossos irmãos, mas a questão não é a palavra em si, ou mesmo o que significa — a origem é estúpida; uma namorada acusou o John de ser «paternalista» por lhe abrir sempre a porta ou lá o que era, e ele ficou indignado porque se considera feminista. A questão é que ele sabe que eu sei que ele odeia a palavra, o que significa que sabe que estou a dizê-la especificamente para o irritar, que é o que mais o irrita.

Tudo Menos Bem

Alguma vez tiveram tantos pensamentos a inundar a vossa mente que isso vos impediu de falar? Paralisia a alta velocidade. A maioria dos médicos do Eugene descreve a sua condição em termos de défices — um cérebro subdesenvolvido, os nervos menos densos, longos ou numerosos do que deveriam ser. Mas, no ano passado, assisti a uma palestra ao estilo das TED Talks de um filósofo e neurologista que defendia que as doenças relacionadas com o autismo podem ser perturbações de excesso e não de carência. Segundo esta teoria, o facto de o Eugene não falar pode ser sintomático de uma mente hiper e não hipoverbal e cognitiva, a consequência paradoxal de uma superabundância de pensamentos que lutam pelo espaço de processamento, entupindo os nervos como um engarrafamento e causando um colapso total. Segundo ele, é como se uma série de neurónios dissessem à mesma parte do corpo o que fazer, e essa parte fica tão confusa que desiste e apaga.

Foi assim que me senti naquele momento, ao ver a mensagem do Kenny: o meu cérebro enviou tantos comandos de pânico para o resto do corpo que tudo apagou e ficou em branco, sendo os comandos simultâneos os seguintes, sem ordem específica:

- Gritar: «Mas que raio?!»
- Perguntar ao John: «Aquele é o Eugene?!»
- Perguntar a mim própria (mas em voz alta, perguntando assim também ao John): «Onde e quando foi tirada esta fotografia?»

- Perguntar retoricamente ao universo: «Aquele é mesmo o pai?»
- Dizer ao John para ampliar a fotografia, para ver se os óculos do pai estavam realmente partidos (nesse caso, a fotografia só podia ter sido tirada ontem, uma vez que os óculos estavam intactos quando o vimos pela última vez) ou apenas caídos (nesse caso, a fotografia podia ser mais antiga)
- Dizer ao John para enviar uma mensagem ao Kenny a perguntar onde arranjou a fotografia, ou talvez telefonar, mas em alta-voz
- Perguntar ao John: «É impressão minha ou é muito estranho que a linha vermelha na face do pai se pareça quase exatamente com a marca de arranhão na cara da inspetora Janus — uma linha reta diagonal da têmpora esquerda até ao lábio superior esquerdo?»

O resultado desta sobrecarga neuronal foi fazer a única coisa que não queria que o meu corpo fizesse, que era continuar a olhar para o ecrã do telemóvel do John, com o cérebro a mil, a boca entreaberta, sem dizer nada.

O John parecia ter sofrido uma reação semelhante, pois disse:

— Mas que... Onde é que... Isto é...

Consegui inclinar a cabeça para mais perto do telemóvel do John (os óculos do pai estavam mesmo partidos, com a cana do nariz dobrada num ângulo estranho), antes de o John clicar para ligar ao Kenny e encostar o telemóvel ao ouvido.

— Onde foi *tiradáfoto*? — As palavras do John confundiram-se. O meu cérebro ainda estava lento devido à sobrecarga. Bati com a mão na cabeça, na esperança de reiniciar o cérebro (acredito muito na manutenção percussiva, o ato de bater num equipamento avariado para o pôr a funcionar^[12]), esfreguei a cara e ouvi o John dizer: — Sim, é o meu pai, claro que é, seu atrasado, porque é que não...

Arregalei os olhos quando o ouvi dizer «atrasado». O John não usava aquela palavra — pelo contrário, esforçava-se (normalmente com muito tato) para explicar aos outros por que razão este tipo de linguagem pode ser ofensivo — nem costumava tratar assim os amigos. Não é que nunca os tenha insultado, mas fazia-o sempre de forma brincalhona, como os rapazes fazem com os amigos. Aquele tom maldoso, com um toque de verdadeira irritação e agastamento, costumava estar reservado para mim e, por vezes, para os nossos pais.

O Kenny não era um dos seus amigos mais próximos, e existe uma correlação inversa entre a proximidade que sentimos em relação a uma pessoa e a certeza que temos do seu amor, por um lado, e a simpatia que temos para com essa mesma pessoa, por outro. O John estava a gritar para o telefone.

— Não contei a *ninguém*. Meu, o meu pai está desaparecido! Tenho estado demasiado ocupado a lidar com a *polícia*, por isso não, não disse nada no Discord, nem sequer *fui* ao Discord, e não *acredito* que estejas a perder tempo com isso em vez de pedires à tua mãe para me enviar o vídeo. Vai fazer isso agora, foda-se! E liga-me a seguir. Vai! — Atirou o telemóvel para o colo e recostou a cabeça. — O cabrão do Kenny diz que está *sentido* por eu não lhe ter contado a merda da notícia do desaparecimento do pai — disse-me.

Preocupou-me o número de asneiras naquela frase. O John não acreditava em «praguejar por praguejar», fosse isso o que fosse, e tinha-me acusado de dizer demasiadas asneiras de uma forma que ele dizia ser *cliché* nas pessoas da nossa idade (recém-saídos da censura dos pais). Disse que chegava a ser embaraçoso, coisa que eu não tinha percebido, mas que começava a perceber agora.

— Está bem, mas o que é que ele disse sobre a foto? Onde é que a arranjou?

— A mãe dele enviou-lha porque lhe pareceu familiar. Disse que foi retirada de um vídeo da vizinha deles, relacionado com — zombou, mas não de uma forma zangada e amarga, mais num tom de exaustão de quem não acredita que aquilo pudesse estar a acontecer — um incidente que aconteceu ontem nas redondezas.

— Um *incidente*? Ele disse isso?

— Disse que *ela* disse isso. A mãe dele. Seja como for, disse-lhe para aprofundar a questão e para me enviar o vídeo completo. Isto é inacreditável. O pai fartou-se de lhe dar boleia da escola e ele mal o *reconhece*? Que filho da puta!

Pensei que eu própria não olhava realmente para os pais dos meus amigos, que eram mais como borrões que desempenhavam papéis funcionais do que pessoas distintas com características faciais, vocais e outras que eu processasse e retivesse, mas não disse nada, limitei-me a acenar com a cabeça como se concordasse. Ele começava a assustar-me.

O telemóvel do John tocou, e juro que ele atendeu antes que o «Deus!» de «Oh, meu Deus! Mataram o Kenny!» percorresse os 60 centímetros até ao meu tímpano.

— Onde raio está a merda do vídeo? — disse ele, e a sua rudeza fez-me estremecer. Mas logo a seguir engoliu em seco. — Desculpe, Sra. K. Não sabia que estava... — Respirou. — Preciso mesmo de ver o vídeo, e qualquer informação que me possa fornecer sobre... — Uma pausa. — Então, não o viu? Sabe o que está no vídeo? — O John olhou para mim e abanou a cabeça. — Bem, obrigado na mesma. Agradeço tudo o que puder fazer. E, sim, claro, dê-lhe o meu número. — Parecia que ia desligar, mas disse: — Sra. K? Só mais uma coisa. Sabe porque é que ela gravou o vídeo? É óbvio que ela não conhece o meu pai. Porque gravaria estranhos ao acaso? — Ele franziu o sobrolho e mordeu o lábio inferior. — Que tipo de blogue? Como é que se chama? — Olhou pela janela, semicerrou os olhos como se estivesse a tentar ver alguma coisa ao longe e voltou a abanar a cabeça. — Não. Já percebi. Sim, sim — disse ele, num tom que denotava os mesmos laivos maldosos, e desligou sem se despedir.

— Caramba, um *blogue*? — disse eu. A captura de ecrã apresentava muitos problemas, sendo o maior a implicação do que teria acontecido ao pai, sobretudo tendo em conta o sangue debaixo das unhas do Eugene e na camisola amarela. Mas seria ainda mais incendiário se corresse o mundo, fosse visto pelas pessoas, sobretudo se essas pessoas incluíssem a polícia, um elemento da qual tinha um arranhão ensanguentado em tudo semelhante ao da fotografia.

— Sim, um daqueles blogues de mães — respondeu o John.

Claro. Eu devia ter adivinhado. As críticas à parentalidade nestes blogues de mães tinham quadruplicado desde a pandemia. Críticas ao excesso de parentalidade, ao défice de parentalidade, aos pais galinha, aos pais fantasma, aos pais titereiros, aos pais que dão rédea solta, aos que alimentam de mais, aos que alimentam de menos, ao excesso de disciplina, à falta de disciplina... conhecíamos todas as subcategorias, sendo este um tópico frequente sobre o qual o pai perorava ao pequeno-almoço em família. A escalada mais alarmante tinha sido o número de pessoas que aparentemente se esforçavam por gravar crianças como o Eugene a meio de uma crise, e depois publicavam comentários a culpar os pais: falta de disciplina, excesso de

indulgência, ou simplesmente falta de interesse nos filhos. E depois o golpe final: uma queixa anónima aos Serviços de Proteção de Menores, acompanhada da tão útil prova em vídeo.

— Então, isso significa que foi o Eugene quem... — Não consegui dizer que tinha sido ele a *atacar o pai*. — Caso contrário, porque haveria uma blogger de gravar aquilo?

— A mãe do Kenny não o viu, mas parece que a blogger disse que o miúdo do vídeo estava tão descontrolado que causou ferimentos nas pessoas que estavam ali perto.

— *Pessoas?* Eram várias?

— Vá-se lá saber. Mas parece que ela enviou a captura de ecrã para ver se alguém conhece o pai, porque quer contactá-lo para obter um comentário.

— Comentário? Mas ela pensa que é uma repórter do *The Washington Post*? — Apetecia-me dar um murro na mulher. Não, melhor ainda, aceder ao site dela e infetá-lo com algo mesmo reles. Uma marca de água sobreposta com aquele versículo bíblico que diz que é pecado julgar os outros, para que não sejais julgados também, ou coisa parecida. Ou um alerta a anunciar que o blogue é de um bot russo que vai infetar todos os computadores com um vírus. Ou talvez pornografia. — Qual é o nome do blogue dela?

— Ela diz que não sabe. Que treta. Mas disse que ia tentar arranjar o vídeo.

— Temos de a impedir de o publicar. A polícia não pode vê-lo.

O John acenou com a cabeça, esfregando a testa como se estivesse a antever uma enxaqueca, mas parou a meio.

— E se ela já o tiver publicado?

— Envia-me a fotografia do Kenny. Eu faço uma pesquisa. — O *catfishing* e as publicações (semi)pornográficas de vingança estavam na moda na minha universidade, e eu tinha-me tornado especialista em usar pesquisas reversas de imagens e vídeos para encontrar o site de origem.

Iniciei a pesquisa em quatro aplicações com metodologias diferentes — a redundância era importante, dada a dificuldade em encontrar uma captura de ecrã de um vídeo — por isso configurei alertas de notificação para qualquer resultado. Iria demorar algum tempo, mas com sorte a mãe do Kenny conseguiria contactá-la antes

de ela terminar o texto e publicar o vídeo.

Quando estava a terminar, recebi uma mensagem da equipa de provas da inspetora Janus com instruções para aceder às páginas digitalizadas do caderno QF do meu pai. Depois de clicar na ligação que permitia aceder a um site seguro e de introduzir a palavra-passe, vi isto na letra do meu pai:

Estudo de Caso Contraintuitivo #1: O Curioso Caso dos Vencedores da Lotaria e das Vítimas Paraplégicas de Acidentes que São (na Sua Essência) Igualmente Felizes: Um grupo de pessoas ganha a lotaria e outro grupo sofre um acidente e fica paraplégico ou tetraplégico. Um ano depois destes acontecimentos que lhes mudaram a vida, são submetidos a inquéritos que comparam o nível de felicidade. A resposta parece óbvia: os vencedores da lotaria devem estar radiantes e as vítimas dos acidentes infelicíssimas.

Errado. Um estudo realizado nos anos 70 concluiu que os vencedores da lotaria não eram mais felizes do que os indivíduos do grupo de controlo e que as vítimas de acidentes eram um pouco menos felizes, mas ainda assim apresentavam níveis de felicidade acima da média, apesar das deficiências permanentes. O que é mais surpreendente é que o grupo dos vencedores da lotaria demonstrava mais dificuldade do que as vítimas de acidentes em encontrar alegria nos «prazeres mais mundanos» (conversar com os amigos, ouvir uma piada, receber um elogio), e tinha níveis mais reduzidos de «felicidade futura antecipada». Por outras palavras, os paraplégicos tinham uma perspetiva mais positiva e acreditavam que seriam mais felizes nos anos vindouros.

Estudo de Caso Contraintuitivo #2: O Paradoxo dos Prisioneiros de Guerra: Oficiais americanos são feitos prisioneiros de guerra num campo estrangeiro horrível durante anos. Quem se sai melhor e sobrevive, os prisioneiros de guerra otimistas ou os pessimistas? Surpreendentemente, James Stockdale (vice-almirante da Marinha), prisioneiro de guerra durante sete anos no Vietname do Norte, escreveu no seu livro que os prisioneiros de guerra mais otimistas que estavam com ele não sobreviveram. Estavam sempre a dizer que seriam resgatados em breve, no Natal, na Páscoa, etc., e acabaram por morrer de desgosto.

Estudo de Caso Contraintuitivo #3: Coisas ou Experiências? Tem mil dólares. Pode comprar algo para guardar ou usar o dinheiro numa experiência (viagem, concerto). A maioria parte do princípio de que o objeto vai proporcionar felicidade durante mais tempo do que uma experiência fugaz.

Mais uma vez, errado. Um estudo concluiu que os níveis de felicidade são iguais no início, mas, à medida que o tempo vai passando, a satisfação das pessoas com os seus bens materiais vai diminuindo, ao passo que aumenta no caso das experiências. Por outras palavras, a recordação das experiências torna as pessoas mais felizes durante mais tempo do que a posse de objetos.

Considerações Preliminares: Considero fascinante o que estes fenómenos têm em comum: o conceito de relatividade da felicidade, ou seja, o facto de não ser possível avaliar o nível de felicidade de uma experiência no vazio. Nos exemplos, os marcadores de felicidade objetivos — a forma como alguém de fora classificaria a nossa felicidade; ou seja, o grau de felicidade que deveríamos sentir — não correspondem aos níveis subjetivos da nossa felicidade real. Porquê este desfasamento entre o previsto e o real? Existem fatores que podemos controlar para maximizar os nossos níveis de felicidade?

Acredito que sim. Estou convencido de que o estudo destas variações produzirá novos conhecimentos que posso enquadrar num marcador quantitativo capaz de fornecer estratégias práticas para aumentar o nível de felicidade de uma determinada experiência.

— Olha, mais páginas do caderno do pai — disse ao John, que esfregava as têmporas em pequenos círculos.

Ele começou a ler, a folhear, enquanto eu pensava no que o meu pai tinha escrito. Fiquei fascinada sobretudo com a história dos prisioneiros de guerra, que parecia confirmar o que eu sempre pensara, que o otimismo e a fé cega eram um disparate e, muito sinceramente, perigosos — mas o que pairava na minha mente era o estudo do vencedor da lotaria *versus* o paraplégico. Já tinha ouvido falar dele, mas não pelo meu pai. Como pré-requisito para o curso de Sociologia, o Vic teve de frequentar uma cadeira sobre felicidade (aparentemente baseada no curso de Felicidade de Yale, que a universidade diz ser o seu curso mais popular em trezentos anos), que ele achou que seria insípida, mas de que acabou por gostar *muito*. Lembrei-me de uma coisa que ele me contou: o professor que dirigiu o estudo (a que ele chamou «o estudo icónico sobre a felicidade») suicidou-se aos 30 anos, saltando do edifício administrativo da sua universidade. A essa ironia juntou-se outra coisa que o Vic me contou: que o seu chamado Professor de Felicidade estava de licença devido a stress.

O telemóvel do John estava entre nós, na consola do carro, ainda aberto com a fotografia do pai. Peguei nele e deslizei os dedos no ecrã para ampliar os olhos do pai. Pareciam vermelhos, lacrimejantes. Voltei a pensar no pai e no cancro, na depressão. Seria possível? Estaria ele obcecado com a felicidade por esta lhe ser esquivia, cada vez mais distante?

Quando o John acabou de ler as notas do pai, falei-lhe do suicídio do responsável pelo estudo do vencedor da lotaria e da licença do

Professor de Felicidade.

— É uma daquelas coisas que parecem paradoxais, mas que, na verdade, fazem todo o sentido. Não ficamos obcecados com a felicidade, tentando maximizá-la e fazendo experiências para a calibrar, a menos que seja um mistério. Se já formos felizes, se for algo que é fácil para nós, não precisamos de pensar nisso. Só se não a conseguirmos alcançar é que ela nos consome.

— Isso é ridículo. O pai não se suicidou e deixou o Eugene sozinho, longe de casa. Ele não estava obcecado com a felicidade por ser infeliz. Viste as notas sobre o estudo da terapia genética. Ele estava a tentar perceber o que fazer com o Eugene. Ele tem um filho com uma doença a que chamam síndrome da felicidade, e ele sempre gostou de filosofia. Claro que se interessa por estas coisas. — Ele tinha razão. Ou será que não? O meu cérebro estava feito em papa. — É melhor entrarmos.

Ele saiu e fechou a porta do carro.

Eu nunca tinha entrado numa esquadra de polícia, mas tinha uma noção clara de como devia ser (o meu pai era um fã incondicional das seis versões do *Lei e Ordem*). A nossa esquadra parecia-se mais com os escritórios de uma empresa normal — embora, verdade seja dita, eu nunca tivesse entrado nos escritórios de uma empresa normal, apenas os tinha visto na televisão — cubículos, armários de arquivo cinzentos, etc. Creio que o que teria feito jus à imagem que tinha na minha mente seria a existência de agentes fardados, coisa que ali não havia. Outra consequência imprevista do confinamento: a minha primeira visita a uma esquadra de polícia não correspondeu às minhas expectativas.

A rececionista era parecida com a bibliotecária do liceu — cabelo curto, liso e branco, rosto comprido e estreito, queixo pontiagudo — e por isso eu contava que fosse brusca como ela, mas acabou por se revelar conversadora, dizendo-nos todo o tipo de coisas, como a sorte que tínhamos em ter a inspetora Janus a tratar do caso do nosso pai, que ela era extremamente empenhada, que estava sempre ali, sobretudo nos últimos tempos, desde que a adoção não se concretizou por causa da covid (uma menina da China, ou talvez da Coreia), cheia

de trabalho, coitada, e, a propósito, sabia que a nossa advogada era «a Shannon Haug» (disse num sussurro escandalizado, como quem diz uma asneira na igreja), com quem a inspetora Janus já tinha tido problemas e que, aqui entre nós, este não parecia nada satisfeita por ter de a enfrentar novamente. Disse esta última parte de forma conspiratória, como se estivesse a partilhar mexericos com colegas de trabalho, e fiquei um pouco triste com a solidão que ela devia sentir, habituada que estaria a ter muita gente naquele escritório enorme, faminta e grata por ter um público atento. O seu excesso de partilha era preocupante do ponto de vista do cidadão (as pessoas que trabalham numa esquadra de polícia não deviam ser mais discretas?), mas muito interessante do ponto de vista da irmã de um detido juvenil, por isso incentivei-a a continuar, agindo como se absorvesse as suas palavras, que era o que ela desejava.

Assim que a inspetora Janus disse que podíamos entrar (não era propriamente a norma, mas todos tendem a contornar as regras quando se trata de jovens, sobretudo jovens com necessidades especiais, e sobretudo nos dias que correm, em que a esquadra está quase vazia, confessou), a rececionista encaminhou-nos para uma pequena sala onde a minha mãe e o Eugene estavam à espera da nossa advogada. Passou talvez uma hora desde a última vez que a tínhamos visto, mas a minha mãe abraçou-nos com força como se não nos visse há semanas. Era compreensível, claro — eu sentia o mesmo, ainda mais porque a última vez que a tínhamos visto ela e o Eugene estavam fechados na parte de trás de um carro-patrolha, atrás de uma rede de aço.

Eu e o John fizemos o mesmo com o Eugene assim que a minha mãe nos soltou, abraçando-o de lados opostos como costumávamos fazer quando éramos pequenos. Ele parecia muito assustado e balançava-se na cadeira agarrado ao seu *iPad* com auscultadores. Felizmente, já não estava algemado, mas ainda tinha os pulsos vermelhos, a pele esfolada e irritada.

A nossa advogada chegou pouco depois. É difícil de acreditar agora, mas a minha primeira impressão da Shannon foi: *é esta* a brilhante e poderosa advogada de que tenho ouvido falar? Não é que esperasse que fosse magra, com um penteado sensual e uma maquilhagem dramática nos olhos, como as advogadas da televisão,

mas contava que tivesse o aspeto, mais importante, soasse como alguém que ganha a vida a debater, que *gosta* disso, que vive para o confronto verbal. Rude e séria, porventura assustadora e má, com o rosto sempre franzido, ligeiramente irritada com tudo e com todos, com um discurso composto por parágrafos elegantes debitados a uma velocidade estonteante.

A Shannon tinha uma aparência de domesticidade da velha guarda: um fato de saia largo e amarrotado, o cabelo grisalho e desalinhado em forma de capacete de bicicleta, bochechas rechonchudas com covinhas, e cheirava a panquecas. O que mais me preocupou foi o facto de parecer tão simpática.

— Mona, muito obrigada por nos trazeres água, foi muito atencioso da tua parte — disse ela à rececionista; uma pitada de «Lamento imenso tudo aquilo por que tiveram de passar» e «Oh, isso é horrível», assim como acenos e abanares de cabeça empáticos, pontuaram a sua reação às explicações da minha mãe sobre o que tinha acontecido. Tudo dito num tom brando e uniforme, com um ligeiro sotaque sulista.

Como é que esta mulher vai conseguir enfrentar a inspetora Janus e lidar com alguém tão matreiro como ela?, pensava eu, quando a inspetora Janus bateu à porta e espreitou para dentro da sala para nos avisar de que a audiência de admissão começaria dentro de dez minutos. A cara da inspetora estava com um aspeto horrível; não se tinha lavado, o sangue seco manchava-lhe a face arranhada e a máscara, e o maxilar e a outra face começavam a ganhar nódoas negras e a inchar.

A Shannon disse num tom caloroso:

— Inspetora, há tanto tempo que não a via. Desde o julgamento do Bellamy, acho eu. Está com bom aspeto. — E eu pensei, *Mas que raio, isto não é um beberete*, e então ela continuou: — Bem, tirando isso na sua cara. Devia limpar-se e trocar de máscara antes da audiência. Não quero ter de a acusar de ter mau aspeto de propósito, e de desenterrar aquele antigo caso de AAP. — A inspetora Janus não respondeu. — Além disso, o auto do incidente faz referência ao depoimento de uma consultora dos SPM que estava presente. Vou precisar de uma cópia dessas declarações antes da audiência.

— Como é que teve acesso ao auto? Acabei de o entregar.

— Tenho cá as minhas manhas, como bem sabe. — A Shannon

sorriu, com as covinhas a tornarem-se mais pronunciadas junto à máscara. — Se não se importa, gostaria de falar com o meu constituinte e com a sua família em privado. Pode fechar a porta, por favor?

A minha mãe esperou uns segundos depois de a inspetora Janus sair para perguntar sobre o «antigo caso de AAP».

— Agressão a um Agente da Polícia — explicou a Shannon. — Uma alegação de que ela teria simulado uma agressão e usado uma órtese para a situação parecer mais grave. Ela negou, disse que era síndrome do túnel cárpico, e não houve nenhuma conclusão oficial, mas foi constrangedor para ela. Creio que ela ia lavar-se antes da audiência, mas pelo sim pelo não...

— Também reparei nisso — disse-lhe eu. — Incomodou-me que não tivesse posto gelo na cara.

— Ela está a ajudar-vos com o caso do vosso pai, por isso sei que querem confiar nela e colaborar, mas esta acusação de AAP contra o Eugene, o facto de ela ser tão agressiva, indicia que está a tramar alguma. Não sei qual foi a ideia de acusar um rapaz não verbal cujo pai está desaparecido e que já está sobrecarregado com tudo isso, já para não falar das conotações raciais antiasiáticas que parecem estar na ordem do dia.

Era nesta altura que eu e o John devíamos ter falado, claro, e mostrado a foto do Kenny. Mas, na minha cabeça (e na do John também, como ele me disse mais tarde), aquilo não estava relacionado com o incidente com a inspetora Janus, e eu queria que a nossa advogada se concentrasse na emergência em mãos: a audiência de admissão do Eugene.

A Shannon explicou que não se tratava de um processo formal, nem de um «tribunal», mas de uma reunião informal em que um «oficial de admissão» — por norma, um agente de liberdade condicional com formação para trabalhar com menores — fala com o menor e com o agente que o deteve, recolhe informações e decide se há bases suficientes para o caso seguir para o tribunal de menores. Normalmente, os advogados não participam, disse-nos, mas ela participa sempre nos casos que envolvem crianças com necessidades especiais que não se podem defender a si próprias. Disse-nos que tinha muita experiência na defesa de adolescentes como o Eugene em

circunstâncias semelhantes, o que acontecia mais do que se imagina — ao ponto de a Virgínia promulgar uma lei especial que torna condições como a do Eugene um meio de defesa contra acusações criminais.

A sala de audiências ficava do outro lado do corredor. Eu e o John não podíamos entrar com eles, mas a Shannon pediu-nos para ficarmos na sala de espera, ali perto, para o caso de sermos necessários, dizendo-nos para marcarmos o «0» para chamar a Mona, caso precisássemos de alguma coisa. Abraçámos a minha mãe e o Eugene e despedimo-nos à porta, como se fossem fazer uma longa viagem. A minha mãe demorou-se à porta da sala de audiências e virou-se para nós.

— Espero que não leve muito tempo. Tentem não se preocupar — disse ela, do outro lado do corredor.

A Shannon, que seguia à frente, recuou para falar com ela.

— Está bem?

Vi um sorriso triste no rosto da minha mãe e soube que ela estava a pensar o mesmo que eu: «Estou tudo menos bem», uma frase do *Pulp Fiction*, o filme preferido do meu pai, que tínhamos acabado de ver há três dias, no Dia do Pai, com todas as cenas reorganizadas por ordem cronológica por mim e pelo John, como prenda para ele. Tínhamos começado o projeto no sábado à noite, a pensar que podíamos descarregar uma compilação por ordem cronológica no YouTube, mas os vídeos tinham sido todos retirados por pirataria, pelo que tivemos de ser nós a editar o filme com recurso ao DVD do pai. Foi um trabalho lento e moroso, por isso começámos a beber, o que nos deixou tontos e divertidos, e por volta da uma da manhã, quando eu estava a meio de um ataque de riso, literalmente a rebolar no chão (convenci-me de que o meu pai me tinha dado o nome da personagem da Uma Thurman, o que fez com que a cena da *overdose* de heroína parecesse particularmente hilariante no meu estado lógico de embriaguez), a minha mãe entrou para nos dizer que fizéssemos menos barulho e perguntou: «Estás bem?». Foi nessa altura que eu e o John dissemos: «Estou tudo menos bem» em uníssonos (tínhamos acabado de gravar essa cena) e rimo-nos, o que fez a minha mãe rir-se. (Ela achava que eu e o John nos tínhamos afastado e apoiava tudo o que nos aproximasse.) Aquilo durou a noite toda, com cada um de nós a dizer «Estás bem?» em alturas aleatórias. No dia seguinte, ao pequeno-

almoço, quando estávamos de ressaca e o pai nos perguntou se estávamos bem, eu e o John trocámos olhares e rimo-nos. A minha mãe reparou e juntou-se a nós.

A nossa troca de sorrisos tristes no corredor da esquadra de polícia foi totalmente diferente, claro. Não é que a frase do filme continuasse a ter piada. Era mais uma constatação da situação de merda em que estávamos face à nossa alegre frivolidade de há menos de quatro dias.

— Desculpe, sim, estou bem. Eles vão ficar bem — disse a minha mãe, e seguiu a Shannon para dentro.

Quase acreditei naquelas palavras.

[12] Eu sei que as pessoas pensam que é estúpido bater em equipamento eletrónico, mas há razões válidas para que funcione: 1) os circuitos elétricos por vezes ficam desalinhados, e bater-lhes pode restabelecer a continuidade física e elétrica; 2) a vibração pode desalojar bolhas de gás à volta dos pontos de contacto das pilhas e 3) uma pancada suficientemente forte pode eliminar uma fina camada de oxidação (uma película de ferrugem, por exemplo) que impeça a condutividade. Além disso, no mínimo, bater em algo pode fazer-nos sentir melhor.

Um Labirinto de Bege

Detesto muitas coisas neste mundo, mas nenhuma é tão má como esperar por algo realmente importante sem se fazer ideia do que está a acontecer nem poder influenciar o resultado. Tentei concentrar-me na procura do meu pai, na fotografia. Consultei o estado da pesquisa inversa de imagens. As quatro aplicações tinham terminado a pesquisa inicial e não havia resultados. Finalmente, uma notícia menos horrível: era muito provável que a vizinha do Kenny ainda não tivesse publicado o vídeo. Havia tantas coisas que precisava de discutir com o John — ainda nem sequer tínhamos falado sobre a possibilidade de o Eugene conseguir ler ou sobre o quadro de letras que estava na mochila do pai — e coisas que devia fazer, como uma pesquisa à moda antiga no Google por blogues de mães locais, indagar sobre centros de detenção juvenil no nosso condado, e por aí fora. Mas estava demasiado nervosa com a audiência. A minha mãe teria de desligar o *iPad* quando começasse; como reagiria o Eugene?

— Estou a tentar convencer o Kenny a arrombar a casa da vizinha — anunciou o John, e eu disse que precisava de ir à casa de banho e saí da sala.

Atravessei o corredor e encostei o ouvido à porta da sala de audiências de admissão, mas o som estava tão abafado que não consegui perceber nada. Julgo que era bom que a nossa esquadra estivesse bem construída, com as salas importantes devidamente insonorizadas, mas não deixava de ser frustrante.

O meu telemóvel deu sinal de vida. Outra mensagem da equipa de

provas. Neste conjunto de páginas digitalizadas, era evidente que o meu pai tinha usado canetas de tinta permanente — muitos dos escritos tinham-se apagado ou estavam esborratados —, mas as tintas vermelha e verde deviam ser mais resistentes à água, porque eram muito mais legíveis.

A felicidade não é absoluta. É relativa — o nosso hoje comparado com o nosso ontem (linha de base) + a nossa visão do amanhã (expectativas). Exemplos: um aluno de Suficiente que tem um Bom no teste é, provavelmente, mais feliz do que um aluno de Excelente que tem um Bom no teste; o atleta não classificado que obtém uma medalha de bronze é, provavelmente, mais feliz do que o atleta de topo que obtém uma medalha de prata.

Os três estudos de caso demonstram o poder da mente na definição da nossa linha de base/expectativas. O que era intolerável (ficar paraplégico) ou maravilhoso (ganhar milhões de dólares) pode rapidamente tornar-se o novo normal. Mas este poder de adaptação não é uniforme (veja-se o caso dos prisioneiros de guerra). Podemos concentrar-nos para ligar/desligar (ou aumentar/diminuir) em nosso benefício?

É aqui que entra o QF. É uma representação abreviada e numérica útil do carácter relativo da felicidade.

Gostava que ele tivesse soletrado «QF» e confirmado a minha suposição de que significava «quociente de felicidade». Eram as notas do meu pai para ele próprio, é certo, mas não podia ter sido um pouco mais atencioso com as pessoas que tentavam decifrá-las? Avancei para a parte legível seguinte.

Porquê usar números para representar estados de emoção? Julgo que tentar criar um método de quantificação da felicidade é

É o quê? Aquela era a última página. Que merda. Será que QF queria dizer quantificação de felicidade e não quociente de felicidade? Não sei porque é que aquilo era tão importante para mim. Enviei uma mensagem ao laboratório de provas: «Obrigada! Podem enviar a próxima página com urgência? Mto importante!», mas recebi uma daquelas respostas automáticas. «Resposta inválida. Escreva HELP para obter ajuda ou STOP para anular a subscrição.»

Raios, que irritação. Teria de esperar sabe-se lá quanto tempo para que as folhas seguintes fossem secas, digitalizadas, codificadas e enviadas através de um canal de segurança governamental triplamente

encaminhado para servidores em todo o mundo ou lá o que era — quando o caderno estava no mesmo edifício que eu.

Espera. O caderno estava neste edifício. Isso seria verdade? As salas de processamento de provas localizavam-se dentro da esquadra de polícia, ou algures num laboratório externo? Lembro-me de ter passado por um diretório, talvez junto ao elevador.

Caminhei até ao fim do corredor onde me pareceu que ficava o elevador, mas afinal desemboquei noutra corredor. Tentei percorrer mais corredores, mas pareciam todos iguais, estranhamente neutros, com portas fechadas atrás de portas fechadas. A Mona tinha dito que a maioria das pessoas estava a trabalhar à distância, mas, mesmo assim, aquele vazio era perturbador. Tentei voltar para trás, mas talvez me tivesse virado, porque não fazia ideia de onde estava, e ainda vi uma câmara de vigilância no canto a piscar e a mexer-se. Não só estava presa naquele labirinto infernal de uniformidade empresarial bege como tinha sido apanhada. Merda.

Olhei para a câmara de vigilância em movimento e agitei os braços como um náufrago a fazer sinal aos aviões de salvamento que o sobrevoam: *socorro, estou perdida!* Antes fazer-me de desamparada e estúpida do que ser presa por andar a bisbilhotar na esquadra de polícia. Ouvi o som distante de um elevador, seguido de «Mia? O que estás a fazer?». Graças a Deus, a Mona. Segui a voz dela e quase a abracei, de tão aliviada que me sentia por ela estar sozinha. Planeei dizer que me tinha perdido à procura da casa de banho, mas, ao ver o seu sorriso simpático e divertido, tive uma ideia melhor.

— Estou tão feliz por vê-la. Na verdade, perdi-me quando estava à sua procura. A Shannon disse que devia chamá-la se precisasse de ajuda. — Expliquei-lhe o que se passava com o caderno do meu pai e mostrei-lhe as mensagens da equipa de provas. — Sei que estão muito ocupados e sinto-me mal por estar a obrigá-los a digitalizar toda esta papelada. Como estou aqui sentada sem fazer nada, pensei que talvez pudessem mostrar-me o caderno e assim poupava-lhes esse trabalho.

Ela concordou que era uma boa ideia. Fez um telefonema rápido e disse que não havia problema, que o caderno estava na sala de provas, que, para mal dos meus pecados, ficava muito perto da nossa sala de espera.

A «equipa de provas» era um tipo careca e de óculos, chamado

Octavius, que usava uma proteção facial e uma bata de laboratório, e a «sala de provas» era uma sala vazia configurada como uma sala de aulas, com seis filas de mesas com longas tiras de papel vegetal branco translúcido em cima, como se fossem toalhas de mesa. Tinha imaginado o caderno do meu pai numa máquina de secagem de alta tecnologia, mas não; o Octavius estava a pegar no caderno do meu pai e a descolar e cortar cuidadosamente as folhas do bloco inchado e encharcado à mão, colocando cada página separada no papel vegetal para garantir que não se colava à mesa enquanto secava. Aproximei-me das folhas e, ao ver a letra multicolorida do meu pai nas páginas onduladas e enrugadas que secavam, pestanejei, com as pálpebras pesadas e quentes das lágrimas. Ver aquele caderno ao vivo parecia dar cabo de mim. Talvez fosse apenas tristeza por ver aquele desmembramento do caderno do meu pai em «provas»; a lembrança visual de que se tratava de uma investigação criminal. Talvez gratidão em relação ao Octavius, um estranho que demonstrava um enorme desvelo para com um objeto que poderia muito bem tornar-se uma recordação de família. Ou talvez a proximidade com aquele repositório de ideias que desejava ter permitido que o meu pai partilhasse comigo; o arrependimento por ter desperdiçado a oportunidade de fazer as perguntas que agora talvez nunca chegasse a fazer. Já sabia todas aquelas coisas, mas o facto de as ver expostas, literalmente, à minha frente, abalou-me de uma forma que eu não esperava.

Estiquei a mão para tocar numa folha (ainda húmida?) quando o Octavius gritou:

— Calma lá, parou! Não toque nisso. Não toque em nada. — Dei um salto e virei-me para pedir desculpa, mas a cara dele suavizou-se. — Desculpe, mas isto ainda está molhado e temos de ter cuidado. Tome.

Entregou-me luvas de látex, o que parecia incoerente com a ideia de não tocar, mas tentei pedir desculpa e agradecer por entre soluços. Meu Deus, o que se passava comigo? Tinha chorado mais nas últimas vinte e quatro horas do que em toda a minha vida. O Octavius estava tão desconfortável com as minhas emoções quanto eu; murmurou algo sobre a necessidade de voltar ao trabalho e sentou-se num canto a separar mais páginas.

Respirei fundo. Pronto, tinha de parar de chorar. Passei os olhos pelas folhas e encontrei facilmente as duas linhas de vermelho-vivo da última digitalização, assim como a página seguinte. Juntas, diziam:

Porquê usar números para representar estados de emoção? Julgo que tentar criar um método de quantificação da felicidade é inútil e escusado, porque as classificações são inerentemente subjetivas e impossíveis de padronizar. O 8 do J pode ser o 5 da M, mas isso significa que o J teve um dia/uma vida mais feliz do que a M?

A quantificação dos níveis de felicidade é útil apenas para comparações rápidas e aproximadas relativas a uma mesma pessoa (não o J vs. a M, mas o J de hoje vs. o J de amanhã).

É por isso que o quociente de felicidade é o principal fator de determinação do nível de felicidade definitivo. QF = como é que a nossa experiência real (numerador) se compara com a nossa mentalidade (denominador)?

Semelhante ao *handicap* no golfe. Pontuação bruta = número de pancadas. Pontuação líquida = ajustada ao *handicap*, com base no desempenho anterior (linha de base do golfe).

(Considerar utilizar a subtração e não a divisão? Mas o quociente é uma melhor expressão dos extremos (ir da infelicidade extrema à alegria extrema, ou vice-versa), de acordo com a percepção da M. Além disso, a semântica é melhor. «Diferença de felicidade» soa a conceito, ao passo que «quociente de felicidade» é claramente um número e tem ainda a vantagem de denotar um certo brio titular. Além de tudo isto, acabei de pesquisar na Internet e vi que as pessoas têm usado esta frase, e fico feliz (ahaha) por pensar que posso estar a juntar-me a essa discussão. E talvez até contribuir para ela de alguma forma.)

Nem imaginam como fiquei entusiasmada ao ver a expressão «quociente de felicidade». Não foi apenas por descobrir que estava certa sobre «QF» significar «quociente de felicidade» (embora tenha de admitir que adoro estar certa). Não tenho a certeza de o ter reconhecido na altura, mas acho que foi o alívio da avalanche incessante de notícias horríveis. Até que enfim, uma coisa — mesmo que fosse uma pequena coisa cuja origem eu não conseguia explicar — que me fez sentir uma ligação ao meu pai, como se partilhássemos uma memória basilar. E o *brío titular* — que me fez sorrir. Aquela frase era minha; tinha-a usado quando andávamos no liceu, durante um pequeno-almoço em família, para descrever o título de um romance. O John arregalou os olhos e disse: «Porque não dizes que o título é fixe ou fatela, como uma pessoa normal?», mas o pai tomou o meu partido, disse que eu nunca devia pedir desculpa por ser ou tentar ser

diferente. Além disso, o facto de o meu pai mencionar a minha «percepção» e responder à minha pergunta — porquê quociente em vez de diferença? — fez-me sentir uma ligação mais profunda, como se nós os dois estivéssemos a conversar por intermédio daquelas páginas.

QF Aplicado ao Caso Contraintuitivo #1 (Lotaria/Acidente):

- Partir do princípio de que 5 é a média da linha de base antes da lotaria/acidente.
- Logo após a lotaria/acidente, o vencedor da lotaria está em alta e feliz (QF de $7/5$); a vítima está em sofrimento e infeliz ($3/5$).
- UM ANO após a lotaria/acidente: adaptaram-se. A nova linha de base do vencedor da lotaria é 7, pelo que o dia médio na nova vida (objetivamente melhor do que a anterior) é agora neutro (QF = $7/7 = 1,0$). O mesmo acontece com a vítima do acidente, que tem uma nova linha de base inferior ajustada.
- Como a linha de base do vencedor da lotaria (denominador) é agora mais elevada, os pequenos momentos de alegria afetam-no menos. Por outro lado, essas pequenas coisas tornam a vítima do acidente mais feliz.

QF Aplicado ao Caso Contraintuitivo #2 (Prisioneiros de Guerra):

- Digamos que a vida na prisão tem um nível médio de felicidade de 2, bastante desanimador.
- Para o realista/pessimista, o dia típico na prisão torna-se a nova linha de base. Uma vez que a nova linha de base é 2, um pequeno momento de não tristeza de 2,5 (uma chávena de chá quente ou estar no exterior durante dois minutos num dia de sol) torna-se um momento de felicidade relativa ($2,5/2$).
- A linha de base do otimista continua a ser 6, a mesma da sua antiga vida nos Estados Unidos com a família — ele não se adaptou; recusa-se a adaptar-se, aí reside o otimismo — é tudo triste e horrível ($2,5/6$).
- Quando chega o Natal e ainda está na prisão, o otimista fica desolado, sentindo um 2 em vez do 9 (ser resgatado/libertado) que esperava.

QF Aplicado ao Caso Contraintuitivo #3 (Objeto vs. Experiência):

- Um objeto que compramos e guardamos passa a fazer parte do nosso novo normal, da nossa linha de base, pelo que vê-lo passado um ano já não nos dá prazer.
- Mas, uma vez terminadas as férias ou o concerto, regressamos a casa e a nossa linha de base de vida continua a ser a mesma. Assim, sempre que nos lembramos da experiência, retiramos daí um novo prazer.
- O artigo onde se descreve o estudo objeto vs. experiência proclamava: «A adaptação é um inimigo formidável da felicidade.» Mas a adaptação é também

inimiga da infelicidade. A adaptação modera o nosso nível de felicidade, leva-o para a neutralidade, para longe dos extremos da alegria e da infelicidade.

Sou fã de tudo o que é contraintuitivo, mas ao ler isto fiquei a pensar: *Está bem, pai, tudo muito interessante, mas e então?* Se conhecia o meu pai (o que já começava a duvidar), aquelas reflexões não eram teóricas. Para os nossos trabalhos escolares e feiras de ciências, o meu pai queria sempre saber quais eram as implicações no mundo real, afirmando que as ideias eram inúteis sem aplicação prática.

Passei os olhos pelas folhas. Mais equações, estudos, números, exemplos... ali! No cimo de uma página:

E ENTÃO?: Aplicação prática

Qual é a importância de tudo isto? Afinal de contas, há muitas formas de se ser mais feliz e o mundo está cheio de estudos, livros e TED Talks sobre como aumentar o nível de felicidade bruta — fazer mais exercício físico, sair de relações tóxicas, encontrar empregos que sejam mais adequados, meditar — com vista a uma vida mais satisfatória. Então, porquê concentrarmo-nos em baixar a linha de base/expectativas? Será tão absurdo como prepararmo-nos para um torneio de golfe aumentando o nosso *handicap* (jogar pior durante algum tempo para «jogar contra o sistema») em vez de tentarmos melhorar o nosso *swing*?

Julgo que estou fixado no QF porque estou a tentar preparar a minha família para as experiências dramáticas que teremos pela frente. Não posso mudar o que está para vir; o numerador é fixo. Muitas outras variáveis que influenciam a felicidade são fixas (genética), requerem esforços a longo prazo (muita terapia) ou não são exequíveis para a minha família (imagino-me a tentar convencer a Mia a fazer meditações de gratidão!). Mas se conseguir tomar medidas que permitam diminuir a linha de base/expectativas da minha família e, assim, aumentar os aspetos positivos (e, mais importante ainda, diminuir o lado traumático negativo) do que se avizinha, isso seria ótimo.

Mas como? É fácil dizer «muda a tua mentalidade»; o desafio é fazer.

É por isso que preciso de experiências. Para descobrir: É possível manipular os níveis de felicidade, mudar a nossa mentalidade (ou a mentalidade da nossa família), de modo a maximizar a felicidade e minimizar a tristeza? Que consequências imprevistas podem resultar daqui?

O que estava ele a preparar? Estaria apenas a pensar em generalidades, como se todas as famílias passassem por altos e baixos, ou estaria a antecipar coisas específicas que sabia que se avizinhavam, como o cancro? Pela primeira vez, ao ler o caderno do meu pai,

pensei: *Será que quero mesmo continuar a ler?*

Experiências QF Q1: Expectativas vs. Linha de base

Durante muito tempo, pensei que a chave para maximizar a felicidade era reduzir as expectativas o mais possível. Mas pode sair-nos o tiro pela culatra. Se contamos perder, acabamos por perder, e talvez nem sequer cheguemos a tentar.

A minha hipótese é que baixar a LINHA DE BASE pode aumentar a felicidade sem a potencial desvantagem de baixar as EXPECTATIVAS. Linha de base e expectativas são coisas distintas. Podemos ter uma linha de base reduzida (sempre ficámos hospedados em hotéis reais), mas expectativas elevadas (uma reserva num hotel de luxo com críticas fantásticas), ou vice-versa.

Os exemplos contraintuitivos mostram que alterar a nossa linha de base — a conceção que temos de nós próprios e da nossa vida normal — tem um impacto tremendo nos níveis de felicidade. Quando algo de bom acontece (uma promoção, um contrato), não devemos habituar-nos demasiado depressa; ao invés, devemos continuar a pensar na nossa vida antiga, no emprego antigo, na casa antiga, como termo de comparação com novas experiências. Por outro lado, quando algo de mau acontece (doença, morte na família), há que ajustar a linha de base para baixo o mais rapidamente possível; sem ficarmos agarrados à nossa vida anterior à tragédia, como o prisioneiro de guerra otimista.

Falar é fácil, mas será exequível? Como? Já vi pessoas a fazer isto: brindes de casamento/aniversário («Estava sozinho, convicto de que nunca encontraria alguém especial, mas depois conheci-te»), discursos de entrega de prémios («Há cinco anos, não tinha agente, era rejeitado a torto e a direito»), ensaios universitários, formaturas, etc. — tudo ocasiões em que invocamos uma linha de base reduzida do passado para a comparar com o caminho percorrido. Imaginem se pudéssemos fazer isto em dias normais, na vida quotidiana, em vez de trazermos essa mentalidade apenas para publicações nas redes sociais e ocasiões marcantes.

Esta é a questão fundamental, o objetivo das minhas experiências de QF. É possível manipular o *timing* e os níveis deste processo de adaptação da linha de base, normalmente subconsciente? Como? Será tão simples como estarmos conscientes disso? A visualização diária de uma memória de base com a qual comparamos intencionalmente os acontecimentos atuais? Será que o simples facto de pensarmos nesse ponto baixo três vezes por dia, tantas como as vezes que escovamos os dentes, será suficiente para alterar a nossa linha de base?

Experiências QF Q2: MAXIMIZAR A FELICIDADE dos Entes Queridos

Chegamos agora ao ponto crucial de todo este projeto: utilizar o princípio do QF para prepararmos os nossos entes queridos para algo fantástico que está para vir.

Segundo o QF, quanto maior for a diferença entre a experiência real e a linha de

base/expectativa, mais drástica será a felicidade (ou tristeza) resultante. Mais feliz = linha de base reduzida + expectativa de uma situação horrível; mas depois recebemos subitamente uma notícia espantosa (um recluso inocente condenado à morte obtém um indulto de última hora; uma pessoa sem-abrigo e doente ganha a lotaria). Podemos/deveremos baixar a linha de base dos nossos entes queridos para lhes proporcionarmos a dádiva dessa emoção positiva súbita, um momento de alegria intensa que irá ressoar e reverberar ao longo da vida?

Experiências QF Q3: MINIMIZAR O SOFRIMENTO dos Entes Queridos

O pior em termos de felicidade = uma enorme queda sem aviso prévio (uma pessoa jovem e saudável recebe um diagnóstico de doença fatal). Este é o meu maior objetivo: evitar o trauma intenso e chocante. No caso de más notícias iminentes, é possível baixar a linha de base pouco a pouco, como um sapo dentro de uma panela com água a ferver, de modo a aproximarmo-nos o mais possível do nível das más notícias antes de as divulgarmos, e assim tornar as notícias dolorosas mais fáceis de suportar?

— Desculpe, Sr. Octavius? Desculpe incomodá-lo, mas as restantes páginas estão em branco. Encontrou mais alguma folha escrita?

Ele não ergueu os olhos, limitou-se a continuar a retirar lentamente uma folha, com cuidado para não a rasgar.

— Sim, acabei de encontrar uma escrita. — Colocou a folha sobre o papel vegetal. — A escrita está ao contrário, na parte de baixo da página. Ele deve ter usado o outro lado.

O Octavius virou o caderno e abriu cuidadosamente a espessa contracapa. No meio da primeira/última página, em letras grossas, estavam as palavras RESUMO DAS EXPERIÊNCIAS QF. Eu também fazia aquilo, usava um caderno para duas coisas — a frente para os apontamentos das aulas teóricas, o verso para as aulas práticas —, e ocorreu-me que provavelmente tinha visto o meu pai fazer aquilo quando era pequena, copiando-o sem me aperceber.

A contracapa ainda estava demasiado húmida para que o Octavius a separasse. Na verdade, estava tão húmida que era possível ver a escrita do outro lado, embora não fosse possível lê-la porque a escrita estava ao contrário. Tirei uma fotografia com o meu telemóvel e espelhei-a, aumentando o contraste para escurecer as letras do outro lado.

Ali estava. Em cima, a vermelho: EXPERIÊNCIA #1: 19/04/2017. Ena, o

meu pai andava a fazer aquilo há três anos? Uma linha mais abaixo, podia ler-se: (ilegível) Mia e John (ilegível) passeios DFU (ilegível) filme Q&D. O resto da página estava escrito com a tinta azul que borrava mais, formando uma nuvem suave e difusa de azul-claro, pelo que era difícil de ler, mas eu percebi o essencial. Primeiro, tenho de explicar os nossos Dias de Filho Único. Quando o Eugene foi diagnosticado com autismo, os terapeutas avisaram os nossos pais para não concentrarem toda a sua atenção no Eugene e criarem ressentimentos, sobretudo porque eu e o John somos gémeos e já não nos sentíamos especiais como indivíduos, blá-blá-blá. Os meus pais são ambos filhos únicos, e foi aí que começou a ideia de eu e o John sermos filhos únicos uma vez por mês. Digamos que era a minha vez de ser «filha única». Eles deixavam o Eugene na Henry's House para uma pausa de um dia inteiro e o John ficava a dormir em casa de um amigo. Mas não era só guloseimas e passeios. Eu também tinha de fazer todas as tarefas domésticas e ajudar a fazer as compras e cozinhar, mas havia pelo menos uma saída divertida.[13] Parece estúpido falar disto, mas era realmente especial. Eu ansiava por aqueles dias, mesmo quando era adolescente e passava a maior parte deles com os auscultadores nos ouvidos, a jogar videojogos.

Esta primeira experiência envolveu *The Queen & the Drone*, uma sequele divertida e exagerada com dois super-heróis — um homem e uma mulher. O meu pai levou-me a vê-lo num DFU, afirmando que os filhos de todos os seus amigos diziam que era exponencialmente melhor do que o primeiro filme e enviando-me críticas escolhidas a dedo. No regresso a casa, pediu-me para classificar o filme. Lembrome de me ter recusado a reduzir uma experiência a um número, mas ele insistiu e eu acabei por ceder. Dei-lhe um 2, pois tinha ficado desiludida por não ter correspondido às críticas. De acordo com as notas do meu pai, ele levou o John a ver o mesmo filme, dizendo-lhe para se preparar porque o filme era horrível (enviou-lhe as críticas negativas), mas que tinha de o ver porque tinha sido coproduzido por um amigo dos tempos de faculdade. Aparentemente, o John deu-lhe um 7, dizendo que ficou surpreendido com o facto de ser muito melhor do que estava à espera.

Ao ler aquilo, pensei: *A sério? Mas que raio? O pai fez experiências connosco? Não é falta de ética fazer experiências com pessoas sem autorização,*

sobretudo crianças, e sobretudo os próprios filhos?

Sentei-me na cadeira de plástico duro e frio e tentei pensar. Sabia que aquela era a menor das minhas preocupações, mas senti-me traída. O que eu pensava ter sido uma ocasião especial entre pai e filha — foi o que ele lhe chamou, e eu bufei e agi como se aquilo fosse estúpido, quando lá bem no fundo estava a adorar — era afinal um estratagema. Se me tivessem perguntado quais eram as minhas melhores e mais preciosas recordações do meu pai, essa estaria entre as dez primeiras. Durante todo o dia que antecedeu o filme, e enquanto caminhávamos do parque de estacionamento para o cinema, eu estava radiante — íamos ver um filme fantástico, o sol brilhava e tínhamos acabado de comer sushi e gelado. Não importava que o filme pudesse ser uma porcaria, porque a felicidade que sentia ao antecipá-lo, ao ansiar por ele, compensava isso, bem como o gozo posterior de debater os seus méritos com o meu pai, que não partilha o meu gosto por filmes, mas de quem é muito divertido discordar.

— Veja o que encontrei. Uma folha solta, dobrada ao meio. Está datilografada — anunciou o Octavius, colocando a folha sobre o papel vegetal.

Experiências QF: Lista Principal

RESSALVA: Não se trata de «experiências» no sentido mais concreto (ausência de controlos, sujeitos de teste de 1 a 2 pessoas), e não são fiáveis ou de aplicação geral. Estou a utilizá-las apenas como controlos de sanidade para me ajudar a aperfeiçoar o meu raciocínio. Um problema importante a considerar é que os meus «sujeitos de teste» são a M e o J. Considerar se a M é demasiado cínica para que os resultados sejam válidos. A sua atitude sarcástica e o seu desrespeito geral pelos sentimentos dos outros *versus* o facto de o J ser uma excelente companhia → O meu próprio estado de espírito reativo em relação a eles influencia e distorce as suas classificações? Como controlar este fator?

Aproximei-me do papel e reli a passagem. Senti que alguém estava a pressionar um polegar no meu pescoço, obrigando-me a respirar fundo para evitar que os meus pulmões encolhessem. Era mesmo aquilo que o meu pai pensava? Que eu não me importava com os sentimentos dos outros — nem com os dele? Que era cínica e sarcástica, enquanto o John era uma simpatia? Não era mentira. Eu sabia disso. Já tinha ouvido aquilo dos meus pais e professores —

caramba, até eu já o tinha dito e, para ser sincera, até me orgulhava disso —, mas numa perspetiva diferente, a de ser uma pensadora independente, que se preocupava mais com a autenticidade e a sinceridade do que com o tato. A avaliação escrita do meu pai magoou-me, foi como ouvir as pessoas a sussurrarem sobre nós nas nossas costas, e desejei que o meu pai estivesse ali para poder criticá-lo, dizer-lhe que a sua «experiência» era banal e redutora e fundamentalmente errada em vários aspetos: em primeiro lugar, eu e o John temos gostos totalmente diferentes em termos de filmes; em segundo lugar, aposto que há estudos que o contradizem, que a criação de expectativas elevadas resulta em classificações mais elevadas, porque as pessoas são ovelhas conformistas e acreditam no que lhes dizem para pensar, e é por isso que os influenciadores recebem um milhão de dólares para criar publicidade, por amor de Deus; e em terceiro lugar... estava tão chateada que não consegui pensar no terceiro argumento, mas tinha a certeza de que havia inúmeras razões óbvias para que a chamada Experiência #1 do meu pai não provasse nada, exceto que ele era um idiota.

Levantei-me. Queria sair a correr da sala — que se lixasse o meu pai e as suas teorias ridículas e experiências cruéis — e nunca mais ver aquelas páginas.

Foi então que vi a última linha da página datilografada: EXPERIÊNCIA #24: 23/06/2020. Ontem. Qual foi a experiência? Quando e onde? Quem esteve envolvido? Será que o desaparecimento do meu pai foi uma experiência? Parecia tão ridículo há uns minutos, mas depois de descobrir que as suas experiências eram sobre nós, de ler a crueldade das suas palavras sobre mim... Mas eu e o John éramos uma coisa. O meu pai não podia fazer aquilo ao Eugene, pois não? Fechei os olhos. Só me apetecia vomitar. Saber-me-ia tão bem vomitar.

— Vou-me embora, muito obrigada, mas, por favor, se puder enviar mais páginas assim que possível... — consegui dizer antes de sair a correr. O John estava ao virar da esquina, à porta da casa de banho das mulheres, com a porta entreaberta, a espreitar. — John? Mas que raio estás aí a fazer?

— Mía, onde estiveste? — sussurrou ele. — Andei à tua procura. Porque não respondeste às minhas mensagens?

— Oh, meu Deus, tenho tanto para te contar. Encontrei...

— Está bem, isso agora não interessa. Ouve...

— Não, *ouve* tu. Isto é muito importante. Precisas de...

— Mia, podes calar-te? Falei com ela. Com a vizinha blogger. A do vídeo. Ela tem-no desde ontem à noite. — Pensei: *Ok, o que me escapou?* Claro que tinha o vídeo ontem à noite; gravou-o ontem de manhã, por isso... Espera, «ela» não era a blogger? Estaria ele a falar da mãe do Kenny? O John continuou: — *Ontem à noite*, e nunca tocou no assunto, depois de ter dito que ia partilhar informações e contar-nos tudo e...

— Espera, o quê? De quem estás a falar?

O corpo descaiu-lhe como se todas as células tivessem perdido metade da energia e ele estivesse demasiado cansado para prosseguir.

— A agente — disse ele. — A inspetora Janus.

[13] Pondo de lado a cena marada de fazer experiências com os próprios filhos (!) (já lá voltamos), ocorreu-me que este cenário era perfeito para experiências porque eu e o John não podíamos falar um com o outro sobre estes dias, para manter a ilusão de que se tratava de uma esfera de existência separada. Ignorávamos aquela regra e contávamos tudo um ao outro quando éramos pequenos, mas no liceu já não éramos tão tagarelas.

PARTE III

A NOVA LINHA DE BASE REDUZIDA

As Necessidades dos Dois

A primeira vez que o Eugene teve uma crise física e assustadora foi quando eu e o John fizemos 13 anos, que por acaso calhou numa sexta-feira 13, daí eu ter atribuído as culpas do sucedido ao mau agouro da data — não que acreditasse nesses disparates supersticiosos, mas precisamente porque não acreditava.

Passo a explicar. Os aniversários são um acontecimento importante na nossa família; os nossos pais fazem sempre um grande alarido, o meu pai porque cresceu com festas extravagantes (privilégios de filho único) e a minha mãe porque não teve essa experiência (os pais dela eram pobres e pouco sentimentais). Desde o diagnóstico do Eugene que os nossos pais têm feito tudo para demonstrar que nós, os irmãos, ainda somos importantes. Sendo aquele um ano marcante — em que nos tornávamos adolescentes ou, como a minha mãe gostava de dizer, em que a nossa idade biológica finalmente se aproximava das nossas atitudes —, imaginámos presentes como uma festa de *laser tag* em Gangnam, os nossos primeiros telemóveis ou uma temporada numa colónia de férias.

Mas um mês antes do nosso aniversário, algo de estranho começou a acontecer ao Eugene, que tinha então 7 anos. Uma noite, acordou à uma da manhã com um gemido agudo e começou a saltar com uma violência que nunca tínhamos visto, aterrando com estrondos que faziam vibrar o chão do nosso apartamento (e, supostamente, o teto dos vizinhos que moravam por baixo de nós). O pai pegou nele e embalou-o, o que acrescentou uma qualidade torturada às suas

vocalizações já de si perturbadoras. A minha mãe deu-lhe o seu gelado preferido, o que pareceu uma boa ideia — ele não podia gritar se estivesse a comer —, mas ele engasgou-se e vomitou, o que levou o meu pai a soltá-lo, altura em que o Eugene voltou a saltar e a berrar. Aquilo prolongou-se durante horas. Lembro-me de, a certa altura, ficar espantada com a resistência do Eugene, com a capacidade para manter aquela amplitude durante tanto tempo sem ficar rouco; a nossa professora de coro iria adorar aquela técnica vocal e a precisão do ritmo. Finalmente, adormeceu ao amanhecer, recomeçando assim que acordou horas mais tarde e continuando ao longo do dia até anoitecer, altura em que o ciclo recomeçou. Ninguém conseguia dormir e o meu pai tinha a certeza de que iríamos ser despejados do apartamento. O neuropsicólogo do Eugene deu à minha mãe a brochura de uma instituição em Seul que aceitava crianças.

Foi durante a segunda semana da nossa crise, a altas horas da noite, quando eu não conseguia dormir, que ouvi os nossos pais a discutirem por causa dos planos para o nosso aniversário. (Pronto, eu confesso, pus-me a escutar à socapa.) A minha mãe disse que não tinha feito nada para planear a nossa festa e que, de qualquer modo, não conseguiriam organizar nada porque não arranjavam uma ama para o Eugene e não conseguiam levá-lo para lado nenhum. O meu pai disse que as consultas médicas e os exames estavam a custar tanto dinheiro que não iriam conseguir pagar colónias de férias.

— Não podemos fazer nada — disse a minha mãe, e a mistura de exaustão e determinação na voz fazia-a parecer estranhamente perturbada. Repetiu: — Não podemos fazer nada — mas a voz falhou-lhe no «não podemos».

Fui até ao quarto do John para lhe contar. Senti-me mal por tê-lo acordado (naquela altura, o sono era um bem precioso na nossa casa), mas tratava-se de uma emergência. Revezámo-nos a falar e a desabafar sobre aquele que seria um aniversário de merda, já para não falar de um verão de merda, passado em casa a brincar aos assistentes de terapeutas que seguiam o Eugene todo o dia, estendendo *M&M* como guloseimas e a dizer:

— Eugene, vamos dizer *buh, buh*. Junta os lábios e depois separa. *Buh*.

A parte mais merdosa de todas: não havia nada que pudéssemos

fazer. Não podíamos queixar-nos; o quase choro (que poderia muito bem ser factua) da minha mãe deixava isso claro. O meu pai era o chorão da dupla; a minha mãe não vertia uma lágrima. Obviamente, sabíamos que a culpa era do cansaço extremo, que ela não teria ficado tão chorosa se não fosse a privação de sono e a depressão motivada pelo Eugene. No entanto, o que a fez chorar foi algo que tinha que ver connosco, com a porcaria da nossa festa de anos.

A minha ideia de último recurso era confessar que os tinha ouvido e oferecermo-nos para planearmos a festa e pagarmos nós a colónia de férias (tínhamos dinheiro das tarefas domésticas e podíamos dar explicações de inglês a outros miúdos para ganhar mais), mas o John vetou a ideia, dizendo que isso só faria a mãe sentir-se pior.

Acabámos por dizer aos nossos pais que não queríamos uma festa de anos (são coisas de miúdos, dissemos, agindo como se tivéssemos medo de os ofender) nem ir para uma colónia de férias (dissemos que tínhamos descoberto que nos tiravam os dispositivos eletrónicos — coisa que já sabíamos, mas que, na realidade, não nos fazia diferença) e que, tendo em conta que íamos fazer 13 anos, queríamos ter como presente a liberdade de não fazer nada nesse verão e tempo ilimitado no computador.

Se ficaram aliviados, fizeram um bom trabalho em escondê-lo. A minha mãe perguntou:

— É mesmo isto que vocês querem?

E nós dissemos que sim, *claro*, mas talvez com demasiado fervor. (Não somos lá grandes mentirosos.) Eles observaram-nos, o meu pai com um sorriso sabedor e a minha mãe, pelo contrário, semicerrando os olhos e franzindo um pouco as sobrancelhas como se estivesse a ver algo estranho. O meu pai disse que agradecia que tivéssemos tomado a decisão em conjunto, por isso, se a mãe não se importasse, ele também não se importaria. A minha mãe disse uma palavra, um «OK» quase inaudível, eivado de algo que não consegui perceber — não era propriamente desilusão, ou pelo menos não connosco (um tom que eu conhecia bem); seria talvez arrependimento.

Para ser sincera, fiquei chocada por eles terem concordado. Quando disseram que concordavam, que confiavam em nós, só me apeteceu dizer «Não! O que estão a fazer? Somos uns idiotas; não confiem em nós», e tive noção de que o John sentiu o mesmo, mesmo

quando acenámos com a cabeça e nos mostrámos gratos. Foi então que percebi — uma parte de mim esperava que eles não nos levassem a sério. Talvez até tivesse essa expectativa, talvez contasse com isso, que desmascarassem a nossa farsa e recompensassem a nobreza e generosidade do nosso gesto recusando-se a alinhar, organizando uma festa ainda mais extravagante com presentes nunca sonhados. Não era isso que acontecia nas histórias que líamos, nas fábulas e nos mitos? O melhor dos dois mundos: agirmos com maturidade, sacrificarmo-nos pelo bem da família, sem termos de viver com as consequências. Acho que foi a primeira vez que me lembro de pensar: *Talvez ser adulto não seja assim tão bom.*

A única redenção foram os dois bolos. Acordámos no dia do nosso aniversário e demos com os nossos pais na cozinha, sobranceiros a dois bolos que tinham feito juntos, uma estreia. (Ambos detestavam fazer bolos.) Tinham feito um bolo de coco com cobertura de baunilha (o meu preferido) e um bolo de banana com cobertura de chocolate (o preferido do John), depois cortaram ambos ao meio e montaram os semicírculos em dois bolos com metade de cada: um para levarmos para partilhar com os colegas durante o recreio e o outro para um jantar especial de família que teria lugar nessa noite.

O Eugene já se tinha levantado e estava a lamber a colher da cobertura de chocolate. O nosso irmão tinha sido o ajudante especial, informou-nos o pai com um piscar de olho, «provando» diferentes tipos de cobertura nessa manhã. Eu e o John fingimos implorar para provar os bolos, mas o meu pai disse: «Não há bolo para vocês!» num tom de voz estranhamente militarista, que eu e o John não percebemos (aparentemente, estava a citar uma frase de uma série televisiva antiga), mas aquilo fez a minha mãe rir e nós rimos também.

De certa forma, o que aconteceu a seguir foi culpa minha, porque, se eu não tivesse tocado naquela cena da sexta-feira 13, nada daquilo teria acontecido. Ao olhar para as velas 1 e 3 ao lado do calendário da cozinha, percebi que era sexta-feira 13, e disse:

— Olha, o nosso décimo terceiro aniversário calha numa sexta-feira 13! E estamos em abril! — O quatro é considerado um número de azar na Coreia. — Isso significa que vamos ter o triplo do azar? — Fiz uns sons fantasmagóricos para o John e ri-me. Ele é supersticioso e

assusta-se facilmente, e eu gosto de o castigar por isso.

Ninguém se riu, e acho que a minha mãe se sentiu mal por mim; começou a perorar com uma voz demasiado animada sobre a origem destas superstições ridículas, dizendo que pelo menos o preconceito coreano contra o número 4 fazia sentido, uma vez que a versão chinesa (da qual derivou a coreana) soava a «morte», ao passo que ninguém sabia porque é que a sexta-feira 13 dava azar. O meu pai começou a debater o ponto de vista da minha mãe, dizendo que ser contra um número por causa da forma como soa numa língua estrangeira era estúpido, e que pelo menos a sexta-feira 13 surgiu de uma calamidade real. O meu pai não sabia qual tinha sido o acontecimento histórico, por isso fomos todos a correr para o computador da família para pesquisar a origem, que afinal era bíblica — Jesus morreu numa sexta-feira e Judas, o discípulo que traiu Jesus, foi o décimo terceiro a juntar-se à Última Ceia —, quando ouvimos um enorme estrondo vindo da cozinha e voltámos a correr.

Eram os nossos bolos. Os dois. Completamente desfeitos. O Eugene estava a destruí-los, com uma mão *dentro* de cada bolo, apertando, esmagando, triturando, esgadanhando e atirando para todos os lados. Se ele quisesse comer o bolo e tivesse perdido o controlo a enfiá-lo na boca, eu talvez compreendesse. Mas não foi isso. Era como se ele odiasse tudo o que os bolos representavam e quisesse que eles desaparecessem deste mundo, como se cada pedacinho fosse um inimigo que tinha de ser destruído. Ou como se *nós* fôssemos o inimigo, eu e o John, e ele quisesse castigar-nos. Destruir tudo o que havia de bom nas nossas vidas.

De pé, do outro lado da cozinha, a olhar para o Eugene, o meu primeiro pensamento foi: *Odeias-me tanto como eu te odeio? Aposto que não, porque eu odeio-te mesmo muito. Gostava que desaparecesses, que nunca tivesses entrado nas nossas vidas. As nossas vidas seriam perfeitas sem ti.*

Antes, quando sentia aqueles pensamentos vergonhosos à espreita, reprimia-os, dizia-lhes para se irem embora, como se fossem convidados indesejados ou pesadelos que não queria que me incomodassem. Mas dessa vez deixei-me pensar e sentir aquilo na sua plenitude; permiti que se apoderassem do meu cérebro e infundissem cada célula, cada neurónio, enquanto mantinha o olhar fixo no Eugene. Engraçado... por norma, ele não conseguia estabelecer

contacto visual, mas agora estava a olhar fixamente e com um sorriso rasgado, como se me provocasse, como se me desafiasse a fazer e a dizer tudo aquilo que andara a reter.

Desde então, pensei muito sobre o assunto e acho que muitas pessoas podem dizer (embora eu não saiba, porque nunca o disse em voz alta) que esta é uma emoção normal entre irmãos, que todos odiamos o nosso irmão mais novo de vez em quando. Se o Eugene fosse um miúdo «típico», acho que não me teria recriminado por pensar aquilo, ou até mesmo por dizê-lo em voz alta. Já tinha ouvido amigos dizerem aos irmãos: «Odeio-te; vai morrer longe!» — macacos me mordam se eu e o John não estávamos sempre a dizer aquilo um ao outro —, mas nem eu nem o John dissemos alguma vez tal coisa ao Eugene ou sobre ele. Acho que tínhamos medo de o fazer. Porque estava demasiado perto da verdade. Se alguém de fora me ouvisse dizer aquilo do John, pensaria que não era a sério, que era apenas frustração de irmã e que, claro, eu gostava dele. Mas se me ouvissem dizer o mesmo do Eugene, será que não pensariam automaticamente se aquilo seria verdade? Acho que tinha medo de que os outros vissem o Eugene como uma pessoa detestável. Ou talvez receasse que também eu o visse assim.

De qualquer modo, agora sinto vergonha do que as pessoas possam pensar — uma pessoa racional a ficar tão furiosa por causa de dois bolos caseiros ligeiramente tortos. Lembro-me de ficar envergonhada na altura, de me afastar de toda a gente para esconder a minha irritação, de me repreender a mim própria — porque estás a deixar que esta coisa tão pequena e insignificante te afete? Acho que, acima de tudo, o que me perturbou foi a minha mãe e o meu pai ficarem ali parados sem fazer nada. A sua impotência. Via o medo que sentiam que alguém pudesse fazer alguma coisa para irritar o Eugene, como se a coisa mais importante do mundo fosse manter o Eugene calmo. Era a isso que a nossa família estava reduzida.

O Eugene pegou na travessa com o bolo da escola e atirou-a para o caixote do lixo antes de pegar na outra travessa. Fiquei indignada por não ter comido nem sequer uma dentada daqueles bolos, a minha única prenda de anos. Ficou um pedaço de bolo na travessa, e foi como uma Epifania com E maiúsculo, com trompetes a tocar: TENS DE COMER O BOLO!

Atravessei a cozinha a correr e agarrei na travessa. É importante referir que não era minha intenção tocar no Eugene, mas ele não largava a travessa. A sua teimosia enfureceu-me. Como é que ele se atrevia?

— Larga! — gritei. É estranho pensar que foi a primeira palavra que alguém pronunciou. O resto da minha família estava num estado de paralisia, fruto do choque. Mas ele não largou, apenas sorriu ainda mais, e eu gritei outra vez: — Já disse para largares!

Quis dar-lhe uma palmada na mão para lhe servir de sinal físico, ou talvez não, talvez isso fosse apenas uma desculpa, porque o que saiu não foi uma palmadinha inofensiva. Foi uma bofetada. Dei-lhe uma bofetada com tanta força que a palma da minha mão ficou a formigar. E resultou, mas ele agarrou-me nos dedos com as duas mãos para os afastar do bolo. Ele tinha 7 anos, metade do meu tamanho, mas o fator surpresa fez-me largar a travessa, que caiu na mesa da cozinha, mas mesmo assim ele não largou os meus dedos, agarrando e puxando, dobrando o indicador e o médio num ângulo estranho. Deve ter doído imenso, mas o que senti foi aquele assomo de adrenalina que se diz que inunda o corpo das vítimas de acidentes ou das mães que ficam capazes de levantar carros para salvar os bebés, ou lá o que é. Estava concentrada numa coisa: naquele pedaço de bolo que restava na travessa. Era do bolo do John, o de banana e chocolate, que eu pessoalmente achava nojento, mas isso era secundário. Com a mão esquerda, levei-o à boca e mastiguei-o com gosto, com um sonoro «Mmmmmm, delicioso!», antes de engolir.

O Eugene teve um surto. Arranhou-me a boca e o pescoço, como se quisesse chegar ao esófago e arrancar o bolo. Pegou na travessa e atirou-a. Mais tarde, ocorreu-me que ele estava a apontar para o caixote do lixo ao meu lado, mas errou no ângulo, por isso parecia que estava a apontar para mim, para me magoar. Consegui afastar-me, mas por pouco, e a travessa foi embater contra a parede, numa explosão de vidro que se espalhou por toda a parte.

Um dos cacos maiores fez ricochete na parede e atingiu-me a palma da mão direita, cortando-a.

— Mía, a tua mão — gritou o John, e eu olhei para ela e para a fina linha carmesim de sangue a acumular-se e a inchar.

— Deixa estar, não é nada — tranquilizei-o, cerrando o punho

para estancar a hemorragia.

Convenci-me de que o meu tom neutro foi o motivo para nem o meu pai nem a minha mãe terem vindo ver como estava. Concentraram-se total e exclusivamente no Eugene, que estava em plena crise, aos saltos, aos gritos e aos murros no ar, com a cabeça a abanar violentamente. De cada vez que os pés descalços do Eugene pousavam no chão, os cacos de vidro cintilantes agitavam-se e tremiam, os pedaços mais próximos dele saltavam e rodopiavam como bailarinas de gelo. Em defesa dos meus pais, tudo aquilo era assustador; não os censurei por terem entrado em pânico, alheios a tudo menos ao menosprezo do Eugene pelos vidros, quando correram para o impedir de saltar, acabando por desistir e por recorrer à força para o tirar da cozinha, e os gritos ritmados do Eugene foram ficando mais difusos, como a sirene de uma ambulância a passar.

Eu e o John olhámos um para o outro e percebi que ele sabia o que eu estava a pensar, que eu sabia o que ele estava a pensar e que os nossos pensamentos estavam alinhados: isto é uma catástrofe e temos de sair daqui. Pisei os cacos de vidro para sair da cozinha, pegámos nas nossas mochilas e saímos. À saída, o John pegou na pilha de guardanapos de Parabéns com as cores do arco-íris, que deviam acompanhar o bolo da escola. Entregou-mos um a um para que os pressionasse contra a palma da mão para estancar o sangue.

O problema era a injustiça. Sim, o Eugene tinha «necessidades especiais», mas não deixava de ser um ser humano que escolheu agir de uma determinada forma e, aos 7 anos, tinha idade suficiente para ser responsabilizado. Mas, claro, não foi. Os nossos pais não fizeram nada. Nenhuma conversa mais séria, nenhum castigo. Tratavam-no como se não tivesse livre-arbítrio, o que me deixava indignada por ele, mas, mais do que isso, tenho de admitir, ressentida e ciumenta. Os nossos pais viam-no como os cristãos veem os recém-nascidos, seres incapazes de pecar, com uma virtude inerente não maculada pelos males do mundo. Que irritação.

O que eu e o John fizemos na sequência do Incidente do Bolo não foi remetermo-nos ao mais absoluto silêncio. Nem sequer ficámos chateados, o que teria sido compreensível tendo em conta o que

aconteceu, já para não dizer que seria apropriado, uma vez que era a nossa primeira semana como adolescentes. Respondíamos a perguntas e comentários diretos. «Sim, por favor»; «Obrigado»; «Não, senhora»; «Importas-te de passar o kimchi?» A nossa boa educação excessiva era, obviamente, uma recusa de intimidade que tinha o objetivo de magoar. Falar de forma excessivamente formal é uma ótima maneira de castigar os pais, porque transmite distância e também tem a vantagem de nos fazer sentir adultos, mas ao mesmo tempo não é nada de que eles se possam queixar. Quando perguntavam o que se passava (e faziam-no, muitas vezes), dizia «O que se passa? Não se passa nada? Está tudo *ótimo*. E *tu*, como estás?» naquele meu tom animado e cantado que eles detestam e que, mais importante ainda, sabem que *eu* detesto. A forma como tratávamos o Eugene era ainda mais fácil; como ele não falava, tínhamos de ser proativos para interagir com ele, por isso só tínhamos de deixar de tentar.

Tínhamos 13 anos, não é que não fôssemos assim de vez em quando, mas por norma aquilo durava breves períodos hormonais, e nunca em simultâneo. A minha mãe é que aguentava o peso da situação. O meu pai estava a trabalhar num grande negócio que envolvia várias empresas, por isso partiu três dias depois do nosso aniversário numa viagem de uma semana a Nova Iorque, deixando a minha mãe com a batata quente. Ela contava comigo e com o John para fazermos as tarefas adicionais e tomarmos conta do Eugene quando o meu pai estava fora, mas, desta vez, fiquei no meu quarto o mais possível e fingi não ouvir quando ela pedia ajuda.

Foi nessa quinta-feira — o sétimo dia do nosso Tratamento (Não) Silencioso — que tudo mudou. O nosso diretor foi chamar-nos à sala onde estava a decorrer um exame (o que, por si só, já era inédito e alarmante) e levou-nos diretamente para o exterior, para um táxi que estava à nossa espera. Disse-nos para não nos preocuparmos, que estava tudo bem, mas que a nossa mãe estava no hospital e, mais uma vez, que estava tudo bem, mas o nosso irmão ia ser operado de urgência: uma intervenção ligeira, muito segura; ele tinha a certeza absoluta de que o Eugene ia ficar bem — e a nossa mãe sugeriu que, se não nos importássemos muito, talvez fosse bom irmos já para o hospital.

Julgo que presumimos automaticamente que existe uma

correlação direta entre a quantidade de consolo verbal e o nível de gravidade da notícia; quanto maior o amparo, pior a situação. Neste caso, o rácio de palavras de consolo para palavras de impacto era de 5:1, o que não indiciava nada de bom.

Eu e o John não dissemos nada no táxi. No hospital, uma enfermeira simpática que falava muito bem inglês explicou que o Eugene tinha colite ulcerosa, que lhe causava dores horríveis, mas que, como ele não conseguia comunicar com ninguém, não fora diagnosticada e tinha piorado até causar uma obstrução intestinal, e que sim, era grave, mas que tinha sido detetada a tempo e que a operação estava a correr muito bem, e que a minha mãe estava a dar sangue para o caso de ele precisar, mas que sairia em breve, e se tínhamos alguma pergunta.

Eu tinha uma: comer alimentos com açúcar, como cobertura de bolo, causava dor?

Ela disse que as pessoas reagem de forma diferente. Por exemplo, algumas sentem mais dores quando comem, outras a meio da noite, quando o estômago está mais vazio, mas que o açúcar é um irritante comum, que causa dores agudas, sobretudo com o estômago vazio.

— Que curioso — disse ela quando se levantou para sair —, a vossa mãe fez exatamente a mesma pergunta.

Antes de continuar, tenho de explicar a obsessão (paixão, corrigiria ela) da minha mãe pelo *Star Trek*. Toda a nossa família adorava, mas a dedicação da minha mãe ia além da paixão de fã e fazia dela uma verdadeira especialista. Era uma questão de linguística; ela tinha estagiado com o linguista que criou as línguas Klingon e Vulcano da saga, e, sendo um dos cerca de doze membros avançados do Instituto da Língua Klingon, ajudou a editar o libreto da ópera Klingon ‘u’.[14] Apresentou-nos a saga desde cedo, a mim e ao John, e ambos adorávamos os Vulcanos, eu pela sua lógica e aversão ao sentimentalismo, o John pela fusão mística da mente, que lhes permitia aceder aos pensamentos e memórias de terceiros. Há vídeos nossos com 6 anos, o John a murmurar encantamentos com os dedos espalhados sobre a «têmpora» do nosso gato geriátrico, o *Spot*, e eu a «falar logicamente» ligando cada frase com «o que significa, por

consequinte». (Exemplo: Mãe: «Onde estão as bolachas que acabei de comprar?» Eu: «Estava a morrer de fome. O que significa, por consequinte, que tive de comer a primeira coisa que vi.» Mãe: «E como deixei as bolachas cá fora, foram a primeira coisa que viste e tiveste de as comer todas?» Eu: «Parece-me lógico.»)

Foi então que a minha mãe inventou o Jogo da Cadeia Lógica com Fusão Mental. Um LEGO verbal em que ligávamos as nossas mentes e falávamos como um só, revezando-nos a dizer uma frase cada um, de modo a construir uma cadeia de pensamento conjunta. A minha mãe garantiu-nos que a prática consistente melhoraria drasticamente as nossas capacidades de fusão mental e o nosso discurso lógico.

Era um jogo que fazíamos constantemente. Sentíamos-nos aborrecidos e sozinhos — a minha mãe estava grávida, tínhamos acabado de nos mudar para a Coreia e ainda não tínhamos feito amigos —, mas, acima de tudo, adorávamos o facto de sermos exímios jogadores, dada a nossa predisposição enquanto gémeos para este tipo de coordenação. Além disso, era muito útil para nos safarmos de problemas. Quando éramos interrogados pelos nossos pais, fazíamos uma confissão conjunta, de modo a não serem capazes de determinar um culpado e não poderem castigar nenhum de nós para não correrem o risco de serem injustos. (Passado algum tempo, começaram a castigar-nos aos dois, alegando que a confissão mental nos tornava cúmplices no encobrimento.)

A situação mudou à medida que fomos crescendo, como sempre acontece. Deixámos de tocar nas têmporas uns dos outros, deixámos de dizer «o que significa, por consequinte» em cada frase. Tornou-se uma forma de pensarmos juntos e em voz alta tudo aquilo que era demasiado doloroso para enfrentarmos sozinhos — quando tínhamos medo da resposta, quando era demasiado difícil para um só cérebro, quando tínhamos feito asneira e queríamos dividir a responsabilidade, ou, na maioria das vezes, todas as opções anteriores. É muito forte, viciante, esta transformação do *eu* em *nós*, à qual se junta o tom lógico, que afasta as emoções.

Foi isto que fizemos depois de a enfermeira sair, um bloco de pensamentos atrás do outro, como dominós. Tique, tique, tique:

- Era por isso que ele acordava todas as noites. Estava cheio de

dores, sem saber porquê, gritava por socorro, e nós ficávamos irritados por ele não se calar.

- Mas ele percebeu que a cobertura lhe fazia mal.
- E não queria que sofrêssemos também. Foi por isso que deu cabo dos bolos. Para nos proteger.
- Quando comemos o bolo, foi aí que ele se passou.
- Porque nos ama, apesar de sermos idiotas.
- Idiotas abomináveis.
- Idiotas abomináveis, horríveis e maus.

Normalmente, sentia-me melhor depois de fazermos isto. Mas desta vez senti-me uma fraude. Porque *nós* não fizemos nada. Eu agi *sozinha* de forma desprezível, gritei, atormenti e dei bofetadas. Não merecia o consolo da culpa partilhada.

— Isto é uma treta — disse. — Eu é que sou a idiota abominável, não tu. Tu não gritaste, não lhe bateste, não fizeste nada. Meu Deus, que cabra que tenho sido para a mãe.

O John abanou a cabeça, começou a dizer que não era verdade e que tinha os mesmos pensamentos e sentimentos horríveis e blá-blá-blá, mas eu não conseguia concentrar-me. Porque atrás dele, na soleira da porta, apareceu a minha mãe, que se aproximava lentamente. Os nossos olhos fixaram-se, e ela parecia tão triste que pensei que alguma coisa tinha corrido mal com o Eugene. Queria saber o quê, mas algo pegajoso como uma pastilha elástica bloqueava a minha garganta. O John virou-se.

— Mãe, meu Deus, mãe — disse, enquanto corria para ela.
— Como está o Eugene?

A mãe afagou-lhe o cabelo e disse que estava tudo bem, que a operação tinha corrido bem e que podíamos vê-lo em breve. Fechei os olhos e respirei fundo.

Senti uma mão a agarrar a minha. A minha mãe tinha-se sentado ao meu lado, com a cara perto da minha.

— Não és uma má irmã. Ou filha. *Eu* é que fiz asneira. Tenho sido... — Mordeu o lábio e olhou pela janela para o céu azul. — Sabes aquela instituição que o médico recomendou? — Sabia, sim. Ele entregou uma brochura aos nossos pais, que a minha mãe rasgou em pedacinhos e deitou para o caixote do lixo. — Levei-o lá hoje de

manhã.

Não sei porque é que me sobressaltei. Não devia ter ficado surpreendida. Não era aquilo que eu queria, que o Eugene desaparecesse? Não era por isso que estava a ser uma cabra para a minha mãe — para expressar o quanto me ressentia do Eugene, da sua própria existência, por se atrever a ser um incómodo para mim?

— O quê? — disse o John, com a voz eivada de choque e indignação. — E aquilo que tu e o pai disseram? Somos uma família, e as famílias mantêm-se unidas. As necessidades de um são mais importantes do que as necessidades de muitos. Como puderam descartar isso?

A minha mãe inspirou fundo, de forma audível, pelo nariz, e falou em frases curtas. Tinha pensado no assunto. Decidiu que precisava de saber mais. Aprofundar o assunto. Marcou uma consulta. Foi com o Eugene fazer uma visita hoje de manhã (neste ponto, a sua voz, que tinha sido uniforme até então, tremeu, e ela fez um compasso de espera antes de prosseguir) e o diretor disse que os saltos e os lamentos do Eugene a meio da noite pareciam ser uma reação típica a uma dor gastrointestinal, algo que tinha visto em inúmeros pacientes autistas. Ligou para o hospital, que confirmou a suspeita, marcou a intervenção e o problema foi resolvido. A nossa crise familiar tinha acabado, tão simples quanto isso.

— Como veem — disse a minha mãe —, se eu não tivesse levado o Eugene à instituição, talvez nunca tivéssemos descoberto o seu problema de saúde.

Percebi porque é que ela nos falou da instituição. Pensou que isso me faria sentir melhor, que me convenceria de que ser uma irmã horrível tinha sido positivo. Mas foi em vão. Egoísmo é egoísmo. Uma consequência accidental e indiretamente relacionada não mudava esse facto, por mais benéfica que pudesse ter sido.

Ela traçava com um dedo as linhas que serpenteavam pela palma da minha mão e estremeceu quando chegou ao corte de vidro que mal se via.

— Eu sei que te sentes culpada, mas não devias. Tens o direito de estar zangada comigo, com o pai, com o Eugene, com toda a situação. Têm ambos esse direito. Vocês são muito inteligentes e capazes, por isso às vezes esqueço-me. Mas continuam a ser crianças. E eu tenho

feito um péssimo trabalho como vossa mãe. — Eu e o John protestámos, dissemos que ela era uma ótima mãe, mas ela calou-nos. — Meti a pata na poça nos vossos anos. Sim, eu percebi o que vocês fizeram. Não devia ter alinhado, mas fi-lo porque estava exausta. E acho que é humano e muito compreensível que tivessem ficado magoados e saturados, e quisessem lembrar-me de que também têm necessidades. E às vezes... — O rosto dela contorceu-se, e não consegui perceber se por estar divertida ou a sofrer, ou as duas coisas. — Às vezes, as necessidades dos dois superam as necessidades de um.

— Isso significa que vamos receber *iPhones*? — disse o John, numa clara tentativa de esconder a emoção que estava a sentir, e a minha mãe alinhou.

— Nem penses — disse ela, num tom de voz falsamente sério, e riu-se, não de forma desbragada, mas quase em surdina, com os olhos vidrados.

A questão é a seguinte. Até hoje, não gosto de me lembrar daquela altura — o caos a meio da noite, o desastre dos bolos, a instituição, o hospital. Senti-me culpada durante muito tempo depois disso. E não estou a dizer que esta conversa de dez minutos com a minha mãe fez com que tudo ficasse bem e que transformou aquele dia horrível num dia bom. Mas foi um bom momento. Pareceu-me um momento de perdão. Só mais tarde me ocorreu que também ela poderia estar a pedir que lhe perdoássemos.

[14] A estreia mundial de ‘*u*’ decorreu em Haia e, como o meu pai e o John detestam ópera, fui eu com ela — foi a nossa viagem especial só de raparigas, disse-me. Tinha 10 anos e achei aquela viagem mágica. Estar em Amesterdão e o evento em si, claro — adoro ópera, e o Klingon é estranhamente perfeito para o género, a linguagem gutural realça o poder cru e visceral da música — mas, acima de tudo, adorei estar a sós com a minha mãe. No intervalo, disse-lhe que era espantoso que linguistas como ela tivessem transformado a algaraviada aleatória e alienígena de um ator numa língua funcional, e que talvez pudéssemos transformar o *risiccato* do Eugene numa língua baseada no tom e no ritmo, como o código Morse. A minha mãe estava a mexer

vigorosamente o seu Bloodwine, ao estilo Klingon, e disse: *bItaQ*, que significa «Tu és esquisita». E eu senti-me insultada, mas logo a seguir abraçou-me com tanta força que até doeu, e disse: *ach bIDun*. ‘*ej bangwI’ SoH*, que significa «Mas és maravilhosa. E eu amo-te muito.»

Cadeias Lógicas que Deram para o Torto

Aquele dia no hospital marcou o fim da nossa era de conversas mentais. Na manhã seguinte, a mãe disse-nos, quase de passagem:

— Não sabia que vocês ainda faziam aquele jogo da fusão de mentes. — E foi como quando estava no infantário e ela disse «Não sabia que ainda dormias com o teu cobertor de bebé; acho isso adorável», e eu deixei de o fazer nesse mesmo dia.

Mas, por vezes, em momentos de grande aflição, voltamos aos hábitos de infância. Foi o que aconteceu na esquadra de polícia, junto à casa de banho das mulheres, depois de o John me ter contado que a vizinha blogger do Kenny viu a gravação de um acidente de viação numa aplicação do bairro e reconheceu o rapaz que tinha filmado no parque. Ficou preocupada com o facto de o rapaz parecer estar sozinho e chamou a polícia. A inspetora Janus foi a casa dela por volta das 19h30, ficou com uma cópia do vídeo e deu-lhe instruções para não o publicar «visto ser uma prova» (embora a inspetora não tenha dito de quê).

— 19h30 — disse lentamente, enquanto tentava processar a cronologia. — *Depois* de darmos o pai como desaparecido aos agentes que nos perguntaram sobre o acidente de viação...

— ... mas *antes* de a Janus ter ido a nossa casa — rematou o John a minha frase. Era a memória muscular a entrar em ação e a restaurar o nosso velho ritmo de troca de ideias. — O que significa que,

enquanto ela estava a falar connosco, já tinha o vídeo, mas não disse nada.

— Porque estava a testar-nos. Queria ver se dizíamos que o Eugene tinha arranhões e sangue quando chegou a casa.

— Ela queria manter-nos na ignorância, para pensarmos que estava do nosso lado e para lhe darmos aquilo que ela queria, nomeadamente uma entrevista com o Eugene sem a presença de um advogado. Mas é evidente que o Eugene é suspeito...

— ... e foi por *isso* que ela o deteve...

— ... e, provavelmente, está a tentar convencer um juiz de que ele é violento e precisa de ser encarcerado, e a nossa advogada vai ser apanhada de surpresa...

— ... porque não lhe falámos da captura de ecrã quando falámos com ela...

— ... porque estávamos demasiado ocupados a chorar e a lamentar-nos. — (*E a pensar na merda do Pulp Fiction*, pensei eu, mas não disse.)

A nossa troca de impressões tinha assumido um crescendo, com as palavras cada vez mais urgentes e sobrepostas, mas parou naquele momento.

— Fizemos merda — disse eu. — Temos de resolver isto.

Só não sabíamos como. Mas esta é a vantagem do esforço coordenado. É fácil instigarmo-nos mutuamente; a fusão de energias assume um impulso autossustentado, pois cada um de nós diz a si próprio que o outro tratará da parte difícil que não sabe como resolver, mesmo quando ambos (e com razão) desconfiam que o outro está a pensar o mesmo.

Corremos para a sala de audiências — em retrospectiva, foi uma má ideia, visto que isso agravou a minha lesão no tornozelo e tornou o meu coxeio mais visível. Agora que penso naquele momento, com a mão na maçaneta da porta da sala de audiências, gostava de poder gritar a mim própria para parar. Se a Shannon soubesse o que estávamos a fazer, ter-nos-ia dito para sairmos do edifício imediatamente.

Entrámos de rompante. Girei a maçaneta e o John empurrou a porta, e ambos tropeçámos para dentro da sala. A «sala de audiências» parecia uma sala de reuniões normal, semelhante à sala de provas

onde eu tinha estado, com uma grande mesa à qual todos estavam sentados: a Shannon, a mãe e o Eugene no lado esquerdo e a inspetora Janus no lado direito. Na parede, na parte da frente da sala, estava pendurado um ecrã de grandes dimensões.

A Shannon tinha-nos explicado que o oficial de admissão não era um juiz, por isso não estava à espera de ver um homem de barbas brancas de toga, mas também não contava ver a figura que estava no ecrã. Era jovem, como um professor assistente de uma universidade, e estava vestido de maneira informal, com uma camisa de mangas curtas que não escondia os músculos extremamente bem definidos dos braços e do peito, com tatuagens nos braços e cabelo preto ondulado que lhe caía pelas omoplatas. Aqui entre nós, era bem giro.

O simulacro de juiz borracho (não encontro melhor forma de o descrever) disse:

— Ah, estes devem ser a Mia e... — olhou para os seus apontamentos — o John? — (Senti um frémito ao perceber que ele sabia o meu nome, mas teve de verificar o do John... Eu sei, não era altura para isso; não estou orgulhosa deste meu lado fútil e ridículo.) — Estávamos agora mesmo a falar de vocês. Porque não entram e se sentam? Gostava de ouvir o que têm para dizer.

Não era aquilo que tínhamos planeado. Não que tivéssemos planeado alguma coisa, mas tinha uma vaga noção de que a nossa perturbação iria *perturbar* as coisas, criar o caos, e que o simulacro de juiz teria de bater com o martelo e pedir um intervalo para repor a ordem, como nos episódios do *Lei e Ordem*. Mas o que podíamos fazer senão obedecer? Eu e o John dirigimo-nos para a mesa, eu com o meu tornozelo a dar pontadas de dor a cada passo que dava, o que me fazia coxear e estremecer.

— Ouvi dizer que se magoou no tornozelo ontem — disse o borracho. Quando me aproximei, consegui ver-lhe o nome no ecrã do Zoom, em baixo: Oficial Higashida. — Parece que está a incomodá-la bastante. O que foi isso?

O que devia dizer? O que podia dizer? Senti-me a ruborizar e ajeitei a máscara enquanto me sentava, murmurando qualquer coisa sobre o facto de a minha máscara ter caído. Como é que ele soube do meu tornozelo? Porque estavam a falar disso? Será que algum vizinho tinha filmado o Eugene a empurrar-me e a inspetora Janus tinha

conseguido arranjar o vídeo?

— Pois, o meu tornozelo — disse. — Quando o Eugene chegou a casa ontem, vinha a correr muito bem, que é algo que ele tem praticado, por isso fiquei entusiasmada e desatei aos pulos. E caí. — Queria mesmo evitar mentir aos agentes da autoridade, por isso dei a volta ao texto de modo que todas as minhas frases fossem verdadeiras. Ele não engoliu.

— Entre os seus pulos e a queda, o Eugene empurrou-a, bateu-lhe ou fez alguma coisa que tenha causado ou contribuído para a sua queda?

Não havia espaço para evasivas. Olhei-o nos olhos (caramba, que olhos tão *penetrantes*, fixados nos meus, ligeiramente semicerrados, como se pudesse ver através da minha roupa, como um raio X) e disse:

— Não, o Eugene nunca faria isso, ele é muito meigo. Dei um mau jeito e caí. Às vezes, sou muito desastrada.

A inspetora Janus interrompeu.

— John, é verdade?

Aquilo irritou-me à brava, uma inspetora a vir com aquelas tretas sexistas.

— Porque está a perguntar ao John? Ele nem sequer estava lá.

— Os meus colegas que foram a vossa casa ontem perguntaram ao John sobre o teu coxear. O John disse que o Eugene estava muito agitado quando chegou a casa e que te empurrou com tanta força que caíste.

Fiquei vermelha como um tomate. É por isso que detesto mentir, porque acho humilhante ser apanhada numa mentira e o gene que me faz corar entra logo em ação, o que torna impossível esconder a humilhação e confirma a mentira. Felizmente, a máscara tapava-me a cara.

— O John deve ter percebido mal, ou os agentes perceberam mal. — Olhei para o John e lancei-lhe um olhar fulminante que indiciava que ele tinha de resolver aquela situação. Que raio de ideia, ter contado aquilo à *polícia*.

O John enunciou as palavras, mas as sílabas estavam separadas por tantos gaguejos e balbucios que era difícil perceber o que estava a dizer ao certo. Se transcrevêssemos o que ele disse, eliminássemos os «hã» e juntássemos as restantes sílabas em palavras e, por fim, em

frases, creio que se poderia ler: «Não sei. Porque diria tal coisa? Não foi assim. Não me lembro. Estava confuso. Muito perturbado.»

— Estávamos todos extremamente preocupados e perturbados com o desaparecimento do meu marido — disse a minha mãe —, por isso peço a vossa compreensão para o facto de não termos tido tempo para esclarecer os pormenores sobre o dói-dói da Mia. — (Meu Deus, eu adorava o sarcasmo cáustico da minha mãe quando não me era dirigido a mim.^[15]) — Mas, como eu estava a dizer, o Eugene não causou o ferimento da Mia. Ele nunca magoaria a própria irmã.

Eu tinha contado aquela mesma mentira um minuto antes, mas impressionou-me o quanto a minha mãe soava e parecia convencida (e, portanto, convincente), algo que se tornaria mais evidente na minha cabeça nos dias seguintes. A inspetora Janus disse:

— Oficial, sugiro que avancemos. O tornozelo da Mia é uma questão secundária...

— ... que a inspetora trouxe à baila — rematou a Shannon.

— Só toquei nesse assunto porque ajuda a demonstrar que o que me aconteceu hoje de manhã não foi uma anomalia, que o Eugene era e continua a ser perigoso para os outros. Tenho provas de que o Eugene Parkson foi violento no parque ontem de manhã, quando e onde o pai dele desapareceu. Apesar dos desmentidos da família, creio que ele foi violento com a irmã nessa mesma manhã e, hoje, continuou a atacar terceiros, primeiro tentando ferir a mãe na cara com uma caneta e depois atacando-me a mim.

— Que provas são essas, inspetora? — inquiriu o oficial Higashida.

— Obtive um vídeo do Eugene e do pai, feito por uma testemunha ontem de manhã no parque. Não é claro se ou de que forma isto está relacionado com o desaparecimento do Sr. Parson: foi por isso que ainda não partilhei o vídeo com a família, porque queria mais tempo para investigar e perceber o contexto. Ainda estava a ponderar se o mostraria nesta audiência. Mas, visto que a família insiste que o Eugene nunca lhes fez mal, creio que é relevante para contrariar essa afirmação, e gostaria de o reproduzir agora.

Naquele momento, aconteceram várias coisas: a Shannon protestou, a inspetora Janus acusou a Shannon de se estar a exceder, o oficial Higashida lembrou a todos que aquela era uma conversa

aberta, não um julgamento, todos se atropelaram uns aos outros, e o Eugene começou a balançar na cadeira, com as mãos nos ouvidos. Apeteceu-me gritar que me opunha a que as pessoas andassem por aí a gravar e a julgar os piores momentos da vida dos outros, que era uma traição a inspetora Janus agir como se estivesse do nosso lado, a trabalhar para nós para ajudar a encontrar o meu pai, quando na verdade nos escondia coisas.

Ruído e mais ruído. O oficial Higashida calou-nos a todos ao dizer que ia ver o vídeo e que podíamos ficar ou sair.

Começou a meio da cena, com o meu pai a lutar com o Eugene. Já tinha visto o Eugene descontrolado, mas aquilo parecia diferente — mais agressivo, histérico; o vídeo desfocado dava-lhe um ar de documentário que era inquietante. O pior de tudo era o som; estava habituada a ouvir os gritos agudos do Eugene, mas, amplificados pelos altifalantes de grandes dimensões, cada guincho parecia furar-me os tímpanos.

O meu pai gritava o nome do Eugene, gritava-o vezes sem conta para que ele o ouvisse. Estava atrás dele e abraçava-o para impedir que os seus braços se debatessem; o Eugene apertava e abria os olhos repetidamente como se houvesse algum problema com eles, dava pontapés para se libertar, mas logo a seguir o meu pai largou-o por algum motivo e uivou, como se estivesse ferido, e o Eugene virou-se, com os olhos ainda fechados, preparando-se para atacar o meu pai, com as mãos fechadas em forma de garras, mas era difícil perceber o que se passava porque o Eugene estava entre o meu pai e a câmara. No entanto, parecia que o meu irmão tinha atacado os olhos do meu pai, porque este gritou e levou as mãos aos olhos, com os óculos pendurados na cara.

— Meu Deus, está bem? — disse a mulher que segurava na câmara, enquanto mantinha o foco no meu pai e no Eugene e caminhava na direção deles. Só quando o Eugene se virou para ela (com os olhos ainda fechados como se não conseguisse suportar a luz) e começou a projetar as mãos na sua direção, é que ela saltou e se afastou da cena. Os gritos do meu pai para o Eugene e os gritos de dor do meu irmão desvaneceram-se, até que o ecrã ficou finalmente preto.

O que devem saber é que o Eugene reagia praticamente da mesma forma a todos os vídeos, desde desenhos animados e musicais a filmes de terror estrangeiros legendados, até aos próprios vídeos da nossa família: olhos fixos no ecrã e sorriso no rosto e, no fim do vídeo, um zumbido agudo enquanto se balançava, que nós entendíamos como um pedido impaciente, mas brincalhão, de outro vídeo. Mas no caso deste vídeo foi diferente. Quando o ecrã ficou negro, o Eugene estava imóvel, com a cara pálida e os olhos arregalados, como se estivesse em choque, sem qualquer sorriso discernível por baixo da máscara. Poder-se-ia pensar: *Claro que ficaria traumatizado ao ver o seu comportamento assustador, apercebendo-se pela primeira vez de como isso parece aos outros.* Mas os terapeutas tinham tentado mostrar-lhe fotografias dele para desenvolver um sentido mais forte da própria identidade e tinham sempre relatado que o Eugene não parecia reconhecer a sua própria imagem.

Cerca de um minuto depois de a Shannon começar a argumentar que o vídeo tinha sido retirado do contexto e que não sabíamos o que tinha precedido e provocado aquela cena, o Eugene esfregou os punhos nos olhos, pressionando-os com tanta força que tive medo que os arrancasse. Antes que qualquer um de nós pudesse reagir, ele parou abruptamente e abriu os olhos, pôs os punhos à frente da cara e olhou fixamente, como se não tivesse a certeza do que eram, e começou a apertar os olhos e os punhos em unísono — fechava e abria, fechava e abria. Seria uma espécie de novo ciclo motor? O precursor de outro colapso? A cena dos punhos era algo que nunca víamos, mas o que ele estava a fazer com os olhos era estranhamente familiar, da cena de vídeo a que tínhamos acabado de assistir.

— Ele está bem? — perguntou a inspetora Janus.

— Tem sido um dia longo e stressante. Posso entretê-lo com um vídeo? — A minha mãe tentou colocar o *iPad* nas mãos do Eugene, mas ele recusou, usando as duas mãos para empurrar as mãos dela enquanto virava a cabeça para o lado oposto. Era um movimento peculiar, que eu reconheci: era a minha cena, o que eu fazia quando os meus pais interrompiam algo importante, um sinal não verbal, como quem diz «deixem-me em paz, quero concentrar-me!» Quando a minha mãe pousou o *iPad*, o Eugene juntou as mãos em cima da mesa, com os dedos entrelaçados com força, como se estivesse a rezar

desesperada e fervorosamente — era a posição a que os terapeutas comportamentais chamavam «mãos calmas». Como se o Eugene soubesse que se tratava de uma reunião importante e estivesse determinado a manter a calma.

O oficial Higashida sorriu para o Eugene. Mais tarde, o John disse que, na altura, teve a certeza de que as acusações seriam retiradas, mas eu sabia que não. O sorriso era de pena — um pedido de desculpas prévio: «Gostava muito de poder, mas...»

— Este vídeo fez-me perceber — disse ele — que o que aconteceu esta manhã com a inspetora Janus não foi um incidente isolado e pontual. O que quer que tenha provocado a agressão do Eugene no parque ontem foi obviamente um fator que continua a representar um risco de perigo para ele e para os outros. Tendo em conta estas questões potencialmente graves, sinto que não tenho outra opção senão dar providência à petição e remeter o assunto para audição. Entretanto, gostaria de avançar com a colocação em segurança.

Senti um alívio. Já sabia o suficiente sobre processos criminais de filmes e das notícias para estar atenta a palavras como acusação, condenação, prisão preventiva e fiança, mas desconhecia que o sistema de justiça juvenil tem o seu próprio sistema linguístico com sinónimos eufemísticos como «petição» (mandado), «remeter» (acusar), «disposição» (sentença) e «colocação em segurança» (detenção). Sei que o objetivo é proporcionar algum consolo às crianças e às suas famílias, mas creio que a linguagem mais branda pode, na verdade, prestar um mau serviço, proporcionando uma falsa sensação de segurança que não corresponde à realidade. Podem chamar-lhe o que quiserem — «colocação em segurança» ou «detenção» ou até «vivenda de luxo» —, mas desde que estejam 1) detidos, 2) longe da família e da sociedade, 3) como consequência de cometerem (ou serem acusados de cometer) um crime, estão a ser enviados para a prisão. Era a isso que o oficial se referia sem que eu me apercebesse.

Já a minha mãe percebeu e passou-se com a «colocação em segurança». Levantou-se e, num misto de gritos e choro, num tom histérico de desespero e indignação que eu nunca tinha ouvido da boca dela, mesmo durante a loucura das últimas vinte e quatro horas, disse:

— Mas o senhor está louco? Ele não vai sobreviver. É um *miúdo*

com problemas sensoriais que não consegue falar e que, obviamente, passou por uma situação traumática ontem e que se assustou com uma agente da polícia com excesso de zelo que o agarrou com demasiada força. Eu disse-vos no início que ele só ficou perturbado e descontrolado quando me viu levar uma pancada no peito porque estava a tentar proteger-me. Trancá-lo numa prisão, durante uma pandemia, quando o pai está desaparecido, depois da situação horrível que viveu ontem? Garanto-vos que ele *não vai sobreviver*.

Mais tarde, a minha mãe disse que tinha sido demasiado, e talvez tenha razão. Compreendi a histeria — assim que ela falou na prisão, percebi o que estava a acontecer.

O agente Higashida cerrou o maxilar e disse que aquilo não era uma *prisão*, nem sequer uma cadeia, mas um centro de detenção que tinha sido renovado recentemente, muito seguro e atencioso, com uma divisão especificamente concebida para acolher jovens com deficiência.

— Acreditem que eu compreendo. Compreendo *mesmo* — disse ele —, mas, com todo o respeito, o Eugene agrediu e causou ferimentos a um agente da polícia. — Fez sinal para a inspetora Janus. — Tenho o dever de considerar e proteger a segurança de todos os envolvidos, não apenas a da inspetora e a dos outros agentes, mas a do próprio jovem, da sua família e da sua comunidade.

A Shannon estava a sussurrar à minha mãe, tentando acalmá-la e impedi-la de interromper. Quando o oficial parou de falar, apertou a mão da minha mãe e levantou-se.

— Oficial Higashida — disse ela —, respeito o facto de ter uma grande margem de manobra para fazer o que considera ser o melhor para o Eugene e para a comunidade. Mas também sei que é especialista em casos juvenis e que é conhecedor e ponderado no que diz respeito à lei. É por isso que peço que considere algumas das circunstâncias especiais do caso.

E foi então que ela apresentou os argumentos que ainda hoje me perturbam.

Primeiro, disse que o Eugene não é competente para ir a julgamento porque não consegue falar e, portanto, não pode prestar assistência significativa à sua advogada. Em segundo lugar, disse que a legislatura da Virgínia promulgou uma lei há apenas dois meses que

prevê uma nova defesa baseada no autismo ou na deficiência intelectual. A Shannon disponibilizou uma cópia do estatuto no ecrã partilhado, explicando que era semelhante a uma defesa por insanidade; mesmo que tenha cometido um ato criminoso, o arguido é «inocente» se esse ato estiver relacionado com a deficiência.

— O Eugene está claramente abrangido pela proteção das nossas leis no que diz respeito à incapacidade legal e à deficiência intelectual. Por outras palavras, ele não é responsável pelos seus atos porque não sabia o que estava a fazer. Independentemente do que ele tenha feito, tendo em conta estas questões limiares, seria uma violação dos seus direitos ter de ir a julgamento e ser detido. Nenhum juiz faria tal coisa. Estou a pedir-lhe que respeite o seu papel no âmbito destas leis e que não as subverta, ordenando a detenção do Eugene.

Sei que a Shannon tinha boas intenções. Sei que, na sua perspetiva, na perspetiva de proteger o Eugene e de o manter seguro em casa connosco, estas leis pareciam caídas do céu. E, mais do que o aspeto utilitário, disse a mim mesma que era moralmente correto que a nossa sociedade estivesse a reconhecer este ponto importante de o Eugene não conseguir evitar agir assim, que ele não devia ser punido por coisas que não podia controlar e que não queria fazer.

Mas, por muito benéficas que fossem do ponto de vista lógico e prático, as palavras da Shannon — «claramente deficiente intelectual»; «claramente incompetente» — eram devastadoras. Custava muito ler as palavras clínicas no ecrã, aquela lei especial para pessoas com «funcionamento intelectual significativamente abaixo da média», com base numa «medida padronizada» — testes de QI, que obviamente exigiam a capacidade de apontar para a resposta correta, que o Eugene não tinha. Uma declaração oficial codificada de que a pessoa que amamos é incompetente, não é um cidadão de pleno direito, não é um ser moral capaz de distinguir o certo do errado. Era como uma das minhas cadeias lógicas infantis que tinha dado para o torto: não podes falar ou apontar; o que significa, por conseguinte, que tens uma pontuação baixa num teste de QI; o que significa, por conseguinte, que és menos inteligente; o que significa, por conseguinte, que és menos digno; o que significa, por conseguinte, que és menos humano. Aos olhos de todos os presentes, aquelas palavras destruíram a humanidade do Eugene.

Talvez estivesse apenas a projetar, mas podia jurar que o Eugene estava a ler o ecrã e a ficar perturbado. Não zangado, mas triste e resignado, com o rosto descaído, os ombros curvados, como se cada célula do corpo tivesse ficado mais pesada e difícil de manter no lugar, encolhendo-se de vergonha.

— Obrigado, Dra. Haug — disse o oficial Higashida. — Sem dúvida que os seus argumentos são válidos, e podem ser apresentados na sexta-feira à tarde, durante a audiência de detenção com um juiz. A minha decisão anterior em relação ao Sr. Parkson mantém-se. — Parecia frio e impessoal, tratar o Eugene por «Sr. Parkson» pela primeira vez. Teriam as palavras no ecrã feito estragos? — Ele vai ser transferido com vista à colocação em segurança temporária até à audiência.

A imagem desapareceu e foi substituída por um protetor de ecrã, uma bandeira americana a ondular contra um céu azul sem nuvens. Havia algo de cruel na sua beleza, no seu patriotismo majestoso, e eu, a mãe e o John abraçámo-nos e ao Eugene e chorámos.

O Eugene não reagiu. Manteve-se sempre calmo, o que considerei um sinal de que estava a compreender e a ler, esforçando-se por se manter concentrado. Mas, enquanto o abraçávamos, reparei que ele continuava a olhar para o ecrã, aparentemente hipnotizado pela bandeira, que se agitava repetidamente, e ocorreu-me que talvez tivesse estado concentrado porque o oficial estava num ecrã, era tudo um vídeo, e ele não tinha percebido nada.

O que era preferível: saber que algo horrível estava para acontecer, ter tempo para se preparar para o medo e o pânico de ser arrancado de casa, da família; ou não fazer ideia e ser simplesmente arrancado de lá, preservando o consolo relativo do *statu quo* durante o máximo de tempo possível?

Nunca fui defensora da ignorância como bênção, mas olhando para o rosto do Eugene, vendo os seus olhos arregalados com o prazer inocente e simples de se perder numa bela imagem, rodeado por aqueles que o amam... Sempre pensei que não queria ter filhos, que não era capaz de sentir o amor incondicional e o desejo de autossacrifício que é suposto as mães sentirem. Mas compreendi pela primeira vez. Porque naquele momento teria feito tudo para trocar de lugar com o Eugene, para sentir a agitação e o terror avassalador que

o esperavam, se ele pudesse ficar naquele momento só mais um pouco.

[15] Julgo que o sarcasmo da minha mãe é particularmente eficaz devido ao seu sotaque. Um sotaque pode fazer-nos supor que a pessoa não domina bem a língua. Contamos que se desenrasque, mas não que recorra a nuances da língua/sintaxe/dicção/etc. para ser particularmente espirituosa ou sagaz. É isso que me agrada nos comentários sardónicos da minha mãe em inglês: o facto de ela desafiar as nossas expectativas enraizadas aumenta a percepção da inteligência do comentário em si por um fator de pelo menos dois, aplicando uma variação da fórmula QF do meu pai.

O que Aconteceu a Adam Parson?

O centro de detenção não se parecia com uma prisão. Parecia mais uma escola primária suburbana, com aquela combinação insípida, mas distinta, de betão cinzento e tijolo vermelho, mesas de piquenique azuis e amarelas no exterior e um campo de basquetebol ao ar livre pintado com diferentes cores primárias. Ou talvez não; as escolas primárias não costumam ter vedações de arame farpado à volta dos campos de basquetebol nem barras de ferro e grades na parte de fora das janelas.

Ficava a uns 300 metros da esquadra de polícia, uma caminhada fácil de cinco minutos por uma passagem através do complexo governamental. A ordem de detenção temporária tinha efeitos imediatos, o que significava que o Eugene tinha de seguir diretamente para o centro de detenção, sem passar por casa para ir buscar o seu cobertor especial, a sua camisola preferida ou os seus dispositivos eletrónicos. A Shannon convenceu a inspetora Janus a deixar-nos acompanhá-lo, sem algemas, para nos dar aqueles últimos minutos juntos, com a inspetora no nosso encalço.

Enquanto caminhávamos, a Shannon explicou ao Eugene (e a nós) em termos simples o que podíamos esperar:

— Vamos para aquele edifício, que é um sítio para adolescentes. A inspetora Janus vai entrar e trazer formulários para assinar. Despedimo-nos cá fora, e um agente de detenção depois leva-te para

dentro. Vais ficar num piso só para rapazes com necessidades especiais, com conselheiros e guardas que te manterão em segurança: vão dar-te comida, roupa para vestir, vão acompanhar-te à casa de banho e ao duche. Por causa da covid, não são permitidas visitas, mas vemo-nos daqui a dois dias, na sexta-feira, no tribunal de menores, que fica ao lado.

Será que ele percebeu alguma coisa? Se não percebeu, como se sentiria quando um estranho lhe pegasse no braço e o obrigasse a entrar num lugar estranho, ficando a mãe e os irmãos do lado de fora, sem poderem acompanhá-lo ou protegê-lo?

— Prontos? — perguntou a inspetora Janus, com o dedo no intercomunicador da entrada de segurança do portão exterior do centro de detenção. Uma pergunta retórica, certamente, porque família alguma estaria preparada para uma coisa daquelas.

A mãe disse que sim, mesmo estando a tremer, e a palavra ficou presa na garganta, quase inaudível.

Esperámos dentro dos portões fechados enquanto a inspetora Janus se dirigia para o interior do edifício. A ideia era entrar no edifício, pegar na papelada, a mãe assinava e pronto. Comecei a andar de um lado para o outro. A passagem no interior dos portões era ladeada por quatro vitrinas. Quem as desenhou tinha optado por um visual simpático e divertido, com o título de cada vitrina — A Nossa Missão e Visão, A Nossa História, O Nosso Compromisso, As Nossas Políticas — desenhado em letras coloridas, recortadas em Comic Sans. Mas, tal como acontecia com o próprio centro de detenção, se olhássemos durante mais de dois segundos, começaríamos a ver a incongruência com a substância: expressões como «jovens problemáticos», «reabilitação a longo prazo», «regresso seguro à sociedade», «prevenção de suicídio» e (a minha preferida) «implementação da PREA», que, de acordo com a descrição em letras minúsculas, era a sigla em inglês da Lei de Eliminação da Violação na Prisão. Apeteceu-me partir o vidro e rasgar aquilo. O John viu-me a olhar para o aviso da PREA e aproximou-se, leu o que ali estava escrito e suspirou.

— Desculpa, mas, por mais que se goste de tipos de letra

divertidos, não se pode falar de violação na prisão em Comic Sans. Mas quem é que gere este sítio? — perguntei.

— O Eugene não pode ficar aqui. Simplesmente, não pode — concordou o meu irmão.

A inspetora Janus voltou para junto de nós e disse que ninguém parecia ter ouvido a campainha da porta, que devia ser uma falha temporária, e sugeriu que nos sentássemos numa das mesas de piquenique enquanto ela tentava perceber o que se passava. A Shannon foi com ela. Tendo em conta o quanto temia a nossa separação, talvez devesse ter-me sentido grata por aquele atraso, mas a verdade é que me deixou mais desanimada, mais certa de que aquele centro devia ser uma instalação degradada e que quem o dirigia era incompetente. Tive a certeza de que o Eugene ficaria com uma cicatriz emocional para o resto da vida.

As mesas de piquenique estavam à sombra de um salgueiro, cujas folhas eram permeadas por um único raio de sol. Levei o Eugene para um lugar ao sol numa mesa amarela. Ele tinha estado a ver o seu *iPad* no modo silencioso, apenas a seguir as cores garridas dos animais no velho e reconfortante vídeo Manhwa, mas eu voltei a ligar o volume. Queria que o Eugene absorvesse todo o brilho, toda a música, toda a loucura e toda a alegria possíveis enquanto podia, que guardasse tudo aquilo para mais tarde, como um camelo a beber água antes de uma longa e quente viagem pelo deserto.

Sentei-me à mesa ao lado do Eugene, com a mãe e o John de cada lado. Um estranho que olhasse para aquele quadro — o Eugene envolto num raio de sol brilhante, pequenos fiapos de luz cintilante a atravessarem os ramos verdejantes do salgueiro que balançavam para trás e para a frente ao sabor da brisa de verão, caindo em cascata à sua volta como se dançassem ao som da música do *iPad*, a minha mãe abraçada ao Eugene, com os braços cingindo-lhe o corpo, os dedos a pentear-lhe o cabelo, alisando-o — pensaria que se tratava de um piquenique alegre de uma família bonita e feliz.

A exceção era o John. Estava a olhar para algo atrás de mim e a franzir o sobrolho, claramente irritado. Virei-me para olhar.

Através dos ramos do salgueiro, vi alguém no interior do centro de detenção, um rosto numa janela atrás de grossas barras de ferro enferrujadas. Um rapaz mais velho, de 16 ou 17 anos, com um rosto

estranhamente desprovido de emoção. Apenas vazio. Há quanto tempo estaria ali?

Já estávamos debaixo do salgueiro há muito tempo, tempo suficiente para o vídeo Manhwa ter voltado ao início, quando a Shannon se aproximou de nós.

— Se calhar, tivemos alguma sorte. Há um surto de covid no centro de detenção.

Sei que isto vai parecer vil, mas que se foda, vou dizer na mesma — eram ótimas notícias, a porra de um *milagre*! Um surto de covid!

— Isso quer dizer...

— Confinamento total e rigoroso, sem entradas ou saídas, exceto em casos de hospitalização. A ordem de quarentena entrou em vigor há alguns minutos. O Eugene não pode ser internado.

— Graças a Deus! — disse a minha mãe, mas a Shannon levantou a mão.

— É possível que o Eugene seja enviado para um centro noutra condado, embora isso me pareça drástico para uma detenção de dois dias. Eu e a inspetora Janus vamos falar com o oficial Higashida para ver o que ele quer fazer, por isso vão rezando.

Julgo que ela não quis dizer aquilo no sentido literal, e parece-me hipócrita dizer isto porque não sou religiosa — toda a minha família é agnóstica —, mas rezei. A mãe e o John também o fizeram, todos em silêncio, de cabeça baixa. Rezei a Deus, a Jesus, ao Espírito Santo e à Virgem Maria, assim como a uma série de outras divindades de que me lembrei. Justifiquei a mim mesma dizendo que era uma coisa prática, uma espécie de seguro (mal não faz, porque não tentar, pelo sim pelo não?), mas a ordem de confinamento pareceu realmente um milagre, porque, se tivesse acontecido uma hora mais tarde, o Eugene seria admitido e fechado lá dentro sabe-se lá durante quanto tempo. Não quero estar aqui com teologias, mas senti-me em dívida para com Deus, o Universo, quem ou o que quer que fosse, por me ter concedido o meu desejo. Sejamos claros, não fiz nenhum acordo, como no caso do Fausto. Prometi (sem me dirigir a ninguém em particular) que faria uma vaga e genérica «qualquer coisa» para manter o Eugene fora da prisão. Mas se alguém me tivesse proposto um acordo específico — a

liberdade do Eugene em troca da minha, de dinheiro, de tortura, o que fosse — eu aceitaria. O facto de ninguém o ter feito parecia um pormenor técnico. O facto de o surto de covid ter ocorrido antes de eu fazer o meu pedido era também um pormenor irrelevante. Tinha de cumprir a minha parte do acordo hipotético porque ainda havia a possibilidade de transferência, para não falar da audiência de sexta-feira. Não podia estragar tudo. Tinha de suplicar, e assim fiz.

A Shannon voltou e disse:

— É oficial; o Eugene vai para casa.

A nossa euforia naquele momento... não lhe consigo fazer jus. Foi como se estivéssemos todos a sustentar a respiração e, de repente, uma súbita inspiração, o arrebatador influxo de ar, o renascimento. Enquanto a Shannon explicava o motivo (todas as transferências entre condados estavam suspensas, por isso o oficial Higashida ordenou uma prisão domiciliária), nós chorávamos.

A nossa caminhada de regresso foi muito diferente. Apenas quinze minutos antes, durante a caminhada até ao centro de detenção, o céu perfeito e sem nuvens parecia ameaçador, uma beleza austera encenada pelo Universo para trocar de nós; a confirmação cruel da nossa irrelevância. Agora, parecia gracioso, um sublinhado daquele momento de celebração com a minha família. E, sim, sabia que a Shannon tinha dito que a sexta-feira seria um dia complicado, mas isso parecia muito distante. Acho que às vezes podemos ficar míopes, sobretudo quando estamos no meio de algo intenso, bom ou mau, no imediato aqui e agora. Além disso, eu sentia uma espécie de invencibilidade. Tínhamos recebido um milagre, a nossa prece fora ouvida, porque não ir mais longe?

Acho que a Shannon quis deixar-nos desfrutar da liberdade inesperada de estarmos juntos ao ar livre, porque esperou até estarmos de volta a uma sala de reuniões sem janelas na esquadra de polícia antes de se pronunciar.

— Temos algumas novidades sobre a investigação. Detetaram mais um movimento do cartão de débito do Adam. Na mesma zona, mas a loja em questão tinha câmaras de segurança que estavam a funcionar. Estão agora a tentar obter o vídeo.

Um choque de vergonha. O pai. Como podíamos estar eufóricos, aliviados, a festejar, a sentir outra coisa que não fosse preocupação e

do? Como podíamos ter-nos *esquecido* do pai? E, assim que pensei nele, lembrei-me das suas palavras sobre a relatividade da felicidade, do Incidente do Cemitério, de como o nosso desaparecimento de um dia para o outro tinha mudado tão drasticamente a linha de base da sua vida. O que diria ele sobre o que aconteceu hoje? É espantoso como este breve período em que acreditámos que o Eugene seria detido mudou tudo. Até hoje de manhã, termos o Eugene em casa era a linha de base normal e esperada das nossas vidas, mas, por causa daquela ordem de detenção que teve vida curta, o regresso à linha de base anterior tornou-se uma coisa extraordinária, criando tanta felicidade que cancelou a angústia em relação ao pai. Desejei que o pai estivesse ali, para lhe poder dizer que agora compreendia — não apenas intelectualmente, mas também ao nível experimental. Um exemplo real que ilustrava o conceito que o meu pai tentara provar e aperfeiçoar através das suas experiências. E depois, ao pensar em «experiências», o mal-estar voltou quando me lembrei da experiência com a data de ontem, do medo no fundo da minha mente — era isso que ele queria? Que experimentássemos o mesmo que ele tinha experimentado?

Lembrei-me com um sobressalto de que mais ninguém sabia das experiências QF, nem mesmo o John. E também não tínhamos contado à mãe a história do cancro. As vinte e quatro horas anteriores tinham sido uma série de emergências prementes e horríveis que se encadeavam num crescendo. Mas aquilo acabava ali e agora.

— Tenho de vos dizer uma coisa — anunciei. — Na verdade, são muitas, muitas coisas. O John também. Não é que... quer dizer, nós os dois... — Não costumava perder o fio à meada, mas o John estava a distrair-me, a dar-me pontapés por baixo da mesa e a olhar para mim, até que não aguentei mais e tive de me virar e gritar: — O que foi?

O John mexeu-se no seu lugar, com os olhos a alternar desconfortavelmente entre a mãe e a Shannon.

— Acho que é melhor falarmos sobre isso quando chegarmos a casa. Neste momento, devíamos concentrar-nos em ouvir a Shannon e prepararmo-nos para sexta-feira.

Compreendi-lhe o impulso. Talvez fosse mais prudente falar primeiro, planear o que dizer, em que ordem e como, contar à mãe em privado e depois falar com a Shannon em família. Mas será que não

tínhamos aprendido a nossa lição? Não tínhamos já sofrido a consequência desastrosa de não falar à Shannon sobre o vídeo da blogger quando tivemos oportunidade? Pensar e planear eram luxos aos quais não nos podíamos dar. Não sabíamos quando iria acontecer o próximo desastre megaurgente que colocaria novamente tudo o resto em espera. (Com base na trajetória do dia, seria em menos de quinze minutos.) Não esconder nada de ninguém: era o meu novo lema.

Contei-lhes tudo. Estava desesperada por desabafar sobre o cancro do pai, mas é como nas confissões (coisa que, reconheço, nunca fiz, mas já vi muitas na televisão): temos de guardar o pecado mais grave para o fim; não podemos começar por dizer que cometemos um homicídio e depois terminar com a cobiça dos brincos da nossa melhor amiga. Fui aumentando lentamente, começando pelas coisas mais inócuas e menos surpreendentes do vídeo — o sangue debaixo das unhas do Eugene e na camisola que lavei, o ficheiro da apólice de seguro, a captura de ecrã do Kenny, a visita da inspetora Janus à vizinha blogger — antes de passar para o caderno e para as experiências do pai, sobretudo a última, com a data de ontem. Começava a compreender a vantagem das confissões, as referências a «desanuviar» a mente e «limpar» a consciência. Era como se as revelações do dia anterior estivessem a entulhar a minha psique como detritos de uma tempestade de verão que se desloca rapidamente e, a cada confissão, eu estivesse a soprá-la para longe.

Guardei o cancro do meu pai para o fim. Já há algum tempo que estava a monopolizar as atenções e, mais importante ainda, o John tem muito mais tato do que eu, por isso disse:

— Muito bem, a última coisa... — Ergui as sobrancelhas para o John. Ele assumiu o comando, mas, mais uma vez, tal como na audição, saiu-lhe um discurso composto por vocalizações e o excesso de hesitação tornou-lhe as palavras indecifráveis. Tentei ser paciente, juro, mas a minha mãe parecia confusa e eu já não aguentava mais. — O pai tem cancro da próstata em estágio IV.

— O quê? — disse a minha mãe.

E o John interveio imediatamente:

— Não, não temos a certeza. Aquelas mulheres *disseram* que o pai tinha consultas oncológicas marcadas. Além disso, Mia, *tu* é que disseste que era cancro em estágio IV por causa do avô. Estive a

pensar e...

— Espere, calma — interrompeu a minha mãe. — Comecem do princípio. O que aconteceu?

Explicámos tudo. Estranhamente, foi mais fácil contar à mãe com a Shannon na sala. A presença de um estranho é como uma barreira. Ablanda tudo, interrompe o fluxo desenfreado de palavras e emoções. Quando acabámos, a minha mãe disse:

— Porque não me ligaram a contar assim que souberam disso?

A Shannon tinha estado a tirar apontamentos, com as sobrancelhas franzidas numa contemplação concentrada, mas foi nesta altura que interveio.

— Calma, vamos parar por aqui. Temos de nos concentrar na audiência e no nosso objetivo: convencer o juiz a retirar as acusações ou, pelo menos, a adiar e permitir que o Eugene seja tratado em casa, e *não* enviado para uma instituição estatal. Nessa perspetiva, o que a Mia e o John nos disseram é muito importante. Porque o fator mais importante vai ser a acusação que o Ministério Público apresentará na sexta-feira. Se a única acusação for a lesão accidental de um agente da polícia com excesso de zelo, não acredito que juiz algum decida encarcerar o Eugene. Seria uma pena demasiado extrema para uma criança não verbal com necessidades especiais, sobretudo tendo em conta a situação a que chegámos no rescaldo do episódio com o George Floyd. Mas se o Eugene for o principal suspeito do desaparecimento do Adam na sexta-feira, e o procurador o acusar de homicídio involuntário...

Sobressaltámo-nos. «Homicídio involuntário». Uma expressão tão feia, com implicações não só de morte e culpa, mas de negligência. Claro que era aquilo que andámos a evitar a tarde toda, mas, pela primeira vez, alguém o dizia em voz alta.

— Como é que alguém pode pensar que um rapaz como o Eugene é capaz de fazer uma coisa dessas ao próprio pai? — perguntou a minha mãe. — Nem sequer sabem se ele está morto, não há provas.

A Shannon explicou que um cadáver não era um pré-requisito para uma acusação de homicídio involuntário, nem tão-pouco uma intenção; matar alguém no calor do momento ou mesmo acidentalmente pode ser considerado um crime voluntário ou involuntário.

— Este é o pior cenário possível. E temos fortes argumentos para nem sequer chegarmos a essa questão porque, em primeiro lugar, o Eugene é incompetente para ir a julgamento e, em segundo lugar, pode aplicar-se a nova defesa da Virgínia em casos de deficiência intelectual. Mas, mesmo que o juiz decida a nosso favor nestas questões, o Eugene não pode ir para casa como se nada tivesse acontecido. Tem de passar por um processo de remediação e, se o juiz considerar que um internamento é a melhor opção, o Eugene pode ser enviado para um centro de reabilitação ou para uma instituição psiquiátrica.

Fez uma pausa para nos deixar processar tudo aquilo. Não estava a ser cruel, mas também era evidente que não se esforçaria por dourar a pílula. Não era nossa amiga. Era nossa advogada, concentrada em primeiro lugar e acima de tudo no seu dever (manter o Eugene em segurança), e nós tínhamos de fazer o mesmo, esquecer tudo o resto.

— Está bem, então se o Eugene for acusado de... — disse a minha mãe, engolindo em seco. — De homicídio involuntário — acabou por dizer, com a voz a tornar-se mais audível à menção do crime, como se estivesse a forçar-se a dizer aquela palavra, a habituar-se a dizê-la —, então, mesmo que o juiz diga que o Eugene é incompetente ou não é responsável ao abrigo da tal defesa, ele pode ser-nos retirado?

— É muito mais provável que isso aconteça com uma acusação de homicídio involuntário do que com uma AAP com ferimentos ligeiros. É por isso que me vou concentrar na investigação ao desaparecimento. Com base no que descobri nas últimas horas, é assim que vejo as coisas. Mas tenho de vos avisar de que vou ser direta. Não estou a tentar magoar-vos e oxalá nada disto estivesse a acontecer, mas a melhor maneira de ultrapassar isto é sermos diretos.

Assim que terminou, arrancou a folha do bloco de notas onde estava a escrever e colocou-a na mesa à nossa frente:

Sujeito ao Sigilo Profissional
Produto do Trabalho do Advogado

O QUE ACONTECEU A ADAM PARSON?

A. VIVO

1. Falha de comunicação
2. Fugiu (Anjeli Rapari?)
3. Escondeu-se para efeitos de experiência
4. Perdido ou ferido incl. amnésia
5. Raptado

B. MORTO

6. Suicídio (cancro?)
7. Assassinado por outro que não o EP (Anjeli Rapari?)
8. Morte acidental (queda, afogamento) sem o envolvimento do EP
9. Morte acidental com envolvimento do EP

Gosto de pensar que tenho uma mente lógica e organizada, mas tinha-me esforçado por dar sentido à vasta quantidade de informação confusa e por vezes contraditória das últimas vinte e quatro horas. E eis que surge uma profissional lúcida, sem privação de sono, que pega em toda essa confusão e a reduz a uma página — uma lista enumerada e categorizada, sem emoções, sem julgamentos, sem tretas. Por mais difícil que fosse ler sem vacilar, era disso que precisávamos.

— É importante ter em mente que o meu objetivo não é descobrir o que aconteceu ao Adam, por si só. A verdade é que podemos nunca saber de forma conclusiva o que aconteceu. Os casos de pessoas desaparecidas são muitas vezes os mistérios mais frustrantes e insondáveis, porque não sabemos nada, nem sequer o mais básico, que é o que aconteceu, quanto mais como, porquê ou quem causou o desaparecimento. Isto pode ser o mais exasperante para as famílias, e eu sei que vocês querem uma solução, e a polícia também. Mas da minha perspetiva, isto é, a defesa do meu constituinte, o Eugene, não me interessa se alguma vez vamos descobrir o que aconteceu; não ter resposta nenhuma é melhor do que ter uma resposta que implique o Eugene, que se aproxime do ponto 9. — Com isto, apontou para «9. Morte acidental com envolvimento do EP» na sua lista. — Foi por isso que fiz esta grelha, e é por isso que vos vou pedir para pensarem cuidadosamente em todas estas opções, mesmo as mais improváveis ou desagradáveis. Porque, de um ponto de vista prático, a melhor forma de ilibar o Eugene é mostrar a maior probabilidade de um

destes cenários.

A Shannon explicou-nos cada um dos pontos, acrescentando notas à medida que avançava. Disse que se sentia à vontade para riscar (a lápis) as hipóteses «falha de comunicação», «perdido ou ferido» e «raptado»; duvidava mesmo que tivesse ido a algum sítio com amigos e que se tivesse esquecido de ligar, e a polícia não o tinha encontrado após efetuar buscas com recurso a infravermelhos e dispositivos térmicos.

— Uma possível fuga com esta mulher é algo que a polícia está a investigar ativamente, o que é ótimo, e seria bom confirmar o diagnóstico de cancro, porque isso dá-nos um motivo de suicídio muito útil. E o afogamento accidental é sempre uma possibilidade, claro, tendo em conta o historial deste parque. — Marcou esses pontos com um asterisco.

Mas quando ela disse que a pista que eu tinha sugerido sobre a experiência era muito promissora, colocando um asterisco ao lado de «escondeu-se para efeitos de experiência», tenho de admitir que fiquei muito abalada. Quando falei no caderno QF, cingi-me aos factos, não especulei sobre o que poderia ser a última experiência. Em parte, receava estar a ser ridícula, mas, mais do que isso, queria ver se os outros chegariam à mesma conclusão por si próprios. O facto de ela a considerar uma explicação plausível, sem qualquer incentivo da minha parte, de uma forma tão natural, fez-me perceber que era daquilo que eu tinha medo desde o início, que eu pudesse ter razão, que os outros pudessem concordar comigo.

— Peço desculpa, mas posso dizer uma coisa? — interveio o John. — Sei que não conhece o nosso pai, mas coisas como o suicídio e esta experiência não são possíveis. O nosso pai não é assim. Quer dizer, o Eugene quase foi atropelado no percurso do parque até casa. Desse lá por onde desse, ele não deixaria o Eugene sozinho. No mínimo, deixava-o em casa primeiro. Não acredito que estejamos sequer a ponderar isto.

— Tanto quanto sei, o quase acidente ocorreu no vosso bairro, numa rua normalmente segura onde o Eugene corre diariamente.

— Mesmo assim. Ele não faria isso.

— Eu sei que parece improvável. Mas digamos que o vosso pai descobriu que não tem muito tempo de vida e está preocupado com a

dor e com o impacto financeiro que isso teria em todos vocês, sobretudo tendo em conta a enorme despesa com os cuidados do Eugene. A apólice de seguro de vida dele é de quanto? — A Shannon folheou os seus apontamentos. — Três milhões de dólares. Dei só uma vista de olhos no telemóvel, mas parece que há uma exclusão por suicídio e uma duplicação do valor por morte accidental.

Seria aquela a apólice que encontrei no disco rígido? Se sim, aquilo significava que o pai a tinha consultado recentemente? A Shannon prosseguiu.

— Se ele desaparecesse quando o Eugene estava em casa e todos estavam a salvo, a seguradora poderia pensar: «Este homem acabou de ser diagnosticado, está prestes a morrer, suicídio clássico.» O Adam é esperto, sabe disso, por isso prepara tudo para que as pessoas pensem que *só pode* ter sido um acidente, algo que nenhum pai faria intencionalmente. Acompanha o Eugene até perto de casa e pensa que será seguro ele correr o resto do caminho, e depois vai-se embora. Certifica-se de que a família recebe o valor a dobrar, seis milhões de dólares, que é dinheiro suficiente para garantir a sua proteção após a morte dele. É preferível a ficarem a vê-lo morrer e levá-los quase à falência no decorrer do processo. A única coisa que ele não prevê é uma inspetora com excesso de zelo que não se importa de perseguir miúdos como o Eugene.

Assustava-me como tudo aquilo parecia plausível. Consequia imaginar o meu pai a fazer uma folha de cálculo, a determinar o nível de dor multiplicado pela duração do sofrimento nos tratamentos de cancro *versus* morte accidental. A julgar pela forma como a cara do John empalideceu, percebi que estava a pensar o mesmo. Mas ele engoliu em seco e abanou a cabeça.

— O pai não é assim. Não acredito nisso.

A expressão da Shannon tornou-se mais branda.

— Não. Claro que não acreditas; não é esse o meu objetivo. Mas quanto mais conseguirmos que as pessoas de fora (polícia, juizes, pessoas que não conhecem o teu pai) acreditem em qualquer uma destas hipóteses, mesmo as coisas horríveis que detestarias que alguém pensasse sobre o teu pai, mais seguro estará o Eugene. É nisto que me vou concentrar. Vou pedir-te o mesmo, embora saiba que é injusto e que não devias ter de o fazer; investigar é o trabalho da

polícia, não o teu. Mas a polícia tem um objetivo, encontrar o Adam em segurança, e claro que vocês também querem isso, e vão ajudar nesse esforço tanto quanto possível. Mas nós temos outro objetivo que a polícia não tem, e ao qual pode, de facto, opor-se ativamente: defender o Eugene e mantê-lo seguro em casa. O que significa que, por mais que nos custe, temos de ter esperança e tentar provar que um destes outros motivos explica o desaparecimento do Adam.

Com isto, a Shannon virou a folha para que pudéssemos lê-la claramente:

Sujeito ao Sigilo Profissional
Produto do Trabalho do Advogado

O QUE ACONTECEU A ADAM PARSON?

A. VIVO

1. Falha de comunicação
- * 2. Fugiu (Anjeli Rapari?)
- * 3. Escondeu-se para efeitos de experiência
4. Perdido ou ferido incl. amnésia
5. Raptado

B. MORTO

- * 6. Suicídio (cancro?)
7. Assassinado por outro que não o EP (Anjeli Rapari?)
- * 8. Morte acidental (queda, afogamento) sem o envolvimento do EP
9. Morte acidental com envolvimento do EP (NECESSÁRIO
DESCARTAR!!!)

Senti uma onda de raiva misturada com confusão, vergonha e impotência. Por muito que amássemos o Eugene e quiséssemos acima de tudo que ele estivesse em segurança, era suposto festejarmos se descobríssemos que o pai tinha fugido com uma mulher ou que nos estava a pregar uma partida cruel ou, ainda, que se tinha suicidado,

atirando-se para um rio enquanto o filho de 14 anos com necessidades especiais ficava sozinho, quase era atropelado por um carro e ficava traumatizado no processo?

A Shannon tinha razão. Era realmente injusto. Ela estava a pedir-nos para fazermos uma escolha impossível. O pai ou o Eugene? Porque — por mais insondável que fosse, por mais desleal que eu soubesse que era considerar sequer a possibilidade — e se descobrir o que tinha acontecido ao pai e salvar o Eugene fossem dois resultados incompatíveis? E se não pudéssemos fazer as duas coisas?

Foi então que vi a resposta ao dilema Pai *versus* Eugene. Era óbvia, e estava ali na lista da Shannon, à vista de todos. Se o meu pai estivesse vivo, isso significava que tinha fugido ou estava a fazer experiências e não merecia a nossa empatia ou lealdade. Se o meu pai não estivesse vivo, a Shannon tinha razão; por muito que desejássemos uma resolução, saber o que lhe tinha acontecido, era mais importante manter o Eugene a salvo, independentemente do que ele tivesse feito.

Mas não era altura para nos preocuparmos com as possibilidades. A Shannon começou a enumerar tarefas: contactar o oncologista, falar com os amigos do meu pai, pedir ao seu investigador privado para encontrar a tal Anjeli, aceder ao computador e ao telemóvel do meu pai, falar com a tal blogger, pedir uma avaliação ao Eugene, e assim por diante. Mais parecia um general a elaborar um plano de guerra: delegar, atribuir tarefas e definir estratégias.

— Temos dois dias e... — consultou o relógio — duas horas, mais minuto, menos minuto, para preparar esta audiência.

Aquele era o nosso novo objetivo. Tínhamos cinquenta horas para provar que o Eugene não tinha nada a ver com o desaparecimento do pai, e haveríamos de conseguir. Custasse o que custasse.

PARTE IV

O MITO DO *BAH-BO* NÃO VERBAL FELIZ

Outra Família, Outro Lar

A minha primeira tarefa foi marcar uma consulta com um terapeuta de comunicação para fazer uma avaliação da fala do Eugene antes da audiência. A Shannon conseguiu arranjar-me uma lista de dez terapeutas aprovados pelo tribunal de menores, com números de telemóvel, de telefone fixo e e-mails. Não podia ser assim tão difícil, pois não?

Errado.

O problema: os terapeutas trabalhavam regularmente para o sistema de justiça juvenil e estavam sempre a entrar e a sair do centro de detenção, o que significava que tinham sido afetados pelo surto de covid. Aparentemente, os miúdos estavam todos bem (assintomáticos ou com sintomas ligeiros), mas os terapeutas adultos e o pessoal foram gravemente afetados. Os que não estavam doentes estavam a ser notificados do surto, a fazer testes, a preparar-se para a quarentena e a cancelar todos os compromissos — demasiado ocupados e assustados para atenderem uma chamada aleatória e potencialmente falsa. O quinto terapeuta da minha lista (o primeiro que atendeu e, aparentemente, por acaso) contou-me tudo isto muito rapidamente para explicar porque não podia aceitar casos novos. Avisou-me de que «avaliar jovens não verbais» era um processo intensivo, que duvidava que alguém da lista pudesse fazer esta semana.

O John também parecia estar a meio de uma chamada, a deixar o que parecia ser uma mensagem de voz agressivamente educada. («*Por favor, ligue-me assim que ouvir a mensagem. Espero sinceramente ter*

notícias suas dentro de uma *hora.*») Tentava encontrar um neuropsicólogo para a avaliação da deficiência intelectual, a outra vertente da estratégia dupla da Shannon para sexta-feira. Assim que desligou o telefone, fiz saber a minha preocupação com a possibilidade de não conseguirmos marcar as avaliações pré-audição devido ao surto de covid, o que significaria que — ironia das ironias! — aquilo que fora responsável pelo milagroso adiamento de dois dias poderia muito bem vir a ser o nosso maior obstáculo.

— Caramba — disse —, é como aquela história da pata do macaco. Lembras-te? Alguém pede um desejo, uma determinada quantia em dinheiro, e o desejo é concedido, mas às custas da vida do filho do indivíduo, porque vai-se a ver e o seguro de vida é a quantia exata que a pessoa tinha desejado.

O John fez aquela sua expressão de escuteiro, do género, «não desistas», e disse:

— Tens de deixar de ser tão pessimista. Vamos conseguir. Sinto que sim!

Não deixava de ter piada, porque também tivera aquela sensação de invencibilidade apenas quinze minutos antes, mas, ao ouvir o mesmo pensamento a sair da boca do meu irmão, pensei imediatamente: *Caramba, que estupidez.*[16] Porque já tínhamos tido um milagre, o que diminui certamente a probabilidade estatística de a mesma família ser agraciada com outro milagre no mesmo dia.

Senti-me tentada a salientar a lógica errada das suas suposições, mas não o fiz. Até consegui não revirar os olhos, imaginem. Estava demasiado cansada para discutir. Além disso, quem sabe se os milagres não são alheios às probabilidades estatísticas. Afinal, os milagres desafiam a lógica — daí serem milagres, certo? — e, bem vistas as coisas, o que sabia eu sobre o assunto? A verdade é que tinha ciúmes; desejava poder voltar àquele momento anterior, quando caminhávamos naquele dia banhado pelo sol, refulgente com a possibilidade de magia, com a perspetiva milagrosa de algum alívio. Porquê tirar-lhe isso?

Continuei a percorrer a lista de terapeutas. Liguei e deixei várias mensagens de voz para números fixos e de telemóvel, sem grandes preocupações em esconder o pânico que me afligia e que aumentava a cada chamada não atendida, e depois copiando, colando e enviando os

mesmos e-mails e mensagens de texto: «URGENTE: AGRADEÇO RESPOSTA IMEDIATA.» Em dez minutos, eu e o John tínhamos contactado todas as pessoas das listas de terapia da fala e de neuropsicologia, e os resultados eram desoladores: um *não* rotundo; dezanove incontactáveis; e zero mensagens ou e-mails respondidos.

Pensei que o nosso fracasso incontornável iria injetar algum realismo no John, mas o resultado foi o oposto, o seu otimismo irritante adquiriu contornos de teimosia irracional.

— Isto significa que vamos fazer as coisas à moda antiga: vamos pessoalmente aos consultórios, como fizemos com a Shannon.

Eu já tinha verificado as moradas e percebido que muitas eram perto ou a caminho de casa. Seria certamente uma perda de tempo (com a pandemia, estava toda a gente em teletrabalho), mas era a única opção que nos restava.

Eu ia a conduzir e o John tratava da navegação (ou melhor, ia introduzindo a morada seguinte no telemóvel). A mãe disse que precisava de ligar aos médicos do pai para perceber a história do cancro, mas acho que, na verdade, o que ela queria era estar com o Eugene. O susto da detenção tinha-nos perturbado a todos, claro, e a verdade é que a minha mãe sempre o mimou bastante, mas agora parecia completamente paranoica. Não saía do lado dele, usava a mão esquerda para mexer no telemóvel enquanto com a direita agarrava no cotovelo do meu irmão, como se tivesse medo de que o Eugene fugisse.

A volta de carro foi inútil, mas rápida — todos os consultórios estavam fechados, os parques de estacionamento desertos e as entradas dos átrios trancadas —, tal como esperávamos. Ou melhor, como *eu* esperava, uma vez que o John teimava em sair do carro sempre que parava em frente a um edifício, cheio de esperança enquanto se dirigia para a entrada, para logo a seguir parecer chocado quando via que a porta não abria. Acabava por voltar para o carro cabisbaixo, de ombros caídos. Passado algum tempo, aquilo começou a ficar muito triste e pensei em formas de o dissuadir, como quando estávamos a um quarteirão de distância do edifício seguinte, e eu disse: «Oh, não, parece estar tudo às escuras», mas depois arrependi-me de tentar manipular as suas emoções — ou seja, recorrendo à «teoria» banal do pai —, por isso calei-me e deixei o John em paz.

Não sei quantos consultórios visitámos. Sete? Dez? Perdi a conta. Limitava-me a seguir as indicações do sistema de navegação e acabámos por entrar numa zona residencial não muito longe da nossa, a cerca de oito quilómetros. Era um daqueles bairros de casas de dois andares, pintadas em tons neutros e construídas em série — nem muito grandes, nem muito pequenas, do tamanho certo para famílias com 2,3 filhos —, separadas por estreitas faixas de relva.

— Um consultório em casa — disse a minha mãe, quando entrei no curto caminho de acesso e parei à porta da garagem, do lado direito da casa. — Não sei se me agrada entrar assim de rompante.

— É uma emergência. Tenho a certeza de que a pessoa vai compreender — disse o John, abrindo a porta do carro.

— Espera, deixa-me ao menos ir contigo. Mia, ficas aqui com o Eugene. Eugene-ah, a mamã já volta, sim? — Deu-lhe um beijo na cara e disse *Sa-rang-hae*, que, em coreano, significa «amo-te». O Eugene estava claramente absorto no que se passava no seu *iPad*.

Quando a mãe fechou a porta do carro, o Eugene assustou-se e levantou os olhos do ecrã. Olhou à volta para se orientar, aparentemente atordoado, e depois olhou para um cata-vento que estava por cima da garagem, mesmo à nossa frente.

— Eugene, deves estar com fome — disse-lhe. — Não tarda nada estamos em casa e...

O Eugene livrou-se do *iPad*, agarrou no puxador da porta, saiu do carro e desatou a *correr*. Rápido, atravessou com determinação o relvado e seguiu não em direção à porta da rua, onde estavam a mãe e o John, mas às traseiras da casa.

— Eugene, para! — gritei, e corri atrás dele.

A mãe e o John aperceberam-se do que estava a acontecer, gritaram o nome dele e juntaram-se à perseguição. Eu era mais lenta do que o Eugene (por causa do meu tornozelo, ia dizer, mas, sinceramente, ele era bastante rápido) e, quando o apanhei, o meu irmão mais novo já estava junto à porta da cave.

— Eugene, para! — tornei a gritar, pronta para o agarrar, mas ele estendeu a mão para uma caixa que estava ao lado da porta e levantou uma pequena tartaruga de cerâmica. — Eugene, o que estás a fazer? Não faças isso! — gritei, pensando que ele iria arremessá-la, mas depois reparei numa chave por baixo, na qual ele pegou com cuidado,

quase com amor, antes de colocar a tartaruga de novo junto a um coelho de cerâmica. Estava paralisada, vagamente consciente da minha mãe e do John ao meu lado. Uma mistura hipnótica de confusão, medo e curiosidade mantinha-nos a todos presos ao chão, silenciosos e imóveis, enquanto o Eugene colocava a chave na ranhura, girava a mesma e abria a porta.

Aqui chegados, compete-me fazer uma pausa. Se pusermos de lado o facto de o Eugene ter conseguido encontrar uma chave escondida, o que ele fez a seguir não era algo que pudesse ter feito sem praticar nesta mesma porta, vezes sem conta. Foi demasiado natural, demasiado rotineiro, a forma como entrou na cave e se virou, ciente do sítio para onde tinha de ir, sem hesitar. Seguimo-lo para o interior da cave, absolutamente perplexos, enquanto o Eugene percorria um corredor até uma área aberta, uma espécie de sala de convívio. O meu irmão dirigiu-se imediatamente a uma bola esponjosa cor de laranja que estava no chão e atirou-a por baixo, num lançamento «à padeiro», para um cesto gigante posicionado a metade da altura de um cesto normal, uma cópia do nosso próprio cesto de basquetebol. Subiu para o trampolim para duas pessoas — mais uma vez, exatamente igual ao da nossa cave — e começou a saltar.

Mas que porra é esta?, lembro-me de ter pensado, mas também devo ter dito em voz alta, porque o Eugene riu-se enquanto continuava a saltar. Que sítio era aquele? De quem era? Tentei lembrar-me da lista de terapeutas do tribunal — nenhum nome específico, mas algo sobre desbloquear a fala? Era simultaneamente espantoso e aterrador ver o Eugene tão à vontade, tão capaz e confiante, mas de uma forma que provava claramente que aquela parte da sua vida tinha sido escondida. Era como se ele tivesse outra família, outra casa. A perplexidade que vi no rosto da minha mãe assustava-me, como se ela não fizesse ideia do que pensar.

Ela começou a aproximar-se do Eugene. Lentamente, com passos curtos e cautelosos, como fazemos quando encontramos um urso na floresta ou alguém prestes a saltar de uma ponte. Sentia-se uma tensão sinistra no ar, um peso que eu podia sentir nos ouvidos, como quando um avião está a aterrar; o ranger das molas do trampolim era a banda sonora de uma cena de filme de terror em que uma família inocente vagueia por uma casa assombrada, sem se aperceber dos fantasmas

zombies assassinos que se aproximam para os matar com um machado.

À minha esquerda, abriu-se uma porta, e eu dei um salto e quase gritei. Era o John, que estava parado à porta de uma sala (Um escritório? Aquilo era uma secretária?), a um canto do trampolim. Olhava lá para dentro. Parecia estar surpreso, mas também não. Acima de tudo, parecia prestes a chorar.

Quis correr para lá, mas as minhas pernas estavam frias e rígidas, como se não as mexesse há horas, por isso arrastei-me ao ritmo dos saltos do Eugene, do ranger do trampolim.

Eu tinha razão. Era um escritório. Um escritório desarrumado, a secretária cheia de papéis soltos. Ninguém na cadeira. Ninguém no chão. Nenhuma pessoa, viva ou morta. O pai, nem vê-lo. Agarrei-me à ombreira da porta. Respirei fundo. O que se passava comigo? Na verdade, contava ver o meu pai de alguma forma — sentado à secretária, a sorrir como um vilão de desenhos animados enquanto manipulava folhas de cálculo de experiências de morte fingida, ou morto no chão, com o sangue já coagulado. Era difícil dizer o que seria mais aterrador.

Restava saber porque é que o John estava tão assustado. Ele acenou com a cabeça para a parede ao lado da secretária, para um quadro cheio de *post-its* amarelos. «Não vejo nada», comecei a dizer, mas foi então que vi: um grande coração de papel amarelo com um coração mais pequeno cortado no meio, onde estava uma fotografia do meu pai e do Eugene, a sorrir. E por baixo, na letra de imprensa inclinada do meu pai: «Adoramos-te, Anjeli!»

[16] Já repararam como tudo soa diferente em voz alta ou dentro da nossa cabeça? Às vezes, pensamos numa coisa e ela faz todo o sentido, chega a parecer genial, mas, quando a verbalizamos ou escrevemos, a eloquência desaparece. Costumava dizer que as coisas se perdiam na verbalização, que as palavras não conseguem captar a plenitude das ideias abstratas, mas creio que é também porque ver/ouvir as palavras faz com que as avaliemos, expondo as falhas que o entusiasmo inicial bloqueou. É como quando os nossos amigos criticam um namorado novo e, para responder, temos de processar e avaliar o que eles disseram, o

que muitas vezes dá início ao doloroso processo de remover o filtro da paixão que anteriormente bloqueava todos os defeitos da pessoa em causa.

S-O-L-A-R

Costuma dizer-se que, quando ouvimos o som de cascos, pensamos em cavalos e não em zebras. Quando ouvimos pela primeira vez o voice mail da Anjeli, percebi logo o que havia ali. Convenhamos — se um homem faz inúmeras chamadas secretas para uma mulher misteriosa que está preocupada por ele não contar à mulher sobre ela, o mais provável é que seja um caso; mas ainda havia a hipótese de uma explicação inocente que nos faria sentir muito mal assim que o mal-entendido fosse esclarecido. Era uma hipótese remota, mais próxima de um unicórnio do que de uma zebra, mas talvez a Anjeli fosse uma agente de viagens que estava a ajudar o meu pai a planear uma escapadinha surpresa para o quinquagésimo aniversário da minha mãe — ela tinha «raptado» o meu pai para uma viagem a Banff quando ele fez 30 anos, e o meu pai sempre disse que foi o melhor presente que alguma vez recebeu — e as restrições de circulação impostas pela covid e todo o secretismo estivessem a ser demasiado para a Anjeli aguentar. Ou talvez ela fosse uma fornecedora de *catering* que estava a ajudar o meu pai a planear uma festa surpresa, e as recentes restrições de ajuntamento de pessoas no nosso condado estivessem a deixá-la stressada. Até a minha ideia desesperada de a Anjeli ser a oncologista dele era muito melhor do que um caso amoroso.

Mas o cartão «Adoramos-te, Anjeli!» fez desaparecer essa hipótese de 1%. Aquela era a casa da Anjeli. Claro que era. Não tinha eu percebido, não tínhamos todos percebido, assim que o Eugene levou a

chave à porta? Fomos apanhados desprevenidos porque estávamos concentrados na procura de um especialista para o Eugene, sem contar que isso nos levasse à mulher misteriosa do pai, mas agora que o choque estava a passar parecia inevitável. A Anjeli não era uma assistente de projeto qualquer, mas sim alguém com quem o meu pai partilhava uma relação íntima, suficientemente próxima para trazer o Eugene consigo muitas vezes. Claro que ela estava relacionada de alguma forma com o mundo das necessidades especiais. Isso compunha 99% do mundo do nosso pai; como é que alguém que não estivesse nesse mundo poderia sequer conhecer o nosso pai, quanto mais construir uma relação de confiança com o Eugene?

Junto ao coração amarelo estava colada uma fotografia de uma mulher sentada a uma secretária em frente a um rapaz da idade do Eugene. A mulher (supostamente a Anjeli) estava encantada, com a boca aberta num sorriso rasgado e as sobrancelhas erguidas de tal modo que a testa parecia ondulada. Tinha mais ou menos a idade do meu pai — cabelos negros com madeixas grisalhas e rugas à volta dos olhos e dos lábios —, mas o rosto estava tão animado, irradiava tanta energia, que parecia muito mais nova. Era fácil imaginar que o meu pai a tivesse conhecido algures, talvez num seminário na Henry's House, e tivesse gostado dela e travado amizade com ela. Mas paixão? Amor? Parecia inconcebível, a ideia de o meu pai gostar assim tanto de alguém que não fosse a minha mãe. Mas, sejamos sinceros, quando foi a última vez que os vi perdidos de amores um pelo outro? Eram ambos afetuosos, sim, mas muito desse sentimento era reservado ao Eugene, sobretudo da parte da minha mãe. Ela sentava-se sempre ao lado do meu irmão durante os filmes, segurando-lhe na mão e acariciando-lhe o cabelo. Fazia isso comigo e com o John quando éramos pequenos, mas perdeu esse hábito à medida que fomos crescendo. Será que isso iria desaparecer com o Eugene? E, se a resposta fosse não, será que o meu pai procuraria isso noutro lugar, talvez com esta mulher bonita e de sorriso despreocupado? Onde poderia ela estar agora, se não com o nosso pai? Estaria ele a olhar para aqueles olhos, a beijar aqueles lábios, longe dali?

— Meninos, encontraram alguma coisa? — gritou a minha mãe.

Merda. A mãe. Espreitei pela porta e ela estava a esticar o corpo para olhar para dentro do escritório sem largar a mão do Eugene na

barra do trampolim. Posicionei-me rapidamente diante do coração amarelo para ela não o ver. Sei que tinha jurado nunca mais esconder nada dela, mas há alturas em que é impossível ser sincero sem ser cruel, e aquela era uma delas. O coração de papel amarelo não era um postal de «amor» qualquer, o que já seria muito mau; era idêntico ao coração de papel amarelo que estava colado no nosso frigorífico, só que o nosso continha uma fotografia minha, do John e do Eugene, com uma nota que dizia «Adoramos-te, mãe! Feliz Dia da Mãe!» É verdade — a merda do Dia da Mãe! O que significava que isto iria arruinar para sempre todos os Dias da Mãe de hoje em diante. Mas onde é que o meu pai tinha a cabeça? Não se oferece a mesma coisa a duas mulheres — será que os homens heterossexuais não sabem disso? Será que alguém conseguia recuperar de uma coisa destas? Eu não ia permitir que ela visse aquilo.

— Meninos, o que se passa? O que há nessa sala? — A minha mãe largou a mão do Eugene para se aproximar e ter uma visão clara do escritório. Ao chegar à porta, parou e vacilou... um piscar de olhos adicional, uma respiração um pouco mais profunda. Pensei que ela tinha visto o coração amarelo. Mas não, estava a olhar noutra direção. Segui-lhe o olhar. Um diploma emoldurado, pendurado na parede. «Anjeli Rapari» escrito numa caligrafia elegante.

Pronto, pensei, a mãe já sabe, mas a verdade é que teria de descobrir que aquela era a casa da Anjeli mais cedo ou mais tarde, se é que não tinha já adivinhado, e um diploma sempre era melhor do que o coração. (Mais uma vez, o pai e a sua teoria parva das expectativas.)

A minha mãe precisou de algumas inspirações profundas para recuperar.

— O que estás a esconder? — disse ela, mas ao John, que estava diante de uma série de prateleiras com caixotes de arrumação, cada um rotulado com duas letras. — Estou a ver algo atrás de ti. O que é?

O John parecia estar prestes a negar, mas suspirou e afastou-se. O caixote com a etiqueta «EP» estava aberto e continha um quadro de letras em estêncil.

— Começámos a usar um sistema semelhante na Henry's House, para facilitar a desinfeção — informou o John, colocando o caixote em cima da secretária e retirando os artigos que estavam lá dentro. —

Todos têm o seu próprio caixote, com os seus próprios materiais, livros de exercícios, apontamentos de terapia, tudo aquilo de que necessitam para as sessões. — Tirou uma pasta branca e entregou-a à mãe.

Ela abriu-a e começou a ler.

— Mas este registo diz...

— Eu sei — disse o John.

— O quê? O que é que diz aí? — perguntei, mas a minha mãe não respondeu, continuou a ler e a virar as páginas, com as rugas profundas a subirem-lhe pela testa como carris de comboio. — Alguém me pode dizer o que se passa?

— Ela é terapeuta da fala, especializada num tipo de comunicação baseada em texto para pessoas que não conseguem falar, um novo método de ortografia — esclareceu o John. — O Eugene vem cá desde outubro. Três vezes por semana durante oito meses.

Mas o Eugene já tinha um terapeuta da fala na Henry's House, com quem estava cinco vezes por semana. Porque haveria o pai de trazer o Eugene a outro terapeuta? Ele desprezava a terapia ortográfica, não acreditava de todo nela. Seria suposto eu ficar contente por aquilo poder significar que não estava a ter um caso e que os 20 mil dólares se destinavam à terapia? Ou seria mais uma prova da paixão do meu pai, que permitira que aquela mulher o convencesse a tentar novamente este tipo de terapia, algo que a minha mãe não tinha conseguido fazer? Reparei no sofrimento gravado nas rugas da testa da minha mãe, à volta da boca, enquanto ela continuava a virar as páginas. Tendo em conta a sua história, será que a minha mãe via naquilo uma traição maior do que um postal do Dia da Mãe em duplicado?

O trampolim não tinha parado de ranger a cada salto, o ritmo constante e consistente transformou o som num ruído de fundo em que deixámos de reparar, mas o Eugene começou a vocalizar em surdina, como às vezes faz quando está mesmo a gostar de saltar. Não era nada que não tivéssemos ouvido já — o rangido da mola do trampolim, depois o *hiii* agudo do Eugene em fá —, mas a mudança de ritmo era alarmante, sobretudo naquele ambiente estranho e novo. A minha mãe levantou os olhos da pasta e disse:

— Eugene-ah, estás bem? — Foi ter com ele, levando consigo o

caixote da terapia. — Continua a saltar. A mamã vai ler este livro, está bem?

Assim que ouvi aquilo, certifiquei-me de que ela não estava a olhar para mim e arranquei o coração amarelo do quadro. Por mais que quisesse rasgá-lo e deitá-lo fora, não consegui. E se aquilo fosse uma «prova» e mexer nela fosse crime? Já tínhamos problemas legais suficientes, e, da forma como as coisas estavam a correr naquele dia, não queria arriscar a detenção de mais um filho.

— Ajuda-me a esconder isto — sussurrei para o John, mas ele estava a abrir a porta do que parecia ser uma despensa do escritório. Tinha uma configuração estranha. Era um espaço pequeno, sem janelas. Tinha apenas uma mesa quadrada e simples no meio, com duas cadeiras em lados adjacentes e um *iPad* num tripé no canto oposto, virado para as cadeiras. Coloquei o coração amarelo debaixo de um papel numa gaveta da secretária e segui-o. — Achas que ela grava as sessões de terapia?

O John observava um cartaz na parede, a única decoração (se é que podemos chamar-lhe isso) de qualquer tipo na sala. Tinha como título *O Processo FAE* e apresentava três colunas — Fase 1: Furar; Fase 2: Apontar; Fase 3: Escrever —, cada uma com palavras mais pequenas por baixo. Apressei-me a ler, mas reparei que o John parecia mais assustado do que eu já o tinha visto naquele dia, boquiaberto e perturbado.

— O que foi? — perguntei. — O que se passa?

— Eu conheço isto. É a última cena. Soube por um dos pais da Henry's House. Eu e o pai discutimos sobre isto na segunda-feira à noite.

— Tu e o pai nunca discutem. Porquê? — Ao dizer aquilo, pensei na forma como o John e o pai foram exageradamente simpáticos um com o outro no dia seguinte. — Era por isso que estavam tão estranhos ontem ao pequeno-almoço?

— Eu disse coisas que... — Mordeu o lábio. — Recebi um e-mail na semana passada sobre um estudo que um dos meus professores tinha acabado de publicar sobre um método exatamente igual a este, por isso contei ao pai e ele agiu como se nunca tivesse ouvido falar dele. Voltei a perguntar-lhe na segunda-feira se tinha lido o estudo, mas ele foi evasivo. Disse que estava muito ocupado para acompanhar

todas as modas, e eu fiquei furioso e acusei-o de ser egoísta. Disse que ele era um mau pai.

Merda.

— John, tenho a certeza de que ele sabia... — O meu irmão abanou a cabeça.

— Não interessa. O que interessa é que, se ele a conhece, se o Eugene anda a fazer isto com ela há meses, porque é que...

Ouvi uma voz de mulher. Eu e o John olhámos um para o outro. A polícia tinha dito que a casa da Anjeli estava vazia, mas será que ela tinha voltado?

Sáímos a correr do escritório. O Eugene continuava a saltar no trampolim e a mãe estava sentada no chão com a pasta ao lado, aberta, a ver qualquer coisa no telemóvel. Era de lá que vinha a voz de mulher. Era um vídeo do YouTube. A Anjeli, com o mesmo ligeiro sotaque indiano que tinha ouvido no voice mail, dava uma palestra numa conferência qualquer.

— O que é isso? Como é que encontraste? — perguntou o John.

— Através de uma ligação no site dela — respondeu a minha mãe, pressionando o botão de retrocesso. Surgiu um logótipo. *Unlock Your Voice*, com as iniciais em letras grandes e sobrepostas. — A pasta diz que todas as sessões de terapia são gravadas e carregadas num portal do cliente, mas não consigo encontrar a palavra-passe.

UYV.

— Acho que sei qual é — disse eu. — Acede ao *login* do portal. — Peguei no telemóvel da minha mãe e introduzi o endereço de e-mail do meu pai na caixa do nome de utilizador, enquanto explicava que vi o código de acesso na pasta de arquivo que tinha encontrado na secretária do pai. — Era U-Y-V, arroba e depois quatro números. Acho que era 10 ou 01. — Escrevi «10» e a minha mãe disse:

— Era 1014? A primeira sessão foi a 14 de outubro. Experimenta isso. — Não. A minha mãe pegou no telemóvel. — Vamos tentar mês e depois ano.

Introduziu «UYV@1019» e carregou no *Enter*.

Resultou. A página inicial do portal surgiu no ecrã e a minha mãe clicou em Sessões Gravadas. Eram imensas, ordenadas por data.

— Tiveram quase cem sessões — disse o John.

A minha mãe clicou na primeira, a mais recente, datada de 12 de

junho de 2020. Há 12 dias.

O vídeo abriu com a Anjeli sentada ao lado do Eugene na sala de vídeo de onde tínhamos acabado de sair.

— Muito bem, hoje vamos começar com uma aula de ciências. — A Anjeli falou sobre a produção de energia e a camada de ozono durante vários minutos, e depois disse: — Eugene, estás pronto? Vamos concentrar-nos. Podes dizer-me um de cinco tipos de energia alternativa?

Lembrei-me de que era uma das perguntas que estavam na pasta de arquivo. Ela entregou um lápis ao Eugene e ergueu um quadro de letras em estêncil amarelo mesmo à frente da cara dele. O meu irmão segurou no lápis com o punho, como se fosse uma faca, e fez um movimento de esfaqueamento com a mão em direção ao quadro de letras, mas lenta e desajeitadamente, sem qualquer vestígio de violência ou agressão.

— Isso mesmo, Eugene. Vamos. Encontra a letra e fura. Demora o tempo que quiseres. — O Eugene mexeu o ombro e o braço até o lápis chegar à letra S, e espetou a ponta no seu contorno oco. — S, muito bem. Qual é a próxima letra?

Com as mãos ainda a tremer e o olhar disperso, o Eugene recuou o braço e voltou a apontar para a frente, desta vez para a letra O.

— O. Qual é a próxima? Eu sei que é cansativo. Não desistas. — O Eugene furou o L, depois o A, depois o R, enquanto a Anjeli continuava a incentivá-lo. — E agora? — perguntou, e o Eugene furou um retângulo na linha de baixo. — Fim da palavra. Muito bem. S-O-L-A-R. Solar.

Pousou o quadro e escreveu numa folha de papel: «5 tipos de energia alt? SOLAR.»

— *O quê?* — disse eu.

O John e a mãe estavam atónitos. O Eugene estava ao nosso lado, a saltar e a guinchar como uma criança feliz, sem uma única preocupação na cabeça. Como é que esta pessoa podia ser a mesma do vídeo, que tinha acabado de responder a uma pergunta de ciências e que estava a comunicar?

— E que mais? Continua — ouvimos a Anjeli a dizer.

Parecia interminável, com o Eugene a demorar cerca de dez segundos para furar cada letra, e a Anjeli a dar-lhe muitos incentivos à

mistura, mas ele acabou por soletrar E-Ó-L-I-C-A (fim de palavra) e N-O-C-L-I-A-R (fim de palavra). Errou a ortografia, é certo, mas como estava a fazer aquilo? Nunca tinha tido uma aula minimamente académica, as suas «aulas» eram ao nível do jardim de infância: trabalhos manuais, abecedário, contar até dez, canções. Aprender as cores do arco-íris tinha sido a «lição» mais exigente.

Os rostos da minha mãe e do John também estavam cheios de perguntas. Não só de dúvidas, como as minhas, mas de esperança: aquilo era mesmo possível? O Eugene era mesmo capaz de comunicar? Consegua ler, soletrar, aprender?

Na minha mente surgiu Aquele Verão, a TF, e não consegui suportar a ideia de a minha mãe voltar a ser magoada daquela maneira. Estiquei a mão para fazer pausa no ecrã do telemóvel.

— Bem, isto não pode ser real, pois não? O vídeo tem de ser adulterado, ou talvez ela esteja a manipulá-lo de alguma forma.

— Mas ela não lhe estava a tocar — constatou o John —, e não estava a mexer no quadro.

Mas parecia inseguro, não totalmente convencido das suas próprias objeções às minhas.

— Mas porque é que ela estava a segurar no quadro à frente dele de uma forma tão específica? — perguntei. — Porque não o deixou fazer tudo sozinho? Só pode ser um truque, como quando os mágicos usam ilusões e equipamento especial para fazer com que algo pareça estar a acontecer quando, obviamente, não está. Talvez o estêncil esteja adulterado e ela esteja a ativar uma cor à volta de cada letra que não conseguimos ver na imagem, ou talvez seja magnético. — Peguei no quadro que estava no caixote do Eugene e observei-o em contraluz. Parecia ser de plástico, igual àqueles que podemos comprar num supermercado.

— Acho que tem a ver com a teoria dos andaimes — disse o John. Os «andaimes» são muito importantes no mundo da terapia de desenvolvimento. Proporcionam apoio temporário para ajudar as crianças a aprender uma nova competência, como as rodinhas nas bicicletas ou as boias na natação. — Era isso que estava no cartaz do FAE. Para crianças com problemas motores, seguramos quadros com letras grandes em estêncil mesmo à frente delas para facilitar (podem usar a totalidade do braço, a motricidade *grossa*) e depois passamos à

motricidade *fina*, pedindo-lhes que apontem para as letras e, por fim, que escrevam as palavras sozinhas. É óbvio que o Eugene ainda está na fase do Furar e que precisa desse apoio.

Fazia sentido. Sabia que muitas crianças que têm dificuldade em falar, uma competência motora fina, têm dificuldades com alternativas como apontar para as letras ou escrever, também elas competências motoras finas. Mas, em vez de criar andaimes através de suporte físico, como fez a TF, porque não transformar isso numa competência motora grossa, que é mais fácil para crianças como o Eugene? Muito inteligente. Meu Deus — ocorreu-me de imediato —, seria por isso que o meu pai andava a fazer tantos trabalhos de casa de fisioterapia com o Eugene? Haveria alguma relação entre o que estávamos a ver no vídeo e a corrida graciosa e rápida do Eugene?

— Vamos ver outra vez — disse a minha mãe, carregando no *Play*.

Desta vez, concentrei-me mais na Anjeli do que no Eugene, fixando atentamente as suas mãos, os seus olhos, pronta para captar qualquer tipo de pista subtil. Recordei a minha aula de Fenomenologia sobre o *Clever Hans*, um cavalo alemão que surpreendeu o mundo há cem anos ao soletrar e fazer exercícios de álgebra básica — o *The New York Times* até escreveu um artigo sobre os feitos incríveis do *Hans* —, vindo depois a saber-se que o cavalo se limitava a reagir a pistas subconscientes do seu treinador. Observei as duas mãos da Anjeli, que estavam perfeitamente imóveis. Ela não pestanejava, não olhava para a letra seguinte, nada. Passámos a altura em que eu tinha parado o vídeo, e ouvimos a Anjeli a rir e a dizer:

— Acho que querias dizer «nuclear», Eugene, N-U-C-L-E-A-R. — Desviou o olhar do ecrã e disse em tom de provocação: — A culpa é tua. Como dizes mal, o coitado do teu filho não consegue soletrar a palavra. — Riu-se e a câmara captou claramente o seu afeto genuíno pela pessoa que estava no canto.

Já sabia o que ia acontecer, claro, mas quando o riso do meu pai, fora do enquadramento, se juntou ao dela e ao do Eugene, estremeci. O facto de o meu pai dizer *no liar* era motivo de chacota da minha parte e da parte da minha mãe, mas ele ficava sentido. Da última vez que gozámos com ele, o meu pai ficou irritado e não se riu. Por isso, ao ver que aquela mulher sabia que o pai diz *no liar* e brincava com ele com tamanho à-vontade, quase de forma sedutora... a minha mãe

pareceu magoada. Traída. Ou talvez eu esteja apenas a interpretar a situação, por ter sido assim que me senti. No vídeo, ouvimos a Anjeli a dizer:

— Vamos continuar. Outra fonte de energia alternativa? — O Eugene soletrou B-O-C-A (fim de palavra) M-I-A (fim de palavra), pousou o lápis e ouvimos uma gargalhada fora do ecrã. A Anjeli parecia intrigada. — Não sei bem o que...

O meu pai apareceu no enquadramento. Continuava a rir-se, encantado, mas também um pouco atordoado.

— A boca da Mia. É outra fonte alternativa de energia, porque a Mia fala muito e depressa. — Senti aquela emoção familiar de divertimento, embaraço e irritação que sentimos quando o nosso irmão nos pica com uma boca das boas, mas era algo que nunca tinha sentido com o Eugene. O meu pai continuou: — É uma piada. Ele está a gozar com a irmã. Eugene, fizeste uma piada. Anjeli, disseste que isto ia acontecer. É um grande passo. Ele não está apenas a repetir palavras da lição. Está a comunicar os seus próprios pensamentos. É isso que estás a fazer. Certo, Eugene?

O meu irmão pegou no lápis e a Anjeli voltou a levantar o quadro. C-E-R-T-O.

— Certo — leu ela.

— Isto é espantoso — disse o meu pai —, um milagre. Eugene, nem acredito que vamos ouvir o que pensas. Meu Deus... — O meu pai abraçou o Eugene, enquanto ria e chorava, e a Anjeli juntou-se a ele.

— Eu disse-te que isto ia acontecer. Disse-te que tínhamos de ser pacientes. — E os três abraçaram-se. O meu pai segurou nas duas mãos da Anjeli e disse: — Anjeli, não sei como te agradecer. Quando penso na tua paciência, na coragem e no amor... — O meu pai engasgou-se, e ela ficou com os olhos cheios de lágrimas.

Juro que parecia que se iam inclinar e beijar quando o Eugene, claramente entusiasmado, se levantou e começou a saltar. A Anjeli e o meu pai olharam para a câmara como se se tivessem lembrado de que a cena estava a ser gravada. Ficaram envergonhados e afastaram-se, e a Anjeli carregou num botão que interrompeu a gravação. O ecrã ficou negro, à exceção da data que estava gravada no canto inferior direito.

Podem pensar que «devastação» é uma palavra estranha para

descrever o que sentíamos, quando tínhamos acabado de ver provas em vídeo (Talvez? Provavelmente?) de que o Eugene podia comunicar. Devíamos estar eufóricos, ou pelo menos esperançosos. E claro que isso também estava subjacente. A maravilha daquela descoberta inacreditável.

Então, porquê a tristeza? Duas coisas. Em primeiro lugar, a Anjeli. A forma como ela olhava para o meu pai — provocando-o, com o que parecia ser ternura e uma felicidade plena quando o Eugene fez aquela piada sobre a minha boca. A cumplicidade de duas pessoas que trabalham juntas, e, quando isso acontece num momento tão emotivo, a inevitável intimidade e paixão partilhadas — os livros e os filmes não estavam cheios de histórias de colegas que se apaixonam precisamente por causa desses fatores? E, se eles se tinham apaixonado, não seria esse o motivo perfeito para o meu pai não nos contar logo este milagre da comunicação do Eugene, para o manter em segredo da própria mulher, a mãe do Eugene, que tinha trabalhado incansavelmente durante mais de uma década para o ajudar a comunicar?

Em segundo lugar, o Eugene. Olhando para ele agora, a saltar de um lado para o outro sem pensar, a fazer barulhos tolos como uma criança pré-verbal, não parecia possível que fosse a mesma pessoa. Mas ele parecia estar a comunicar. De uma forma dolorosamente lenta e limitada, mas comunicava, soletrando palavras, furando letra após letra. Ninguém lhe segurava o braço ou tocava de qualquer forma. O seu olhar parecia disperso, mas estava direcionado para o quadro. E a Anjeli não parecia estar a fazer nada a não ser segurar o quadro de letras à sua frente, imóvel — como um cavalete humano. Incentivava-o, transmitia-lhe energia através da sua confiança, como faz qualquer bom terapeuta de reabilitação quando as pessoas estão a aprender a voltar a andar depois de um acidente horrível, por exemplo.

Mas aquilo não fazia sentido. Não só porque parecia impossível. Não só porque era incompreensível que, se o nosso pai sabia disto há doze dias, nunca nos tivesse dito nada. Mas por causa das perguntas que pairavam à minha volta e me toldavam a vista quando olhava para o meu irmão mais novo, que saltava alegremente ao meu lado.

O Eugene era o único que sabia o que tinha acontecido ao pai, a única testemunha ocular. Se ele conseguia comunicar, porque teimava

em permanecer em silêncio? Porque não nos dava sinais de que podia comunicar, fosse qual fosse o método escolhido? Porque não saía do trampolim para pegar no quadro amarelo e no lápis e contar-nos tudo o que sabia?

Seria possível que não quisesse fazê-lo?

Saltar de Alegria

Quando nos mudámos para a Coreia, como eu parecia coreana, todos esperavam que fosse fluente na língua. Quando descobriram que não era — que não percebia nem falava uma ponta de coreano —, pensaram que tinha algum problema e chamaram-me *bah-bo*. «Idiota». As amigas da Harmonee — as *ajummas* de meia-idade que faziam jus ao estereótipo de serem diretas e intrometidas de forma agressiva e orgulhosa — diziam-no muitas vezes enquanto olhavam para mim, não muito discretamente. Foi muito perturbador, porque a inteligência era a única coisa que eu tinha a meu favor: não tinha jeito para fazer amigos; era péssima em desporto, sempre a última a ser escolhida para as equipas; e desde cedo percebi que não era bonita, com este «não» a significar *o oposto de* e não a mera *ausência de*. É extraordinário como, quando temos um gémeo que tem atributos desejáveis que nos faltam, as pessoas se sentem compelidas a comentar esse facto, normalmente aos nossos pais e na nossa presença. Ser despojada da única coisa a que me tinha agarrado atirou-me para um poço fundo de insegurança, dúvida e vergonha.

Como o John parecia «americano» (ou seja, branco), todos na Coreia contavam que ele falasse inglês e não coreano. As *ajummas* até tentaram falar inglês com ele, riram-se da sua própria figura e pediram desculpa por não falarem bem a língua. Quando ambos começámos a aprender coreano (mas ainda não falávamos bem), tratavam-no como se fosse um génio, enquanto continuavam a ter pena de mim por ser «lenta», apesar de a Harmonee lhes dizer que

éramos gémeos, exatamente na mesma situação. Tentei falar com o John sobre isso, mas ele não conseguiu perceber o meu ponto de vista, e o pai também não.

Mas a minha mãe percebeu. Disse-me que tinha sentido o mesmo que eu quando se mudou para a América na adolescência; que passou de ser uma rapariga inteligente e com amigos na Coreia para se sentir perdida e frustrada por não conseguir compreender ou falar uma palavra.

— Sei que, por vezes, vocês também sentem isso, essa frustração quando as pessoas não vos compreendem ou quando vocês não as compreendem — disse ela ao pai e ao John —, mas isso não se compara a termos as pessoas a julgarem-nos, quando sabemos que pensamos que somos estúpidas. Lembro-me de gritar comigo mesma por me sentir assim, de dizer a mim mesma que era tudo da minha cabeça, que ninguém me achava estúpida. Mas, quando aprendi inglês suficiente para compreender, percebi que afinal não era paranoia; as pessoas olhavam mesmo para mim com desprezo. Porque, quando não conseguimos falar, as pessoas partem do princípio de que não compreendemos e falam sobre nós à nossa frente. É humilhante. Só de pensar nisso hoje, vinte anos depois, eu... Ainda é difícil tocar nesse assunto.

Espero que isto não me faça parecer uma pirralha egoísta, mas foi espantoso como me senti melhor ao saber que a minha mãe tinha passado pela mesma experiência dolorosa. Em parte, era a validação — eu sabia que o pai e o John queriam fazer-me sentir melhor, dizendo que não devia deixar que a opinião dos outros me afetasse, mas isso só me fazia duvidar ainda mais de mim própria, como se a minha reação não fosse natural e fosse errada —, mas, além disso, fazia-me sentir menos sozinha.

— Achas que foi por isso que foste para Linguística? — perguntei à minha mãe.

Ela olhou para mim como às vezes faz, com a cabeça inclinada e os olhos semicerrados, como se tentasse perscrutar-me, estudar-me, e, alguns segundos depois, começou a sorrir lentamente, o que me faz pensar que tinha orgulho em ser minha mãe.

— Acho que tens razão — confirmou. — É realmente fascinante como a Linguística está profundamente enraizada na nossa sociedade,

não apenas nos Estados Unidos, mas na sociedade humana em geral, a forma como equiparamos as capacidades verbais, sobretudo a fluência oral, à inteligência. E quando perdemos isso, mesmo que seja por uma razão óbvia, como ser de um país diferente, esse facto acaba por nos mudar. Como também sou humana, comporto-me segundo esse mesmo pressuposto, por isso, quando tinha dificuldade em exprimir-me, sentia-me uma *bah-bo*. Ainda hoje, sou uma pessoa diferente em inglês e em coreano.

A minha mãe contou-me que aquilo ainda acontecia, a presunção de que, não sendo americana, não devia ser muito inteligente ou instruída; de que não dominaria as nuances da língua e da cultura. Só porque falava com sotaque.[17]

Ao ver o vídeo do Eugene, foi disto que me lembrei. Daquela frustração, da insegurança, da dúvida. Eu e a minha mãe falámos sobre isso mais tarde — porque não tentámos comunicar com o Eugene imediatamente após vermos o primeiro vídeo do solar/boca da Mia.

— Se isto for mesmo verdade — disse a minha mãe —, se o Eugene consegue mesmo ler, soletrar e comunicar, significa que tem estado sempre preso ali, a sofrer. Ninguém acredita nele, todos o tratam como um...

— *Bah-bo* — rematei. Detestava aquela palavra, detestava a memória do tempo que associava a ela, e dizê-la em voz alta magoou-me fisicamente (uma pontada atrás dos olhos, como o início de uma enxaqueca) e a sala pareceu inclinar-se.

E pensar que as situações que eu e a minha mãe vivemos tinham sido limitadas e temporárias — nada, um milionésimo de nada, quando comparadas com o que o Eugene teria sentido, com o que estava a sentir agora, a ser verdade que podia pensar, compreender, ler, e que teria palavras completamente formadas que queria pronunciar, mas sem forma de as mandar cá para fora. Era isso que tornava tão assustador e doloroso pensar no vídeo do quadro de letras; por saber a dor que causaria à minha mãe imaginar que aquilo podia ser real. Na Coreia, eu *sabia* que acabaria por aprender coreano, e nem sequer precisava de o fazer — não tinha problemas em comunicar com a minha família, ia entrar numa escola inglesa para expatriados e sabia que acabaríamos por regressar aos Estados Unidos. Mas se foi

assim tão doloroso para mim e para a minha mãe, como seria para alguém que tem pensamentos muito bem definidos e que nunca conseguiu exprimi-los?

Há quem diga que a síndrome de Angelman é a síndrome da felicidade. Mas se estivéssemos enganados aquele tempo todo, se o vídeo fosse real, isso significaria que ele estava a sofrer — um sorriso por trás do qual se esconde o trauma de ser menosprezado, de não ter forma de se expressar, de ser considerado um *bah-bo*.

Perante tudo isto, alguém me recrimina por ter desejado, por brevíssimos instantes, que o vídeo fosse falso, que o Eugene não tivesse tido todos os seus pensamentos presos na sua mente durante catorze anos?

Tenho pensado muito sobre expectativas, sobre o que alguém que ouve esta história pela primeira vez possa esperar que façamos ou digamos num determinado momento. Em parte, isso deve-se ao facto de ter passado algum tempo com os apontamentos sobre o quociente de felicidade do meu pai. Mas, mais ainda, acho que é o processo pelo qual tenho passado — tentar recordar e dar sentido às quarenta e oito horas de ansiedade após o desaparecimento do meu pai e traduzi-las em palavras. Faz-me ver as coisas do ponto de vista de quem está de fora; analisar tudo o que fizemos e sentimos.

Assim que vimos o vídeo do Eugene a comunicar, quisemos imediatamente obrigá-lo a sair do trampolim e a sentar-se numa cadeira, enfiar-lhe um quadro na cara e fazer-lhe as perguntas que estávamos ansiosos por fazer: «Onde está o pai, Eugene? Está vivo ou morto? Como podemos salvá-lo?» Mas tivemos medo — de que aquilo fosse real, ou de que fosse uma farsa, ou ainda das respostas que poderíamos ouvir. As diferentes variedades de medo entrelaçavam-se umas nas outras e formavam um laço coletivo. Não o suficiente para nos impedir de tentar, mas sim para nos obrigar a fazer um compasso de espera para nos lembrarmos da última vez que decidimos experimentar uma nova competência sem estarmos devidamente preparados (uma experiência particularmente dolorosa que envolveu bicicletas de pares) e do que os terapeutas do Eugene nos tinham dito: que, paradoxalmente, para obtermos os resultados mais rápidos,

tínhamos de esperar, respirar fundo, não apressar as coisas e aprender as bases antes de avançarmos para a importantíssima primeira tentativa.

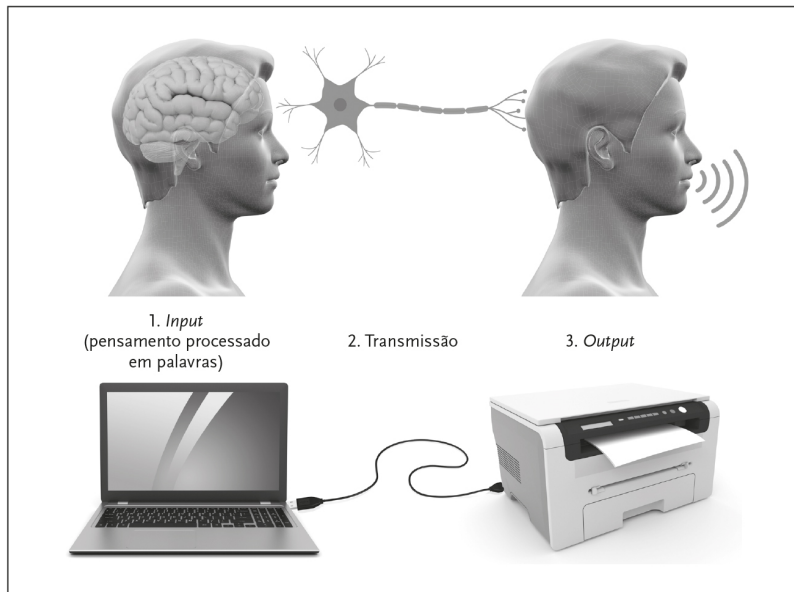
Não podíamos demorar horas, claro. A minha mãe sugeriu quinze minutos para nos prepararmos. O tempo suficiente para darmos uma vista de olhos nos folhetos e nas perguntas frequentes do site, assim como no vídeo da breve sessão de introdução do Eugene com a Anjeli em outubro de 2019, que dizia debaixo do título: «O vídeo ideal para explicar as bases do programa a familiares e amigos». (Custou-me ler aquilo — lá se foi a fantasia de que o meu pai estaria ansioso por nos contar, mas que não podia devido a restrições impostas pelo programa da Anjeli.)

O vídeo começou com o meu pai sentado ao lado do Eugene. Desde o início, mesmo durante a parte mais fastidiosa em que a Anjeli falou de si e do seu programa, reparei que ela se dirigia e falava diretamente com o Eugene, não com/atraves do meu pai.

— Eugene — disse ela —, sei que já consultaste dezenas de terapeutas e que estás ansioso por despachar isto porque, a julgar pela tua experiência, imaginas que a terapia da fala é uma perfeita perda de tempo. E sabes que mais? Concorde contigo. Não tenho o menor interesse em que me imites a dizer «papá» e «mamã». Por isso, vamos esquecer a *fala*. Vamos antes concentrar-nos na *codificação*.

» Codificação é o processo de transformação do pensamento em qualquer tipo de comunicação. Mensagens de texto, telefonemas, artigos de revistas, desenhos animados, e-mails, tudo isto é codificação, mas claro que a forma mais comum é a conversa direta cara a cara,[18] como estamos a fazer agora, e é por isso que algumas pessoas pensam que *codificação* é apenas um termo mais elegante e técnico para dizer *falar*. Mas vou dizer-te porque gosto de o usar. Porque usar este termo desconhecido ajuda-nos a pensar na fala de uma forma diferente daquela a que estamos habituados, como um sistema de várias etapas com partes separadas.

Nessa altura, ela mostrou um quadro:



— Começamos com a parte cognitiva: o pensamento processado em palavras. Em seguida, o cérebro envia ordens para o corpo e, se tudo correr bem, dizemos essas palavras em voz alta. É como se as palavras de um computador fossem enviadas para uma impressora. Gosto de explicar as coisas desta maneira porque ficamos a perceber que o facto de não conseguirmos falar pode não ter nada a ver com o pensamento, tal como o facto de uma impressora não imprimir pode não ter nada a ver com o computador. Podemos ser inteligentes (até mesmo geniais), mas ter um corpo que não obedece às ordens do cérebro por haver uma avaria no sistema. Além disso, o facto de não conseguirmos falar não significa que sejamos não verbais: temos palavras, ou seja, somos verbais, mas não as conseguimos comunicar oralmente.[19]

» Antigamente, antes de conhecermos as diferentes partes do cérebro, os neurónios e tudo o mais, considerávamos que a fala e a inteligência de uma pessoa estavam diretamente relacionadas; de facto, originalmente, a palavra *dumb* ou «tolo», em inglês, significava «mudo» ou «sem fala». Sabemos agora que isso não é verdade, mas parece ser um preconceito profundo que teima em não desaparecer. Ainda nos dias que correm, se não conseguimos falar, as pessoas

partem automaticamente do princípio de que se trata de um problema cognitivo: somos «tolos» em todos os sentidos da palavra — disse Anjeli, fazendo aspas com os dedos e assumindo um tom de voz apaixonado, quase evangélico. — É incompreensível, e precisamente o contrário do que devíamos fazer, mas presumimos incompetência até prova em contrário, a menos que seja alguém como Stephen Hawking, que perdeu a capacidade de falar depois de o mundo já saber que ele era brilhante.[20]

» Bem, acho que isso é uma grande parvoíce e tremendamente injusto para ti. Enquanto não tivermos a certeza e estivermos apenas no reino dos palpites, prefiro dar-te o benefício da dúvida. A nossa sociedade adotou a presunção de inocência para evitar que pessoas inocentes sejam encarceradas fisicamente. É isso que quero para ti: este equivalente emocional e mental basilar, a presunção de inteligência, competência, para evitar um encarceramento interno: da tua mente, da tua *alma*.^[21] E não estou a fazer isto só para ser simpática, porque tenho pena de ti, mas sim porque faz sentido, sobretudo para pessoas como tu, que têm uma disfunção motora. Sempre tiveste dificuldades em obrigar diferentes partes do teu corpo a fazerem o que querias, porque não haverias de ter os mesmos problemas de planeamento motor com a fala, que é uma das capacidades motoras mais complexas, ou com a necessidade de apontares para imagens ou cartões SIM-NÃO, uma tarefa que combina a motricidade fina com a motricidade ocular, coordenando o que estás a ver com o movimento do teu dedo para esse ponto exato? Porque não haveríamos de dizer: «Há obviamente um problema geral com o segundo passo, a transmissão através do sistema nervoso, por isso vamos trabalhar nesse aspeto e ver se ajuda»?

» É precisamente isso que eu gostaria de fazer. Quero começar por codificar através do braço, do movimento dos ombros: motricidade grossa, que sei que é mais fácil para ti do que usar os dedos ou a boca. O teu pai diz que tentaste usar quadros de letras, o que é ótimo porque significa que foste exposto a todo o conceito de comunicação através da ortografia, mas também disse que a tua antiga terapeuta apoiava fisicamente o teu braço. O meu método é diferente. Não te vou tocar de todo, em lado nenhum.

A Anjeli segurou num estêncil com três letras — S, T e U.

— Mas vou facilitar-te a vida. Vou recorrer a grandes quadros com poucas letras cada. De acordo com o relatório do teu terapeuta da visão, julgo que segurá-los um pouco abaixo da tua cabeça facilita a focagem dos teus olhos, por isso é por aí que vamos. — Ajustou o estêncil e pegou num lápis grosso com a outra mão. — Não te vou mentir. Vai ser difícil, um trabalho muito lento e frustrante. Por isso, tens de *querer* mesmo fazer isto. E já tens idade suficiente para tomares uma decisão. Se queres experimentar, quero que me digas. Quero que pegues neste lápis e soletes «sim». Se não quiseses, podes pousar o lápis.

Quem não o conhecesse pensaria que o meu irmão não estava a prestar atenção. Mas nós sabíamos — se ele não estivesse interessado, já se teria levantado e começado a saltar há muito tempo. A forma como estava sentado, com os dedos entrelaçados na posição de «mãos calmas», indiciava que estava fascinado. Pegou no lápis e esforçou-se por agarrá-lo numa posição de tripé, como os seus terapeutas ocupacionais tentavam constantemente que fizesse, mas a Anjeli disse:

— Não importa como seguras. E podes mexer o braço como quiseses. O que for mais fácil para ti.

O Eugene agarrou no lápis com os cinco dedos, segurou-o junto à cabeça e, muito lentamente (juro que demorou um minuto, e foi tão enervante que me apeteceu atravessar o ecrã e movê-lo eu mesma), moveu a mão numa estocada em câmara lenta em direção ao estêncil, parando quando a ponta do lápis estava mesmo junto ao S.

— Continua — instou a Anjeli. — Espeta a ponta até ao *fim*. Assim é mais fácil para mim saber que letra queres. Além disso, o teu cérebro vai receber o *feedback* sensorial do gesto. — O sorriso do Eugene permaneceu igual, mas os seus olhos arregalaram-se com um brilho traquinas, enquanto espetava o lápis no espaço da curvatura do S. — Na mosca! É isso mesmo!

A Anjeli pousou o quadro S-T-U e levantou um outro com G, H e I.

— Qual é a próxima letra? — Desta vez, o Eugene demorou ainda mais tempo, mas a Anjeli nunca deixou de sorrir e de o incentivar a concentrar-se, sem qualquer sinal de frustração ou impaciência (caramba, eu seria uma nódoa naquela profissão), até que ele finalmente furou o I e ela mudou para o quadro M-N-O. — Mais uma. Última letra.

O Eugene começou a balançar-se para trás e para a frente na cadeira, e quando pôs a mão em frente do estêncil, esta tremeu como se não aguentasse mais. Furou o M com um impulso deliberado, que sublinhou com uma gargalhada alta e deliciada.

— S-I-M. *Sim* — disse a Anjeli. — Parabéns, Eugene, pela nossa primeira palavra! É ótimo, não é? — A julgar pela forma como ele se ria, balançando-se na cadeira, parecia que queria saltar e abraçá-la.

Será que ela tinha razão? Seria aquela a primeira palavra que ele comunicou na sua vida? O meu pai parecia atônito, alternando o olhar entre o lápis, o Eugene e a Anjeli, como se tivesse acabado de assistir a um truque de magia que não conseguia perceber.

— Eu... — balbuciou. — Como é que... Fizeste-lhe sinais com os olhos? Quer dizer, ele nunca aprendeu a soletrar.

A Anjeli riu-se.

— Ora, Adam. Achas mesmo que depois de ver constantemente a *Rua Sésamo* durante catorze anos ele não saberia soletrar «sim»? — Virou-se para o Eugene. — Aquilo que acabaste de fazer, soletrar S-I-M, foi fantástico. Claro que tiveste muita ajuda minha. Era uma palavra simples, fácil de soletrar, e só tinhas de escolher entre três letras.

É verdade, pensei, mas não foi uma coincidência. A probabilidade de o Eugene ter escolhido S, I e M ao acaso era (cálculo rápido na minha cabeça: $1/3$ vezes $1/3$ vezes $1/3$) de menos de 4%.

— Mas é suficiente para comprovar o que eu já desconfiava — prosseguiu a Anjeli. — Tens estado a aprender e a assimilar desde sempre, através da televisão, das conversas ao jantar em família, dos livros que te leram, dos trabalhos de casa dos teus irmãos, de tudo isso. Mas não olhavas como era suposto quando estavas a prestar atenção (mais uma vez, por causa da tua disfunção motora), por isso todos pensavam que estavas no teu próprio mundo. E tenho a certeza de que, por vezes, estavas mesmo. É demasiado doloroso não escapar. Mas sei que sabes muito mais do que as pessoas julgam. — Virou-se para o meu pai e perguntou: — Já reparaste se o Eugene gosta de ver vídeos com legendas?

Fiquei paralisada, com um formigueiro a espalhar-se pelos meus ombros como um xaille. Aquilo explicava a nossa enorme discussão no Natal. Sempre pensei que o Eugene gostasse de *animé* japonês apenas

pelo aspeto sensorial — as cores vivas, a música e os traços faciais exagerados —, visto que não conseguia perceber a história por não ler legendas em inglês. No Natal, fiquei muito orgulhosa de mim própria por ter conseguido arranjar versões sem legendas dos seus desenhos animados preferidos. Mas, quando lhe mostrei o meu presente, explicando que agora podia desfrutar plenamente da animação sem as letras irritantes e desprovidas de sentido para ele a sujar o ecrã, o Eugene tirou a *pen* do *iPad* e atirou-a contra a parede. Tinha interpretado aquilo como uma birra, um desrespeito total, por isso repreendi-o e voltei a colocar a *pen*, mas ele pegou nela com as duas mãos para a dobrar e partir ao meio. Gritei-lhe «não» e tentei arrancar-lha das mãos, e foi quando começou o caos. Ele debateu-se e começou a arranhar e a dar pontapés. Na altura, pensei que fosse apenas uma birra descontrolada do Eugene, mas começava agora a perceber que se tratava de frustração e indignação, a única forma que ele tinha de protestar.

O meu pai estava agora a dizer no vídeo que nunca tinha pensado nisso, mas que sim, que a opção de legendagem estava selecionada, mas só porque pensava que era a configuração por defeito, porque a mãe gostava de ler as legendas, e a Anjeli respondeu que não, que apostava que o Eugene tinha descoberto como ligar as legendas, de modo a poder aprender e desafiar a sua mente.

— A tua reação é muito comum — disse a Anjeli. — Não sei se é porque tiveram de esperar muito tempo para usarem as palavras para se exprimirem, enquanto pensavam e treinavam mentalmente, mas os meus alunos que começam quando são mais velhos, como o Eugene, têm tendência a escrever muito bem, com uma ortografia e um vocabulário ótimos logo à partida. É fascinante, e muitos pais ficam perplexos com isso. — Virou-se para o Eugene. — Muito bem, tendo em conta tudo isto, o plano é o seguinte. Vamos começar com o estêncil de três letras até ganhares mais agilidade. Não sei quantos meses de repetição serão necessários para criar essas vias neurais, por isso, para garantir que não te aborreces, vou dar-te lições (de Ciências, Literatura, História que me pareça que possam interessar-te) e fazer-te perguntas. E em casa quero que trabalhes a coordenação motora com o teu pai. Quando dominares três letras, passamos para quadros com oito letras, depois treze, depois um quadro completo de letras, depois

apontar com os dedos e, finalmente, vais começar a digitar as letras sozinho.

A Anjeli fez uma pausa e depois repetiu, mais devagar, em pleno modo evangélico.

— Vais escrever. Sozinho. Sem ninguém à tua volta. É *esse* o objetivo final, Eugene, e acredito que seja possível, da mesma forma que demoraste meses a aprender a saltar, como diz o teu pai, mas que agora faz parte de ti, é algo que fazes com a mesma naturalidade com que respiras. Vai demorar muito tempo (muitos anos, provavelmente), mas é um objetivo e tanto, não achas? Acredito que és capaz. Pensa que vais ser capaz de enviar mensagens e e-mails às pessoas, o que quiseses, quando quiseses, ao teu ritmo. Dizer às pessoas o que pensas. Estudar o que quiseses. Quem sabe se não vais poder inscrever-te na universidade.

Ao ouvir «universidade», o corpo do Eugene imobilizou-se. Foi engraçado, porque me pareceu ser uma das raras vezes em que os seus lábios não estavam curvados num sorriso, ainda que pudesse jurar que ele nunca tinha sentido tanta alegria e esperança como naquele momento. Uma das mãos da Anjeli estava pousada sobre a mesa, perto dele. Ele agarrou-a com as duas mãos e apertou.

Eu costumava saltar com o Eugene na Coreia. Tinha-me esquecido disso até a Anjeli o referir. Começámos porque o meu irmão não conseguia saltar e os terapeutas precisavam de alguém para saltar com ele no trampolim, para o habituar ao movimento. Os nossos pais começaram por pedir ajuda ao John, que era mais atlético, mas cedo perceberam que saltar de forma coordenada exige ritmo, não capacidade atlética — estar em sincronia, como tocar num dueto. E isso é algo em que sou exímia.

O nosso trampolim de terapia em Seul tinha uma barra no meio, para que ambos nos pudéssemos agarrar, de frente um para o outro. Eu começava a saltar, o movimento fazia com que *ele* comesse a saltar, e depois eu saltava mais alto, sorria e erguia as sobrancelhas para que ele olhasse para os meus olhos. Assim que o Eugene dominou os saltos mimetizados, tive a ideia de experimentar os saltos em balancé, ao estilo coreano — em vez de nos sentarmos, ficamos de pé

e saltamos para a prancha do balancé, de modo a projetarmos o nosso parceiro. Quando ele desce, somos nós que somos projetados.[22] É complicado porque não podemos contar com o nosso parceiro para fazer todo o trabalho; temos de fazer corresponder o nosso ritmo ao arco de salto do parceiro, o momento exato do seu ápice, o que exige concentração no início. Porém, passado algum tempo, o ritmo torna-se natural, e foi nessa altura — quando deixei de pensar e a intuição assumiu as rédeas — que a magia aconteceu, quando a minha ligação primordial com o Eugene se tornou palpável e compreendi o que a Harmonee dizia quando falava de *jeong*, aquela sensação coreana de pertencermos a um todo. Senti essa ligação de forma muito forte quando saltávamos, a tranquilidade do movimento constante e rítmico a afastar todo o ruído da minha cabeça. Os nossos pais diziam na brincadeira que não sabiam a quem é que a terapia servia mais, porque era a única altura em que eu parava de tagarelar. Desistimos quando a terapeuta social do Eugene decidiu que (ironia das ironias) ele andava a saltar demasiado e rotulou os seus saltos de *stim* (abreviatura de comportamento autoestimulatório), que devíamos ignorar e limitar. Eu tinha 9 anos e nunca mais saltei num trampolim, nem sequer me senti tentada a fazê-lo.

O Eugene não tinha parado de saltar desde que entrámos na cave da Anjeli. Mas depois do seu primeiro SIM no vídeo, virei-me para ele e deixei-me ficar a vê-lo saltar. Queria saltar assim, afastar os pensamentos que se agitavam na minha cabeça — as perguntas e análises e preocupações relacionadas com quadros de letras, *bah-bos*, preconceitos sistémicos, cancro, corpos no rio, traições, programas de prevenção de violações na prisão e inspetoras que nos mentem — e sentir apenas a leveza que alcançamos quando estamos no ápice do salto, o cabelo a voar para os olhos e o encanto de percebermos que todas as partes do corpo obedecem às nossas ordens, movendo-se em conjunto num só fluxo.

Levantei-me, subi para a lona azul do trampolim, pus as minhas mãos sobre as do Eugene na barra e comecei a saltar. Ao início, foi estranho, habituar-me aos abanões, perceber como aterrar com o meu tornozelo dorido e coordenar-me com um parceiro de saltos que mal se apercebia da minha presença. Não saltávamos juntos há dez anos, tinha ele 4 na altura; duvidava que ele se

lembrasse. Mas, assim que ficámos em sintonia, o Eugene reparou. Olhou diretamente nos meus olhos e, de imediato, o sobressalto da nossa ligação e a adrenalina amorteceram as minhas dores, da cabeça aos tornozelos, e pensei: *Eu sei, Eugene. Sei porque saltas. A liberdade do voo, a afirmação da competência e a confiança daí decorrente — e tudo isso afasta a vergonha e a indignação de ser perpetuamente subestimado e incompreendido, desalojando-as do nosso âmago.* Eu própria senti aquilo: estávamos, literalmente, a saltar de alegria, para a alcançar, ou pelo menos para suprimir a dor. Se a sua necessidade de saltar estava de alguma forma relacionada com o nível da dor que sentia, que significado tinha o facto de o Eugene ter saltado no dia anterior durante quatro horas seguidas depois de voltar do parque?

Mais tarde, ao recordar este momento, pensei: *Que visão cómica. Ali estávamos nós, uma família com um pai desaparecido e um filho sob suspeita, com duas pessoas a verem vídeos esparramadas no chão da cave da também desaparecida (e possível) amante do pai, enquanto outras duas saltavam em balancé, ao estilo coreano, num trampolim.* Não conseguiria imaginar quadro mais tolo e ridículo. Talvez seja por isso que a guardo com tanto carinho no meu coração. Porque foi o nosso único período de alívio — não propriamente de prazer, mas de abandono naquilo que queríamos só para nós.

Estávamos a saltar em perfeita sincronia há apenas alguns minutos quando a minha mãe gritou que tínhamos um minuto. Ouvi-a dizer ao John para ir buscar o quadro de letras e um lápis ao caixote da terapia, porque estava na altura de perguntar ao Eugene pelo pai. Apertei as mãos do Eugene para que ele me seguisse, e abrandámos juntos, os nossos saltos foram ficando mais curtos até ficarmos apenas a balançar com os pés assentes na lona azul.

Um telemóvel tocou — era o toque predefinido da minha mãe. Pela conversa, percebi que era a Shannon, que andava à nossa procura. Algo se tinha passado e a inspetora Janus estava a caminho de nossa casa. A minha mãe pediu desculpa à Shannon, disse que tínhamos tido um imprevisto enorme e que ainda não estávamos em casa, mas que sim, claro que sabíamos da gravidade da ordem de prisão domiciliária e que íamos já para casa. Disse ao John para arrumar tudo no caixote, pois precisávamos de o levar para perguntar ao Eugene pelo pai assim que chegássemos a casa.

Eu e o Eugene percorremos a lona e descemos juntos, de mãos dadas. Saímos da cave e entrámos no carro, calmamente, quase como se nada fosse, como se aquele fosse apenas mais um passeio divertido em família; como se não tivéssemos medo do que nos esperava em casa.

[17] O meu pai manteve-se estranhamento calado durante a maior parte da conversa, mas, a certa altura, confessou que tinha dificuldade em compreender os sentimentos da minha mãe porque nunca se tinha sentido estúpido por não falar coreano, apesar de ter vivido na Coreia. «Acho que ninguém espera que fale coreano fluentemente e, mesmo que esperassem, eu pensaria que isso não é razoável e não me deixaria afetar», disse ele. «Talvez tenhas mais confiança em ti próprio, mas pergunto-me se isso estará relacionado com o facto de seres um americano branco, que é considerado o topo da hierarquia social, mesmo aqui na Coreia», respondeu a minha mãe. Pensei muito sobre isso e acho que a minha mãe tem razão: as suposições sobre a superioridade racial estão entranhadas nesta coisa da fluência linguística e da inteligência. Não é só a justaposição das experiências que eu e a minha mãe vivemos com as do meu pai e do John que me faz pensar assim. Depois de voltarmos para os Estados Unidos, dois alunos que não falavam inglês entraram para o nosso liceu na mesma altura. Um era francês e o outro chinês. Não sei porquê, mas o miúdo francês, que falava um inglês sofrível com o seu sotaque carregado, parecia chique e sofisticado, como se fosse demasiado inteligente para que o entendêssemos, ao passo que o miúdo chinês parecia patético, com o seu inglês «macarrónico». (Até a nossa escolha de palavras — por acaso dizemos dos brancos europeus que falam um inglês «macarrónico»? Só ouvi isso em relação aos asiáticos.)

[18] É curioso como as coisas mudaram radicalmente desde que aquele vídeo foi feito, há menos de um ano. Durante o confinamento, aposto que as mensagens de texto e de voz ultrapassaram as conversas cara a cara (mesmo incluindo o Zoom) como a forma de codificação mais prevalecente, sobretudo

para a Geração Z. Esta pode bem ser a única vantagem da pandemia: tornou a nossa sociedade mais flexível em relação aos codificadores não verbais que não conseguem falar, mas conseguem escrever.

- [19] É um erro comum dizer «verbal» quando nos referimos ao discurso oral. Irrita-me quando as pessoas dizem «verbal, não escrito», porque a escrita é verbal. Então, porque chamamos «não verbais» aos não falantes e usamos o rótulo «autismo não verbal»? Isso leva-nos à suposição errada de que essas pessoas são totalmente desprovidas de palavras. Já falei sobre isto com algumas pessoas, que me dizem sempre que é «uma mera questão semântica». Mas, por vezes, a semântica é importante. As palavras são importantes. Influenciam o nosso pensamento.
- [20] Isto fez-me lembrar a altura em que atribuíram pela primeira vez um «défice cognitivo» ao Eugene e eu perguntei ao meu pai: então e o Stephen Hawking? (Idolatrava-o desde que entrara no *Star Trek: A Geração Seguinte* a jogar póquer com o Data.) Então, e o rapaz da minha escola que foi colocado nas turmas mais avançadas, mas quase não diz nada porque gagueja? Só quando o meu pai me disse que o Eugene tinha tido 62 pontos num teste de QI não verbal é que deixei de fazer perguntas. Acho que muitas pessoas são assim; acreditam nos números. Há algo na quantificação que faz com que pareçam objetivos e comprovados. Só há pouco tempo é que analisei o assunto e percebi: até mesmo os testes de QI não verbais dependem da capacidade de apontarmos consistentemente o dedo para o que queremos, uma capacidade motora fina que está no centro das dificuldades do Eugene.
- [21] Ocorreu-me que, além da nossa presunção sistemática de incompetência, o Eugene quase foi preso naquele dia, apesar da suposta salvaguarda da presunção de inocência. O sistema falhou com o meu irmão de muitas maneiras.
- [22] É um jogo que as mulheres coreanas aparentemente inventaram para fazerem durante os festivais das aldeias, como o Chuseok (semelhante ao Dia de Ação de Graças) e o Ano Novo Lunar, enquanto os homens bebiam. Achei aquilo muito divertido e convenci o John a brincar comigo no recreio, mas os colegas

começaram a gozar com ele, dizendo que aquilo era um jogo de raparigas, e ele parou. A mãe tinha-nos avisado sobre o sexismo que grassava na Coreia, por isso talvez seja apropriado que o meu primeiro ano na Coreia tenha sido quando/onde aprendi a lição de que rotular algo como «só para raparigas» pode significar que esse «algo» se torna indesejável.

Por Favor, Por Favor, *Por Favor*,
Para

Estávamos quase a chegar a casa quando descobrimos o que se passava. Era o cartão de débito do meu pai. Tinha sido utilizado novamente, desta vez numa loja em Charlottesville, a duas horas de distância.

— A inspetora Janus disse que desta vez tivemos sorte — disse a minha mãe, com uma breve pausa antes da palavra «sorte». — Um segurança conseguiu detê-los...

— Detê-los? — perguntei.

— Um casal que estava a tentar usar o cartão. Uma mulher e um homem que correspondem às descrições da Anjeli Rapari e do teu pai. — Senti um sobressalto. Alguma vez a minha mãe se referira ao meu pai como «o teu pai»? — Seja como for, a polícia está a caminho e esperemos que...

A voz da minha mãe arrastou-se, e esforcei-me para não pensar em tudo o que estava contido naquele silêncio (o que devia a mãe, o que devíamos todos nós esperar?) quando o Eugene soltou a mão da minha e uivou, um uivo agudo e lamentoso, enquanto se balançava no banco, como faz quando precisa de saltar, mas não consegue. Voltei a pensar no seu lamento de dor naquela manhã, no seu pânico perante as mensagens do telemóvel do pai, em tudo o que eu tinha interpretado como sinais de que o Eugene acreditava que o pai estava morto, porque o que mais poderia perturbar tanto o Eugene? Mas os

vídeos da casa da Anjeli mudaram tudo. Porque podia muito bem imaginar — se as duas únicas pessoas no mundo que sabiam dos pensamentos presos na sua mente fugissem sem contar a ninguém, não seria isso tão trágico, tão intolerável, quanto a morte do pai?

A minha mãe parecia estar a pensar a mesma coisa. Disse ao Eugene, não com voz de bebé, mas num tom sério e normal:

— Eu sei, Eugene. Nem imagino como isto deve ser irritante para ti. Mas a polícia vai intercetá-los em breve e vamos ter algumas respostas.

O meu irmão parou de balançar, mas não consegui perceber se foi por ter sido consolado pela tranquilidade da minha mãe ou pelo choque de ela, pela primeira vez, ter falado com ele como um miúdo de 14 anos normal.

Ou talvez fosse a palavra «interceptar» — chocante não só pelo nível de vocabulário que pressupunha que o Eugene soubesse, mas também pelas imagens que me evocava, e talvez a ele também: a polícia a aproximar-se da loja, depois um impasse, como nos filmes. O pai e a Anjeli a recusarem entregar-se. Uma perseguição de carro a alta velocidade, as estradas rurais sinuosas de Shenandoah Valley. Um penhasco, um acidente de carro. Não a morte, mas talvez uma mutilação grave. Desmembramento. E, assim que imaginei aquele cenário, pensei que era engraçado, as coisas que nos passam pela cabeça em alturas como esta. Se aquilo acontecesse, talvez não ficassemos em maus lençóis por não termos levado o Eugene logo para casa. Talvez a ordem de prisão domiciliária fosse anulada e a temida audiência de sexta-feira cancelada, visto que seria óbvio que o Eugene não tinha feito mal a ninguém. Ou, se não fosse totalmente cancelada (ainda havia a questão dos ferimentos na cara da inspetora Janus), pelo menos seria adiada para depois de o meu pai sair do hospital, altura em que a cara da inspetora Janus já teria sarado e o juiz se irritaria com ela por desperdiçar o tempo do tribunal com assuntos tão triviais e arquivaria o caso com um pedido de desculpas.

Estava eu entretida a pesquisar no Google como ouvir as comunicações de rádio da polícia em Charlottesville e a imaginar a reação da inspetora Janus — o olhar de humilde contrição, a formulação do pedido de desculpas ao Eugene; como seria satisfatório ouvi-la pedir perdão — quando vi a Shannon à nossa espera ao fundo

da entrada, entre o seu carro e o da inspetora Janus, que já nos era familiar. Eu e o John saímos do carro a correr e gritámos em simultâneo:

— Já sabem alguma coisa?

— Apanharam-nos?

O rosto da Shannon estava irritantemente neutro, não indicando boas ou más notícias. (Correção: más notícias *versus* notícias horríveis, porque não havia qualquer possibilidade de haver boas notícias neste cenário. O que seria isso nesta altura? «Viva! Apanhámos o vosso pai, que fingiu a própria morte, abandonou a família e fugiu para 1) ter uma vida despreocupada com outra mulher ou 2) realizar uma experiência sádica concebida para (mais uma ironia ou ironias) aumentar os níveis de felicidade das pessoas»?) Ela esperou que a minha mãe e o Eugene saíssem do carro para dizer:

— Estão sob custódia. É tudo o que sei. A inspetora Janus acabou de chegar e foi lá atrás atender uma chamada da polícia de Charlottesville.

Atravessámos o quintal até ao terraço das traseiras, onde a inspetora Janus estava ao telefone. Tinha o rosto ainda pior do que quando a vimos da última vez: lábios inchados, cara roxa. Consegui ouvir um fragmento do que ela estava a dizer (qualquer coisa sobre castores e raposas?) e, aproximando-me, vi o que pareciam ser duas fotos de prisão, lado a lado, no tablet à frente dela, mas a luz do Sol não me permitiu distinguir os rostos. A minha mãe passou por mim e pegou no tablet.

— O que é isto? Quem são estas pessoas?

Espreitei por cima do ombro dela. Um homem e uma mulher que *não* eram o meu pai e a Anjeli. A inspetora Janus despediu-se rapidamente, pousou o telemóvel e pôs a máscara.

— Estas são as pessoas que têm estado a usar o cartão de débito do Sr. Parson. Os meus colegas de Charlottesville ainda estão a interrogá-los, mas pedi-lhes para enviarem as fotos. Obviamente, sabíamos que seria altamente improvável, mas queríamos confirmar o mais rapidamente possível que não era o Sr. Parson.

«Obviamente»? Mais tarde, ao recordar aquele momento, fez-se luz: claro que a polícia pensou que não era o meu pai. Devia ter percebido quando ouvi que estavam «sob custódia»; porque sim, é

vergonhoso, mas abandonar a família e usar o próprio cartão de débito não era um crime com direito a detenção. Todos tínhamos chegado a essa conclusão naquela manhã: se o pai elaborara um plano de fuga, porque haveria de usar os próprios cartões, que podiam ser facilmente rastreados? Mas, naquele momento, não gostei de ouvir o «obviamente».

— Mas disseram que as descrições correspondiam — disse eu à inspetora Janus. Senti a raiva a brotar dentro de mim, ao olhar para as fotos daquelas pessoas que não se pareciam *nada* com o meu pai ou com a Anjeli. Odiei o segurança que disse que sim e odiei a inspetora Janus que o repetiu sem confirmar. — Qual era a descrição deles? Ser humano do sexo masculino e ser humano do sexo feminino? Estes aqui são *juvenis*. E a mulher é *branca*. Será que o segurança não sabe que as pessoas dependem dele? É assim tão difícil dizer «não me lembro do aspeto deles» e não alimentar falsas esperanças?

Só percebi que estava a gritar quando me calei.

— Eu sei que é frustrante — disse a inspetora Janus —, mas às vezes as pessoas tentam ajudar tanto que acabam por cometer erros.

A minha mãe pôs a mão no meu braço e disse à inspetora Janus:

— Então, o que quer isto dizer? Como é que eles conseguiram o cartão do Adam?

Ela não respondeu. Pegou no tablet e pediu-nos para nos sentarmos, pois tinha algo para nos mostrar. Eu não reconheci o objeto da imagem, de tão danificado que estava, até que o John disse:

— É a carteira do pai?

— Parece que sim, mas esperávamos que pudesses confirmar. — A inspetora Janus passou para a fotografia seguinte, depois para outra e mais outra. Diferentes ângulos do que finalmente consegui distinguir como a carteira de pele preta do meu pai, simples e indistinta, mas rasgada quase ao meio, com rebordos recortados, como um pedaço de bife demasiado duro e carbonizado que alguém tentou comer e acabou por cuspir.

Era, obviamente, a carteira do meu pai — as últimas imagens mostravam a carta de condução e os cartões de crédito, o cartão da biblioteca, os cartões do seguro do carro, todos mutilados e rasgados. Quem, ou o *quê*, tinha feito aquilo? Se era aquele o estado da carteira, qual seria o estado do meu pai? Imagens de águas brancas e revoltas a

baterem em rochas irregulares, garras de animais a rasgarem a carne macia, as roupas do meu pai rasgadas, o corpo mutilado — tudo aquilo invadiu e agitou o meu cérebro.

A inspetora Janus explicou que o homem que fora detido alegou ter encontrado a carteira na noite anterior com os amigos, que tinham acendido uma «fogueira» no bosque (dito assim mesmo, entre aspas. Só percebi o significado quando a Shannon explicou mais tarde que se tratava de um ponto de encontro conhecido para o tráfico de droga). Disse que a carteira não estava molhada, o que a inspeção inicial pareceu confirmar — um pouco húmida, mas definitivamente não encharcada como seria de esperar se a carteira tivesse caído ao rio. Além disso, o local onde alegadamente encontrou a carteira situava-se num bosque ribeirinho, vários quilómetros a *montante* do parque.

— Então, ele está claramente a mentir — constatou a minha mãe.
— Deve ter roubado a carteira ao Adam.

— É possível — disse a inspetora Janus. — Diz que ontem trabalhou das nove da manhã às seis da tarde. Vamos verificar a história dele, claro, e também a da mulher, que vive e trabalha em Charlottesville. Mas, com base no estado da carteira, também é possível que tenha caído perto do rio e que os animais a tenham apanhado e levado para outro local.

— Mas isso não exclui a possibilidade de alguém ter assaltado o Sr. Parson, de ter levado a carteira e tê-la deitado fora noutro local, onde os animais a encontraram — disse a Shannon.

— Ou então — disse eu —, talvez o pai se tenha separado do Eugene — era horrível falar do Eugene como se ele não estivesse sentado ao meu lado, e olhei para ele de relance para lhe pedir desculpa, mas os olhos do meu irmão estavam fixos na fotografia da carteira — e se tenha perdido à procura dele na floresta, tendo seguido na direção errada e ido parar ao bosque fora do parque. Talvez esteja agora por lá, ferido e perdido... Meu Deus, não há lá ursos, pois não? Ou raposas? Será que atacam seres humanos? Porque a carteira...

— Mia, isso é muito improvável — disse a inspetora Janus, explicando que o bosque a montante estava separado do parque por um afluente fundo e largo, difícil de atravessar. — Foi por isso que não fizemos buscas nessa zona, ontem à noite, porque é considerada

inacessível a pé. Mas, com base nestas novas informações, estamos a alargar as buscas. Estamos a recorrer a alertas e apelos a mais voluntários, anúncios na televisão, na rádio e nas redes sociais, cartazes, tudo.

— Devíamos ir até lá — sugeriu a minha mãe. — Devíamos estar à procura do Adam, todos nós, agora mesmo.

Percebi que eu ainda não tinha procurado o meu pai. No dia anterior, o John e a minha mãe foram ao parque sozinhos, deram uma vista de olhos, mas, além de ir ao parque de estacionamento naquela manhã para detetar a localização do telemóvel do meu pai, eu não tinha feito nada.

— Não — disse a Shannon. — Sei que querem ajudar, mas há outras pessoas que podem fazer isso. Há muita coisa que ainda temos de resolver e que só vocês podem fazer.

— Concordo — disse a inspetora Janus. — Na verdade, o mais útil seria contactar os amigos, os vizinhos, usar as redes sociais e pedir às pessoas que se voluntariam. Podem fazer isso?

A inspetora Janus olhou para cada um de nós à vez, e esperou por um aceno de cabeça ou um «sim» antes de passar à pessoa seguinte. Só não olhou para o Eugene. Passou por cima dele, como se ele não fosse uma pessoa, como se nem estivesse ali. Todos tinham feito aquilo durante todo o dia sem qualquer objeção da nossa parte, por isso talvez estivesse a ser pouco razoável (a bem dizer, nós próprios tínhamos feito o mesmo durante toda a sua vida, e a verdade é que o Eugene não tinha redes sociais que pudesse usar), mas mesmo assim senti-me péssima, um misto agoniante de ofendida e deprimida. Peguei na mão do Eugene e levantei o nosso punho unido em solidariedade, como se estivesse a falar pelos dois.

— Sim, claro que vamos fazer isso.

Ninguém pareceu reparar ou importar-se, nem mesmo o Eugene, que recolheu a mão assim que a larguei. A minha mãe e o John já estavam agarrados aos telemóveis, a pedir à inspetora Janus os detalhes sobre o grupo de busca, e a Shannon sugeriu uma pausa de quinze minutos para e-mails/mensagens/redes sociais. A minha mãe disse que a notícia estava a começar a espalhar-se e que tinha muitos e-mails de pessoas a dizerem que lamentavam, que já sabiam do meu pai, a perguntar como estávamos a lidar com a situação e se podiam

fazer alguma coisa.

— Estou a escrever um e-mail que podemos copiar e colar para toda a gente: «Na verdade, há algo que podem fazer. Podem juntar-se ao nosso grupo de busca» — disse a minha mãe para o telemóvel, enquanto escrevia a mensagem furiosamente.

Desbloqueei o telemóvel e vi notificações em todas as aplicações — dois dígitos a vermelho por todo o ecrã. Dezenas de mensagens de texto, mensagens diretas e *snap*s, muitas de amigos do liceu e de grupos de irmãos da Angelman/Henry's House que tinham sabido pelos pais. Não me tinha esforçado por manter o contacto, sobretudo durante a pandemia — havia algo de reconfortante em ter de me isolar, a pausa forçada na vida normal aliviou-me dos fardos do civismo e legitimou a minha necessidade ocasional de preguiça autoindulgente, de não fazer nada e não ver ninguém —, mas devo confessar que a preocupação deles me comoveu. Além disso, as últimas vinte e quatro horas com a minha família e a polícia, o bombardeamento ininterrupto de catástrofes, tudo isso tinha sido *intenso*, claustrofóbico e sufocante, e senti a interação com pessoas fora dessa bolha como uma despressurização, um silvo de vapor a sair e a dissipar-se no ar. Aqueles sentimentos de empatia e compaixão aqueceram-me como se me encontrasse — e aqui tive de sorrir com o que me veio à cabeça, e só desejei que o meu pai estivesse ali para lhe dizer que concordava secretamente com o seu exemplo de felicidade — sentada junto a uma lareira crepitante depois de horas presa num nevoão.

Até as redes sociais, com que geralmente considero stressante lidar, foram fáceis — ou *mais* fáceis, vá — graças ao John. Quando abri o Instagram, ele já me tinha tagado num apelo comovente e indutor de culpa sobre o grupo de busca, «confidenciando» aos seus mais de 900 seguidores (até era capaz de revirar os olhos, só que é mesmo assim que o John pensa, o que não deixa de ser assustador, mas até dá jeito em alturas como esta) o receio que tínhamos de que aparecesse pouca gente devido ao confinamento. Outra publicação tagada por uma colega do liceu, a Brittany, mostrava uma *selfie* no parque junto ao panfleto do desaparecimento do meu pai e pedia às pessoas que se juntassem às buscas pelo «pai espetacular da minha querida amiga @miaparkson2000» e que ficassem atentos a uma vigília

virtual. Não achava que fôssemos próximas, nem sequer que ela gostasse muito de mim, se é que gostava de todo — a nossa «amizade» derivava da proximidade diária imposta pela escola (horários de aulas semelhantes) e tinha sido formada mais por hábito do que por escolha —, mas, perante aquela demonstração de carinho, senti um afeto crescente, uma vergonha por ter feito um mau juízo de valor, tanto dela como da nossa relação.

Do outro lado deste desencontro de expectativas nas redes sociais estavam aqueles de quem eu pensava ter notícias, mas não tive, sobretudo o Vic, de quem (sim, tínhamos acabado de romper e ele não podia enviar mensagens nem telefonar porque eu o tinha bloqueado, mas) esperava que pusesse a mesquinhez de lado e me contactasse de outra forma, que pelo menos comentasse ou enviasse uma mensagem privada a dizer que lamentava e a perguntar se estou bem. Procurei e nada. Nenhuma publicação, comentário, *story*, *snap*, menção no Discord, nada. Eu sabia que não era altura para chafurdar na desilusão pós-separação, mas a sério?

— Pessoal, mais cinco minutos — disse a Shannon.

Pus de lado os ressentimentos e tratei de fazer o que me tinha levado a abrir o Instagram, que não era fazer *scroll* ou publicar — odiava o Instagram e tinha para aí uns 60 seguidores, a maioria não locais —, mas sim para ir ao grupo privado da orquestra do meu liceu, onde todos eram locais e conheciam o meu pai. Pareceu-me ser a coisa com maior impacto que poderia fazer. A Brittany era a administradora do grupo, e vários outros membros tinham comentado mensagens compassivas, o que me fez sentir menos constrangida por aparecer ali pela primeira vez desde há que tempos, e pedir ajuda.

Com o nome criativo de CampEstOrqLRF2018, o grupo de *chat* abriu-se com uma série de fotografias e vídeos de pessoas a festejar com balões e bolo, misturados com GIF de fogo de artifício e corações em série. Mas que raio? Voltei atrás e vi o anúncio da Brittany, feito há meia hora, a dar as boas-vindas a toda a gente... Meu Deus, lembrei-me da mensagem de *spam* dela sobre o dia 24 de junho, que era — fui ver e, sim, era hoje: Celebração Virtual do Segundo Aniversário da Vitória no Campeonato Estadual de 2018 da OLRF!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! (parti do princípio de que seriam dezoito pontos de exclamação, mas não contei). Devia ter fechado o *chat*, mas não

pude deixar de ver as mensagens: «Feliz aniv, o melhor grupo de sempre!»; «Adoro-vos!»; «Os maiores»; «Thx por organizares, Brittany!»; «LRF18 RULES!!!!» Nenhuma referência ao meu pai, a mim, nem sequer a um possível adiamento dos festejos, tendo em conta a tristeza que alguns deles tinham comentado que sentiam.

Tive de me rir de mim própria, da minha ingenuidade. Eu devia saber — eu *sabia* — que aquelas declarações de consternação pela sua querida amiga, o planeamento de vigílias virtuais, etc., eram fogo de vista, como tantas outras coisas nas redes sociais (como tudo nas redes sociais). Claro que não iam passar o dia a rezar por mim; claro que não estavam literalmente a chorar por mim, a sentir um peso no coração. Mas as indicações das horas provavam-no com uma clareza esmagadora. Comentaram publicamente o *post* do John e, menos de um minuto depois, neste fórum privado, publicaram *selfies* com sorrisos rasgados, confetes, chapéus de festa a emoldurar olhares de alegria estampados nos rostos — era quase obsceno, como se eu devesse desviar os olhos; senti a prova irrefutável como um murro no estômago.

Era raiva e um sentimento de traição, mas, mais do que isso, era inveja. Para a minha família, a dor estava sempre presente e era abrangente, enquanto para todos os outros era uma escolha. Uma escolha para estender a mão, para comentar, para pensar ou não, para sentir uma tristeza momentânea antes do regresso ao disparate, à banalidade e à trivialidade. Eu queria aquilo. Acima de tudo, queria uma maldita pausa, e custava-me que os meus supostos amigos tão alegres a tivessem e eu não. Saí. Não só fechei a aplicação como selecionei a opção de sair do grupo. Será que eles iam reparar? Será que iam conversar entre eles e sentir-se culpados por um instante antes de se esquecerem disso também? Ou será que a sua culpa teria um resultado positivo, como mostrarem que realmente se importam, juntando-se às buscas e fazendo publicações sobre isso, tagando-me para provar que o fizeram.

«Tem a certeza? Deixará de ter acesso às mensagens do grupo», avisou-me a aplicação. Pressionei o botão vermelho de confirmação — bati no ecrã com tanta força que me doeu o dedo — e o grupo desapareceu. Fui encaminhada de volta à página inicial da aplicação. Vi uma série de mensagens não lidas, mas já estava farta. Ao fechar a

aplicação, vi «Adam Parson» a negrito. Uma mensagem não lida do meu pai. Mas como? Quando?

Cliquei. Uma fotografia dele comigo e com os meus irmãos, eu com o meu sorriso forçado a fazer-me parecer estranha e ligeiramente irritada como de costume, os outros três lindos e felizes. A publicação do Dia do Pai que o meu pai tinha feito há três dias, que me enviou com a mensagem «Não te taguei!», acompanhada pelo habitual trio de *emojis* — coração, piscar o olho, chorar a rir. Percorri as mensagens anteriores não lidas, dezenas de publicações dele comigo na fotografia, todas com a mesma mensagem «Não te taguei» com os três *emojis*, sem respostas da minha parte até há dois anos. No dia da minha formatura do liceu, ele tinha-me tagado em várias publicações, e eu respondi: «Peço-te que, por favor, por favor, POR FAVOR, pares», ao que ele respondeu com um *emoji* a chorar a rir. Fiquei tentada a responder «NÃO ESTOU A BRINCAR!», mas pensei: *Não, isso não vai resultar, o meu pai é incorrigível*, por isso, optei por colocá-lo em modo silencioso, o que resultou nesta longa e triste cadeia de mensagens, todas elas ignoradas e negligenciadas.

Estava a ver as fotografias que ele tinha publicado em que aparecíamos quando a minha mãe disse:

— Meu Deus.

No ecrã do seu telemóvel estava um e-mail da nossa operadora com um ficheiro de som do voice mail, com a data de hoje, às 12h32. Comecei a perguntar porque é que aquilo era importante (todas as mensagens de voz do telefone fixo são enviadas por e-mail para a minha mãe, daí ela receber dezenas de e-mails todos os dias, a maior parte referente a chamadas automáticas), mas depois vi: EQUIPA DGSV COVID. Ela clicou no ficheiro.

Ouvimos uma voz animada e juvenil, obscenamente alegre, como se estivesse a ligar para nos propor uma opção vantajosa de refinanciamento automóvel:

— Olá, estou a ligar em nome da equipa de rastreio de contactos covid da Direção-Geral da Saúde da Virgínia para falar com a pessoa responsável pelo Eugene Parkson. Temos motivos para acreditar que ele esteve em contacto com uma pessoa infetada com covid-19 no sábado, 20 de junho, há quatro dias. Peço que entrem em contacto com a maior brevidade possível para obterem instruções sobre testes e

quarentena.

Um Tipo de Otimismo Muito Pessimista

Quando vivíamos na Coreia e eu andava no 4.º ano, fiz um trabalho de História em que entrevistei a Harmonee sobre a Guerra da Coreia, que ela viveu em adolescente. Ainda me lembro da sua voz trémula, do rubor profundo das faces, quando me contou como ela e as irmãs tinham ficado aterrorizadas com a perspectiva de os soldados estrangeiros invadirem a sua casa para as violarem. (Na verdade, usou o termo «atacar», mas eu já tinha visto documentários suficientes sobre a Guerra da Coreia, assim como episódios do *Lei e Ordem: Unidade Especial*, para perceber que se tratava de um eufemismo.) Perguntei-lhe porque pensara aquilo, uma vez que, estatisticamente falando, seria uma improbabilidade; tinha lido que, apesar do número recorde de mortes de civis em bombardeamentos e massacres, as invasões de casas eram relativamente raras.

Os olhos da Harmonee ficaram arregalados, com os cantos enrugados como um bolinho.

— É isso que dizem os vossos livros de História? Que eram raras? — Mostrei-lhe o meu livro, os números e as percentagens que tinha sublinhado a amarelo. Ela ficou a olhar para a página. Quando falou, a sua voz estava calma, mas eivada de frieza e amargura. — Não me pareceram «raras» na altura. Aconteceu connosco. Na nossa aldeia. Todos pensaram que seriam os próximos. — Fechou os olhos, num esgar de dor.

A minha mãe estava a filmar a nossa entrevista, mas parou e disse que já chegava, que estava na hora de eu ir para a cama. Redigi os apontamentos sobre a entrevista e escrevi como «Lição Aprendida» o facto de aldeias diferentes terem tido experiências diferentes. (Mais tarde, quando estudei a Guerra da Coreia na minha cadeira opcional sobre História Mundial, voltei a ver o vídeo e escrevi sobre a forma como a História dilui as experiências individuais em narrativas homogeneizadas de experiências «médias», mas claro que só conseguimos definir «médias» — ou conceitos como «melhor» ou «pior» — no final.)

Só muito mais tarde, após a morte da Harmonee e quando já tínhamos voltado à América, é que a minha mãe nos contou a verdadeira história. A Harmonee faria anos naquele dia, por isso fizemos um jantar em sua homenagem e partilhámos histórias engraçadas e recordações. A Harmonee tinha uma forma bizarra de olhar sempre para o lado positivo das coisas, a que a minha mãe chamava um «tipo de otimismo muito pessimista»: sempre que acontecia algo de mau, ela dizia que tínhamos de estar gratos por não acontecer algo pior, e começava a imaginar e a enumerar vários cenários piores. contei a história da ocasião em que entornei leite no fato do meu pai ao pequeno-almoço, o que fez com que ele chegasse atrasado a uma reunião importante e perdesse o negócio. A Harmonee disse para não nos sentirmos mal, para pensarmos no que poderia ter acontecido se ele tivesse saído de casa mais cedo: ao atravessar a rua com o seu fato escuro numa manhã ainda escura, poderia ter sido atropelado por um carro; ou poderia ter conseguido fechar o negócio, o que o obrigaria a viajar para a ilha de Jeju, onde poderia ter morrido num acidente de ferry.

— Ela era exímia a pensar em formas agonizantes e inesperadas de morrer — disse o John, entre gargalhadas, e brincou dizendo que, se morresse num acidente trágico, a avó diria que podia ter sido pior, que toda a família podia ter morrido, não só ele.

A minha mãe ficou muito calada, olhou para baixo e traçou com um dedo as veias azuis e verdes nas costas da outra mão, algo que faz quando está perturbada. Perguntámos o que se passava.

Ela disse que antes éramos muito novos e que, além disso, a Harmonee nunca tocava no assunto, tinha vergonha, mas quando a

avó tinha 16 anos, poucos meses depois do início da guerra, os soldados atacaram a sua casa. Toda a família estava no exterior, a enterrar frascos de *kimchi* no quintal. A Harmonee atirou cacos de frascos partidos aos soldados e disse à irmã mais nova que estava ao seu lado — a tia Chesuk, que chegámos a conhecer — para pegar na pá e brandi-la contra eles. Estes levaram as duas raparigas para dentro de casa para as castigar. A Harmonee recriminou-se por ter envolvido a irmã mais nova, e pensou: «Se ao menos eu tivesse pegado na pá, se ao menos não tivesse começado a atirar coisas...» Enquanto estavam no interior da casa, rebentou uma bomba na rua que matou toda a família — todos, à exceção da Harmonee e da Chesuk, que se salvaram porque estavam a ser violadas, lado a lado.

Tenho pensado muito nisto. Creio que é inevitável, tendo em conta a semelhança funcional entre a versão de otimismo da Harmonee e a do pai, que diz que devemos adotar uma linha de base reduzida para sermos mais felizes. Há aqui afinidades concetuais.

Mas acho que é também por me lembrar da conversa telefónica da minha mãe com a DGS da Virgínia. O que dirão os livros de História sobre 2020? Qual será a «média» retrospectiva quando chegarmos ao fim desta pandemia? Como é que as crianças daqui a cinquenta anos vão julgar o que aconteceu? O que quero com isto dizer é que a memória é curta, e mesmo agora, volvidos apenas três meses sobre esse dia, já me parece estranho que estivéssemos na rua com máscaras, todos relativamente saudáveis, e, no entanto, assim que ouvimos a mensagem de voz da equipa da covid, a Shannon e a inspetora Janus (que, ao que parece, tinham ambas familiares que haviam sido hospitalizados devido à covid) arrumaram a trouxa e saíram, tirando *sprays* antissépticos das respetivas malas e pulverizando a cara, o cabelo, as mãos, a roupa, as malas, os telemóveis, etc., enquanto corriam para os seus carros e gritavam que tinham a certeza de que tudo ia correr bem, mas desejando boa sorte com os testes e que, por favor, ligássemos assim que tivéssemos os resultados.

A minha mãe esteve mais de cinco minutos ao telefone com a HHS (dez, se incluirmos o tempo de espera). Eis o que ela descobriu sobre a

exposição do Eugene: nada. Nem o nome da pessoa que estava infectada (devido às leis de privacidade médica HIPAA), nem a hora a que a exposição teria ocorrido (porque a divulgação dessa informação pode permitir-nos descobrir a identidade da pessoa infectada com covid-19), nem o local (a mesma justificação), nem sequer o estado atual dessa pessoa, se estava assintomática, morta ou qualquer outra coisa.

Eu sei que não cabia aos serviços de saúde ajudar-nos a descobrir o paradeiro do meu pai («Questões de segurança relacionadas com crimes e não com o bem-estar médico estão fora da nossa jurisdição», disse o tipo ao telefone), mas era como se não quisessem saber. Mesmo depois de a minha mãe ter explicado a situação do meu pai, que ele podia ser um doente covid não identificado numa UCI (nos nossos telefonemas, só tínhamos indagado sobre pessoas que haviam sido levadas do parque com ferimentos), o tipo limitou-se a repetir que só podiam revelar informações mediante uma certidão de óbito, invocando uma presunção legal de que ele estaria vivo até prova em contrário.

— De que serve essa presunção? — gritou a minha mãe ao telefone. — Não é como a presunção de inocência até prova em contrário, que salvaguarda as pessoas de irem presas. Como é que estar presumivelmente vivo quando se pode estar morto ajuda alguém?

A minha mãe não costumava perder a calma, mas temos de nos lembrar de que tinha estado toda a tarde a embater na barreira da privacidade médica, a tentar obter informações sobre o cancro do meu pai em consultórios médicos, laboratórios e companhias de seguros. Chegava a ser kafkiano. Parecia que estávamos presos num dilema circular em que só podíamos ter acesso à informação necessária para saber se o meu pai estava morto se conseguíssemos provar que ele estava morto.

A única coisa útil que resultou desse telefonema foi o homem termos informado que o Eugene teria de estar isolado durante um mínimo de 14 dias, sendo as únicas exceções os exames, as consultas médicas e os internamentos. Para tudo o resto, incluindo a comparência obrigatória em tribunal (e a minha mãe perguntou-o especificamente), o Eugene estava dispensado por lei.

Havia algo de sinistro em tudo aquilo; a estranha coincidência de o surto de covid no centro de detenção ter salvado temporariamente o Eugene até sexta-feira e o facto de, algumas horas depois, ele ter sido novamente salvo por outra emergência de covid, mais perto de casa: a sua exposição à doença. Enquanto seguíamos para o centro de testes, pensei na história da pata de macaco, o desejo temporário e de curto prazo concedido devido a uma tragédia, o qual resultou numa tragédia ainda maior, depois noutra, até que o autor do desejo perdeu tudo. Qual seria a analogia aplicada ao nosso caso? Se ficassemos todos doentes e morrêssemos, e se viesse a saber que o transmissor tinha sido o meu pai, o contacto próximo com a covid? Mas isso não fazia sentido. Só podia ter sido, como pensávamos, um dos muitos terapeutas que o Eugene viu no sábado, que...

— Esperem lá. John, não trabalhaste na Henry's House no sábado?
— perguntei.

Ele olhou para mim.

— Meu Deus — disseram ele e a mãe, um a seguir ao outro.

A minha mãe disse:

— John, vê se recebeste alguma mensagem da equipa de rastreio de contactos covid. Eles teriam entrado em contacto contigo diretamente, visto que não és menor.

O John desbloqueou o telemóvel, apesar de nos garantir que tinha visto todas as mensagens e que não tinha nenhuma da equipa. Voltou a verificar, mas não, nada.

Era eu que ia a conduzir, mas encostei. Não confiava em mim para continuar a conduzir naquele momento. Porque, se tivesse razão em relação à identidade do contacto próximo, isso mudaria tudo o que pensávamos sobre o meu pai e onde ele poderia estar, com quem e porquê.

Merdoso na Vida Real

A minha mãe, como muitos dos que cresceram na era pré-wi-fi, adora falar da simplicidade da vida de antigamente, dos perigos das máquinas e dos algoritmos que tomam conta das nossas vidas e alteram a tessitura da sociedade e a natureza fundamental da própria humanidade, blá-blá-blá, mas deixem-me que vos diga — os nossos telemóveis são muito úteis para recriar os pormenores minuto a minuto de um determinado dia a fim de descobrir quem expôs o nosso irmão mais novo a um vírus mortal, mesmo quando estamos sentados num carro no parque de estacionamento dos serviços da DGS do condado, à espera da nossa vez para fazer um teste de urgência. Conseguimos deduzir facilmente o seguinte sobre o paradeiro do Eugene no sábado, o dia da exposição ao vírus, três dias antes do desaparecimento do meu pai:

- Manhã: Casa (segundo o alarme, que esteve ligado toda a noite e toda a manhã até o John o desligar às 9h43);
- 9h43–9h55: Levado pelo John até à Henry's House (segundo a mensagem que o John enviou à minha mãe a comunicar a chegada em segurança);
- 9h55–16h02: Sessões de fisioterapia, terapia ocupacional, terapia da visão, terapia da fala e terapia de socialização em grupo na Henry's House (segundo o registo de presenças/faturação no portal do cliente da HH); nenhum outro participante ou terapeuta tinha covid ou fora contactado pela equipa de rastreio

de covid (segundo mensagens de texto no grupo dos funcionários da HH);

- 16h02: Recolhido pelo pai (segundo o portal do cliente da HH);
- 17h27: Trazido para casa pelo pai (segundo o histórico de notificações da porta da garagem no telemóvel da minha mãe e a mensagem de texto no grupo da família, onde o meu pai diz que está em casa, que vai começar a cozinhar e pede para escolhermos salmão grelhado ou hambúrgueres vegetarianos para o jantar — eu não queria nenhum dos dois, por isso respondi que o pai não devia cozinhar na véspera do Dia do Pai e que devíamos encomendar pizza; a mãe e o John concordaram e o pai respondeu com um *emoji* a revirar os olhos, que interpretámos como aquiescência);
- Resto da noite: Casa (segundo o alarme, que não registou qualquer abertura da porta depois de o John ter chegado a casa às 18h14 com uma pizza que foi buscar às 18h08, de acordo com o recibo enviado por e-mail da pizzaria).

Isto queria dizer que a exposição só podia ter ocorrido entre as 16h02 e as 17h27, o único intervalo de tempo não contabilizado. Não tínhamos visto gravações de nenhuma sessão com a Anjeli depois da sessão solar/boca da Mia há 12 dias, mas o John verificou o registo de progressão das lições do Eugene no caixote que tínhamos trazido do escritório da Anjeli, e percebemos que tinham tido uma sessão no sábado, às 16h15. (Perguntas que não me saem da cabeça: onde estava o vídeo dessa sessão? Será que foi apenas uma questão de a Anjeli não ter tido oportunidade de o carregar?)

Ligámos de imediato à Shannon e transmitimos-lhe esta informação. Ela pareceu tão entusiasmada como nós e disse que iria falar com o seu investigador privado para seguir a nossa pista.

— Antes de desligarem — disse ela —, soube agora que a equipa de provas acabou de secar o caderno. Eles acham que encontraram uma lista de códigos de acesso no telemóvel do Adam. Parece que os mudava de vez em quando.

— Eu disse-lhe para fazer isso — informou a minha mãe. — Anotá-los num sítio qualquer para não se esquecer. Tenho andado à procura deles por todo o lado. Então, o telemóvel está desbloqueado?

— Ainda estão a tentar decifrar. Não são números, são mais pistas. Tenho aqui a lista, e algumas parecem fáceis, como «primeiros quatro números da SS de trás para a frente», ou «aniv da mãe», mas a última diz «somar toda a F & todos os Q».

— O que raio quer isso dizer?

— Precisamente. Mía, estiveste a ver os apontamentos e ficheiros QF. Alguma ideia?

— Não — disse. — Talvez somar os valores do nível de felicidade nas experiências? Mas ainda não tenho essas páginas.

— Eles disseram que te enviaram o último lote há uma hora. Sei que está a acontecer muita coisa, mas tira algum tempo para dar uma vista de olhos e ver o que consegues descobrir.

— Faz sentido — disse a minha mãe. — E o John está a tentar encontrar outro terapeuta de FAE. Temos de descobrir como fazer com que o Eugene comece a soletrar.

Desbloqueei o telemóvel assim que a chamada terminou. Tinha perdido uma série de notificações enquanto conduzia, incluindo uma mensagem do Octavius: «Carreguei as páginas restantes da última secção do caderno. Muitas páginas ilegíveis, à exceção da primeira linha (número, data).»

Merda. Contava que a experiência de ontem não fosse uma das ilegíveis. Introduzi a palavra-passe e dei uma vista de olhos. Quando ia a meio, dei com ela: Experiência #24, com a data de ontem. Não havia texto por baixo, nem sequer esborratado ou manchado. Calculei que ainda não houvesse apontamentos sobre os resultados, mas pensei que ele teria escrito o que tencionava fazer — o objetivo ou a configuração, *qualquer coisa*.

Tinha de me concentrar no código de acesso. Encontrei a lista do meu pai e estudei as palavras: «somar toda a F & todos os Q». Assim mesmo, com um E comercial, não com um sinal de mais — o código de acesso do meu pai tinha quatro dígitos, ou seja, uma soma de dois dígitos de todos os níveis de felicidade e outra soma de dois dígitos de todos os quocientes das experiências?

Voltei atrás e li desde o início. Pelo que consegui perceber, as experiências envolviam fazer coisas divertidas comigo e com o John, como ir ao cinema, a restaurantes e a museus. Em algumas ocasiões, proporcionou-nos a mesma experiência depois de estabelecer

expectativas opostas (como fez na primeira experiência no cinema). Noutras, tentou estabelecer linhas de base opostas, proporcionando experiências diferentes. Por exemplo, disse-me que tinha um cartão de descontos válido por um ano num cinema de segunda categoria e levou-me lá várias vezes para baixar a minha linha de base relativa às salas de cinema antes de nos levar, a mim e ao John, a um cinema-restaurante IMAX todo xpto. (Chateou-me ficar com o cinema mais ranhoso, mas o meu pai alterou os papéis em categorias diferentes, prestando muita atenção a «questões de paridade e equidade entre irmãos»; eu fiquei com os restaurantes fixos e o John com os mais reles, por exemplo.)

O mais estranho é que, embora eu e o John parecêsemos ser os únicos sujeitos das experiências, identificados com as abreviaturas J e M, havia várias referências ao E escritas com uma caneta de ponta mais grossa, a começar pela Experiência #1:

#1: Expectativas mais baixas = experiência mais feliz? Sim, MAS.**

—M expectativas elevadas (enviou críticas elogiosas)

—J expectativas baixas (enviou críticas negativas)

—Filme Q&D. Classificações do filme: **M = 2, J = 7, E: M2 = J5, J7 = M4**

** MAS classificação do dia inteiro: M adorou. J aborrecido por antecipar um filme mau

** **Lição principal:** Reduzir as expectativas pode estragar a experiência. Se passarmos o dia de hoje a dizer a nós próprios/à família que o dia de amanhã vai ser mau, o dia de amanhã pode ser mais feliz, mas o dia de hoje vai ser uma porcaria.

****E: Não devemos entrar numa tempestade e passar o dia a sentirmo-nos infelizes só para depois nos sentirmos mais felizes quando estivermos a ler um livro à lareira.**

O E era o Eugene? Mas isso não fazia sentido. «E» podia significar «experiência», «equação», ou talvez alguma constante ou variável em que não tivesse pensado. Procurei outros «E» e encontrei mais dois, ambos em traços mais carregados:

#6: Linha de base mais reduzida, expectativa igual = experiência mais feliz? Sim.

—Dei à M uma linha de base baixa (três sessões de cinema na sala de segunda categoria)

—O J teve uma linha de base regular (fomos sempre ao cinema AMC normal)

—Levei ambos ao cinema-restaurante IMAX com cadeiras reclináveis aquecidas. **M = 9, J = 8 (*E = 10)**

#11: É possível manter uma linha de base reduzida apesar de uma experiência posterior «melhor»? Sim.

- Fiz ver à M que a ida ao cinema de luxo seria uma vez sem exemplo, que teríamos de continuar a ir ao cinema de segunda categoria
- Não disse nada ao J (a sua nova linha de base passa a ser o cinema de luxo?)
- Passado um mês, levei os dois ao cinema AMC normal. A M disse que era melhor do que se lembrava (por comparação com a sala de cinema de segunda categoria), o J queixou-se dos lugares (por comparação com o cinema IMAX)
- M = 6, J = 5 (*E = 4 porque é impossível esquecer o cinema de luxo)

M, J, E, cada um com uma classificação. «E» só podia ser Eugene. O que significava... o quê? Que o meu pai tinha recriado as suas experiências com o Eugene? Será que a Experiência #24 envolveu o Eugene no parque e correu mal?

Ainda mais perturbadoras eram duas das entradas mais recentes, que confirmaram que ele estava a expandir o âmbito das suas experiências para além do John e de mim, para além de filmes e restaurantes. A primeira envolvia as férias em família que os nossos pais tinham planeado para o verão.

#23: Lembrança de uma experiência mais antiga e pior = linha de base mais baixa? Ainda por definir (viagem adiada).

- Linha de base da família: impossibilidade de fazer viagens porque o Eugene precisa de uma rotina em casa
- Há cinco anos: não me poupei a despesas, utilizei todas as minhas milhas/pontos das viagens de negócios → tornou-se a nova linha de base para toda a família
- Desde então, todas as viagens têm sabido a pouco por comparação com a viagem de luxo = toda a família está desiludida
- Necessidade de reduzir a linha de base da família. Será possível? Falar dos anos em que não podíamos sequer tirar férias, em que as férias «normais» dos Parkson = ficar em casa

**** 06/2020:** O adiamento da viagem devido à pandemia cria uma situação interessante. Por um lado, a pandemia reduz a linha de base da família (e da sociedade), ao ponto de termos mais prazer em viajar (e em ir a restaurantes, a peças de teatro, etc.). Por outro lado, como essas ocasiões são mais raras, podemos depositar nelas expectativas irrealistas. Será que a linha de base mais baixa e as expectativas mais elevadas vão anular-se mutuamente?

Depois da Experiência #24 quase sem anotações e de várias

páginas em branco, encontrei este apontamento:

APLICAR OS RESULTADOS PRELIMINARES À FAMÍLIA: Uma coisa é brincar com filmes e restaurantes, outra é aplicar estes princípios a decisões mais importantes sobre o futuro dos miúdos e sobre a forma como lidamos (e como os ensinamos a lidar) com escolhas e tragédias que alteram a nossa vida. *Mas, ao iniciar esta nova fase, tenho de ter cuidado com as consequências indesejadas. Escusado será dizer que não podemos fazer sofrer os nossos entes queridos para produzir um diferencial drástico. Exemplo: não acabar uma relação com alguém para maximizar a sua felicidade na altura do pedido de casamento — isso seria cruel. Um médico não deve dizer a um doente que vai morrer só para que ele fique mais feliz quando se revelar que está curado. (Além disso, estas situações vão irritar de tal forma o/a companheiro/a/doente que nunca mais vão querer voltar a ver-nos. E com razão!)

O reconhecimento por parte do meu pai da crueldade e da futilidade de fazer alguém intencionalmente infeliz para depois o fazer mais feliz pareceu-me promissor, tal como o facto de ter feito aquela anotação neste mês sobre a possibilidade de futuras viagens, mas a referência ao alargamento das suas experiências a assuntos familiares mais importantes inquietou-me. Quanto mais lia, mais desconfiava que ele tinha tentado algo com o Eugene que pensava ser inócuo — benéfico, até — e, depois, algo não planeado. Catastrófico.

O telemóvel da minha mãe tocou. Ela estava a selar o frasco com a amostra de saliva do Eugene, por isso atendi em alta-voz.

— Encontrámo-la — anunciou a Shannon. — Tim, diz-lhes. Este é o Tim, o investigador privado em quem deposito toda a confiança.

Fez-se ouvir uma voz grave:

— Olá. Sim, encontrei a Sra. Rapari. Bem, «encontrei» talvez seja um exagero; limitei-me a deixar uma mensagem no telefone do escritório dela, e fui contactado por uma mulher que disse ser a parceira — no sentido de namorada, não sócia — da Anjeli. Fiz questão de esclarecer. Na verdade, ela até disse que era a «noiva não oficial», mas não sei o que isso significa. O que interessa é que tinham razão quando pensaram que ela tinha covid. A Anjeli Rapari, bem entendido. Aparentemente, foi apanhada no surto do centro de detenção, o que até faz sentido, já que estava na lista de terapeutas recomendados.

O meu coração, que já não estava grande coisa, pareceu ser apertado por um punho. Respirei fundo enquanto o Tim explicava que

a Anjeli estava internada no hospital pelo qual tínhamos passado duas vezes nesse dia e que, provavelmente, poderia vê-la se avançasse com o carro para mais perto. Aparentemente, ela estava muito melhor, e era por isso que a noiva estava a fazer uma pausa e a responder às chamadas.

— E o Adam? — perguntou a minha mãe. — Essa noiva sabe onde é que ele pode estar? Estará no mesmo hospital?

— Não — disse o Tim —, ainda estou a verificar os outros hospitais da zona, mas confirmei que o Sr. Parson não está no mesmo hospital que ela. Tenho uma fonte interna, uma enfermeira que... não importa. Seja como for, a noiva disse que está com a Sra. Rapari desde sábado à noite, mesmo depois de ter sido internada — tem dormido no carro, no parque de estacionamento, onde ainda se encontra — e não viu o seu marido. Disse que já tinha contado isto à polícia, que a Sra. Rapari ficou de se encontrar com o seu marido e o seu filho no parque de estacionamento, ontem de manhã, para os ajudar a resolver um conflito, mas adoeceu e tem asma, por isso foi levada de urgência para o hospital e não chegou a ir ao parque.

— Tenho de falar com ela urgentemente — disse a minha mãe. — Qual é o número de telefone?

— Ela ligou de um número privado. Seja como for, acrescentou que não se sente à vontade para dizer mais nada. Que só atendeu a minha chamada porque a polícia lhe disse para o fazer, por causa da questão do contacto próximo com a covid, por motivos de segurança pública.

Durante uns bons cinco segundos após o fim da chamada, a minha mãe não disse nada. Mas eu vi o que estava na direção do seu olhar.

Era um plano absurdo e ridículo. Não sabíamos o nome da pessoa, não sabíamos como era, não sabíamos qual era o carro, não tínhamos o número de telefone. Já para não falar que podia ser considerado perseguição ir ao parque de estacionamento de um hospital procurar a noiva de uma doente que podia estar a morrer, sobretudo quando tanto ela como nós estávamos sob ordens de quarentena devido à exposição (ainda que à mesma pessoa — será que isso anulava o risco?). Mesmo que conseguíssemos encontrar aquela mulher por milagre, que informações úteis esperávamos obter dela? No entanto, todos nós sentimos aquela mesma necessidade inexplicável de a

encontrar.

Quando andava no liceu, li uma história na aula de Inglês sobre uma pessoa que vai a funerais de estranhos porque anseia pelo consolo que deles retira ao ver os outros a sofrer; pelo alívio proporcionado pela concentração da dor num só espaço. Lembro-me de pensar que aquilo era uma história estúpida sobre uma personagem que claramente não regulava e que devia fazer terapia, visto que bem precisava. Na altura, não sabia que há coisas que não se podem dizer em voz alta.

Pensei nessa história enquanto conduzia pelo parque de estacionamento do hospital. Já tinha ido muitas vezes àquele hospital para levar o Eugene a exames e consultas, mas nunca vi o parque de estacionamento tão cheio. A minha mãe teve a ideia de fazer um cartaz a dizer «Conhece a Anjeli Rapari?» e de o mostrar, caso passássemos por um carro com uma pessoa sentada lá dentro. À partida, pareceu uma boa ideia, mas, agora que estávamos ali, apercebemo-nos da dimensão da tarefa, uma vez que a maioria dos carros estava ocupada por pessoas a velar os seus entes queridos que se encontravam no edifício. A política da covid transformara o parque de estacionamento numa gigantesca sala de espera, com toda a intensidade e ansiedade habituais do espaço interior espalhadas e com espaço para respirar.

Mesmo assim, tentámos. Enquanto o John levantava o cartaz, eu ia percorrendo cada fila, lenta e metodicamente, olhando para os carros das pessoas que falavam ao telemóvel, rezavam, comiam, olhavam para o edifício, choravam. E havia tantas que choravam. É estranho que tenha sentido uma pontinha de inveja? Porque sim, elas estavam naquele purgatório de espera, talvez algumas estivessem mesmo a chorar a morte dos seus entes queridos, mas pelo menos tinham uma âncora onde cravar a sua dor — sabiam onde estava o seu ente querido, tinham uma ideia do que estava a acontecer. É uma coisa tão elementar e que tomamos como garantida, como o ar. Só quando o perdemos é que lhe damos o devido valor.

Não encontrámos a noiva da Anjeli. Ninguém reagiu ao nosso cartaz. Ainda assim, estou contente por termos ido. Conduzir em círculos ajudou. Foi como andar de um lado para o outro quando um

membro da família está a ser operado de urgência — é uma forma de processar o que não é processável, de deixar que as vibrações do movimento comecem a dissipar o choque.

A Anjeli estava noiva de uma mulher. A Anjeli não estava desaparecida. A mensagem no voice mail não era da Outra a pressionar o meu pai para confessar o seu caso, mas sim de uma terapeuta a pedir-lhe para contar à mulher que o filho tinha capacidades de comunicação verdadeiramente milagrosas. A bola de basquetebol e o trampolim da Anjeli não eram adereços de uma segunda casa secreta a imitar a primeira, mas sim equipamento sensorial normal de uma sala de espera de terapia. Até o coração amarelo. No mês passado, no Dia do Terapeuta, o John tinha chegado a casa com uma bolacha enorme a dizer «Adoramos-te! És o melhor». Já estava a ver o meu pai a esquecer-se de comprar presentes para os terapeutas do Eugene e a fazer postais de última hora com o papel e o molde que tinham sobrado do Dia da Mãe.

Adoro finais com reviravoltas; adoro voltar imediatamente ao início e voltar a ver/ler, ficar maravilhada com o impacto de uma suposição que é derrubada, com a noção de que as cenas são as mesmas, mas os significados mudam, com o surgimento de pistas nas quais não reparámos — uma excelente ilustração da percepção seletiva e dos preconceitos de ancoragem em ação. Por mais que isto seja divertido na ficção, é merdoso na vida real, algo que provavelmente podemos dizer da maioria das coisas. Foi preciso um grande esforço da minha parte para não dar uma pancada na cabeça enquanto conduzia no parque de estacionamento do hospital, ao pensar em tudo aquilo — preconceito heurístico ou não, como é que me pude agarrar durante tanto tempo à noção ridícula de que o meu pai podia ter fugido para ter um caso *cliché* de crise de meia-idade e posto em risco a vida do Eugene, mesmo depois de descobrir que a Anjeli era terapeuta do meu irmão? O John insistia que o pai não era assim, mas eu permiti que os meus ciúmes mesquinhos e a mágoa que sentia pelas avaliações francas que o meu pai fazia de mim (que, convenhamos, eram verdadeiras) distorcessem a visão que tinha dele. Que hipócrita que eu era, ao dizer que as pessoas faziam suposições infundadas sobre o nível de inteligência do Eugene e que as pessoas correspondiam às descrições, quando eu fazia pior em relação a

alguém que, supostamente, amava.

Só nessa noite, quando fomos buscar a lista da Shannon intitulada *O que Aconteceu a Adam Parson?* e riscámos «Fugiu (Anjeli Rapari?)», é que me ocorreu a resposta: não é que eu tivesse caído em mais uma armadilha heurística da qual não conseguia sair, mas tinha optado por acreditar naquela ideia até certo ponto, ampliando a sua plausibilidade de propósito. Por mais absurdo que pareça dizer que gostava da ideia de o meu pai ter um caso, a verdade é que essa era de facto uma fantasia a que me agarrava, pois quais eram as implicações de descartarmos a premissa da amante secreta? Um efeito dominó: caía a peça do «Pai apaixonado», o que causava a queda da peça do «Pai em fuga», depois a peça do «Pai a salvo (apesar de ser um porco desprezível que merecia morrer)», e por aí fora. Quantas mais peças teriam de cair até não restar nenhuma de pé, mesmo que vacilante ou a balançar, em que o meu pai estivesse, ou pudesse estar, vivo?

Não se tratava de uma nova revelação que nunca me tivesse ocorrido. Desde que a inspetora Janus nos falou da mochila do meu pai encontrada no rio que eu sabia que ele podia não estar vivo. Mas a minha crença na possibilidade de ele estar vivo, por mais ténue que fosse, era o que me tinha sustentado. Apenas uma alternativa não impossível que me dava uma saída, aquela lufada de oxigénio de que precisava para não desistir e permitir que a corrente me levasse para a morte. Ou talvez fosse a raiva que isso me fazia sentir pelo meu pai o que, estranhamente, me animava. Não parece absurdo? Mas a verdade é que estar furiosa com o meu pai era muito melhor do que chorar a sua morte, do que recluir nunca mais voltar a vê-lo.

Um Não ao Não

Sabem aquela sensação que temos, ocasionalmente, quando regressamos a casa depois de uma longa viagem e ela nos parece diferente de como a deixámos? Como se, durante esse tempo de ausência, o ar dentro da casa tivesse formado um filtro de estranheza que distorce os nossos sentidos e tudo parece *suficientemente* enviesado para ser perceptível — o cheiro quase indistinto do pó de tinta antiga no ar, a inclinação da luz solar que entra pelas janelas da cozinha, o edredão puído na nossa cama; até as dimensões parecem diferentes, os quartos mais pequenos, os tetos mais baixos.

Foi isso que senti ao regressar a casa depois do nosso desvio até ao parque de estacionamento do hospital. A nossa casa não parecia a nossa casa. Entrar e pensar se seríamos agora uma família de quatro pessoas teve tanto de significativo como de desnorteador. Não éramos apenas menos em termos numéricos; tínhamos sido desagregados e quimicamente reformulados numa coisa totalmente diferente, como O2 *versus* O3: oxigénio, regenerador e necessário à vida, *versus* ozono, um poluente perigoso. No entanto, assim que entrámos, tivemos de enfrentar a rotina do dia a dia, que agora nos parecia demasiado irrelevante — pensar no jantar, beber água, ir à casa de banho, tirar as lentes de contacto. O problema da biologia é mesmo esse: está-se nas tintas para as emergências exteriores.

Isto aplicava-se sobretudo ao Eugene, que vive da rotina e que, num dia desconcertante como aquele, precisava de voltar ao básico antes de poder lidar com qualquer outra coisa. A minha mãe levou-o

para cima para lhe dar o seu mimo preferido antes do jantar: um duche longo e quente sem limite de tempo. Não só porque ele merecia ser mimado — tinha passado por vários momentos difíceis naquele dia —, mas também porque nos permitia preparar para aquilo que queríamos fazer quando chegássemos a casa: tentar comunicar com o Eugene através do quadro de letras em estêncil da Anjeli.

Eu sei que, para algumas pessoas, toda a nossa angústia e preparação pode parecer desconcertante. Tudo o que a Anjeli fez foi segurar o quadro num ângulo e numa altura facilmente reproduzíveis e dizer: «Eu sei que tu consegues!» Se o Eugene conseguia fazê-lo com uma pessoa, porque não com todas as outras?

Uma das coisas que aprendemos com as muitas terapias do Eugene é que nada é assim tão simples. Muitas coisas neste mundo parecem fisicamente fáceis de fazer. Por exemplo, um maestro. No primeiro concerto de orquestra a que assisti, lembro-me de ter pensado: *Porque é que as pessoas estão a bater palmas ao maestro? Tocar um instrumento, isso sim é difícil. Mas estar ali e mover uma batuta como um metrónomo humano de smoking, o que tem isso de tão difícil? Porque é que ele* (e é sempre um «ele»; há zero — não estou a exagerar, zero — maestrinas à frente de orquestras de elite no mundo inteiro, em 2020, desde que Marin Alsop deixou Baltimore) *é que recebe os elogios e o salário mais elevado?* E depois experimentei dirigir.

Os domadores de leões, os treinadores de patinagem, todas as pessoas que orientam os verdadeiros intérpretes, parecem ser facilmente substituíveis, mas uma pessoa sem formação que copiasse os movimentos físicos e os sons exatos de um domador de leões ficaria rapidamente sem cabeça. O que quero dizer é que não é o aspeto externo, não é apenas a pessoa que mexe o pulso de uma certa maneira que faz com que o leão não a ataque, ou que consegue juntar os instrumentos e inspirar o grupo como um todo a sentir e a transmitir anseio, alegria, vivacidade, etc. É um talento inefável, como a liderança, que depende da ligação interpessoal e da influência de uma pessoa, que não pode ser fingido; o maestro tem de conhecer a música intimamente, tal como o domador de leões não pode sentir medo, porque isso é algo que o leão deteta. O maestro tem de incorporar, de forma intencional e confiante, uma determinada emoção e deixar que a batuta a incorpore também, que a faça passar

pelo ar, que a deixe percorrer os músicos e os *seus* instrumentos e envolver a plateia.

Tão importante como o talento do líder é a relação que se constrói com os intérpretes ao longo de horas de prática e repetição. Um maestro genial não pode subir ao palco cinco minutos antes de uma atuação para dirigir uma orquestra que nunca conheceu, tal como o melhor domador de leões do mundo não pode entrar na arena com um leão não enjaulado com o qual nunca trabalhou.

O John, que foi incumbido pela minha mãe de analisar os apontamentos e os materiais de terapia da Anjeli, relatou que foram necessárias 91 horas de respostas de uma palavra ou de uma frase com base em lições curtas para que o Eugene conseguisse o marco importante de responder a perguntas abertas. Essas horas consistiram em:

- 32 horas a praticar com os quadros mais fáceis de 3 letras cada;
- 18 horas com quadros de 8 letras;
- 12 horas com quadros de 13 letras; e
- 29 horas num quadro personalizado para os alunos da Anjeli, com as 26 letras e também números, «fim de palavra», ponto final e símbolos comuns. É importante notar que o Eugene não conseguia comunicar abertamente antes de passar para um quadro de letras completo, visto que dependia da Anjeli para antecipar a letra de que precisava e para segurar no quadro de letras correto. Foram necessárias 29 horas de prática para ele dar respostas curtas e fechadas no quadro completo antes de começar a expressar livremente os seus pensamentos e «conversar» de forma aberta.

Imagem: se a Anjeli — uma especialista com anos de experiência a trabalhar com dezenas de não falantes com uma multiplicidade de condições, uma profissional descrita em fóruns como «A Encantadora de Não Falantes» — demorou tanto tempo a conseguir que o Eugene se abrisse, como é que nós, que nunca tínhamos ouvido falar desta técnica e muito menos tentado aplicá-la, seríamos capazes de lhe fazer perguntas traumatizantes sobre algo que o assustou tanto que ele chegou a casa e não comeu, não foi à casa de banho, não fez nada a não ser saltar e gritar durante horas, e esperar

que ele respondesse?

Um segundo fator descoberto pelas indagações do John: sermos familiares dele era uma desvantagem, visto que muitos não falantes são incapazes de soletrar com membros da família, mesmo depois de atingirem uma determinada fluência com os terapeutas. Fazia sentido, porque alguma vez os vossos pais vos tentaram dar explicações sobre alguma coisa (ou, se forem pais, alguma vez tentaram dar explicações aos vossos próprios filhos)? A experiência da minha família ensinou-nos que é uma verdadeira tortura, que acaba sempre em gritaria a lágrimas por parte de todos os envolvidos. Não sei porquê, mas considerava uma ofensa pessoal tudo o que os meus pais diziam, mesmo (ou sobretudo) se fosse dito de uma forma calma e carinhosa — como se fosse uma expressão de desilusão, um desejo oculto de terem tido um filho diferente. Isso fazia-me vacilar entre esforçar-me demasiado, desesperada por impressionar, e recusar-me a colaborar e desistir, tanto para lidar com a sobrecarga de ansiedade como para os castigar por me terem deixado naquele estado. Se melhorar a matemática ou a basebol era assim tão complicado, o que dizer de praticar a comunicação com uma criança não falante — as expectativas, os medos e a ansiedade eram dez mil vezes superiores.

Mas só percebi verdadeiramente quando li uma publicação num blogue que explicava que se tratava de uma forma crónica de stress pós-traumático complexo. O Eugene e outros como ele tinham sofrido traumas durante toda a vida, dos quais nunca se conseguiam livrar, sem que ninguém se apercebesse de que os seus corpos os estavam a trair e a bloquear-lhe os pensamentos. A totalidade absoluta e final deste aprisionamento era devastadora: eles não enfrentam apenas os desafios temporários de não dominar uma língua, como eu e a minha mãe, ou um modo de comunicação, como as pessoas que gaguejam ou balbuciam; eles não têm acesso a *nenhuma* língua, a *nenhuma* forma de comunicação, incluindo a linguagem escrita e gestual, devido aos seus problemas motores, durante toda a vida. (Fiquei envergonhada por ter tentado comparar a experiência do Eugene com a minha experiência de *bah-bo* na Coreia.) Este trauma psicológico acrescenta um fardo adicional que agrava as dificuldades motoras, tornando-as exponencialmente mais difíceis de ultrapassar. Era consensual pensar-se que, como os membros da nossa família são as pessoas que — pelo

historial de convivência — nos demonstram mais amor, mas também descrença nas nossas capacidades, e em relação às quais nutrimos um maior sentimento de frustração e talvez até de traição e ressentimento, as tentativas de comunicação com eles ativavam e intensificavam frequentemente esta barreira de trauma. Assim, mesmo que tivéssemos aprendido a comunicar com alguém que acreditou em nós desde o início, como a Anjeli, não seríamos capazes de replicar isso com qualquer pessoa, sobretudo com aqueles que mais nos recordavam dessa história debilitante de dúvida e vergonha.

Esta barreira familiar-traumática não era meramente teórica para o Eugene. Vimos isso com os nossos próprios olhos. O John encontrou um vídeo do pai a trabalhar com o Eugene durante uma sessão que a Anjeli apelidou de «*coaching* parental como trabalho de casa». Só consegui ver alguns minutos — era demasiado doloroso, demasiado incómodo —, mas os excertos que vi eram do pai a fazer aparentemente tudo o que a Anjeli tinha feito, com recurso aos quadros mais fáceis de três letras. E digo «aparentemente» porque as palavras e ações que o meu pai reproduzia eram muito diferentes. O «vá lá, Eugene» da Anjeli denotava o entusiasmo de alguém que parecia nem acreditar no milagre que estava a presenciar, como se aplaudisse uma equipa que estivesse a cilindrar o adversário. O «vá lá, Eugene» do meu pai denotava a consternação do adepto da equipa que estava a ser esmagada; não um incentivo do género «eu acredito em ti», mas sim um lamento como quem diz «porque está a demorar tanto tempo?». O sorriso do meu pai fazia lembrar o que o androide Data, do *Star Trek: A Geração Seguinte*, fazia depois de analisar imagens de expressões de alegria humana e replicar os seus músculos faciais. Talvez uma comparação robótica lado a lado entre o meu pai e a Anjeli pudesse passar despercebida, mas eu sabia. E o Eugene ainda mais. A expressão do meu irmão era a mesma de há pouco, quando eu estava a falar com ele normalmente (para variar) sobre o caderno de QF do pai, mas parei para o testar. Todos os traços do seu rosto estavam descaídos, quase impercetivelmente, um mero milímetro — desiludido, mas consigo próprio, como se devesse esperar ser tratado com condescendência como tinha sido a vida toda. O Eugene não quis saber das perguntas do pai. Espetou o lápis na mesa com tanta força que partiu o bico.

Sinto-me tentada a ficar por aqui e a saltar a parte que se segue por me custar recordá-la. Talvez seja por isso que me estou a fixar em justificações teóricas sobre as famílias e as falhas do meu pai — uma defesa preventiva, para adiar o mais possível a transcrição que encontrámos no caixote de terapia do Eugene.

Estava escondida na bolsa de trás de uma das pastas. Bem, quem me ouvir dizer isto — «escondida», como se fosse algo obscuro, quando não era nada disso, não estava escondida de propósito (ou talvez estivesse, dado o conteúdo). Tínhamos visto em vídeos que a Anjeli usava folhas de papel soltas para registar as suas conversas, escrevendo à pressa as perguntas, como «5 tipos de energia alt?», mas apontando as respostas do Eugene letra a letra, em tempo real. Assinalava a data e guardava-as numa pasta de arquivo no caixote. A pasta de terapia da Anjeli tinha anotações gerais relativas a sábado, dia 20 de junho, a última sessão que tiveram, mas a transcrição dessa sessão não estava na pasta de arquivo com as outras. O John deu com ela dobrada ao meio e guardada na bolsa de trás da pasta.

Começava como as outras, com as perguntas da Anjeli de uma lição intitulada «Biografia de Helen Keller». Mas, depois de algumas respostas curtas, a sessão passou a ser uma verdadeira troca de ideias, com o Eugene a não responder apenas com poucas palavras.

Como é que a história da HK te faz sentir?

FELIZARDO POR PODER VER E OUVIR. MAS TAMBÉM INVEJOSO POR ELA TER TIDO UMA PROFESSORA AOS 7 ANOS E UMA FAMÍLIA QUE ACREDITAVA NELA.

O teu pai acredita.

ENTÃO PORQUE É QUE ELE NÃO CONTA À MINHA FAMÍLIA?

Vai contar em breve. Assim que conseguires soletrar com ele. Vais conseguir se tentares.

NÃO CONSIGO PORQUE ELE NÃO ACREDITA. E ELE NÃO ACREDITA PORQUE NÃO CONSIGO.

Ali estava. Palavras simples que encerravam o dilema central da relação deles. Um círculo vicioso de dúvidas e traumas. Fiquei surpreendida e profundamente orgulhosa do Eugene e da sua capacidade de analisar a sua própria situação com tanta clareza e de chegar à essência do impasse em que se encontrava. Não se tratava apenas do facto de o pai ser um parceiro de comunicação incapaz e

pouco hábil do Eugene. O problema é que ele não acreditava plenamente. O meu pai era uma pessoa extremamente cética, daquelas que equiparam o cinismo à profundidade e ao intelecto, que andam por aí a dizer que as «provas testemunhais» são um oxímoro, que exige provas objetivas, ou seja, dados quantificáveis e replicáveis de testes duplamente cegos controlados por placebo. (Sei do que falo porque já fui uma dessas pessoas.) A julgar pelo seu entusiasmo no vídeo solar/boca da Mia, creio que ele começou a esquecer isso, a acreditar verdadeiramente no Eugene. Mas subsistiam vestígios de ceticismo que ele não conseguia esconder totalmente, não enquanto o Eugene não comunicasse diretamente com ele, e o meu irmão não conseguia fazer isso nesta fase inicial do seu processo de aprendizagem com alguém que ele sabia que estava a fingir. Era um impasse que não conseguiam ultrapassar, e era difícil não culpar o pai por isso. É preciso tempo para ganhar confiança e capacidades motoras para atingir a fluência e a independência totais. Era isso que o meu pai queria, era disso que precisava, para deixar de lado o seu ceticismo residual, e isso era muito injusto para o Eugene. Ele merecia mais de nós. Estava a fazer mais do que a sua parte, estava a fazer o impossível para ultrapassar uma vida inteira de traumas e anomalias neurais inatas. Seria muito pedir ao pai que ultrapassasse o seu ceticismo inato e acreditasse simplesmente? Não era sobre ele que deveria recair o ónus?

Mas lá estou eu outra vez a concentrar-me no meu pai para desviar as atenções e a culpa. Porque foi o que li a seguir — e que estou a evitar — que me arrasou:

Vamos mostrar isto ao teu pai, dizer-lhe o quanto te custa esconder isto da tua família.

TALVEZ.

Talvez seja mais fácil soletrar com a tua mãe ou com os teus irmãos.

A MÃE TRATA-ME COMO UM BEBÉ ACÉFALO.

És o mais novo. A minha mãe faz isso comigo e tenho 48 anos. E o J? Ele tem formação, trabalha na HH.

O JOHN É DEMASIADO SIMPÁTICO. DIZ QUE NÃO FAZ MAL NÃO FALAR, MAS ISSO É ESTÚPIDO. ELE ÀS VEZES É DOSE.

Quase me ri em voz alta porque aquilo era uma repetição de algo

que eu estava sempre a pensar e que dizia de vez em quando, sobretudo a parte de o John «ser dose». O meu irmão gémeo era tão simpático e compreensivo quanto humanamente possível, mas era como se estivesse a compensar demasiado. Dizia à saciedade que as deficiências não deviam ter e não tinham importância, que o que interessa é o que somos cá dentro, o que era ridículo, porque *claro* que interessa se conseguimos falar ou não, vivemos no mundo real, e obviamente que isso interessava ao Eugene. Ainda assim, o cinismo do Eugene era perturbador; é como quando nos vemos através dos olhos de outra pessoa e estremecemos, e aquilo fez-me querer defender o John. É verdade, tem um otimismo excessivo e é irritantemente ingénuo, mas isso é um reflexo do seu amor, e, além disso, ele tinha razão. Não que não importe, mas não *devia* importar.

Mas depois o Eugene continuou:

PELO MENOS A MIA NÃO O ESCONDE. ELA ACHA QUE SER INTELIGENTE É QUE IMPORTA E QUE EU SOU ESTÚPIDO E INÚTIL.

Ao ler aquilo, senti-me pequena. Literalmente, senti-me a encolher, o espaço entre os átomos do meu corpo a estreitar-se, a encurtar-se, a produzir um calor que me envolvia. A sinceridade crua daquelas palavras, que eu não podia negar. Seria assim tão transparente? Queria gritar que não era verdade, que não julgava as pessoas dessa maneira. Mas será que não julgava? Não é que não gostasse do Eugene, ou que não acreditasse que ele era um ser humano válido. Mas, para ser sincera, para ser verdadeira e dolorosamente sincera, os talentos verbais de uma pessoa impressionavam-me mais do que qualquer outra coisa. Por isso é que a cena da *bah-bo* e das *ajummas* coreanas me tinha custado tanto. Por exemplo, para mim, a matemática era algo semelhante a um trabalho manual, meramente indicativo da capacidade que temos de contribuir para a sociedade de uma forma servil, como uma abelha operária numa colmeia.[23] Mas a acuidade verbal era aquilo que eu mais admirava e equiparava à inteligência. Não era o que toda a gente fazia? Não era por isso que toda a gente adorava aquelas personagens que falam depressa (e que, por conseguinte, são inteligentes) de *Os Homens do Presidente*?

Acho que nenhum de nós estava ansioso por se sentar com o Eugene e um quadro de letras depois daquilo. Todos nós, cada um à sua maneira, nos sentimos horríveis e inadequados. Achei que a crítica

que o Eugene me fez foi a mais dura, embora o John discordasse, com o argumento de que pelo menos ele parecia respeitar a minha posição. Mas, independentemente da forma como se interpretasse a situação, não era possível contornar a questão principal: as falhas da minha mãe e do John decorriam do facto de o amarem com demasiada intensidade, ao passo que as minhas eram motivadas pela arrogância, pura e simples. Pelo facto de ser uma cretina.

A minha mãe lidou com o nosso dilema da seguinte maneira: pediu desculpa ao Eugene. Não apenas com palavras, verbalizando, mas com atos concretos, falando-lhe — e nem acredito que vou dizer isto — de Noam Chomsky. Mais concretamente da teoria do nativismo psicolinguístico de Chomsky, segundo a qual os seres humanos têm uma capacidade inata para aprender línguas, algo que nos separa dos animais. Eu acreditava que aquela teoria era ofensiva porque *inferiorizava* as pessoas ditas «não verbais», mas percebi que a minha mãe via as coisas de outra forma, como uma validação da sua crença de que a linguagem, a competência, estava lá, que era uma parte inata do Eugene — por outras palavras, que o Eugene não era *não verbal*, mas apenas *não falante* — e que só precisávamos de encontrar o gatilho para desbloquear e aceder à linguagem, ativar esse grupo de neurónios ou lá o que fosse.[24] Por outras palavras, via o Eugene com mais generosidade e menos cinismo do que eu.

— Como vês, Eugene — disse ela —, sempre acreditei que tinhas as palavras. Só não as conseguias exprimir porque nós falhámos. *Eu* falhei. Deixei que a culpa se intrometesse e tentei compensá-la tratando-te como um bebé, fazendo tudo por ti, em vez de te respeitar. Mas isso acaba agora. Não sei porque é que o pai não nos contou, mas estou-lhe grata por ter encontrado a Anjeli e nos ter aberto esta porta. Os materiais dela dizem que precisamos de passar muito tempo a ganhar confiança antes de conseguires falar abertamente connosco, e sei que ela diria que é injusto fazer-te perguntas sobre o pai tão cedo, logo na nossa primeira tentativa. Mas, dada a situação do pai, não pode ser de outra forma. Precisamos de tentar. Por isso, deixa-me perguntar-te: estás preparado? Podemos fazer perguntas sobre o pai e sobre o que aconteceu ontem no parque? Não faz mal se a tua resposta

for não, ou mesmo se não disseses nada. Acredito em ti, seja qual for a tua resposta. Ciente disso, achas que podemos tentar? Se te sentires preparado, quero que respondas SIM.

A minha mãe pegou no quadro com as letras S, T e U em estêncil que estava no caixote de terapia do Eugene e entregou-lhe o lápis amarelo. Ele agarrou-o com força, tal como tinha feito no vídeo com a Anjeli, e dobrou o braço na posição de esfaquear. Tive a mesma sensação de antecipação, o sangue a latejar-me nos tímpanos. Todos avançámos um décimo de centímetro, com a respiração suspensa. Olhei para a ponta do lápis que ele segurava no punho e que se movia tão lentamente em direção ao S que o próprio tempo parecia ter abrandado. O bater do meu coração era a banda sonora rítmica daquela cena insuportável e, naquele momento, a nossa esperança coletiva tornou-se uma *coisa* palpável que juro que o Eugene conseguia ver e sentir, o suficiente para compensar a ausência da Anjeli. O ar tornou-se mais límpido e ouvi na minha cabeça um hino em sol maior; senti as lágrimas de alegria e de alívio, e também de tristeza pelo pai. A tensão nos braços do Eugene era visível, os músculos salientes, as mãos fechadas com tanta força que o lápis amarelo tremia. Cada vez mais perto, em direção ao topo direito do S. Inclinou o pulso como se o lápis estivesse a lutar contra ele, a tentar controlá-lo como um adversário num braço de ferro, fazendo-o vergar-se à sua vontade, e no momento em que o lápis tocou no topo direito do S, ponta com ponta, o pulso do Eugene cedeu para trás, fazendo o lápis deslizar pelo plástico escorregadio e atravessar o U.

A minha deceção não foi nada comparada com a do Eugene. Ele voltou a passar o lápis através do U, com os dedos tão apertados à volta do lápis que as veias da mão e do pulso se tornaram salientes. Os lábios do Eugene permaneciam curvados para cima, mas o maxilar estava tenso. Olhou para a mão como os pais olham para os filhos desobedientes — com paciência, repreendendo-os enquanto sorriem com os dentes cerrados —, como se estivesse a perguntar ao braço porque continuava a recusar-se a obedecer.

O Eugene tentou de novo, mas desta vez mais depressa, com menos intenção, menos expectativa, menos esforço, e a ponta do lápis falhou todas as letras, acabando por acertar por baixo do T, muito longe do S. À terceira tentativa, dobrou o cotovelo, mas o pulso ficou

frouxo e ele deixou cair o lápis, não deliberadamente, mas mais como se os dedos não tivessem tónus muscular para se aguentarem. O lápis caiu ruidosamente na mesa.

Apetecia-me gritar e berrar, de tão frustrada que estava. Não admira que o Eugene se fartasse de guinchar e gritar o mais alto possível. Experimentem fazer isso. Eu já experimentei, não um grito típico, mas um berro contínuo no tom mais alto possível, daqueles que arranham a garganta e criam vibrações agudas nos seios nasais, que se misturam e ecoam por todos os espaços livres dentro da nossa cabeça, causando *dor*, atacando diretamente o nosso sofrimento crónico mais profundo, eviscerando-o. Tinha passado a tarde a condenar o meu pai por nos esconder toda esta terapia FAE, mas ocorreu-me naquele momento que talvez devêssemos estar-lhe gratos por nos ter poupado meses desta alternância entre euforia e dor, crença e dúvida, gratidão e culpa.

A única pessoa que não parecia frustrada era a minha mãe. Devolveu o lápis ao Eugene com um sorriso paciente. Apetecia-me dar-lhe um pontapé e dizer: «Não vês que ele está exausto e desmoralizado?» Mas, em vez de voltar a pegar no quadro STU, pegou no quadro MNO e disse:

— Vamos tentar algo diferente. A mesma pergunta: queres tentar comunicar connosco? Mas, desta vez, diz NÃO se não quiseses. Não faz mal se não quiseses.

O Eugene agarrou no lápis, apertando-o como se dissesse: «Olha para mim. Olha para os meus dedos. Olha para mim a mexer o braço.» Lentamente, inclinou o cotovelo para trás, com o mesmo movimento pronto a esfaquear. Lenta e deliberadamente, afastou o braço do quadro e, mais uma vez, lenta e deliberadamente, pousou o lápis na mesa, com os olhos a seguir o lápis para que não pudéssemos confundir a sua intencionalidade. E só quando o lápis bateu na mesa é que ele o largou e colocou as mãos juntas na posição de «mãos calmas», com uma dignidade tranquila no aperto firme dos seus dedos entrelaçados.

Sei que, objetivamente, o que aconteceu foi um fracasso. Não obtivemos nenhuma informação. Nenhuma palavra. Nenhum progresso. E, no entanto, a energia que nos atravessou naquele momento... Estaria eu a delirar? Estaríamos todos? Porque é que

aquilo parecia um sucesso? O Eugene parecia triunfante. Eu sentia-o, via isso mesmo na cara da minha mãe, do John. Era tão inconfundível como se o Eugene tivesse pronunciado a palavra em voz alta. Um «não» ao NÃO. «Só porque não consegui dizer SIM, não significa NÃO, não significa que não queira ou não possa comunicar. Acreditem em mim. Eu estou aqui. Tenho coisas para dizer.»

Quando o telemóvel da minha mãe tocou, desejei que não atendesse. Mas claro que atendeu. Tinha de o fazer. E talvez tenha sido bom sermos obrigados a seguir em frente. Porque isso confirmava o aviso da Anjeli de que demoraria algum tempo a chegarmos a um ponto de comunicação útil, um verdadeiro esforço a longo prazo, que não era apropriado para a situação de emergência em que nos encontrávamos. Seria como inscrevermo-nos em aulas de reanimação quando alguém se está a afogar.

Era a Shannon, que ligava para nos dar duas notícias nada boas. Primeiro, a pesquisa do Tim nos hospitais da zona não revelou nenhum doente com covid que correspondesse à descrição do nosso pai. (Ninguém reagiu; nunca pensámos que fosse uma possibilidade.) Segundo, ela conseguiu que a noiva da Anjeli lhe ligasse, ao deixar uma mensagem vagamente ameaçadora sobre uma intimação no voice mail do escritório da Anjeli.

— Foi tiro e queda, ela demorou menos de dez minutos a ligar-me — disse a Shannon. — Como o Tim tinha dito, ela fechou-se em copas, mas acabou por deixar escapar uma coisa que me pareceu preocupante. — Caramba, o que foi agora? Ninguém disse nada, limitámo-nos a olhar para o telemóvel enquanto a Shannon continuava: — A tal mulher, a Zoe, disse que a Anjeli queria ir ao parque para ajudar a resolver um conflito entre o Eugene e o Adam. Não quis entrar em pormenores porque parece que o «conflito» envolvia provas que ela entregou à polícia, e ela não se sentia à vontade a ajudar, e cito, «um suspeito de homicídio».

Homicídio? Mas que raio? Nem tivemos oportunidade de reagir em voz alta, porque no momento em que a Shannon começava a dizer para não reagirmos exageradamente (segundo ela, muitos leigos usavam a palavra para descrever qualquer tipo de homicídio, mesmo o involuntário, um crime de natureza muito distinta), a campainha da porta tocou, seguida de uma batida rápida.

Pensei logo: polícia. Sabia que a cena de a polícia contar sempre à família as más notícias pessoalmente não se tinha confirmado, mas, em vez de me fazer descartar isso como um mito, fez-me ter a certeza de que da próxima vez, o próximo toque, seria certinho; era inevitável e não podíamos escapar para sempre. A minha mãe pediu à Shannon que esperasse e foi abrir a porta, mas, quando estava a poucos passos, disse: «Oh, meu Deus», com a cabeça virada para a janela que dava para a nossa entrada, o corpo imóvel, a meio do passo, a boca aberta, como um daqueles cadáveres petrificados de Pompeia. Levantei-me para olhar pela janela. Um carro-patrulha.

Corri imediatamente para a porta, passando por cima da minha mãe, ao contrário do dia anterior, em que fiquei paralisada durante um minuto. Abri a porta sem pôr a máscara, sem espreitar pelo óculo, sem nada, apenas com um estrondo, e gritei. Não foi um gritinho de surpresa, nem sequer um grito normal e rápido, foi um grito de filme de terror, daqueles penetrantes, sustentados, de levar as mãos à boca e gelar o sangue.

Entre dois agentes fardados, os mesmos de ontem, estava a última pessoa que contava ver.

Era o Vic.

[23] Creio que também descartei a questão da matemática por causa do elemento racial. Lembro-me de uma vez o nosso professor de Matemática do liceu ter feito uma piada sobre o facto de, apesar de sermos gémeos, ser «notável» o facto de eu ser muito melhor a matemática do que o John, visto que tenho claramente uma maior quantidade do gene asiático do que o meu irmão (supostamente, porque pareço mais asiática). Quando nos dizem que há uma explicação para algo em que somos bons, e essa explicação é algo que ninguém quer ser, essa qualidade deixa de ser vista com bons olhos, sobretudo para uma criança. Julgo que é por isso que muitos asiáticos que conheço consideram ofensivo o estereótipo de que somos todos bons a matemática. Parece-me uma tentativa de desvalorizar algo bom e de o transformar em algo mau. Por isso, sermos asiáticos e bons a matemática não é um feito digno de nota, apenas algo que decorre dos nossos genes

— a rejeição de um talento genuíno. E se formos asiáticos e não formos bons a matemática, somos uma decepção para a nossa raça, uma anomalia. Podemos recriminar os asiáticos por se sentirem ofendidos e irritados com este estereótipo? (Além disso, a minha mãe acredita que tem que ver com a ideia de que a matemática é robótica, uma perpetuação do mito de que os asiáticos são frios e estoicos, ao que ela responde: Já viram as novelas coreanas?)

[24] Não faço ideia se Chomsky interpreta a sua própria teoria desta forma, só sei que a mãe o faz.

Um Céu Cerúleo e Límpido

O Vic deu-me na cabeça por causa daquele grito. Esta progressão exata de palavras e movimentos faciais foi repetida pelo menos dez vezes, nas calmas, desde aquele momento:

— Pregaste-me um susto do caraças. — Tudo sublinhado por um lento abanar de cabeça. — Não foi fixe, Mia. Nada fixe.

Admito que o efeito daquele grito nos agentes e na minha família não foi positivo. O Vic não estava algemado, mas um dos agentes agarrou-lhe o braço, como se quisesse impedi-lo de me atacar, e a agente levou a mão ao que parecia ser uma arma, o que fez com que me calasse de imediato. Mas, em minha defesa, recuperei muito bem, sobretudo tendo em conta o caos e a cacofonia que se seguiram — a minha mãe e o John a gritarem variações de «Meu Deus, o que se passa? Quem é este?», o Eugene a saltar e a guinchar, e o Vic a gritar: «Por amor de Deus, Mia, diz-lhes que me conheces.» Eu podia tê-lo tramado e dito: «Será que conheço?», como estava a pensar, mas disse apenas:

— Desculpem, senhores agentes, não sei porque dei aquele grito.

— Então, conhece este jovem? — perguntou um dos agentes, enquanto o outro disse:

— Houve uma queixa contra ele no parque, e disse que podia responder por ele. Disse que era seu namorado.

Uma pequena parte de mim, a parte que ainda estava chateada e amargurada com aquela história do afastamento parcial, quis dizer: «A sério? Tem piada porque não é», mas reparei que a agente ainda tinha

a mão no objeto que parecia uma arma, por isso obriguei-me a ser superior a tudo isso e disse:

— Sim, ele é meu namorado — sem acrescentar o «ex», que era o que estava a pensar, o que teria deixado os agentes mais descansados, não fosse o facto de a minha mãe ter dito: «Namorado?», e o John ter acrescentado: «O quê? Desde quando tens namorado?», o que teve o efeito de fazer com que eles franzissem o sobrolho ao Vic, desconfiados, dando-me a entender que pensavam que se passava aqui qualquer coisa de muito estranho, como se aquele negro grandalhão tivesse raptado o meu pai e me estivesse a obrigar a dizer que era namorada dele, mas depois o Vic olhou para mim, todo ofendido, e disse:

— Não contaste à tua família sobre mim? Nem sequer ao John?

— Podemos discutir a natureza da nossa relação mais tarde? — perguntei (acrescentando para mim mesma: *Talvez nunca?* Não queria mesmo ouvir mais ralhetes da minha mãe por não partilhar pormenores da minha vida amorosa com a família). — E alguém me pode explicar o que se passa? Que queixa? O que aconteceu?

— Soube do teu pai — disse o Vic. — Lamento imenso. — Olhou para a minha mãe, para o John e para o Eugene. — Nem consigo imaginar o que devem estar a passar. Quando soube, não consegui ficar longe e não fazer nada. Disse aos meus pais que queria ajudar a procurar, e eles disseram que sim, por isso meti-me no carro e vim para cá.

— Vieste a *conduzir* desde o *Ohio*?

— São só oito horas. Arranquei às seis, cheguei aqui por volta das duas e fui diretamente para o parque. Eu só queria ajudar. Não te ia incomodar, era a última coisa que queria fazer, mas... — O Vic baixou o olhar e mordeu o lábio, como se estivesse a tentar perceber a melhor forma de dizer alguma coisa. — Quando aqui cheguei, só pensei em ver-te, perceber se podia ajudar de outra forma. Mas não tinha a tua morada, por isso não podia vir ter contigo. Tentei perceber como podia entrar em contacto contigo porque...

— Porque te bloqueei. — Olhei para os outros para explicar. — Tivemos uma discussão ontem de manhã e acabámos.

— Perguntei a uma mulher se podia usar o telemóvel dela para te enviar uma mensagem, mas ela ficou toda desconfiada e depois o

vento arrancou-lhe o chapéu e eu fui buscá-lo, mas ela passou-se e disse-me para me afastar. Tentei explicar-lhe que já tinha tido covid, e que por isso estava imune...

— Tiveste covid? Estás bem? — perguntou a minha mãe, e eu intervim:

— Não te preocupes, mãe, foi há meses. Eu disse-te que alguns dos meus amigos foram infetados mesmo antes do confinamento, lembraste? Foi por isso que tive de ficar de quarentena antes de vir para casa.

— Sim, agora estou bem. Mas parece que a senhora pensou que eu estava a dizer que *tinha* covid, e ficou paranoica e atirou-me com gás-pimenta...

— O quê? Ela usou mesmo gás-pimenta? — Virei-me para os agentes. — Isso é legal? — E depois para o Vic. — Estás bem?

— Sim, estou ótimo. Desatei a correr assim que ela levou a mão à mala. Pensei que ela estivesse a pegar numa arma e... — O maxilar do Vic ficou tenso. — Seja como for, gritei-lhe que aquilo era despropositado e talvez a tenha acusado de racismo e de odiar negros...

— Justificadamente — disse eu. Estava furiosa.

— Só que ela ficou ofendida e disse que me ia dar voz de prisão enquanto cidadã e outros disparates do género. Enfim, ligou para o número de emergência e estes agentes estavam por perto.

A agente pronunciou-se:

— Conhecemos a senhora. Ela faz muitas queixas, sobretudo de rapazes adolescentes, e já recebemos queixas sobre o uso de gás-pimenta no parque. Vamos mesmo falar com ela, mas dada a situação com o seu pai e com este jovem, que diz ser seu namorado, mas que não sabe a sua morada, nem lhe pode telefonar ou enviar mensagens, achámos por bem acompanhá-lo e certificarmo-nos de que está tudo bem.

— Agradeço-vos muito por terem feito isso. Foi muito atencioso da vossa parte perderem algum tempo para se certificarem de que eu estava bem — disse o Vic, num tom de voz estranhamente sério ao qual eu não estava habituada.

— Deixaste o teu carro no parque? — perguntei, e o Vic acenou com a cabeça.

— Estes agentes acharam que fazia sentido eu vir com eles.

Peguei-lhe na mão. Estava fria e trémula, apesar do calor que se fazia sentir. Pegajosa. Aproximei-me e olhei-o nos olhos, e foi como se toda a tristeza, raiva, medo e frustração que eu tinha estado a reprimir me atingissem de uma só vez, ao ver o Vic tão vulnerável e assustado, e ao pensar nele a entrar no carro, apesar de o ter bloqueado, apesar de ele não saber a nossa morada, apesar de eu ter sido uma cobarde insensível com medo de falar com ele sobre coisas difíceis e desconfortáveis, e depois daquela longa viagem, a tentar ligar-me e a pensar que podia ser alvejado por uma mulher histérica e depois por dois polícias que o puseram no banco de trás do carro como se fosse um criminoso; e ele depois a ter de ser excessivamente educado com eles da forma que eu sabia que os pais dele o tinham obrigado a praticar... Não consegui evitar, esqueci-me de onde estava, esqueci-me da nossa separação, do afastamento parcial e do seu comportamento irritante na manhã do dia anterior, e abracei-o. Enterrei-lhe a cara no peito e ele abraçou-me, e balançámo-nos para a frente e para trás e chorámos juntos. Meu Deus, que triste espetáculo.

Ouvi a minha mãe dizer aos agentes da polícia que estava tudo bem e que íamos tratar do Vic, e a resposta deles foi que iam voltar para o parque, que ainda não havia notícias do meu pai. Foram-se embora e a minha mãe disse, espantada:

— Bem, nós vamos para dentro e... entrem quando quiserem.

Quando a porta se fechou, ouvi o John dizer:

— Parece que reataram.

Quando parei de chorar e levantei a cabeça, e entrámos em casa, mas antes de eu ter a oportunidade de fazer as apresentações familiares embaraçosas, o Vic disse a todos:

— Não queria dizer isto à frente da polícia. E peço desculpa, mais uma vez, por aparecer assim nesta altura terrível, mas decidi contactar-vos porque encontrei algo que tenho de vos mostrar.

Explicou-nos que, depois de chegar ao parque e de procurar o meu pai durante cerca de uma hora, apercebeu-se de que os panfletos afixados por toda a parte não tinham o número de linha direta (888-ACHAR-ADAM) e o endereço de e-mail (acharadam@gmail.com) que ele tinha visto online, onde se oferecia uma recompensa em dinheiro a troco de informações. Decidiu que era uma melhor forma de ajudar e criou um folheto no seu telemóvel (onde incluiu uma fotografia mais

recente do meu pai tirada do Instagram), enviou-o para uma loja de fotocópias ali perto, foi lá buscar 250 cópias e passou o resto da tarde a colocar os panfletos nos para-brisas dos carros, a afixá-los e a distribuí-los pelas pessoas no parque. A maioria das pessoas dizia que já sabia do meu pai e que lamentava, mas não sabia de nada. Mas algumas disseram que o tinham visto, que não tinham reparado em nada de invulgar, mas que entrariam em contacto com a polícia, e levaram o panfleto.

Passadas algumas horas, o Vic encontrou uma mulher que lhe disse que talvez tivesse algumas informações. Tinha passado a manhã do dia anterior num parque do lado de Maryland e, enquanto filmava aves de uma ilha no meio do rio, ouviu gritos. Não sabia do meu pai — estava ali só de visita, numa viagem pela Costa Leste a observar aves, e tinha chegado à Virgínia nesse dia — e mostrou o vídeo ao Vic. Ele percebeu imediatamente que era o meu pai e disse-lhe isso mesmo, e ela tentou enviar o vídeo por e-mail à polícia, só que não conseguiu porque era muito pesado. O Vic ofereceu-se para ajudar (ela era mais velha e, aparentemente, não percebia de tecnologia) e, enquanto fingia editar o vídeo, enviou-o à socapa por AirDrop. Mas esta é a parte importante: depois de ver o vídeo, o Vic achou que era imperativo que a polícia não o visse (ou pelo menos que nós o víssemos primeiro), por isso disse que não conseguia reduzir o tamanho do ficheiro para o conseguir enviar. Ela disse que não tinha tempo para levar o telemóvel à esquadra da polícia porque tinha de seguir viagem, por isso, com sorte, o caso ficaria por ali e a polícia nunca receberia o vídeo.

Felizmente, o Vic não nos contou toda esta saga antes de nos mostrar o vídeo, exceto a última parte, em que dizia que havia fortes probabilidades de a polícia não ter visto o vídeo e de nunca chegar a vê-lo. Depois de ver as imagens, percebi porque é que o Vic demorou mais alguns segundos a dizer aquilo antes de passar o vídeo, mas, na altura, fiquei assustada — não só com a tortura da espera, mas também com a dúvida: o que havia de tão horrível no vídeo que era importante que a polícia não visse?

— Vic, o que está nesse vídeo? Podes mostrar-nos, por favor? — disse-lhe.

Ele pegou no telemóvel e clicou num vídeo com a indicação de 23

de junho, 11h09. Abriu com um grande plano de um pássaro vermelho a chilrear, com o volume no máximo, e depois houve uma paragem abrupta quando o Vic avançou para a marca dos oito minutos.

— Começa por aqui. — Às 11h17. Mais de uma hora depois do vídeo da blogger. Cerca de vinte minutos antes do quase atropelamento do Eugene à saída do parque. Senti um mal-estar, como se o meu coração tivesse afundado no estômago e este nos intestinos, e eu sentisse o coração a bater ali, a pulsar atrás do meu umbigo.

Com o dedo ainda no ecrã, a imagem paralisada num pássaro que voava num céu azul sem nuvens, o brilho do sol na parte de cima do plano, o Vic olhou para cima.

— Eugene, isto pode ser muito perturbador. Tens a certeza de que queres ver? — disse o Vic, olhando por cima de mim.

O facto de falar normalmente com o Eugene fez-me apaixonar ainda mais por ele. Acho que teve o mesmo efeito no Eugene. Normalmente, o aparecimento súbito e a presença de um estranho como o Vic tê-lo-ia assustado, mas o Eugene estava calmo quando avançou em direção ao Vic e ao seu telemóvel — o pé direito para a frente e depois o pé esquerdo a juntar-se a ele de forma precisa, deliberada, como o regente de uma fanfarra. Um «sim, tenho a certeza, quero ouvir» não verbal. O Vic olhou para a minha mãe e ela assentiu com a cabeça.

Durante seis longos segundos, não aconteceu nada. Apenas o pássaro no céu, o som da água ao longe. E depois, uma voz. A gritar. Quase inaudível por causa da forma como se misturava com o rugido da água, o que nos obrigou a um esforço de concentração para percebermos as palavras: *Não! O que estás a fazer? Não, Eugene, não faças isso.* Alguns segundos depois, apenas os pássaros e a água. *Para. Para de lutar comigo. Ajudem-me. Alguém me ajude.* A câmara tremia, era óbvio que a ornitóloga estava a pousar o telemóvel e a mexer o corpo, e depois voltámos a ouvir a voz do meu pai, num longo *Eugene, nããããããããã.*

A mulher disse: *Meu Deus, o que é isto?*, que pensei que fosse em resposta aos gritos, mas, naquele momento, um bando de gralhas levantou voo dos penhascos irregulares e dos ramos das árvores, num belíssimo movimento, como se estivéssemos a olhar para um quadro e toda uma fileira de árvores, que supúnhamos estarem à sombra por

causa das folhas escuras, se agitasse de repente, e aquela escuridão se erguesse para os céus, uma espécie de efeito especial pontilhista, e fosse subindo como fumo e cinza, acompanhada por um coro de grasnidos e um bater de asas que abafava os gritos do meu pai. Antes de a gravação parar e o vídeo terminar, vimos um borrão de imagens: os penhascos recortados ao longe, a água agitada lá ao fundo, depois uma panorâmica do céu cerúleo e límpido, com as gralhas a subir e a subir e a subir.

PARTE V

ESTA NÃO É A HISTÓRIA DE UMA PESSOA
DESAPARECIDA

O Véu da Cascata

Uma pausa para refletir sobre uma questão (*a* questão, de acordo com a Shannon): o que acham que significam os gritos no vídeo da ornitóloga?

Será que a resposta é *nada*? E se vos dissesse que acredito piamente que aqueles gritos não têm nada que ver com o desaparecimento do meu pai *e* que não estão relacionados com a crise anterior do Eugene no vídeo da blogger? Ficariam incrédulos, como a Shannon ficou? Rir-se-iam nervosamente como se eu estivesse a delirar, como fez o John? Ou achariam que estava a esconder aquilo que realmente achava, como fez a minha mãe?

Antes de explicar, deixem-me dizer-vos outra coisa. (E se estão a pensar que é uma justificação preventiva para aquilo que achava realmente, provavelmente têm razão.) Há um conceito na psicologia cognitiva que tem por base os erros de tipo I — falsos positivos, que é quando acreditamos em ligações que, de facto, não existem. Nós, seres humanos, fomos criados para isso. No tempo dos caçadores-recolectores, se víssemos as ervas altas a mexer, pensaríamos que seria o leão que ouvimos a rugir ao longe no dia anterior, ou que podia não ser nada, apenas o vento. Aqueles que partiam do princípio de que era um leão — que sobrepunham uma narrativa dependente da causalidade ao facto de as ervas se mexerem — sobreviviam, ao passo que aqueles que presumiam que não era nada, podiam estar errados e perder a vida por causa disso. Reza a teoria que, com o tempo, a nossa necessidade urgente de esperar o pior ou ser comido foi transmitida a

nível genético; os nossos cérebros foram programados para ligar os pontos e detetar padrões e associações. Inventámos a causalidade. Ou seja, inventámos a narrativa.[25]

Quando ouvi aquele grito «Nãããããããão» pela primeira vez e nas vezes subsequentes (e foram muitas), houve uma pausa, como se um pico de energia tivesse rebentado todos os circuitos do meu cérebro, e foram sempre precisos uns bons dez segundos para reiniciar o meu sistema. Quando o meu cérebro voltou a funcionar da primeira vez, o que me veio à cabeça foi isto: uma repetição instantânea do áudio aterrador, mas acompanhada por um filme na minha mente; o meu cérebro a preencher o que poderia estar a acontecer fora do plano. Uma continuação do vídeo anterior da blogger, com os óculos do meu pai ainda pendurados na cara, ele frustrado com o Eugene, a dizer «vá lá, Eugene, sei que estás chateado, mas tens de aprender a controlar-te. Tens de me obedecer, para de lutar comigo», e o Eugene frustrado, a raiva contra o pai a intensificar-se, transformando-se em fúria, os olhos fechados, desejando que o pai se afastasse e se calasse, um empurrão, os braços esticados como fez comigo, o meu pai a ser apanhado desprevenido, a cair para trás, braços agitados, um grito, «Eugene, nãããããããão», e uma queda sem fim.

É claro que foi assim, ou algo parecido, que a polícia viu o caso, e provavelmente é assim que a maioria das pessoas o veria, o que não é de estranhar, dada a nossa tendência inata para a narrativa orientada para a causalidade — a necessidade de ligar a anterior crise do Eugene a este grito posterior, e de ligar o grito ao desaparecimento do meu pai.

Mas, por vezes, o restolhar das ervas é apenas o vento. Ou uma rã. Ou o chão a tremer devido a um terramoto que terá ocorrido a quilómetros de distância.

Tal como neste caso. O grito podia não ter qualquer relação com o desaparecimento do meu pai. Podia ser apenas a esteira da crise anterior do Eugene e, ao gritar-lhe para parar, o meu pai podia ter feito com que o meu irmão despertasse do surto. Dez minutos depois, enquanto estava à beira de um penhasco a mostrar os pássaros ao Eugene, o meu pai podia ter tido um AVC ou um ataque cardíaco. Um acidente bizarro. Outro cenário: o Eugene revoltou-se contra os exigentes exercícios de terapia e fugiu, levando o meu pai a pedir

ajuda e, mais tarde, enquanto procurava o meu irmão no bosque, tropeçou e caiu. Ou talvez o grito estivesse *efetivamente* relacionado, mas com uma inversão na cadeia causal — ou seja, o meu pai queria mesmo fugir de nós ou matar-se e encenou o grito, ciente de que alguém estava a ouvir, com vista a simular uma morte acidental para efeitos de seguro.

Ficaram convencidos?

A Shannon também não.

— Isto não é um filme. Isto é a vida real, e temos de ser realistas, por mais doloroso que isso possa ser — disse ela.

— É exatamente aí que quero chegar — retorqui. — Isto é a vida real e, na realidade, acontecem coisas estranhamente coincidentes e desconexas a toda a hora. Só nas histórias feitas à medida é que as coisas têm de estar relacionadas com tudo o que se passou anteriormente, ou chamamos-lhes *deus ex machina* e rejeitamo-las como «irrealistas». Mas isto não é um filme, não é um romance, e na vida real «o grito não significa nada» é tão plausível como qualquer outra coisa.

— Pode ser que sim, mas o problema é que a polícia, os procuradores e os juízes têm a mesma programação evolutiva que todos nós, por isso não vão acreditar. E quando a acusação disser que há provas suficientes para avançar com uma acusação de homicídio involuntário, eu preciso de poder dizer que não, que isso é ridículo, porque o que aconteceu foi obviamente *isto*. E *isto* precisa de ser uma história que faça duas coisas: uma, que explique todas as provas e que as remate num lacinho bonitinho; e duas, que ilibe o Eugene. Por isso, *precisamos* de inventar uma história. Uma história plausível da qual eles, com as suas ideias geneticamente pré-programadas do que é «realista» e «crédível», não se riam. — Eu não disse nada. Não conseguia. — E então — disse a Shannon —, que história é essa?

Ao falar com a Shannon, ocorreu-me uma ideia horrível. E se nunca descobrirmos a resposta? Detesto deixar puzzles incompletos, não suporto equações que não consigo resolver, fico furiosa com as histórias que têm finais em aberto — *O Príncipezinho* (o livro preferido do meu pai e, por conseguinte, o primeiro deste tipo de livros que li),

os livros do meu pai em que escolhemos a nossa própria aventura, o episódio «Bandersnatch» de *Black Mirror*, com as suas milhentas variações, *A Vida de Pi*, *A Origem*, o final de *Os Sopranos*. Reza a história que um filósofo matemático passou mais de dez anos a tentar provar uma equação e depois outros vinte a tentar provar que a mesma equação estava errada. Morreu sem nunca a ter resolvido; toda a sua vida foi um pântano de ambiguidade.

A questão à volta do mistério do desaparecimento do meu pai é que *há* uma resposta. Aconteceu alguma coisa ao meu pai. O problema é que ele pode ser a única pessoa que sabe a resposta. É isso que faz dos casos de pessoas desaparecidas na vida real o derradeiro mistério, o mais amplo e o mais profundo: quando ouvimos dizer que alguém desapareceu, não só não sabemos o quem/como/porquê (à semelhança de outros crimes), como também não sabemos o que raio aconteceu. Não sabemos nada; todas as possibilidades estão em aberto. Quando descobrimos algo definitivo, seja o que for, torna-se um tipo de caso diferente — homicídio, suicídio, rapto, amnésia, fuga, perdido no bosque. Até lá, enquanto for um caso de pessoa desaparecida, não há corpo para examinar, abrir ou estudar. Não há assassinos e raptos para tentar apanhar e interrogar.

Julgo que é por isso que os mistérios sobre pessoas desaparecidas são tão populares na televisão, nos filmes, nos romances.[26] É o que leva estranhos ao parque à procura do meu pai, depois de clicarem no artigo «Habitante do sexo masculino desaparecido». O nosso cérebro está programado para querer uma solução, para querer uma resposta. Quanto maior e mais abrangente for o mistério, maior será a satisfação quando for resolvido (uma variação da teoria da linha de base reduzida do pai). As pessoas viram as páginas e juntam-se ao grupo de busca, para acelerar o processo de resolução do puzzle, para alterar a natureza da história.

Era esse o meu receio, que a história do meu pai fosse a história de uma pessoa desaparecida e que continuasse a sê-lo. Outra coisa que é divertida para alguns na ficção, mas horrível na vida real.

Porém, na perspetiva da Shannon, não era algo a temer, mas uma fonte de esperança: o caso do meu pai continuar a ser um caso de pessoa desaparecida — ou seja, um caso não resolvido, incapaz de se resolver — era o mais seguro para o Eugene, a menos que

conseguíssemos explicar as gravações condenatórias de uma forma que ilibasse o meu irmão.

Fez-se luz nessa noite. Nem sequer sei que horas eram, mas estávamos todos a fazer coisas diferentes — a minha mãe a examinar as apólices de seguro e as finanças do meu pai, o John a ver os vídeos de terapia da Anjeli, eu e o Vic a caminho de irmos buscar o carro dele ao parque e depois a tentar descobrir a palavra-passe dos ficheiros QF do meu pai, o que foi surpreendentemente fácil agora que sabia o que significava o Q (a palavra-passe de 8 letras era *quocient*, em inglês)[27] —, enquanto o Eugene via vídeos na televisão da sala de estar.

A dada altura, eu, o John e o Vic descemos as escadas para comer qualquer coisa e acabámos por ver televisão com o Eugene para nos distrairmos. Sentei-me ao lado do meu irmão mais novo no sofá. Tanto ele como eu parecíamos mais à vontade um com o outro. Ele deitou a cabeça no meu ombro, com o comando descomunal de seis botões na mão, e adormeceu. O John diminuiu as luzes e baixou o volume da televisão. Ficámos assim sentados durante algum tempo, a olhar em silêncio para aqueles super-heróis estranhamente hipnóticos.

Não me lembro de ter adormecido, mas sei que passei pelas brasas, porque a certa altura a televisão mudou para um *animé*. Olhei em volta e o Vic estava a dormir, estendido no outro sofá. O Eugene também estava deitado, com a cabeça no meu colo, a servir de almofada, e os pés no colo do John. Ambos ressonavam, com a síncope um pouco desfasada — os roncos altos do Eugene num compasso de 5/6, o ressonar mais suave do Vic em 4/6.

O John estava acordado. Totalmente desperto, sem qualquer vestígio de sono no rosto, e bebia água. Viu-me a mexer e esboçou um sorriso, um ligeiro sorriso que me pareceu triste.

— Gosto dele — sussurrou, apontando o queixo para o Vic.

— Eu também — respondi num sussurro —, exceto quando é irritante — o que não era verdade. Porventura, gostava ainda mais dele quando era irritante. O brilho do ecrã da televisão iluminava a lista da Shannon. — Espero que o pai tenha a oportunidade de o conhecer. É formado em Psicologia. Iam divertir-se imenso a conversar sobre felicidade reprimida ou afins.

— Então, vocês reataram?

Será que sim?

— Não sei. Ainda não falámos sobre isso. Não me parece ser a altura certa.

— Porque é que nunca nos disseste?

Tinha estado a pensar sobre isso. Sobre o Vic, o curso, tudo.

— A universidade parece um mundo muito diferente do nosso mundo aqui em casa, sabes? Quando estou lá, tudo o que se passa aqui parece-me muito distante, pouco relevante para aquele mundo, e quando estou aqui acontece o inverso. Não sei.

Ficámos a olhar para a televisão durante algum tempo. Quando o episódio acabou e começaram a passar os créditos, o John disse:

— Lembras-te da cena da bicicleta em Seul?

Tínhamos 11 ou 12 anos na altura. Tinha estado a picar o John sobre algo trivial, nem me lembro o quê, e o John ficou furioso e empurrou-me, sem muita força, e eu tropecei, o suficiente para que um pé saísse do passeio para a rua, para o caminho de uma bicicleta. O ciclista desviou-se a tempo, tocou-me de raspão, mas lançou um chorrilho de palavrões em coreano e a minha mãe ficou furiosa, dizendo que podia ter sido um carro ou um autocarro e que tinha sido uma sorte eu não ter morrido. Achei que ela estava a ser hiperbólica e não liguei, mas o John ficou traumatizado, pediu-me desculpa em lágrimas e fez as minhas tarefas durante um mês como autopunição.

— Quando o Vic mostrou aquele vídeo — disse o John —, foi nisso que pensei. Como as coisas podem acontecer tão depressa. Zangarmo-nos e passarmo-nos dos carros. Queremos magoar alguém, por uma fração de segundo, e nem sequer pensarmos nas consequências. E se não tivermos sorte... — Olhou para o Eugene e para a sua cara de adormecido. Um sorriso tão inocente, com as pestanas compridas a fazerem-lhe sombra nas faces inchadas. — É mau que eu pense... que talvez tenha sido aquilo que aconteceu?

Quis confessar que tinha tido o mesmo pensamento e, pior ainda, que estava sempre a ver imagens de um Eugene furioso a empurrar o pai de um penhasco, como um meme que se repete, mas não consegui dizê-lo. Engoli em seco e respondi:

— Não. Não acho que isso seja mau. Acho que é compreensível.

— Se pudesses escolher, como naqueles livros do pai em que

escolhes a tua própria aventura, o que dirias que aconteceu ao pai? Que esperanças terias?

O John sabe que detesto essas histórias. Além disso, fosse o que fosse, já tinha acontecido. Ceder a fantasias otimistas não só era uma perda de tempo, como também era perigoso, pois levava a um aumento subconsciente da nossa linha de base que nos poderia preparar para uma desilusão ainda mais traumática quando descobríssemos o que realmente tinha acontecido ao pai. Por outro lado, não seria um alívio substituir as imagens horríveis e desleais na minha cabeça por outras? Não seria um conto de fadas, mas também não seria o pior cenário possível — algo realista que, caso nunca encontrássemos a resposta, poderíamos dizer a nós próprios que talvez fosse a verdade, para nos consolar. O que seria?

— Talvez estivessem na cascata — disse, ao pensar no sítio preferido do pai e do Eugene.

— O miradouro. Foi o que eu pensei.

Imaginei a cena na minha mente. O que estariam eles a fazer?

— Talvez estivessem a almoçar — atirei, quando um relâmpago e um trovão quase simultâneos me sobressaltaram. Estranho, nem sequer havia chuva lá fora.

O Eugene remexeu-se, com as pálpebras a tremer, e eu afaguei-lhe o peito e sussurrei-lhe «shhhhh» ao ouvido para o acalmar, como a Harmonee me ensinou quando ele era bebé. O John pôs suavemente as mãos nas pernas do Eugene, fazendo pressão para que o peso o acalmasse. Ele voltou a respirar profundamente e eu acariciei-lhe o cabelo, sentindo o calor da respiração. Quando os meus dedos lhe roçaram a testa, senti um ligeiro choque de eletricidade estática. As pernas do Eugene contorceram-se e o John sentiu o mesmo, ajeitando-se no sofá.

O choque, o adiantado da hora, a escuridão, os relâmpagos e trovões ocasionais, a algaraviada de japonês na televisão — tudo isso contribuía para um ambiente sinistro. Mais tarde, haveria de encarar aquilo com desconfiança, assombro e tudo o que havia de permeio, consoante o dia, mas naquele momento parecia quase mágico — as mãos do John e as minhas a tocarem no Eugene, nós os três ligados pele com pele, juntos numa só unidade. E talvez fosse o som da chuva que começava a cair, mas as imagens formaram-se na minha mente —

o véu enevoadado da cascata, o pai e o Eugene na mesa de piquenique do miradouro, cardeais-do-norte vermelhos empoleirados nos ramos das árvores ali perto.

Eu e o John fixámos os nossos olhares e deixámos a narrativa correr ao ritmo do nosso velho jogo de lógica; as palavras num sussurro, mais ténues do que o som que saía da televisão:

- Estão a almoçar na mesa de piquenique. O pai aponta para uma árvore. Olha!
- Levantam-se e vão ver. Os pássaros voam para longe.
- O Eugene bate palmas e saltita. Ri-se.
- Fazem um jogo. O Eugene ganha. Festejam. Dá cá mais cinco.
- O pai volta para a mesa de piquenique. É altura de arrumar a trouxa, Eugene! Mas espera, há gente a mexer na mochila do pai. Rapazes adolescentes.
- O pai grita: «Não mexam nisso, saiam daí.» Começa a persegui-los.
- Os rapazes tiram a carteira e atiram a mochila — com demasiada força, falha o pai e vai cair no penhasco...
- O Eugene tenta apanhá-la e o pai grita-lhe para não o fazer, mas ele continua a tentar, está de costas para o penhasco e recua, aproximando-se da extremidade...
- Os pés estão na extremidade, a meio caminho, e ele está a perder o equilíbrio e a cair para trás, vai cair...
- O pai agarra-o, segura-o pelo braço, mas o Eugene está a passar-se...
- O pai grita-lhe que se acalme, que pare de lutar com ele, que pare de o empurrar, que fique quieto, e está desesperado, em pânico, a gritar por socorro, a gritar...
- E depois...
- E depois...

Não precisámos de dizer o resto. Era fácil deduzir com base em tudo o que veio antes e depois, fácil de ver — em nós próprios, um no outro. Os dedos do pai a agarrarem com força o braço do Eugene, ele a puxar, a puxar, o cascalho a fazer deslizar-lhe os pés para cada vez mais perto da extremidade instável, e depois o esforço final, um último ato de coragem para salvar o filho. Uma tentativa de troca

equilibrada, um corpo por um corpo: um puxão mais violento que atira o Eugene para terreno mais seguro; mas a força necessária para o esforço faz deslizar os pés do pai para lá da extremidade do penhasco, os dois corpos cruzam-se no ar para trocar de lugar, o terror da queda superado, ultrapassado pela certeza reconfortante que o ampara: o Eugene está a salvo. Ele vai viver.

Lágrimas quentes enchem-me os olhos e eu fecho-os, dominada pelo alívio que me proporcionam estas novas imagens. O alívio pelo facto de aquilo que vi ter ilibado o Eugene e dado sentido à morte do pai, restaurando-o aos nossos olhos como o pai extremo e sacrificado que sempre foi.

— Tenho estado a pensar em algo semelhante — sussurrou o Vic, despertando-me do mundo nebuloso da minha mente. Quando é que ele acordou? Fiquei nervosa por não ter reparado quando ele parou de rressonar, e olhei para o Eugene. Não, ainda estava a dormir, ainda rressonava, mas de forma mais acelerada e audível do que antes. — O Eugene estava em perigo — prosseguiu o Vic — e o vosso pai caiu para tentar salvá-lo. Isso explica tudo o que ele gritou, e o facto de os rapazes terem roubado a carteira explica porque não estava no rio juntamente com a mochila. É perfeito — e cumpre todos os requisitos da Shannon.

Não me tinha ocorrido, até ele o ter dito, que aquela era a história que a nossa advogada nos tinha pedido: uma história que incorporasse as provas existentes e ilibasse o Eugene. Será que os nossos cérebros estiveram a trabalhar em segundo plano enquanto víamos televisão, adormecíamos, sonhávamos, e num momento particularmente vulnerável de fadiga máxima, sobressaltados pela eletricidade estática, começámos a fazer o velho jogo de fusão das mentes dos gémeos para encontrar a nossa melhor resposta conjunta?

Fazia todo o sentido. Na altura, fiquei grata ao Vic por nos ter lembrado da nossa tarefa, pela confirmação de que tínhamos encontrado a solução. Mas de uma coisa tenho a certeza agora, tendo em conta as dúvidas que suscitou e tudo aquilo que veio a seguir — gostava que o Vic não tivesse dito nada, gostava que tivesse ficado a dormir. Acima de tudo, gostava que eu e o John não tivéssemos descrito em voz alta aquela cena bela e terrível que se desenrolava nas nossas mentes, em busca de confirmação, com palavras faladas, numa

- [25] Algumas pessoas pensam que os sonhos não são mais do que imagens aleatórias geradas pelos nossos cérebros, mas a nossa necessidade de causalidade e narrativa é tão forte que as sobrepomos com histórias que fazem sentido no momento, mas que, passado algum tempo, se desvanecem, deixando-nos apenas com as imagens e com a percepção de que a nossa história sobreposta não fazia sentido. Esta teoria também explica porque é que as pessoas veem o rosto de Jesus nas árvores e formas de animais nas nuvens.
- [26] São tantos. Li/vi muitos deles este verão, suponho que na esperança de obter informações, uma nova via de investigação em que não tivéssemos pensado. Com base nas minhas análises quanto ao género, a maioria das pessoas desaparecidas são raparigas/mulheres (87,9%), sendo que as histórias de homens desaparecidos estão todas relacionadas com espionagem ou máfia. (Além disso, só li uma história de pessoa desaparecida que continuou a ser uma história de pessoa desaparecida, ou seja, que ficou por resolver: *In the Lake of the Woods*, de Tim O'Brien, que a minha mãe e o meu pai adoravam porque, entre outras razões, estavam ambos a lê-lo quando se conheceram e tiveram um debate aceso sobre o livro no primeiro encontro.)
- [27] Sabem quando tentam abrir um frasco que está preso durante um minuto e aparece alguém que o abre num abrir e fechar de olhos? Há uma resposta lógica para isso: nós afrouxámos a tampa e, entretanto, as nossas mãos ficaram com câibras e suadas, e outra pessoa com mãos menos suadas e cansadas chega e experimenta um ângulo ligeiramente diferente. Mãos novas, dedos novos, abordagem nova. (Nota: Talvez tenha inventado isto tudo. Sei que já li qualquer coisa sobre o assunto, mas não consegui encontrar nenhuma prova que apoiasse esta teoria, nem mesmo no Reddit. Mas parece verdade, não parece?) Seja como for, foi isso que aconteceu com a palavra-passe. Depois de mostrar ao Vic (juro que não estou a exagerar) as 467 variações e combinações de dias de anos da nossa família, de aniversários, iniciais, etc. que tinha

experimentado, e de lhe explicar que nenhuma tinha resultado, ele perguntou: «Experimentaste variações de quociente de felicidade?»»

Gritos Sussurrados

Quando o Eugene nasceu, antes de os nossos pais o trazerem do hospital para casa, a Harmonee obrigou-nos a praticar sermos o mais silenciosos possível. «Um recém-nascido precisa de dormir sem interrupções e assusta-se facilmente», disse ela, por isso tínhamos de andar na ponta dos pés e sussurrar, sem fazermos movimentos bruscos. «E se alguma coisa assustadora nos fizer gritar?», quis eu saber. «Ou se uma piada engraçada nos fizer rir alto?»

Foi então que ela nos ensinou a praticar os gritos e as gargalhadas sussurradas, algo que ela e os irmãos dominaram durante a Guerra da Coreia. (Mas só os gritos, esclareceu; não se lembrava de ter tido de lidar com ataques incontroláveis de riso.) A família dela dormia no mesmo quarto — «quando estamos a ser atacados», esclareceu, «não queremos estar sozinhos; ansiamos pela proximidade com os entes queridos, pelo consolo de enfrentar o terror e a morte juntos» — e, antes de se deitarem, todas as noites praticavam gritos sussurrados para conseguirem preservar o silêncio, fosse em que circunstâncias fosse. Ela fazia uma primeira vez e nós imitávamos: uma inspiração profunda, olhos e boca bem abertos, depois um grito agudo, mas quase inaudível «AHHHH». Não tínhamos muito jeito — desatávamos sempre a rir — até que a Harmonee decidiu fazer disso um concurso. O prémio era o nosso *ramen* preferido, aquele baratucho, com monoglutamato de sódio, que a mãe nos proibia de comer.

O facto de termos adormecido na mesma divisão deve ter despoletado esta memória, porque sonhei com isso. A Harmonee a

dizer a um Eugene de tenra idade que podia ganhar-nos, a mim e ao John, se ficasse sempre calado. E logo a seguir, o Eugene atual a acordar na cama — uma inspiração profunda, a boca aberta para soltar um grito, jubiloso e totalmente silencioso; a fechar a boca e a dizer, com uma voz de adolescente pouco comum: «Ganhei! Quem vai fazer o meu *ramen*?» Uma Harmonee quase incorpórea a materializar-se, como vemos no *Star Trek*, e a dizer-lhe que estava orgulhosa do seu domínio imbatível do jogo, quando um telemóvel tocou e me acordou.

Chovia torrencialmente, uma chuva pesada que batia na janela com tanta força que fiquei espantada por ter conseguido dormir com o barulho. A cabeça do Eugene ainda estava sobre a minha coxa direita dormente, mas os seus olhos estavam abertos e fixavam a janela. Reparou que estava acordada, levantou a cabeça, sentou-se e sorriu para mim. Pela primeira vez desde que me lembro, não houve vocalizações agudas, nem saltos ao acordar. Isso fez-me pensar novamente na desconexão entre o nosso verdadeiro eu e a forma como os outros nos veem. Sempre parti do princípio de que o seu lamento matinal se devia à alegria de acordar para um novo dia, que era um alarme para que todos acordássemos e nos juntássemos a ele. Não me tinha ocorrido que pudesse ser um grito de frustração — o grito de quem trocava o mundo dos sonhos, onde aquilo que ele era por dentro e por fora coincidiam, pelo mundo cruel onde ele era apenas um *bah-bo*.

— Já acordaram — disse a minha mãe, ao sair da cozinha, quando o John e o Vic despertaram. — A Shannon ligou. A inspetora Janus está a pedir para falar connosco. Vamos fazer uma videochamada por Zoom com as duas dentro de quinze minutos. A Shannon acha que a polícia pode ter obtido a gravação.

Falar ou não falar à inspetora Janus da gravação da ornitóloga era uma questão que tínhamos dissecado com a Shannon na noite anterior. Por um lado, o facto de a polícia a ver não ajudaria nas buscas pelo meu pai, uma vez que a área captada pelo vídeo já tinha sido varrida muitas vezes, mas, por outro lado, no que diz respeito a fornecer munições contra o Eugene, era potencialmente catastrófico. Tínhamos de guardar o vídeo a sete chaves e esperar que a polícia nunca o apanhasse. Bem sabíamos que era uma esperança frágil. A ornitóloga disse que não tinha tempo para dar seguimento à coisa,

mas podia facilmente ter mudado de ideias — afinal de contas, o que era um pequeno incômodo, quando comparado com a recompensa de mil dólares (que, claro, a minha família estava a oferecer)? — ou a polícia podia ter obtido o mesmo *clip* de outras pessoas que também estavam no parque na mesma altura, talvez até mais perto e com imagens mais reveladoras. Mas não há mal nenhum em ter esperança, argumentaram a Shannon e a minha mãe, e por isso decidimos não fazer nada.

Gostava de ter dito algo sobre os perigos do otimismo injustificado; talvez isso nos tivesse salvado das consequências do que viria a revelar-se um erro tático.

A cara da Shannon preencheu as 60 polegadas da nossa televisão de alta-definição, e o meu coração ficou em sobressalto. Tinha parecido uma boa ideia usar o nosso maior ecrã — o meu pai tinha-o usado ocasionalmente em terapias virtuais do Eugene, para recriar a experiência de ter a terapeuta na sala —, mas ver a cara da nossa advogada cinco vezes maior do que o tamanho real era demasiado para aguentar logo de manhã. Acho que vou ter sempre esta reação visceral a ela, a qualquer advogado, na verdade. Só precisamos de advogados quando estamos em apuros, por isso deles só queremos distância.

— A inspetora Janus vai juntar-se a nós dentro de alguns minutos — disse a Shannon. — Não sei do que se trata. Em circunstâncias normais, não permitiria que ela falasse convosco sem me avisar primeiro, mas ela disse que não havia tempo a perder, e, dada a urgência da busca pelo Adam, concordei. Mas isto não me agrada. Ela deve saber que não vou gostar do que quer que tenha para dizer, por isso quer dizê-lo diretamente e avaliar as vossas emoções. Por isso, quero que estejam atentos. Não digam nem se comprometam com nada a não ser que eu diga que não há problema. Em qualquer altura, se não me agradar a forma como as coisas estão a correr, dou a videochamada por terminada. — Fez uma pausa para que a minha mãe concordasse e depois continuou. — Vic, lamento ter de fazer isto, mas preciso que não apareças. Isto pode ter que ver com o vídeo que mostraste ontem, e eu preferia que eles não soubessem que o temos.

Eu sabia o que ela estava a pensar: a ornitóloga podia ter contado à polícia sobre o negro grandalhão que fez uma cópia e, se a Janus visse o Vic, podia juntar dois mais dois.

— Não, claro — disse o Vic, e saiu, enquanto murmurava qualquer coisa sobre precisar de café.

Senti-me mal. Não pude deixar de pensar que, se ele fosse um tipo branco indistinto, será que a Shannon lhe teria pedido para sair? Ter-lhe-ia ocorrido que ele se destacaria, que suscitaria algum alerta subconsciente na mente da inspetora Janus? Fui a correr atrás dele.

— Ei, desculpa — disse-lhe.

— Não faz mal. A sério — sossegou-me, enquanto me servia uma chávena de café.

Quando voltei para a sala, a inspetora Janus estava a aparecer no ecrã. Tinha um aspeto horrível. O olho direito inchado, meio fechado, a face manchada de verde e roxo. Perguntei-me se ela estaria a usar algum filtro para realçar as nódoas negras e as sombras, se a sua câmara de vídeo teria alguma sobreposição estranha de coloração ou um efeito de espelho de casa de diversões que a fizesse parecer hedionda, tudo para ter a compaixão do juiz. Lembrei-me de perguntar isso à Shannon mais tarde.

— Bom dia — disse a inspetora Janus — e obrigada, Dra. Park, por ter enviado os resultados dos testes covid. É um alívio para mim, sobretudo tendo em conta que ontem estive sem máscara durante algum tempo ao pé do Eugene e de todos vocês.

— Sim, estamos todos aliviados com isso — disse a Shannon —, mas não nos esqueçamos que, apesar de o teste ter dado negativo, o Eugene ainda está em quarentena. Apresentei uma moção para adiar a audiência.

— Isso não será necessário. O tribunal de menores permite audiências virtuais.

— Torna-se muito difícil representar o meu constituinte quando nem sequer posso estar ao lado dele. Se acrescentarmos o facto de não poder comunicar com ele, isso quase constitui uma violação dos seus direitos fundamentais, como o direito a um advogado, que me parece que consta na Constituição.

— Bem, tenho a certeza de que amanhã vai apresentar os seus argumentos ao juiz.

— Sim, pode ter a certeza que sim.

Foi um pouco estranho assistir àquilo, que, ao vivo, poderia ser considerado uma partida de vólei verbal, mas que, via Zoom, com as duas a olharem diretamente para a frente, lado a lado, parecia surreal. Encenado. Nenhuma das duas pestanejava, mas em vez de parecer um concurso para ver quem desviava o olhar primeiro, um jogo de poder, perguntei-me se os ecrãs delas não teriam paralisado.

— Alguma novidade sobre a busca? — perguntou a minha mãe.

— Lamento, mas ainda não temos nada — respondeu a inspetora Janus. — Porém, continuamos a trabalhar, mesmo com este tempo. Tivemos um contributo maciço na linha direta e no e-mail, com algumas pistas promissoras que estamos a seguir.

Dei graças pela minha chávena de café, um adereço que podia levar aos lábios e soprar, bebericar, estremecer com o líquido quente — tudo coisas que podia usar para esconder o meu nervosismo. A Shannon também estava a beber café, com os olhos a espreitar por cima, e podia jurar que ela estava a olhar diretamente para mim, como quem diz «prepara-te, a Janus vai mostrar o vídeo com o grito “Eugene, nãããããããão”». Gostava de poder perguntar à Shannon como devíamos reagir. Com surpresa? Choro?

— A maior pista que temos — disse a inspetora Janus, e eu engoli, sentindo o líquido quente a queimar-me a língua. Aqui vamos nós. Prepara-te. —, creio que é do vosso conhecimento, pelo que a mulher com quem falámos nos disse — acrescentou ela, e eu pensei que era óbvio que já tinham juntado as pontas. — Encontrámos a Anjeli Rapari.

Engasguei-me com o café, tossi com tanta força que o cuspi para a mão, mas ninguém reagiu.

— Já sabemos — confirmou a Shannon, num tom calmo e neutro, como se aquilo fosse exatamente o que ela estava à espera. — Falou com a noiva dela ontem à noite e disse-lhe para não falar connosco.

— Não lhe disse nada disso — contrapôs a inspetora Janus, e a Shannon revirou os olhos de forma requintada, habilidosa. — Ouça, o que interessa verdadeiramente, e o motivo de ter pedido esta videochamada, é que a Anjeli Rapari está bem. Já saiu do confinamento e consegui entrevistá-la esta manhã por telefone.

— E o que disse ela?

— Ela não tem informações sobre o paradeiro do Sr. Parson, mas aceitou ajudar-nos a entrevistar o Eugene com recurso a um quadro de letras. Mas a logística é complicada. — A inspetora explicou que, mesmo com as circunstâncias exigentes, o hospital não permitiria visitas, e muito menos de alguém em quarentena devido à exposição à covid (tive de abanar a cabeça com a ironia, dado que a própria Anjeli era o contacto próximo), além de que o Eugene estava em prisão domiciliária. — A minha equipa está a preparar tudo para uma sessão virtual com todos e a obter todas as autorizações hospitalares, equipamento e materiais de que a Sra. Rapari precisa. Ela disse que nunca experimentou o seu método virtualmente e que pode não resultar, mas está disposta a...

— Não — cortou a Shannon. — Não vou permitir que o meu constituinte seja interrogado, e é exatamente isso que está a propor. Um interrogatório policial, usando a Anjeli Rapari como intérprete.

— O Eugene tem informações importantes para a busca do pai desaparecido. Estou apenas a dar seguimento à entrevista de ontem...

— Uma entrevista que eu nunca teria permitido se estivesse presente.

— Shannon, seja razoável — disse a inspetora Janus, na primeira vez em que a ouvi usar o primeiro nome dela. — Hannah, fale com a sua advogada. Precisamos disto para encontrar o seu marido. Têm de definir bem as vossas prioridades.

— Shannon, eu... — começou a minha mãe, e tenho a certeza de que ia dizer que concordava com a inspetora Janus, que devíamos fazer uma videochamada por Zoom com a Anjeli, mas a Shannon cortou-lhe a palavra.

— Concordo — disse. — Concordo que todos precisamos de definir as nossas prioridades e fazer com que o Eugene comunique o mais depressa possível, sem truques, concentrando-nos apenas nas vidas que estão em jogo. Encontrar o Adam Parson e proteger o Eugene Parkson são as prioridades. Vamos fazer o seguinte. A Anjeli vai tentar comunicar com o Eugene virtualmente. Tendo em conta a logística, já para não falar do assunto, vai ser extremamente difícil para o Eugene. Para conseguirmos que isto resulte, temos de deixar o Eugene à vontade, e tenho a certeza de que todos concordamos que ter uma inspetora presente, a mesma que o deteve e algemou durante

horas ontem, não vai facilitar as coisas para ele. Por isso, seremos só nós e a família, as pessoas que o Eugene *sabe* que estão do seu lado e com quem se sente confortável. Vou gravar e partilhar imediatamente tudo o que for pertinente para a busca do Adam. Tudo o resto pode ser discutido mais tarde.

— Podia intimá-lo e forçar esta situação — disse a inspetora Janus.

— E eu podia instruir o meu constituinte a não mexer um dedo, com base no seu direito constitucional de não se incriminar. Ou podia contactar diretamente a Anjeli Rapari e os seus médicos, explicar a situação, pedir a sua ajuda como terapeuta que se preocupa com o Eugene, e não me dar ao trabalho de gravar. Sabe bem que estou no meu direito de fazer isso. Então, porque não nos deixamos de tretas? Já tem a permissão de toda a gente. Ajude-me a ajudá-la a fazer o seu trabalho e a encontrar o Adam. Ajude-me a marcar esta entrevista o mais depressa possível.

A inspetora Janus esboçou um sorriso forçado, de lábios fechados, daqueles que fazemos quando tentamos esconder o desagrado.

— Pois bem. Está marcada para as nove da manhã — disse, antes de sair do Zoom.

Despachámos o pequeno-almoço em silêncio. Estávamos muito calados — não só naquela manhã, mas desde que saímos de casa da Anjeli no dia anterior, sem mais conversas além da troca de informações. Acho que era por causa do constrangimento de falar à frente do Eugene. Antes de vermos os vídeos da Anjeli, agíamos como se ele não estivesse presente. Mas depois de ouvirmos a Anjeli dizer que ele sempre prestara atenção, era impossível voltarmos a agir como dantes.

Parece um disparate dizer que lavar os dentes me fez pensar no meu pai, porque estávamos sempre a pensar nele — marcantes eram os raros momentos em que *não* pensávamos no meu pai —, mas aquilo foi diferente. Pensei *nele*, e não na sua ausência. Durante quanto tempo é que me sentirei assim?, ponderei. Quando tiver 90 anos, será que vou acabar o pequeno-almoço, entrar na casa de banho, pegar na minha escova de dentes e pensar: *Partida, largada... LAVAR?* Porque suponho que esta associação Escova de dentes → Pai vá perdurar. Será

que o facto de me lembrar e de me perguntar durante quanto tempo vou continuar a lembrar-me vai acabar por se tornar uma parte consciente da minha rotina de lavagem dos dentes e, mesmo que tenha demência e já não me consiga lembrar do meu pai, vou continuar a sentir uma vibração melancólica e passarei a hora seguinte a tentar lembrar-me porque é que pegar numa escova de dentes me causa um aperto no coração?

Estava mais uma vez a empatar. O facto é que estava assustada. A ansiedade acumulada à medida que esperávamos, antecipávamos, imaginávamos o que iria acontecer no nosso primeiro encontro com a Anjeli. A maioria das famílias nunca passa por este nível de tensão, mesmo aquelas que passam por algo tão traumático como o desaparecimento de um pai. Sem a falha de comunicação, teríamos perguntado logo ao Eugene o que tinha acontecido ao pai e teríamos obtido uma resposta qualquer. Um ponto de partida, uma base de referência. Não obtivemos nada. Já referi que uma verdadeira história de desaparecimento — e não uma história de homicídio/sequestro disfarçada — constitui o maior dos mistérios, porque a única pessoa que sabe o que aconteceu é a pessoa desaparecida. Mas, naquele momento, percebemos que tínhamos vivido com outro mistério toda a nossa vida: a única pessoa que sabe o que está a pensar uma pessoa não falante e que não consegue comunicar é a própria pessoa.

Foi por isso que no dia anterior demorámos horas a ganhar coragem para tentar comunicar com o Eugene. A nossa primeira oportunidade de romper a parede de mistério de toda uma vida já era suficientemente intimidante, mas havia também uma segunda parede — dois mistérios que estávamos a tentar resolver: 1) O que aconteceu ao pai? e 2) O que estava o Eugene a pensar? Só me ocorreu muito mais tarde — quando a polícia nos acusou, a nós e ao Eugene, de fabricar provas — que essas perguntas tinham duas respostas distintas, que poderia haver uma desconexão entre elas.

A Ligar... A Ligar...

Há um episódio de *A Quinta Dimensão*, «Finalmente Tempo Suficiente», sobre um amante de livros desesperado por ter mais tempo para não fazer mais nada senão ler. Ele consegue o seu desejo; é o único sobrevivente de um holocausto nuclear global e acaba numa biblioteca com livros intactos que lhe dão para uma vida inteira. Está a folheá-los com entusiasmo quando os seus óculos caem e se partem, impossibilitando-o de ler.

O meu pai *adorou* aquela história, achou-a profundamente irónica e trágica, mas eu não percebi — porque é que ele não foi às ruínas de um oculista procurar cacos de outros óculos? Ou não procurou livros com letras grandes? Em todo o caso, o mais certo era morrer em breve devido a envenenamento por radiação e falta de água potável. Claro que agora percebo que isso encaixa na sua teoria sobre os perigos de aumentar a linha de base demasiado depressa.

Pensei nessa história ao ver o Eugene à espera de que a Anjeli aparecesse no ecrã — literalmente na beira da cadeira, sentado sobre as mãos, a olhar fixamente para a televisão. Aquele era o seu vaso comunicante com o mundo, a única pessoa com quem e através de quem podia exprimir os pensamentos que estavam presos na sua mente. O medo que ele não deve ter sentido de perder esse direito depois de o encontrar, o desejo de toda a vida concedido e depois roubado. Estaria de volta? Será que aquela nova configuração resultaria?

Surgiu uma notificação — «Anjeli R a ligar... a ligar...» — e o

Eugene começou a saltitar. A minha mãe aproximou-se e abraçou-o, um abraço longo e apertado que mais parecia um adeus, daqueles sem palavras que me deu quando me deixou na universidade pela primeira vez. Quando a Anjeli apareceu no ecrã, sentada na sua cama de hospital, o Eugene correu para a televisão e colocou a palma da mão no ecrã. A Anjeli estendeu a mão também, fechando os olhos como se pudesse sentir o calor da mão dele. Estava suficientemente perto da câmara para lhe vermos as lágrimas nos cantos dos olhos.

— Eugene, sinto muito — disse. — Custa-me a acreditar no que aconteceu. Nem imagino aquilo por que estás a passar. E Hannah, Mia, John, há tanto tempo que queria conhecer-vos. Shannon, muito obrigada por tornar isto possível. — A minha mãe agradeceu o seu esforço, tendo em conta que estava tão doente. — Estou ótima — assegurou-nos. — Foi só uma precaução por causa da asma. Fiz tratamento com nebulizador e sinto-me muito melhor agora. Só gostava de ter sabido mais cedo. Gostava de poder estar aí. Eugene, sei que nunca tentámos soletrar pelo Zoom, mas espero que o suporte ajude.

O Eugene afastou-se da televisão e sentou-se numa cadeira que tínhamos colocado no meio da sala. À sua frente estava uma coisa que a Shannon tinha ido buscar a casa da Anjeli a caminho da nossa: um suporte com um quadro de letras em estêncil de grandes dimensões preso no topo.

— O Adam construiu-o a partir do antigo suporte de pautas da Mia, acho eu — explicou a Anjeli. — Foi ele que teve a ideia de o utilizar para segurar o quadro da mesma forma que eu, mesmo quando estava presente, para dar mais independência ao Eugene. É uma competência avançada que requer muita autorregulação, algo que a maioria dos alunos não consegue fazer sem muito mais prática, mas concordei em experimentar porque o Eugene tinha competências sólidas e achei que podia estar pronto para este próximo passo.

Instruiu a minha mãe a fazer ajustes, de modo que o estêncil ficasse pendurado numa posição inclinada, mesmo abaixo do nível dos olhos, como tínhamos visto no vídeo. A minha mãe entregou um lápis ao Eugene e juntou-se a nós, que estávamos mais afastados, conforme a Anjeli nos pediu, para evitar distrair o meu irmão.

— Eugene, sei que deves estar preocupado, chateado e frustrado

— começou a Anjeli —, mas preciso que ponhas isso de lado o mais que puderes e que sejas aberto comigo. Já expliquei a todos os presentes que é importante que nos contes a tua história à tua maneira, ao teu ritmo. Por isso, descontraí, não tenhas pressa. Sem pressões, está bem? Mas primeiro preciso da tua autorização. Não te importas de comunicar desta forma, na presença da tua advogada e da tua família?

O Eugene levantou o lápis num movimento de esfaqueamento e, lentamente, tão lentamente como no vídeo da primeira sessão com a Anjeli, aproximou-o do quadro. A ponta do lápis parecia estar a dirigir-se para o T, à direita do S, e ele parou, agarrando no lápis com mais força, enquanto o braço tremia.

— Eu sei que é estranho, a tua perceção de profundidade não é a mesma com o ecrã à frente, e eu não estou aí para reposicionar o quadro se moveres o teu corpo, mas tu consegues. Lembra-te de visualizar a ponta a atravessar a letra que queres. Vê, e depois faz.

O Eugene moveu o braço, redireccionando a ponta do lápis para a esquerda em direção ao S, aproximou-o do quadro, um pouco mais para a esquerda e depois mais perto. Fazia-me lembrar o jogo Operação, em que se usa uma pinça para apanhar um pequeno osso de plástico dentro de um orifício sem tocar nas extremidades. O lápis não atravessou o S, aterrando antes no espaço da curva.

— Acho que chega assim. É espantoso que tenhas conseguido à primeira tentativa. A primeira é sempre a mais difícil, não é? Muito bem, vamos respirar fundo e descansar um pouco. Antes de continuarmos, tenho uma confissão a fazer. Tem que ver com a zanga que tiveste com o teu pai no sábado. Apontei o que soletraste, como sempre faço, e a minha nota... — A Anjeli mordeu o lábio e franziu a testa como se lhe custasse dizer aquilo. — Desculpa, Eugene, nunca foi minha intenção violar a tua confiança, nem sequer enviei o vídeo ou mostrei a nota ao teu pai, mas a minha companheira, a Zoe, que já conheceste... Bem, ela viu a nota quando estava a recolher as minhas coisas para o hospital e, ontem à noite, quando a polícia me localizou e antes que eu pudesse falar com eles, os agentes falaram com ela, e... — Cerrou os dentes e o seu olhar de culpa transformou-se num olhar de raiva. — Ela mostrou-lhes a nota.

— Que nota? — disse a Shannon, endireitando-se na cadeira. — O

que estava lá escrito? Se a polícia a tem, preciso de saber o que tenho pela frente.

— Eugene — disse a Anjeli. — É importante que a tua família e a tua advogada percebam o que aconteceu. Posso contar-lhes e mostrar-lhes a nota?

O Eugene virou-se para olhar para a mãe e, perante o seu sorriso e aceno de cabeça, voltou a atenção para o ecrã. Com um movimento lento e cuidadoso, o braço ainda a tremer, aproximou a ponta do lápis da margem do S.

— Obrigada, Eugene — disse a Anjeli, e desviou o olhar para nós. — Começo por contextualizar: o Adam falou-me desde o início da vossa primeira experiência a soletrar e de como isso o deixou cético, a ele e a todos vocês. Lamento imenso que tenham passado por isso. Já ouvi falar dela; não sei muito sobre terapia de escrita com suporte físico, mas ouvi dizer que ela não tinha formação adequada e que, basicamente, começou a agir à margem das normas, o que prestou um mau serviço a essa área na nossa profissão. Em todo o caso, o Adam disse que não queria que a família voltasse a passar por uma experiência daquelas e que criasse falsas esperanças, por isso decidi que só falaria da nossa terapia quando tivesse provas definitivas.

— Mas o Eugene está a soletrar palavras sozinho — lembrou o John. — De que mais provas é que o pai precisava?

— Não é só o teu pai. Há muito ceticismo por aí. As pessoas dizem que só posso estar a fazer sinais com os olhos, talvez de forma subconsciente, ou a mover subtilmente o quadro como um sinal. — A Anjeli resfolegou e abanou a cabeça, claramente zangada. — É ridículo, como se estes miúdos que, supostamente, têm deficiências cognitivas, segundo essas mesmas pessoas, conseguissem de alguma forma ver e descobrir sinais secretos quase invisíveis para conseguirem soletrar na perfeição respostas longas.

» Não estou a dizer que o Adam me acusou de algo assim, mas ele queria esperar para vos contar só quando o Eugene conseguisse soletrar com ele diretamente. Dei-lhes trabalhos de casa e eles esforçaram-se muito, mas não estava a resultar. Por isso, tentámos fazer um teste de prova, por exemplo, o Adam mostrar-lhe algo que eu não visse e fazer perguntas...

— Foi o que ele fez com a primeira terapeuta. Preparou um teste

— disse a minha mãe.

— Eu soube. Bem, tentámos várias vezes. Nunca resultou. O Eugene paralisava. Tentei isto com outros miúdos e, por vezes, funcionava, mas a maior parte das vezes não. Perguntei-lhes e eles também não sabem porque é que não conseguem responder. Claro que não sabem porque é que o corpo não reage ao que querem fazer; é por isso que não conseguem falar. Na minha opinião, é a ansiedade de estarem a ser testados. A ansiedade é muito prevalente nas comunidades de autismo e de Angelman, e os testes despoletam o trauma antigo de não acreditarem neles próprios, o que agrava a disfunção motora. Porque, quando as coisas surgem organicamente durante as nossas sessões regulares, o Eugene está sempre a dizer-me coisas que eu não sei, coisas que nem sequer o Adam sabe.

Houve algo que fez clique naquele momento. O Eugene falou do meu esconderijo de doces no estojo do violino à TF, algo que a mãe não lhe podia ter contado porque ela própria não sabia.[28]

O Eugene abanou o suporte do quadro de letras e a Anjeli disse:

— Pois, foi nessa altura que começámos a treinar com o suporte. Começámos na semana passada e resultou, por isso decidimos que era altura de vos contar, no Dia do Pai. Íamos passar o sábado a planear uma forma divertida de vos mostrar, e o Eugene ficou muito entusiasmado, mas no sábado o Adam disse que tínhamos de esperar. Ao que parece, um professor utilizou um dispositivo de rastreio ocular para provar que as crianças autistas não falantes que utilizam os quadros de letras estão a escolher elas próprias as letras.

— Foi esse o estudo de que falei ao pai — disse o John. — Ele rejeitou-o liminarmente.

— Aparentemente, não — concluiu a Anjeli. — Ele leu o estudo e ficou muito impressionado, e queria perguntar ao professor se seria possível usar o dispositivo de rastreio ocular com o Eugene, para provar de uma vez por todas que é realmente o próprio Eugene que está a comunicar. O Adam disse que estava à espera de uma resposta dele para tentar marcar o encontro. Achou que valia a pena esperar porque era uma prova científica e, depois disso, não haveria dúvidas. — Fez uma pausa, pegou numa folha de papel que estava na mesinha de cabeceira e desdobrou-a. — Têm de compreender o contexto. O Eugene andava muito entusiasmado, a antecipar e a planear, e depois

viu-se a braços com uma mudança abrupta de planos. O Adam não nos consultou sobre isso. O Eugene foi apanhado de surpresa e ficou muito desiludido. De qualquer forma, tinha tido um mau dia. Disse que estava frustrado porque o puseram a fazer coisas do jardim de infância na Henry's House durante todo o dia, cores e abecedário, apontar para imagens de brinquedos com que queria brincar, e que estava ansioso para mostrar o que conseguia fazer. Mas depois o Adam anunciou o adiamento, recebeu uma chamada e teve de sair sem sequer discutir o assunto. Pareceu cruel. O Eugene ficou furioso. Foi quando ele disse isto. Um fluxo ininterrupto de letras. Mostrou-nos o papel:

Diz-me apenas como te sentes.

ODEIO PAI ESTA A DAR CABO DA MINHA VIDA ODEIO TANTO PRECISO DE FUGIR QUERO QUE ELE

Demorei alguns segundos a separar este bloco de letras em palavras: Odeio o pai / está a dar cabo da minha vida / odeio-o tanto / preciso de fugir / quero que ele desapareça da minha vida para sempre / morre.

Disse a mim própria que aquilo não era nada, que devia rir-me e dizer: «Oh, vá lá, é com isto que estamos preocupados? Sejam realistas, que jovem de 14 anos não sentiu já ódio e raiva dos pais?» Eu tinha sentido, e tinha dito em voz alta muitas frases ofensivas de que mais tarde me arrependi, sobre desejar nunca ter nascido, mal poder *esperar* para sair de casa e nunca mais os ver, e uma vez até disse — a uma amiga, não diretamente aos meus pais, mas mesmo assim — que a minha mãe era uma p _ _ _ (odeio esta palavra e lembro-me de me sentir muito reles, mas secretamente também uma durona, por dizê-la em voz alta, sentindo os sons fortes do P e do U a encherem-me a boca) e que ficaria feliz da vida se ela morresse. Mas a vantagem das coisas ditas da boca para fora em momentos de irritação é que são transitórias, não são registadas e codificadas para leitura futura. Pensem em quantas coisas já disseram que felizmente desapareceram da memória e que acabaram por se dissipar com o tempo. Mas o Eugene não tinha essa liberdade; como tinha de soletrar tudo, as suas palavras — por mais embaraçosas, estúpidas ou sem sentido que fossem — ficavam registadas no papel, e podiam ser passadas de mão em mão e escrutinadas. Uma consequência muito injusta.

Além disso, o Eugene não era um miúdo de 14 anos qualquer, não se tratava de uma discussão tola, e ninguém (muito menos a polícia ou a nossa advogada) se ria disto. A Shannon disse-nos mais tarde que, se tivesse de escolher o pior momento da preparação da audiência, aquele seria um dos principais candidatos. Disse:

— O vídeo da blogger, o áudio da ornitóloga, nesses casos tínhamos a nosso favor o argumento do simplório inocente que não falava. Ele tinha crises, por isso talvez tivesse acontecido alguma coisa má, mas *acidental*, nada remotamente intencional. Esta nota é muito importante porque mudou a forma como vemos o Eugene. Introduziu o móbil. A polícia passou a ter provas de que o Eugene é um indivíduo que se pode passar dos carros, como qualquer adolescente hormonal típico. Um indivíduo que pode ficar zangado com o pai e que pode desejar a sua morte, mesmo que por um breve momento. E quem nos garante que ele não sentiu isso durante dois segundos na manhã de terça-feira, entre as 11h15 e as 11h30, e que durante esses segundos não estava ao lado do pai num penhasco sobranceiro às águas revoltas do rio Potomac? — Quando a Anjeli pousou a nota, a Shannon disse numa voz espantosamente calma: — Resta saber o que aconteceu entre o Eugene ter soletrado isto no sábado e a manhã de terça-feira. Ele acalmou-se? Ou será que essa raiva se prolongou e explodiu na terça-feira no parque e ele...

— Não, claro que não. — A Anjeli parecia chocada. — É impossível, *impossível* que o Eugene tenha feito tal coisa, por muito chateado que estivesse, e sugerir o contrário é um absurdo. — Desviou o olhar para o meu irmão. — Eugene, eu conheço-te, conheço o teu pai, conheço a vossa relação, e é impossível que tenhas feito uma coisa dessas. Estavas apenas a desabafar. *Nunca* farias nada que magoasse o teu pai.

As suas palavras eram declarativas, uma afirmação, mas eu consegui ouvir a pergunta silenciosa no final: «Não farias e não fizeste, pois não?» Era o fervor da sua voz, exagerado, como se precisasse de se convencer a si própria, e o seu olhar perscrutante, fixado no do Eugene para ter a certeza de que tinha razão. Talvez me convencesse a mim se o olhar de crença absoluta no Eugene que eu tinha visto nos vídeos não tivesse ficado gravado na minha mente como a linha de base para todas as suas expressões.

— Esteve com o Eugene depois de sábado? — inquiriu a Shannon.
— Seria ótimo se pudéssemos apresentar algo concreto que mostrasse que o Eugene tinha acalmado.

— Não voltei a estar com ele depois dessa sessão — respondeu a Anjeli —, mas assim que o Eugene acabou de desabafar, pus tudo de lado e falei com ele. Disse-lhe que só faltava uma semana e que aquele estudo de rastreio ocular podia ser muito importante para calar todos os que duvidavam dele. O Eugene continuou zangado, mas acalmou um pouco. Pensei que ia correr tudo bem, que eram só uns dias de espera, mas, na segunda-feira, o Adam enviou um e-mail a dizer que o professor estava fora e que podia demorar algumas semanas a chegar à fala com ele, e eu pensei: *Não, isto não é justo para o Eugene. Toda a sua vida, ele teve de se adaptar ao mundo, mas, desta vez, seria o Adam a ceder; o mundo vai ter de se adaptar a ele.* Por isso, liguei ao Adam nessa noite.

— Foi o voice mail que ouvimos — disse a Shannon.

A Anjeli acenou com a cabeça.

— Ele ligou-me de volta, e tivemos uma longa conversa — disse, desviando o olhar para o meu irmão. — Como te disse, Eugene, não contei ao teu pai o que disseste. Mas disse-lhe que achava que te estava a magoar, que esperar para contar à tua família era um sinal de que não acreditava totalmente em ti, como se estivesse a dar prioridade à tua mãe e aos teus irmãos em vez de a ti. Ele ficou muito abalado. Não fazia ideia de que te sentias assim. Pediu a minha ajuda para falar contigo sobre isso no parque, no dia seguinte, mas fiquei doente e fui para o hospital, por isso não pude comparecer, e arrependo-me muito disso. Gostava tanto que pudessem ter falado e feito as pazes...

Demorei alguns segundos a perceber porque é que ela parou de falar tão abruptamente. Estava demasiado concentrada no ecrã para reparar no Eugene. O braço dele estava levantado, com o lápis na mão, e movia-se em direção ao quadro. O movimento era lento, mas confiante. Focado.

O meu batimento cardíaco, as nossas respirações, as partículas de ar na sala, os ténues sons da chuva a bater nas janelas — tudo isso abrandou para acompanhar o braço do Eugene, à medida que a distância entre a ponta do lápis e o quadro de letras diminuía centímetro a centímetro, segundo a segundo, enquanto aguardávamos

para ver o que o Eugene tinha para nos dizer.

[28] A linguagem é uma coisa engraçada. Evoluímos de modo a usá-la em contexto para comunicar com os outros. Para mim, faz todo o sentido que o Eugene não consiga responder às perguntas do teste. Isso acontece comigo muitas vezes, sobretudo durante os jogos de palavras. Há uma palavra que sei usar no contexto, mas, se alguém me desafia a defini-la, não consigo, por isso começo a duvidar de mim própria e a questionar se conheço mesmo a palavra. Quando vou ver a definição, percebo que *sim* e que a tenho usado corretamente desde o início. Isto também me acontece com o coreano. Consigo acompanhar uma telenovela ou um filme em coreano e saber o que estão a dizer, mesmo sem legendas. Mas se ouvisse uma palavra ou frase específicas fora do contexto, não saberia dizer o que significam. Alguém que pusesse à prova formalmente o meu coreano concluiria que não tenho quase nenhuma competência linguísticas, mas posso ouvir uma pergunta da minha mãe em coreano e saber como responder (mas em inglês, porque é mais fácil para mim). Quer se trate de uma barreira psicológica de ansiedade derivada do teste ou de uma necessidade de contexto de conversação para acionar um determinado conhecimento linguístico, penso que foi isso que aconteceu ao Eugene.

Por Causa da Rocha que Partiu

N
O
S
Fim de palavra

— Nós — disse a Anjeli. (Nós, quem? O Eugene e o pai? Todos nós?)

F (F de Furiosos? O Eugene e o pai estavam furiosos um com o outro?)

I
Z
E
M
O
S
Fim de palavra

— F-I-Z-E-M-O-S, fizemos — leu a Anjeli. (Fizeram o quê? Ele e o pai fizeram algo?)

A
S
Fim de palavra
P
A
Z

— A-S, as, P-A-Z-E-S, pazes — disse a Anjeli.

Ponto final

«Nós fizemos as pazes.» A primeira frase do Eugene naquele dia. Quatro palavras simples que um falante demoraria um ou dois segundos, sem esforço, a dizer em voz alta. O meu irmão precisou de cinco minutos de concentração e de manter o braço erguido, o lápis bem firme, enquanto forçava os nervos e músculos a cooperar, e lutava contra a fadiga, a frustração e a distração. E, quanto a nós, a nossa impaciência com o processo de comunicação letra a letra aumentava exponencialmente à medida que se tornavam perceptíveis os riscos de vida ou morte do que ele nos estava a dizer, o suspense de tentar descobrir qual era a próxima letra, o que poderia ela significar. Quantas mais letras, palavras, frases e quantos minutos e horas seriam necessários para sabermos o que tinha acontecido ao pai? Se é que o Eugene sabia o que lhe tinha acontecido.

— Estás a apanhar-lhe o jeito, Eugene. Bom trabalho — disse a Anjeli. — Muito bem. Vocês fizeram as pazes. O que queres dizer com isso? Como? Quando?

O PAI FALOU COMIGO DEPOIS DO TEU TELEFONEMA. DISSE-ME O QUE TINHAS DITO. PEDIU-ME DESCULPA.

Cronometrei-me a dizer isto em voz alta: pausadamente, palavra por palavra. Dez segundos. O Eugene demorou dez minutos. Deixou cair o lápis depois da última palavra e começou a balançar-se na cadeira, dando um ligeiro pontapé no suporte. A Anjeli disse-lhe:

— Ainda bem que o teu pai falou contigo. Eu disse-lhe que devia fazê-lo. E quero que me contes tudo, mas primeiro vamos descansar um pouco. Hannah, o suporte do quadro das letras saiu do lugar. Pode ajustá-lo para que fique centrado na mão direita do Eugene? — Enquanto a minha mãe reposicionava o quadro, a Anjeli dirigiu-se ao meu irmão: — Sei que vai ser mais fácil à medida que te habituares a esta configuração, mas, mesmo assim, o dia vai ser muito longo e cansativo. Sei que és muito meticoloso e preciso a escrever as palavras corretamente e a usar frases completas, mas, tendo em conta o muito

que tens para nos contar, que tal dares a ti próprio alguma margem de manobra só por hoje?

Em seguida, a Anjeli dirigiu-se aos outros presentes:

— Não sei se o Eugene é assim com outras coisas, mas, com a ortografia, tem tendência a ser um *nadinha* perfeccionista. — Riu-se afetuosamente, e o Eugene olhou para nós e sorriu, tímido, mas também orgulhoso. — O Eugene tem uma reverência pela linguagem, que a professora que tenho dentro de mim adora. Mas tenho tentado convencê-lo de que pode usar atalhos em certos contextos, como todos nós fazemos quando escrevemos mensagens. Até já tivemos algumas aulas sobre isso. — Sorriu para o Eugene e disse: — Por isso, se o snobe da ortografia que há em ti aguentar — o Eugene soltou uma enorme gargalhada —, usa abreviaturas. Números e símbolos. Deixa os artigos de fora. Não te preocupes com os erros ortográficos. Faz o que for mais fácil para ti. Se eu não perceber alguma coisa, pergunto.

A minha mãe abraçou o Eugene, beijou-lhe a cabeça e voltou para o seu lugar. A Anjeli disse:

— Muito bem, estavas a dizer-nos que o teu pai falou contigo. Foi no parque?

N. EM CASA. SEG NOITE.

Segunda-feira à noite, quando tive a discussão com a minha mãe por causa do meu curso, por me ter formado mais cedo. Teria sido por isso que o meu pai não falou comigo nessa noite? Não porque me estivesse a evitar, demasiado magoado ou desiludido comigo para me enfrentar, como eu temia, mas porque estava simplesmente ocupado a falar com o Eugene?

P FALOU DO PETER.

A Anjeli abanou a cabeça, com um esgar pesaroso.

— Ele também me falou sobre isso, e explica muita coisa.

— Quem é o Peter? — perguntou a minha mãe.

O Peter era outro dos pacientes da Anjeli. Mais velho, 19 anos, diagnosticado com «o chamado autismo não verbal de baixo funcionamento», esclareceu, claramente irritada com a designação. O meu pai tinha-se cruzado com a mãe dele na sala de espera; as sessões do Peter antecederam as do Eugene. Ele estava a fazer grandes progressos, tinha até começado a soletrar com a mãe de uma forma limitada. Durante as férias de Natal, o irmão mais velho foi a casa. A mãe tinha-lhe falado dos progressos do Peter, enviado vídeos, mas o

irmão mostrou-se cético, respondendo com artigos que tinha encontrado e que diziam que a Anjeli era uma fraude. Quando o Peter não foi capaz de soletrar com ele, o irmão disse-lhe abertamente que não acreditava que aquilo fosse real.

— O Peter fechou-se, mesmo comigo — disse a Anjeli. — Foram precisos vários meses para voltarmos ao ponto em que estávamos antes do Natal. Até hoje, o Peter fica paralisado com a família. Ouvir aquilo perturbou muito o Adam. Ficou obcecado em garantir que aquilo não acontecia com o Eugene. — Senti uma pontada de culpa. Seria eu o motivo pelo qual o meu pai queria certificar-se de que a capacidade do Eugene não deixava margem para dúvidas? Porque achava que eu poria isso em causa sem provas irrefutáveis? — Além disso, o Adam queria que o momento em que vocês soubessem fosse o mais feliz possível para o Eugene. Tinha uma teoria sobre não criar demasiadas expectativas no filho, recordando-lhe o ceticismo da família. Eu não estava totalmente convencida, mas achava que ele tinha boas intenções.

PETER ASSUSTOU P. MOSTROU AO P Q CONTAR À FAM TEM D SER PERFEITO. SEM DÚVIDAS. MAS FIZESTE-O VER. FAM NÃO SABER = ESPERAR = EU SOFRO.

— Foi exatamente isso que eu lhe disse — respondeu a Anjeli.

P PEDIU DESCULPA. N SABIA. CONTAMOS FAM AMANHÃ. PODEMOS PLANEAR CONTIGO PARQUE. C CHAPANHE. POSSO BEBER. ABRACEI P DIZER SIM. ESTAVA TÃO FELIZ.

Fazia sentido. Porque eu não percebia como é que, se o Eugene estava tão zangado com o pai, eles tinham agido como dois amigalhões ao pequeno-almoço de terça-feira. Os arco-íris no copo de água do pai, as gargalhadas do Eugene — não eram sinais de um filho enraivecido com o pai, mas de uma dupla radiante e ansiosa por contar um segredo, a guardar uma surpresa extraordinária.

— Mas eu não pude ir — disse a Anjeli. — Pedi à Zoe para ligar ao teu pai para explicar, mas ela disse que a ligação estava má e não sabia se ele conseguia ouvir.

P OUVIU COVID & HOSPITAL.

— Foi isso que te deixou perturbado? A polícia mostrou-me um vídeo do teu pai a tentar acalmar-te. Disseram-me que o viste na audiência de ontem.

O Eugene ficou imóvel durante muito tempo antes de levantar o braço. Até então furava as letras sem problemas, ganhando velocidade

e impulso, mas as primeiras palavras da resposta demoraram mais tempo do que os seus primeiros vídeos, com os dedos agarrados ao lápis num punho apertado, a mão a tremer.

N. VÍDEO PQ GÁS PIMENTA.

A minha mãe sobressaltou-se, e a Anjeli disse:

— Alguém lançou gás-pimenta contra ti? Quem? Porquê?

P SEGUROU QUADRO LETRAS PARA PRATICAR. TÃO CHATO. N CONSEGUIA FOCAR.

EXCITADO FELIZ RIR SALTAR. MENINOS GRANDES PASSARAM. CHAMARAM-ME

O Eugene aproximou o lápis da letra A, mas, quando a ponta estava na extremidade, parou, a mão tremia ligeiramente como se algo invisível a bloqueasse. Quando a Anjeli começou a dizer que estava tudo bem, que ele não precisava de escrever aquela palavra, ele retomou. Com a mão firme, furou o A, e depois T, R, A, S, A, D, O, o movimento do braço mais suave e rápido a cada letra. A Anjeli disse as letras individuais em voz alta, mas no final da palavra disse:

— Desculpa, Eugene, mas recuso-me a dizer essa palavra desprezível.

Ele sorriu, num «obrigado» silencioso, e continuou:

OS RAPAZES RIRAM. DISSERAM BEBÉ APRENDER ABC. P GRITOU EI NÓS OUVIMOS & MALCRIADOS. CHAMARAM ANORMAL COM FILHO ESQUISITO AO P. FUGIRAM A RIR. FIQUEI FULO. GRITEI, SALTEI E PONTAPEEI PEDRAS. MULHER GRITOU POR PERTURBAR PAZ. ÀS VEZES PESSOAS FAZEM ISSO. P SEMPRE PEDE DESCULPA. MEU FILHO DEFICIENTE N SABE QUE FAZ E N COMPREENDE. MAS DESTA VEZ P DISSE N VIU QUE ACONTECEU? N ACHA Q TEM DIREITO DE SE ZANGAR, DAR PONTAPÉS & GRITAR? ACHO Q SIM E SE N CONSEGUE LIDAR C ISSO DEVIA IR EMBORA. ELA DISSE DESCULPE MAS ADOLESCENTES SÃO ASSIM. SE ELE N CONSEGUE LIDAR COM ISSO & VOCÊ N O CONTROLA, N DEVIA TRAZER À RUA. P FOI IMPECÁVEL. DISSE Q SE ELA N CONSEGUE LIDAR C SER UMA RUFIA IGNORANTE & SEM CORAÇÃO N DEVIA SAIR RUA.

O Eugene soletrou estas palavras com uma rapidez como nunca tinha visto, demorando cerca de vinte minutos, com a Anjeli a repetir as letras e as palavras baixinho, com cuidado para não interromper o fluxo. Quando acabou de soletrar «rua», o Eugene soltou uma enorme gargalhada e baixou o braço para descansar.

— Fez ele muito bem — disse a Anjeli. — Ela mereceu. Que idiota. E aqueles rapazes... Deves ter ficado muito zangado.

FUUULO.

— E depois?

CONTINUOU A GRITAR E SEGUIU-NOS. MTO MÁ P P. DISSE Q ELE MAU PAI.

PONTAPEEI PEDRAS PARA ELA FUGIR. GRITOU AFASTA-TE E LANÇOU GÁS. ESTAVA LONGE MAS GÁS MAGOOU MTO. OLHOS QUEIMADOS. N PODIA VER. TENTEI LIMPAR OLHOS MAS P AGARROU-ME BRAÇOS. ACHO Q MAGOEI P AO TENTAR LIBERTAR-ME. N ME LEMBRO, MAS VI VÍDEO.

Lembrei-me da cena, tanto o Eugene como o pai com os olhos muito fechados, o Eugene a gritar descontrolado, o pai a tentar agarrar-lhe os braços. Deve ter sido agonizante. Só me apetecia matar aquela mulher.

— Oh, Eugene — disse a Anjeli —, sinto muito. Quem me dera que não tivesses passado por isso.

TB EXCETO

— Exceto o quê?

AJUDOU-ME

— Ajudou-te? Como?

FOI QD COMECEI SOLETRAR C P

— O quê? Como?

DEPOIS DE ACALMARMOS E LIMPARMOS, SENTÁMO-NOS DEBAIXO DE UMA ÁRVORE DESCANSAR. P PEDIU DESCULPA, DEVIA TER-SE CALADO E IDO EMBORA, MAS N CONSEGUIU EVITAR E MAGOEI-ME. QUERIA MESMO DIZER N, FEZ BEM. OBRIGADO POR DEFENDER. CARA DELE ESTAVA FERIDA. COM SANGUE E ÓCULOS PARTIDOS. ASSUSTOU-ME. FIZ AQUILO? FOI SEM QUERER.

— O teu pai sabia disso. Tenho a certeza.

EU SEI, MAS QUERIA DIZER. PEGUEI NO QUADRO E DEI-LHE P SEGURAR.

— Meu Deus, conseguiste?

O Eugene fez uma pausa, como se estivesse a tentar perceber como dizer o resto.

TENTEI MAS N CONSEGUI C P A SEGURAR QUADRO. P GOZOU CONSIGO POR SER MAU PARCEIRO. DISSE Q IA CONTINUAR TENTAR & SER PACIENTE. PÔS QUADRO APOIADO NAS PEDRAS. DISSE Q N TINHA DE USAR MAS ESTAVA ALI SE QUISESSE. PQ AQUILO TINHA SIDO INTENSO, N ACREDITO Q GÁS DE LONGE DÓI TANTO. GOSTAVA DE TER POR PERTO MAS A DECISÃO É MINHA. DEPOIS FALOU TANTAS COISAS MAS NADA DE PERGUNTAS. MOSTROU CADERNO DE QF.

— Caderno de QF? — perguntou a Anjeli.

O Eugene olhou para nós, para mim. Sorriu de uma forma calorosa, quase conspiratória. Expliquei o que significava QF.

— É uma teoria que o meu pai tinha sobre o facto de a felicidade ser relativa, manter as expectativas baixas, coisas assim.

É MTO MAIS COMPLICADO. ELE EXPLICOU TUDO.

Ri-me do orgulho que havia naquelas palavras quando ele voltou a

olhar para mim, esboçando um sorriso que parecia dizer «sem ofensa, 'tá?»

NÃO PERCEBI TUDO. ALGUNS DOS QF PARECIAM

Depois de soletrar «pareciam», fez uma pausa e, por fim, tocou em H-M-M-M-M. A Anjeli riu-se e disse:

— Confesso que ele me falou de algumas dessas ideias e eu senti o mesmo. Hmmm.

O Eugene riu-se.

M GOSTAVA Q P FALASSE COMIGO SOBRE COISAS SÉRIAS. ACREDITAVA Q EU PERCEBIA. PEDIU DESCULPA POR N TER CONTADO À FAMÍLIA MAIS CEDO. QUERIA DIZER Q ESTAVA TUDO BEM. E DISSE. PEGUEI NA CANETA E ESCREVI PERDOO-TE.

— Meu Deus, Eugene, isso é incrível. Fizeste isso com o estêncil encostado à pedra?

S

— É espantoso. O teu pai deve ter ficado muito contente.

O Eugene sorriu.

FUI MTO LENTO. FIZ MTAS ASNEIRAS. MAS P DISSE QUE AS LETRAS ERAM MUITO SUAVES. FACILITOU FOCAGEM. PEDI DESCULPA POR MAGOAR A CARA FOI SEM QUERER. ELE DISSE Q N TINHA MAL MAS ÓCULOS PARTIRAM E MUNDO = MEIO DESFOCADO COMO SE ESTIVESSE A PISCAR. RIMOS. COMEMOS BATATAS FRITAS E GATORAID. P DEIXOU-ME LER CADERNO QF E FAZER PERGUNTAS. PERGUNTOU O Q PENSAVA E ESCREVEU O QUE DISSE NUM BLOCO DE NOTAS. FEZ-ME SENTIR BEM COMO SE ELE SE IMPORTASSE COM A MINHA OPINIÃO. COMO SE AS MINHAS IDEIAS FOSSEM IMPORTANTES.

— Tenho a certeza de que ele sentiu o mesmo, por te interessares por aquilo em que ele estava a trabalhar e por poder falar sobre isso contigo de uma forma significativa — disse a Anjeli, e eu apercebi-me de uma onda de dor, inveja e vergonha, misturada com admiração e orgulho pelo Eugene: que o pai lhe confiasse as suas ideias, que as partilhasse com ele, e que o Eugene fosse suficientemente generoso para permitir que o fizesse. O Eugene sorriu.

MELHOR CONVERSA Q JÁ TIVE C ALGUÉM.

Começou a pousar o lápis, mas depois acrescentou:

SEM OFENSA.

— Não me ofendeste — disse a Anjeli.

Nenhum de nós se esqueceu da urgência de obter algumas respostas, a resposta. A Shannon tinha sido paciente, deu espaço à Anjeli,

acreditando que o Eugene precisava de tempo para se adaptar. Mas nessa altura, três horas depois de o Eugene começar a contar o que tinha acontecido naquele dia, percebi que salvar o pai era uma causa perdida. Se houvesse alguma hipótese de o meu pai ser encontrado vivo, o Eugene já nos teria dito como o encontrar. Ele estava a alongar-se nas partes iniciais da história porque não conseguia verbalizar o que tinha acontecido ao pai. Não podia censurá-lo. Senti-me grata por ver que ele tinha ficado com aquela bela recordação. Um pai e um filho a criarem laços, a lutarem contra os rufias, a rirem juntos, a planearem como iriam dar à família a notícia mais maravilhosa das suas vidas e a brindarem com champanhe. Oxalá a história terminasse ali.

Talvez a Anjeli tivesse o mesmo instinto. Em vez de perguntar o que aconteceu a seguir, fixou-se na primeira conversa, dizendo:

— Essa é, sem dúvida, a melhor história de primeira conversa que já ouvi. Quer dizer, passaste de não consegues soletrar respostas de uma só palavra para teres uma conversa completa, rica e plena de significado. É simplesmente inédito. Absolutamente inacreditável.

Ela viria a arrepender-se daquelas palavras, claro. Tal como todos nós. Mas, naquele momento, saboreámo-las. Quando comecei a perceber o que as suas palavras poderiam transmitir aos outros (como, por exemplo, a polícia poderia interpretar o comentário sobre como tudo aquilo era tão «inacreditável»), a Anjeli disse:

— Mal posso esperar para ver o vídeo. Eu sei que estão a tentar desbloquear o telemóvel do teu pai.

P NÃO GRAVOU.

— A sério? — disse ela. Pela primeira vez, o seu tom estava marcado pela dúvida, um indício muito leve, mas inconfundível. Terá percebido como aquilo poderia soar para a polícia, porque recuperou rapidamente. — Isso faz sentido. Afinal, não foi uma sessão de trabalhos de casa, mas sim uma conversa privada, só entre vocês, por isso é claro que ele não ia querer gravá-la para mim.

N. QUERÍAMOS MOSTRAR-TE. P ESQUECEU-SE. MAS ELE ESCREVEU PALAVRAS COMO TU ESCRITES. TIROU FOTO MINHA COM 2 PÁGINAS P TE MOSTRAR DEPOIS.

— Isso é ótimo. Mal posso esperar para ver — disse ela, e as rugas do seu rosto relaxaram num enorme alívio.

A Shannon pigarreou... nada muito óbvio que demonstrasse impaciência, mas o seu significado era claro: vamos despachar-nos. O Eugene levantou o braço, e a mão tremia-lhe ligeiramente enquanto escrevia:

N GOSTO DESTA PARTE.

Pelo canto do olho, vi a minha mãe a inclinar-se para a frente no banco, quase a cair. O Eugene escreveu TENHO MEDO, e eu também quis correr para ele, fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para o ajudar a sentir-se melhor.

— Eu sei — disse a Anjeli. — Eu também. Demora o tempo que for necessário. E lembra-te, estamos todos aqui para te apoiar. Gostamos muito de ti. Vamos compreender. Independentemente do que nos disseses.

A Anjeli pediu à minha mãe que ajustasse novamente o suporte do quadro de letras — não sei se precisava de ser reposicionado; talvez ela quisesse apenas dar tempo ao Eugene para descansar. Assim que a minha mãe terminou, o Eugene escreveu o resto da história sem interrupções. Demorou cerca de uma hora. De vez em quando, parava para descansar o braço, mas a Anjeli não instigava nem incentivava, não respondia, não perguntava «E depois?»; aguardava e limitava-se a dizer as letras e as palavras em voz baixa, quase num sussurro. Os seus olhos estavam baixos, como se estivesse sonolenta, e talvez por isso eu tivesse a sensação de estar a ouvir uma história de embalar ou um conto de fadas.

P PERGUNTOU SE QUERIA IR P CASA. DISSE VAMOS FICAR. MULHER DO GÁS N PODIA ESTRAGAR NOSSO DIA. ESCOLHI TRILHO VERDE. MEU PREFERIDO. CURTO & MESA DE PIQUENIQUE PERTO DA CASCATA MAS N BARULHENTO PQ MTO ACIMA DA ÁGUA. ALMOCEI. P VIU CARDEAIS-DO-NORTE VERMELHOS NAS ÁRVORES. FOMOS VER.

É difícil identificar o momento em que fiquei inquieta, o que despoletou as minhas perguntas. O piquenique no miradouro da cascata fez-me pensar no que eu e o John tínhamos sussurrado na noite anterior, mas não foi nada de mais, até porque o meu pai já tinha comentado que eles faziam aquilo muitas vezes. Os cardeais-do-norte vermelhos é que me deixaram com a pulga atrás da orelha — o John não tinha dito a cor dos pássaros, mas eu tinha-os visto na minha mente: vermelhos. Mas fazia sentido, tendo em conta os pássaros vermelhos do vídeo da ornitóloga. Ainda assim, o local, o almoço, o

pai a avistar os cardeais-do-norte nas árvores — a mesma ordem e os pequenos pormenores combinados. Será que isso significava alguma coisa? Pensei no comentário que a Anjeli tinha feito ao meu pai sobre o facto de o Eugene ouvir tudo, mesmo — e sobretudo — quando pensávamos que não estava a prestar atenção. Será que ele nos ouviu? Mas ele não estava entretido com outra coisa, estava a dormir.

CAMINHEI ATÉ BORDA P VER CASCATA. FAZ-ME SENTIR BEM COMIGO MESMO.
ÁGUA CAI POR CAUSA DA ROCHA QUE PARTIU. 1 COISA IMPERFEITA, COMO EU. FIZ
CONCURSO DE polichinelos. GANHEI. MAIS 5.

Assim que o Eugene soletrou polichinelos, virei-me para o John. O que se passava ali? Porque me lembrei de que o John tinha dito que eles fizeram um jogo, mas não disse qual. Podia ter sido qualquer coisa — atirar pedras, saltar, concurso de olhares. Mas, mais uma vez, eu tinha visto aquilo na minha mente: o pai e o Eugene a fazerem um concurso de polichinelos. Haveria de confirmar com o John mais tarde, claro, mas, mesmo antes disso, percebi pelo seu piscar de olhos desnorteado: o jogo que o John tinha visualizado ontem à noite também era um concurso de polichinelos.

P FOI BUSCAR NOSSAS COISAS. DISSE EI ISSO É NOSSO, DEIXEM ISSO. VIREI-ME E
VI 3 RAPAZES A MEXER NAS NOSSAS COISAS.

Foi nesta altura que o meu desconforto ultrapassou a perplexidade e se transformou num modo de pânico total. Porque *eu* tinha dito a parte sobre os rapazes adolescentes. Tinha visto três rapazes na minha mente e impedi-me de dizer o número, pensando que seria um pouco exagerado incluir esse tipo de pormenores (que eu pensava serem) inventados, como se fossem reais. Quantas coincidências seguidas eram necessárias para deixar de ser credível como mera coincidência? O que significava o facto de aquele relato corresponder não só às linhas gerais do que eu e o John tínhamos sussurrado na noite anterior, com o Eugene entre nós, mas também às imagens não ditas na minha mente?

RAPAZES DISSERAM OH É A PALAVRA A. PEGARAM NA CARTEIRA E FUGIRAM. P
PERSEGUIU-OS E GRITOU PARA N TE ATREVAS A FAZER ISSO. GRITOU MESMO
PAAAAA!

RAPAZ ATIROU MOCHILA DO P. MTA FORÇA, MTO ALTO, VAI CAIR NO
PENHASCO. TENTEI APANHAR. P GRITOU DEIXA PARA, NÃO FAÇAS ISSO E MAS
TOQUEI-LHE MAS P CONTINUAVA A GRITAR E NÃO MAS APANHEI-A MAS FIQUEI
TONGO. N SEI Q ACONTECEU MAS CHÃO DESAPARECEU. N TOTALMENTE.
DESNIVELADO. ESTAVA CAIR PARA TRÁS. MEDO. FECHEI OLHOS TONGO. P

AGARROU-ME O BRAÇO E DOEU E TIVE TANTO MEDO Q N HAVIA NADA DEBAIXO DE 1 PÉ COMO NA PISCINA.

Foi nesta parte que ficámos ontem à noite, quando eu e o John já não conseguíamos falar mais. E, tal como na noite passada, não queria saber de onde vinham as imagens, se eram reais, quais eram as implicações — mais tarde haveria de ponderar e falar sobre isso com o John. Por agora, só me preocupava com o que estava para vir, com as palavras seguintes, com o braço trémulo do Eugene, com os soluços silenciosos da minha mãe, com o facto de ter de afastar as minhas próprias lágrimas para me concentrar na trajetória do lápis do Eugene.

SÓ QUERIA Q P LARGASSE MEU BRAÇO A MÃO DELE DOÍA TANTO OS GRITOS TÃO ALTOS Q N AGUENTAVA. DESEJEI TANTO FALAR P PODER GRITAR AO P P LARGAR, DÓI E N CONSIGO RESPIRAR E N CONSIGO VER E N CONSIGO OUVIR E N CONSIGO ACALMAR TUDO TÃO ALTO E TUDO BRANCO E AZUL E MTO MEDO POR ISSO GRITEI PARA N OUVIR + NADA.

CAÍ COMO QD P ME ATIRA AO AR MAS MINHA CARA ATERROU NO CHÃO. TENTEI ABRIR OLHOS MAS HAVIA MTA TERRA. ESPEREI Q P AJUDASSE A LEVANTAR N SEI DURANTE QTO TEMPO. PENSEI Q P TINHA MÃO NO MEU BRAÇO MAS ABRI OLHOS E P N ESTAVA LÁ. MÃO TINHA DESAPARECIDO.

Quando a Anjeli disse D-E-S-A-P-A-R-E-C-I-D-O, desaparecido, tive uma sensação insuportável de finalidade. Ali estava ela, a resposta à pergunta que ansiávamos desesperadamente fazer desde há quarenta e oito horas. O Eugene deixou cair o braço, o corpo ficou-lhe todo flácido, o lápis rolou da mão para o chão, como se ele estivesse demasiado exausto para manter os dedos fechados. Tinha feito aquilo por nós, pelo pai, e já não tinha nada dentro de si, como um daqueles soldados que vemos nos filmes a esforçarem-se para fazerem uma longa odisseia até casa e que, mal chegam, caem no chão.

A minha mãe foi a primeira a ir ter com o Eugene. Eu também queria ir ter com ele, mas não sabia como fazer com que o meu corpo obedecesse, o que fazer ou pensar para que as minhas pernas se movessem da forma correta. Quando a mãe lhe tocou, desatando a chorar ajoelhada ao lado dele, o Eugene estremeceu como se tivesse levado um choque, mas não se mexeu quando ela o abraçou. Não devolveu o abraço, nem se encostou a ela.

— Oh, Eugene — disse a mãe —, lamento imenso. Tudo isto tem sido horrível para ti.

Ele tentou afastar-se dela, não como um adolescente birrento a

tentar evitar o abraço sufocante da mãe, mas com doçura, lentamente, com dignidade, como um membro da família faria num funeral para indicar que precisava de espaço para fazer o luto. Levantou-se e saiu da sala, num passo acelerado, como se tivesse estado a fazer um esforço para aguentar, mas já não conseguisse mais. Subiu as escadas a correr e entrou no quarto. Em seguida, ouvimos o barulho ritmado do *hiii-bum*. Saltar para esquecer. Para recuperar os sentidos. Para lidar com a dor que tivera de suportar.

Relativamente Feliz para o Resto da Minha Vida

Parecia o fim. Devia ter sido o fim. Tínhamos a nossa resposta. Sabíamos o que tinha acontecido ao pai. Restava fazer o luto e começar a aprender a viver com esta nova realidade — filhos sem pai, uma mulher sem marido.

Infelizmente, não era assim tão simples. Tínhamos ainda a audiência para preparar e a que comparecer, o que parecia impossível dado o nosso cansaço. O Eugene tinha demorado mais de quatro horas a contar-nos a sua história: 255 penosos minutos a furar com o lápis 5056 letras para formar 1084 palavras, sendo ele um rapaz com pouco tônus muscular e dificuldades motoras. Não consigo sequer imaginar o preço físico, emocional e mental que ele pagou. Mais tarde, a Anjeli comparou o seu esforço ao fenómeno das mães que levantam carros para salvar os seus bebés, e disse que não teria acreditado se não tivesse testemunhado em primeira mão, que por vezes ainda se perguntava se teria sonhado com tudo aquilo.

Nós limitámo-nos a ficar sentados e a ouvir, mas tudo aquilo era uma dor de alma. O soco no estômago de finalmente descobrir o que tinha acontecido ao pai, a intensidade que se estendeu ao longo de quatro horas, potenciada em dez vezes pelo stress e suspense (e, sim, tenho vergonha de admitir, também pela impaciência e frustração) do processo de soletração das letras. A cada nova letra, o meu coração acelerava, os punhos cerravam-se, a respiração ficava suspensa, o

pânico de imaginar qual poderia ser a próxima palavra, se revelaria mais um pormenor que inexplicavelmente correspondia às imagens da noite anterior na minha cabeça, às palavras sussurradas por mim e pelo John. No final, senti-me tonta e dorida, e só queria ficar sozinha com a minha família, chorar e amaldiçoar o destino e os rufias e os pássaros e a gravidade, gritar e beber, saltar com o Eugene, não pensar em nada nem em ninguém, exceto naqueles que me eram mais queridos.

Dez minutos. Era o tempo que tínhamos para nos irmos abaixo. Eu, a minha mãe e o John seguimos o Eugene até ao piso de cima e sentámo-nos no chão à porta dele, dando-lhe espaço para saltar, mas precisando de estar com ele, para que soubesse que estávamos com ele. Não dissemos nada, nem a ele nem uns aos outros. Chorámos, mas em silêncio, com o cuidado de não chamar a atenção para nós próprios e de não sobrecarregar o Eugene. A minha mãe segurava as nossas mãos, a do John com a direita e a minha com a esquerda, para que lhe pudéssemos apertar a mão quando doía demasiado, como costumávamos fazer quando éramos pequenos, quando levávamos injeções ou nos tiravam sangue.

Quando o telemóvel da minha mãe tocou no bolso, ela apertou as nossas mãos suavemente durante alguns segundos antes de as largar para ver quem era.

— A Shannon — sussurrou. — Ela vai-se embora. — Quando descemos as escadas, a Shannon já estava a sair. — Desculpe termos fugido daquela maneira. A Anjeli já saiu do Zoom, presumo? Queria agradecer-lhe, devemos-lhe muito. E a si também, por ter estado presente.

— Não se preocupe com isso — disse a Shannon. — Sei que devem estar devastados. Sinto muito. Mas espero que consigam encontrar algum consolo no facto de saberem finalmente o que se passou, e também por poderem comunicar com o Eugene. O que ele fez hoje, a força que ele tem, é notável. Estou muito orgulhosa dele. Sei que vocês também estão.

A minha mãe perguntou sobre a audiência, e a Shannon disse que tinha acabado de enviar uma gravação das partes relevantes da entrevista do Eugene, juntamente com a transcrição que ela anotou, à inspetora Janus e ao oficial Higashida, pedindo-lhes que arquivassem

o caso e anulassem a moção.

— A audiência, a detenção — disse a minha mãe —, tudo isso pode desaparecer?

— É essa a minha esperança. O que o Eugene nos disse explica tudo (o vídeo da blogger, a carteira, a mochila na água), e de uma forma que mostra claramente que ele não tem culpa de nada disto. Se tiverem um mínimo de compaixão, não vão conseguir ouvir a história sem pensar imediatamente: «Este pobre miúdo já passou por muito e temos de o deixar em paz.» Claro que, quando um suspeito conta uma história que o iliba, as autoridades têm tendência a ser céticas. Por isso, é provável que precisem de mais informações do Eugene, que os ajudem a identificar os três rapazes, algum tipo de corroboração. Mas vou tentar dar o meu melhor para reduzir isso ao mínimo.

Eu estava envolta numa névoa de dor, mas a palavra «corroboração» dissipou-a, isolando a questão que tentava suprimir. O piquenique no miradouro da cascata. A carteira roubada. A mochila atirada com muita força. O que explicava a presença destes pormenores específicos na história partilhada por mim e pelo John e, agora, também no relato do Eugene? Ele podia ter-nos ouvido, claro, tal como o Vic. Mas um concurso de polichinelos. Cardeais-do-norte vermelhos. Três rapazes. Os pormenores que tinha visto com toda a clareza na minha mente, mas que nem eu nem o John tínhamos dito em voz alta. Lembrei-me de quando toquei na testa do Eugene, enquanto o John tocava na perna dele — em vez de eletricidade estática, não teria aquilo sido o choque da nossa ligação conjunta via *bluetooth* a uma qualquer rede neurológica mística familiar, com as recordações do Eugene a percorrerem os nossos braços até ao cérebro, onde eu e o John traduzimos essa transmissão visual por palavras faladas, como intérpretes, numa verdadeira fusão de mentes a três? Ou teria sido o que pensei inicialmente, que, com base no que sabíamos do pai e do Eugene e nos dados limitados do vídeo da ornitóloga, tínhamos chegado à verdade, ao que realmente acontecera, e por acaso acertámos nalguns pormenores estranhos?

A minha mãe acompanhou a Shannon pela garagem. A porta entre a cozinha e a garagem estava entreaberta, e eu ouvi algo que preferia não ter ouvido, dado o que aconteceu mais tarde nesse dia. Podia ter dissipado as suspeitas que, ainda hoje, me mantêm acordada à noite.

As duas falavam da potencial necessidade de corroboração. A minha mãe disse que duvidava que conseguissem encontrar os rapazes, quanto mais fazê-los confessar o que tinham feito, e a Shannon disse que outro elemento-chave era a primeira comunicação do Eugene com o pai, porque isso provava que o Eugene se tinha acalmado depois da crise do vídeo da blogger e que já não estava chateado com ele. Disse ainda que iria pressionar a polícia para concentrar esforços no desbloqueio do telemóvel do meu pai, com vista a obter a fotografia que ele tirou ao Eugene com as duas páginas de notas da primeira conversa.

— É pena que as duas páginas não estivessem na mochila do Adam — disse a Shannon. — Se as tivéssemos, não sei como justificariam a necessidade de prosseguir com a investigação.

O Vic também se foi embora. Disse que tinha tomado a liberdade de nos preparar uma salada e macarrão com queijo para o almoço (as duas únicas coisas que ele sabe fazer), que esperava que não levássemos a mal, pois achava que havíamos de estar todos famintos depois daquela maratona de sessões — o que o fez cair ainda mais nas graças da minha mãe; tão querido que ele era, atencioso, amável, etc. Não queria ir embora tão cedo, mas queria dar-nos tempo para estarmos juntos, só a família. É um sinal de como a sessão da Anjeli nos tinha deixado desolados, o facto de ninguém ter protestado contra a sua partida, ou talvez fosse a proximidade que sentimos em relação a ele depois da noite passada quase em claro; a cortesia com estranhos já não tinha cabimento ali.

Enquanto o acompanhava até ao carro, lembrei-me de que da cozinha se ouve tudo o que se passa na sala de estar. Era provável que ele tivesse ouvido a história do Eugene, pelo menos a parte sobre o que aconteceu ao meu pai. Queria perguntar-lhe o que pensava. Teria razão para estar a matutar incessantemente nos pormenores que coincidiam entre a história do Eugene e a minha conversa sussurrada com o John? Fosse como fosse, aquilo era estranho, não era? Assustador se pensássemos que as imagens tinham sido transmitidas do cérebro do Eugene para o nosso, obviamente, mas perturbador de uma maneira diferente se pensássemos que o Eugene tinha ouvido e

repetido os nossos sussurros, que as nossas palavras se tinham infiltrado nos seus sonhos, fazendo com que ele confundisse essas imagens com as suas próprias recordações traumáticas e desordenadas. Mas — e isto era o que me deixava mais inquieta, o que mais precisava de verbalizar — e se o Eugene tivesse repetido as nossas palavras de forma intencional? E se pegou no cerne da nossa história e a embelezou, acrescentando pormenores que tinha ouvido antes, como o gás-pimenta do Vic, e porventura inventando aquela milagrosa última conversa com o pai, algo que ele desejava que tivesse acontecido, para nos proporcionar uma última memória dele? (Ou, se quisermos ser mais cínicos, para arrumar de vez a teoria da inspetora Janus de que ele tinha matado o pai de raiva.) Como alguém que tinha ouvido os nossos sussurros a meio da noite, o Vic podia fazer uma avaliação objetiva destas questões.

Ao pensar nisso — no facto de o Vic ser uma testemunha, a única testemunha —, senti um medo renovado no meu peito. Abracei-o e encostei-lhe a cara ao ombro. À luz dos sussurros da noite anterior, parecia perigoso ele estar aqui. Queria-o longe, bem longe. Assustava-me tê-lo perto de mim, ou melhor, perto de outras pessoas, sobretudo da polícia. Não podia dizer aquilo em voz alta. Não podia envolvê-lo mais do que ele já estava envolvido. Disse-lhe para conduzir com cuidado, para não parar em lado nenhum até sair do estado. Ele concordou, sem perguntar porquê.

O Vic despediu-se e, com os lábios junto ao meu ouvido, sussurrou:

— Deixei-te uma coisa. Na tua secretária.

Na minha secretária, encontrei um bilhete manuscrito do Vic, com uma *pen*.

Usei aplicações de melhoria de imagem nas páginas do caderno QF. Agora lê-se muito melhor. Está tudo guardado aqui. Além disso, cataloguei todos os ficheiros QF do disco rígido e encontrei/imprimi um ficheiro do teu pai que devias ler. Acho que vais perceber porquê. — V

Por baixo do bilhete havia páginas datilografadas com o título *Notas para a Mia — Outono de 2020*. Eu sabia o que era aquilo. Nos

últimos dois anos, quando o meu pai me levava à universidade, no outono, deixava sempre uma carta na secretária do meu dormitório a dizer que ia ter saudades minhas, a dar-me conselhos para o ano, a lembrar-me de lhes ligar todas as semanas, blá-blá-blá. As cartas costumavam ser longas, e eu dizia-lhe que era muito querido, mas que aquilo devia ter demorado imenso tempo a escrever, tendo em conta que acrescentava notas de rodapé com anotações, listas de leituras recomendadas e afins. O meu pai ria-se e dizia que não, que era fácil porque ele tem um ficheiro, uma espécie de diário, onde anota coisas que me quer dizer, coisas que o fazem lembrar de mim, o que faz com que, em agosto, já tenha um monte de coisas para copiar e colar.

Levei as folhas para a minha cama, encostei-me à almofada e li:

Segunda-feira, 22 de junho. A Hannah descobriu que a Mia mudou de curso e tenciona formar-se um ano mais cedo. Não temos a certeza, a Mia está a ser evasiva, mas parece que a decisão foi tomada há meses sem o nosso conhecimento. A Hannah está chateada por a Mia não ser próxima de nós, por não partilhar nada, mas não sei se é assim. Lembro-me de não ter contado aos meus pais quando decidi trocar Medicina por Gestão, sobretudo porque não queria desiludi-los. A Hannah é doutorada em Linguística, por isso percebo que a Mia não a queira desiludir, por já não querer seguir as pisadas dela.

O que me chateia é a substância da decisão — o facto de ter desistido de Filosofia e de se querer licenciar mais cedo. Vamos falar com ela amanhã, mas tenho estado a tentar perceber porque é que isto me chateia.

Dizem que queremos sempre mais para os nossos filhos do que para nós próprios, e o que quero para ela é uma perspetiva de vida melhor do que a minha. Para mim, o equilíbrio e a felicidade têm sido mais difíceis de alcançar do que o sucesso objetivo, e receio que ela seja como eu. Gostava de lhe conseguir transmitir isto — é ótimo sermos bem-sucedidos e esforçados, mas, se aumentamos imediatamente a fasquia depois de alcançarmos o sucesso, qual é o objetivo da conquista? Porque é que ela tem tanta pressa em formar-se? Porque não faz um semestre no estrangeiro, desfruta dos amigos da universidade? E incomoda-me que ela vá escolher algo que me soa a Engenharia de Software. Espero que esteja a fazer isto porque adora música de computador. Porque eu sei que ela adora filosofia. Quero fazer-lhe ver que é importante escolher algo de que gostamos, não algo que achamos que nos vai proporcionar um emprego prestigiado e bem remunerado.

Já para não falar da música. Sei que ela nunca vai tocar profissionalmente, mas adorava ouvi-la a cantarolar pela casa, a trabalhar nas suas composições, a descobrir uma estranha progressão de acordes no seu teclado. Será que ela ainda faz isso?

Encontrei notas de QF antigas relacionadas com isto que me pareceram uma boa base para um ensaio sobre esta cultura louca das admissões nas universidades:

Mia e o Dalai Lama: Como ser ambicioso e feliz: Janeiro de 2018

A Mia recebeu este bolinho da sorte ontem à noite: «O Dalai Lama diz que, para sermos verdadeiramente felizes na vida, devemos aprender a deixar de querer o que não temos.» A Mia tem um ódio de estimação a estes bolinhos da «não sorte» — «filosofia de bolinho da sorte», como ela diz —, mas ficou particularmente irritada com este. Discorreu durante algum tempo sobre como aquilo era «idiota, redutor e banal» (a sua frase preferida atualmente) porque 1) de uma perspetiva psicológica, é muito difícil (talvez impossível) simplesmente querer menos, e 2) não é bom para o indivíduo ou para a raça humana como um todo porque incentiva a complacência e a estagnação; nunca aprenderíamos, cresceríamos, expandiríamos se não ansiássemos e lutássemos por aquilo que ainda não temos. «Seja como for, acho que a felicidade é sobrevalorizada; se tivesse de escolher entre isso e conseguir as coisas que quero, desistiria de bom grado da felicidade», disse.

Ri-me e disse-lhe que não era uma questão de tudo ou nada, que era uma questão de perspetiva, de equilíbrio, mas tenho pensado muito nisso. Será a felicidade verdadeiramente incompatível com a ambição? A indústria da felicidade parece de facto pressupor uma correlação inversa entre felicidade e ambição; há inúmeros artigos sobre como podemos ser mais felizes se moderarmos a ambição.

Mas a Mia tem razão. Há pessoas como ela que não podem ou não querem pôr em causa as suas ambições. Eu e a Hannah já dissemos muitas vezes entre nós que é uma bênção o facto de o John ter ambições mais modestas que são mais fáceis de alcançar, mas, como não é essa a inclinação natural da Mia, não quero forçá-la ou manipulá-la para que se contente com menos. Estará a Mia condenada a uma vida de desilusões, ou poderá ter as duas coisas?

Maio de 2018: Penso que é possível conciliar ambição e felicidade se reduzirmos a linha de base e mantivermos as expectativas elevadas. Muitas pessoas têm a tendência para definir subconscientemente a linha de base como o máximo/melhor que já experimentaram, sobretudo as que estão enraizadas na cultura americana de querer sempre mais, de procurar «o melhor» e, quando acontecem coisas más, de se manterem «esperançosas» e «otimistas», de «cabeça erguida», porque isto é apenas um contratempo temporário, etc. A Mia faz muito isto, uma conquista torna-se imediatamente a nova linha de base que a catapulta para o objetivo seguinte. Eu costumava ser assim, sobretudo no âmbito da cultura empresarial de *mais ou nada*; somos promovidos e ficamos felizes durante uma semana até nos adaptarmos e a nossa

linha de base subir, e depois queremos a próxima promoção, chegar cada vez mais longe. Será esta uma característica inata e imutável? Ou é possível ensinar a Mia a continuar a esforçar-se para subir e conseguir mais, mas mantendo a linha de base na posição inicial? Deve fazer questão de interagir com as pessoas que estão nessa linha de base e lembrar-se de si própria nessa posição. Dar um salto em frente, sim, mas esforçar-se por manter a linha de base no nível original, o que a ajudará a desfrutar de cada conquista durante mais tempo.

Procurei a citação do Dalai Lama (sobretudo para ganhar uma aposta com o John, que estava convencido de que quem imprimiu aquele texto confundiu o Dalai Lama com o Dumbledore, que disse ao Harry Potter que no Espelho de Ojesed (desejo) a pessoa mais feliz do mundo ver-se-ia exatamente como é). A citação verdadeira é: «Precisamos de aprender a querer o que temos e NÃO a ter o que queremos, para conseguirmos uma Felicidade estável e duradoura.» Eis a minha interpretação: claro que vamos e podemos querer mais. *Devemos* querer mais. Mas também devemos passar algum tempo a tentar querer o que já temos. É um pouco diferente de «praticar a gratidão» ou valorizar ou agradecer a uma força superior ou a Deus pelo que temos. (A Mia nunca faria tal coisa.) Significa, sim, que não devemos deixar que o que já temos seja a linha de base. Devemos pensar na pessoa que éramos antes de alcançarmos essa conquista e lembrar-nos do quanto queríamos aquilo que agora temos — o/a cônjuge/companheiro/a, a família, a casa, o emprego. Imaginar-mo-nos num universo alternativo em que não temos a nossa família, não podemos ter os nossos filhos ou a nossa cara-metade, e em como esse nosso outro eu estaria desesperado para conseguir o que temos. Ou, para aqueles que não acreditam no multiverso, pensar em como eram há cinco anos.

Será que isto resultaria? A Mia adora tudo o que tenha que ver com multiverso/viagens no tempo. Um desafio de um mês para fazer isto uma vez por dia enquanto escova os dentes de manhã?

Ficou por ali. Li aquela carta vezes sem conta. Fechei os olhos. Perguntei-me o que diria o meu pai se soubesse que desistiria da universidade, das notas, das distinções, de tudo o que ele achava ser tão importante para mim se pudesse falar com ele sobre isso durante cinco minutos, se pudesse ler a carta que ele me teria escrito.

Cingi a carta junto ao peito e deitei a cabeça na almofada. Imaginei o meu eu de amanhã, o meu eu da semana seguinte, a lavar os dentes, a lembrar-me ativamente do meu eu deste dia, que queria desesperadamente que o Eugene estivesse em segurança, que todas as acusações fossem retiradas, que estivéssemos todos ali em casa, juntos. Manteria este momento — hoje, agora mesmo, com o meu pai morto e o Eugene em risco de ser preso — como a linha de base, garantindo que seria relativamente feliz para o resto da minha vida. Porque este

tinha de ser o ponto mais baixo da minha família. As coisas não podiam piorar.

O Princípio do Fim (?)

Na música, quanto mais tempo mantemos um acorde dissonante, maior é a satisfação emocional quando ele se resolve. Quando o som dissonante se prolonga em demasia, soa mal, e sabemos que vai acabar em breve, tem de acabar, mas a impaciência e a antecipação aumentam, e, enquanto essas notas se mantêm nas vibrações dos nossos tímpanos, entra em cena o acorde consonante. A promessa daquele estado liminar em que ambos existem, a dissonância e a consonância a colidir numa confusão requintada até que as notas dissonantes se dissipem completamente em harmonia.

Este é um dos elementos que tenho tentado captar no meu trabalho de programação algorítmica — tentar perceber se existe um limite para o período de dissonância. Em que ponto é que o ouvinte fica frustrado e desiste da promessa de resolução?

Depois da videochamada de Zoom do Eugene com a Anjeli, ficámos num estranho purgatório, na transição do desaparecimento do meu pai para a morte do meu pai. Sabíamos que ele estava morto, mas o mundo em geral não. As buscas da polícia ainda decorriam. As pessoas continuavam a enviar e-mails e a telefonar com pistas de avistamento do meu pai. Os meios de comunicação social locais continuavam a fazer atualizações, embora, felizmente, os processos juvenis fossem confidenciais, pelo que ninguém sabia que o filho do pai desaparecido tinha uma audiência marcada em tribunal. Parecia prematuro dizer-

lhes para pararem, sobretudo porque havia uma hipótese, ainda que remota, de o meu pai ter de alguma forma sobrevivido à queda e ter sido levado pela corrente do rio para um sítio inacessível; ferido, mas a sobreviver à base de água da chuva e plantas. Ninguém pensou em avisar os amigos ou tratar dos preparativos para o funeral ou algo do género. Tudo, incluindo o luto, foi posto em espera.

Comemos. Tomei banho. Chorei no duche. Acedi a blogues locais em busca de mulheres que gostam de lançar gás-pimenta a rapazes adolescentes. Pesquisei no Google «qual foi a queda mais alta a que alguém sobreviveu» e analisei artigos de jornais locais sobre caminhantes e canoístas envolvidos em quedas quase mortais no parque e arredores. Fiz uma lista com os nomes e as datas. Paguei 50 dólares a um diretório online para obter os seus números de telefone e moradas. Sabia que era tudo inútil e que estava a torturar-me, mas qualquer coisa era melhor do que a estagnação da espera.

A situação piorou depois de a Shannon nos ligar a informar que, com base nas notas e na gravação do relato do Eugene, o oficial Higashida tinha marcado uma reunião virtual para as 20h para discutir a possibilidade de anular a sua ordem para a audiência de acusação. Quando ela chegou e a audiência via Zoom começou, já tínhamos ultrapassado o estado de agonia e estávamos supercalmos.

— Eugene — disse o oficial Higashida —, gostaria de começar por pedir desculpa por tudo aquilo por que teve de passar. Sei que foi um dia longo, por isso vou tentar ser o mais breve possível. Primeiro, gostaria de dispensar a questão de ontem da inspetora Janus. A sua advogada argumentou que se tratou de um mal-entendido. O Eugene moveu o braço em direção ao quadro, o que a inspetora Janus interpretou como sendo um gesto indiciador de um potencial apunhalamento da sua mãe. Inspetora?

— Não me importo de deixar cair este assunto. Para que fique registado, só levei o Eugene para a esquadra para seguir o protocolo sobre o registo de agressões. Eugene, lamento imenso ter-te agarrado no braço daquela maneira. Compreendo que deves ter ficado assustado. Espero que compreendas que estava a tentar proteger a tua mãe.

Havia algo de enervante no pedido de desculpas excessivamente solícito da inspetora Janus. Parecia estar a esforçar-se para provar que

era uma pessoa justa, como quem acumula crédito para algo que tenciona fazer mais tarde. Ou talvez eu estivesse a ser paranoica, permitindo que o meu ódio por aquela mulher influenciasse a minha percepção, e devesse apenas desfrutar do pedido de desculpas como a Shannon e o resto da família pareciam estar a fazer.

— Resta a questão do Sr. Parson — continuou o oficial Higashida.
— A Dra. Haug argumentou que a declaração do Eugene esclarece que se tratou de uma tragédia que não ocorreu por culpa dele. Inspetora Janus, concorda?

Ela evitou a pergunta.

— Sei que se trata de uma audiência informal, mas mesmo assim os meus colegas do Ministério Público referiram que nunca viram este método de comunicação ser usado em processos judiciais.

— Este método específico, que consiste em soletrar as palavras por meio de um quadro de letras em estêncil, pode nunca ter sido utilizado em tribunal — interveio a Shannon —, mas não é diferente de usar um intérprete no caso de um falante de língua estrangeira ou um teclado ou um especialista em linguagem gestual no caso de uma testemunha com deficiência auditiva. O Eugene Parkson é como qualquer outra pessoa que requer um passo adicional para que os seus pensamentos sejam compreendidos por terceiros. E, como podemos ver pelo vídeo, as palavras que transcrevi foram as *suas* palavras, escolhidas por ele. Podem chamar-lhe furar ou codificar, mas o que ele fez foi soletrar e escrever sozinho, utilizando uma ferramenta diferente da que eu utilizaria, por exemplo, para escrever um comunicado.

— Isso faz muito sentido para mim — declarou o oficial Higashida, e a inspetora Janus esboçou um sorriso rígido, como se concordasse com relutância. — Nessa medida, se tratarmos o testemunho do Eugene como qualquer outra declaração de um jovem, o que tem a dizer, inspetora?

A inspetora Janus disse que, apesar das suas «reservas» sobre o formato da «versão do Eugene», tinham-se esforçado por seguir as pistas da «versão do Eugene». (Repetiu «versão do Eugene» catorze vezes durante a conversa. Eu contei.) Disse que a mulher conhecida por lançar gás-pimenta aos jovens admitiu ter estado no parque na terça-feira de manhã, mas negou convictamente ter visto o Eugene ou

o pai, e muito menos ter-lhes lançado gás-pimenta. A blogger disse que não viu mais ninguém perto do Eugene e do pai. Além disso, a equipa da inspetora Janus não tinha conseguido localizar os rapazes «que o Eugene Parkson alegou terem instigado as dificuldades que resultaram no desaparecimento do Sr. Parson».

Bem, de palavreado jurídico percebo eu. Sei que a polícia e os advogados têm de usar palavras como «alegar» e «instigar» por questões de presunção legal e blá-blá-blá. Mas havia algo subjacente à linguagem jurídica usada pela inspetora Janus, uma ênfase que deixava bem claro que não se tratava de uma formalidade. A Shannon disse:

— Estas objeções são irrelevantes. Não me surpreende que alguém que tenha usado gás-pimenta para atacar pessoas, o que é um crime, negue ter feito tal coisa. O facto de a blogger não ter visto a dita senhora perto do Eugene e do seu pai também não prova nada; o Eugene deixou claro que ficou perturbado durante muito tempo, pelo que a blogger podia facilmente tê-los encontrado naquele estado vários minutos depois de a senhora que lançou o gás ter abandonado o local. Creio que há aqui uma questão mais importante, algo que a inspetora Janus está a tentar insinuar. Agradecia que pusesse os jogos de lado e dissesse o que quer dizer.

— Tenho de concordar, inspetora — disse o oficial Higashida. — Aonde quer chegar?

A inspetora Janus estreitou o olhar.

— Ouçam, quem me dera não ter de dizer isto. — (*Então, não digas, pensei.*) — Mas a verdade é que estamos a ter problemas em corroborar o depoimento do Eugene. Obtivemos novas provas hoje de manhã, imagens muito perturbadoras captadas por uma ornitóloga numa ilha do rio, na altura em que Adam Parson desapareceu. Levantam muitas questões e gostaria que as analisassem.

Enquanto a Shannon protestava e o oficial dizia que aquilo não era um processo formal e pedia à inspetora Janus para mostrar as imagens, vi nos rostos da minha família a mesma confusão que eu estava a sentir. Seria uma gravação diferente, feita por outra pessoa? Quantos ornitólogos poderia haver numa ilha do rio?

As imagens surgiram no ecrã. Era o mesmo vídeo, o mesmo segmento que o Vic tinha conseguido obter — nada antes do cardeal-

do-norte no céu, nada depois do grito «Eugene, nãããããããão» do meu pai —, nada que contradissesse a explicação do Eugene.

— Não percebo — disse o oficial Higashida. — Estas imagens estão em linha com tudo o que foi dito pelo Eugene. Corroboram as suas declarações.

— Foi o que eu pensei no início — disse a Janus. — Mas depois descobrimos que o Eugene, a sua família e a sua advogada obtiveram esta gravação ontem, antes de nós. A mulher que forneceu a gravação disse-nos que um jovem afro-americano copiou sub-repticiamente a gravação para o seu telemóvel sem a sua autorização, talvez para receber o dinheiro da recompensa. Seja como for, os agentes da minha equipa reconheceram a descrição do jovem como sendo semelhante à do namorado da Mia, que escoltaram até à casa dos Parkson ontem, o que faz sentido (foi por isso que ele fez uma cópia, para mostrar à família), e daí podemos concluir que todos viram o vídeo ontem à noite. *Antes* de o Eugene prestar declarações.

Merda. A Shannon tinha-nos avisado precisamente daquilo. Desejei que o Vic não nos tivesse mostrado as imagens, que nenhum de nós as tivesse visto. O cenário ideal era que aquela gravação tivesse surgido *depois* do depoimento do Eugene, servindo como prova independente que verificasse a versão do meu irmão — fim da história. O que aconteceu foi o pior cenário possível. A inspetora Janus viu a gravação, que confirmava a sua suposição de que o Eugene tinha feito mal ao meu pai. Quando ouviu o relato do meu irmão, deve ter começado a pensar se não se teria precipitado a tirar conclusões injustas, e talvez até se tenha repreendido. Mas *depois* descobriu que já tínhamos visto a gravação. Além de todas as dúvidas, sentiu-se enganada.

— Muito bem, vamos perguntar-lhes — disse o oficial Higashida. — Viram esta gravação? Se sim, quando?

— Sim, vimos — disse a Shannon. — Ontem à noite. E então? De que nos está a acusar exatamente, inspetora?

— Não estou a *acusar* de nada. Mas, como sei que o oficial Higashida concordará, é muito raro obter uma explicação que encaixe de forma tão perfeita em todas as provas descobertas até àquele momento. É muito conveniente e uma sorte que a versão do Eugene consiga explicar os pormenores mais incriminatórios do vídeo da

blogger e do áudio da ornitóloga.

Basicamente, aquilo era o que a Shannon tinha realçado em relação ao depoimento do Eugene (o facto de explicar tudo na perfeição), mas, dito pela inspetora Janus, adquiria uma conotação mais sinistra. Foi então que a Janus proferiu pela primeira (mas não última) vez o oxímoro que passei a desprezar: a «versão realista ideal», como quem diz: «Não podiam ter inventado uma história realista mais ideal.»

A Shannon ficou furiosa.

— Estou indignada com tudo isto. Estão a acusar-me a mim e aos meus constituintes de estarmos a *inventar* uma história? Talvez a explicação do Eugene encaixe perfeitamente nas provas porque é a verdade!

O oficial Higashida interveio:

— Inspetora Janus, compreendo o que está a dizer em teoria, mas estou confuso com o que a leva a ter tanta certeza de que algo está errado. Tem razões específicas para duvidar da declaração do Eugene? Provas que a ponham em causa?

O Vic. Meu Deus, será que ela o tinha seguido quando saiu de minha casa, para depois o deter e ameaçar? Ou talvez ele tivesse tido um ataque de consciência e tivesse ido diretamente de nossa casa para a polícia? O meu raciocínio estava a mil, e eu estava a ter dificuldade em perceber se aquela era a ideia mais ridícula de sempre ou algo perfeitamente plausível. Felizmente, a inspetora Janus disse:

— Não, não há provas, mas...

— Está a sugerir — atalhou o oficial — que um rapaz de 14 anos com deficiências cognitivas e de comunicação significativas pegou nas provas que temos diante de nós e conseguiu sintetizá-las numa história complexa que explica todas as suas facetas?

Eu sabia que o argumento dele jogava a nosso favor, mas era difícil não me sentir ofendida pelo Eugene. Estaria o oficial ainda a duvidar da inteligência do meu irmão? O Eugene sorriu, e parecia estar a provar o ponto de vista do oficial Higashida — um simplório feliz, um *bah-bo* incapaz de criar estratégias, sintetizar, manipular. Mas, às vezes, sorrimos para encobrir uma vergonha profunda, e desconfiei que fosse esse o caso.

— Não nos esqueçamos — disse a inspetora Janus — que o

Eugene tem ao seu lado familiares que estão muito empenhados...

— Bem, vamos perguntar-lhes. Dra. Park, Mia, John, inventaram esta história e repetiram-na ao Eugene, fizeram-no memorizá-la e depois, de alguma forma, obrigaram-no a repeti-la letra a letra, palavra a palavra, ao longo de quatro horas? — A forma como o oficial Higashida colocou a questão era clara: estava ofendido por nós e não acreditava naquilo.

— Não, claro que não. Isso é ridículo. É um insulto — disse a minha mãe.

A inspetora Janus não se deixou intimidar pelo tom desdenhoso do oficial Higashida.

— John, Mia, é verdade? — perguntou-nos.

O John começou a gaguejar e eu pensei: *Meu Deus, não*. E apressei-me a dizer:

— Não, não inventei esta história como uma espécie de álibi para o Eugene — na esperança de que o John percebesse que o que tínhamos feito ontem à noite não era uma tentativa conspiratória de subverter a verdade ou algo que se parecesse. Ele percebeu e disse:

— Não. Eu nunca faria isso.

— Lamento, mas tive de perguntar — disse a inspetora Janus. — Mas uma declaração sem fundamento feita pelo acusado não é suficiente para simplesmente...

— E o telemóvel do Adam? — disse a Shannon. — Conseguiram encontrar a foto das duas páginas que o Eugene mencionou?

A inspetora Janus disse que não, que tinham tentado obter as fotografias do telemóvel sem o código de acesso, mas que não tinham conseguido.

— Na verdade, foram essas duas páginas que nos levaram a pôr em causa a versão do Eugene. Achámos estranho que elas não estivessem na mochila, sobretudo porque encontrámos o caderno e o quadro de letras. Se juntarmos a isso o ceticismo da Sra. Rapari em relação ao facto de eles começarem a comunicar de repente, senti que tinha o dever de trazer esta questão à baila.

O oficial Higashida parecia mais convencido com esta linha de raciocínio, e perguntou se algum dos compartimentos da mochila estava aberto (resposta: não), mas a Shannon disse:

— E se as páginas não estivessem na mochila? E se o Sr. Parson as

colocou no bolso?

A inspetora Janus disse que tinham pensado nisso, mas que a minha mãe lhe tinha dito que o meu pai estava a usar calções de ginástica sem bolsos.

— Talvez estivessem no bolso do Eugene — aventou a minha mãe. — Ele tinha aqueles calções pretos que adora. Têm bolsos. É melhor irmos ver.

Eu não queria mesmo ir por aquele caminho. Não porque duvidasse da existência das duas páginas — não duvidava naquele momento; ainda não —, mas porque me lembrava de onde estavam os calções: na máquina de lavar onde tinha posto a roupa manchada do Eugene, mesmo antes de lhe dizer para limpar o sangue debaixo das unhas. Teria eu, na minha tentativa de proteger o meu irmão mais novo, destruído inadvertidamente a única prova de que precisávamos desesperadamente para provar a sua inocência? Estava prestes a confessar quando o John interrompeu, disse que sabia onde eles estavam e correu para o piso de cima.

Desceu um minuto depois, não podia ter sido mais rápido se tivesse agarrado na primeira coisa com que se deparou sem sequer olhar. Pensei que ia voltar de mãos vazias e dizer que não, que não estavam onde ele pensava (atrás da porta da casa de banho onde o Eugene põe toda a roupa suja). Mas, em vez disso, o John mostrou os calções secos e cobertos de sujidade do Eugene. Entregou-os à Shannon e disse:

— Sinto qualquer coisa neste bolso.

A Shannon, que já tinha calçado luvas de látex como parte do seu equipamento de proteção contra a covid-19, pediu autorização à inspetora Janus e ao oficial Higashida antes de verificar. Enquanto tirava e desdobrava um papel do bolso, puxei pela cabeça. Será que os calções tinham caído da pilha de roupa que juntei e levei para a máquina de lavar e, na minha pressa, não os tinha visto, da mesma forma que acabamos sempre por perder meias de forma misteriosa? Ou será que estava tão concentrada na camisola manchada de sangue que deixei os calções para trás? Ou quem sabe se, quando eu estava a falar com a polícia, o Eugene não parou a lavagem ao lembrar-se das páginas, com o intuito de as guardar? Mas porque não referiu isso quando nos falou das páginas? E como é que o John as encontrou tão

rápida e facilmente?

A Shannon digitalizou as páginas antes de as mostrar à câmara para todos verem. As letras surgiam invertidas no ecrã e eram difíceis de decifrar, mas vi imediatamente que era o mesmo papel e estilo de letra das páginas que estavam na pasta de arquivo que tinha encontrado na primeira noite, as páginas que eu tinha confundido com código. Era o tipo de letra de imprensa que o meu pai usava nas partes mais relevantes do seu caderno de QF, na lista de compras que mantinha no frigorífico, nos bilhetes tolos que punha no saco do meu almoço no liceu. (Tinha-os deitado fora, e agora desejava tê-los guardado. Só um que fosse.)

— Podemos ver letras aleatórias na parte de cima. O Eugene disse que tinham treinado furar as letras antes disso — disse a Shannon. — Mas a meio temos a primeira frase a sério, PERDOO-TE. A imagem está ao contrário, por isso vou ler tudo.

— Na verdade, só a nossa é que está espelhada. Eu trato disso — disse o John, e ajustou as definições.

Quando a imagem se inverteu, a letra do meu pai tornou-se perceptível:

PERRDOOTE

DESCOLPA TER ALEJADO TUA CARA

NÃO ERRA MIHA INTENÇÃO

LOL

FOME

BATATA

M ZANGADA C O FILME MAU?

M6 = J9 LOL

IM 7

SE NA TEMPESTADE FELIZ DEPOIS MAS HORRÍVEL AGORA

PQ FAZES ISTO?

VAMOS CONTAR FAM SOBRE NOS

QF

HOJE

PROMETES?

Havia algo de errado naquela nota. Analisei as palavras no ecrã, os comentários e as perguntas do Eugene na letra de imprensa do meu pai, linha a linha, letra a letra. O que me incomodava naquilo? Enquanto estudava as palavras — seriam as abreviaturas? —, o oficial Higashida folheou um documento que tinha diante de si.

— Quanto a si, não sei, inspetora Janus, mas isto parece-me bastante convincente. Estou a ver o depoimento do Eugene e isto é consistente com o que ele disse. O Eugene pediu desculpa, trocaram piadas, LOL, batatas fritas, o resto devem ser perguntas e comentários que constam do caderno do pai. Mesmo que não encontre mais nada, isto deve ser suficiente para convencer qualquer pessoa razoável de que as coisas aconteceram como o Eugene referiu. Não consigo pensar em nada que me faça pôr em causa o seu relato.

Foi o princípio do fim. A inspetora Janus não disse que concordava, mas também não disse que discordava — referiu apenas algumas frases vagas sobre ainda estarem a seguir pistas (não especificadas) sobre a possibilidade de fazerem o teste do polígrafo à mulher do gás-pimenta e de tentarem identificar os três rapazes —, e eu deixei-me pensar aquilo que tivera medo de pensar, que a ameaça da detenção do Eugene tinha, muito possivelmente (embora não definitivamente, alertei-me), desaparecido. A investigação prosseguiria nos dias seguintes — identificação de outras mulheres que usavam gás-pimenta, que afinal eram várias, fruto de uma publicação viral na nossa zona sobre mulheres e asiáticos serem atacados no parque; o Eugene teria de ver fotografias de rapazes conhecidos por frequentarem a zona do tráfico de droga; confirmação da letra do meu pai por peritos em falsificação. Mas tudo isso seria mais tarde, no período que registámos nas nossas memórias e conversas como Posteriormente.

O oficial Higashida prosseguiu:

— Inspetora Janus, sei que a investigação ainda não terminou. Mas não vou manter este caso aberto com base na hipótese remota de encontrarem algo no futuro. Se isso acontecer, posso reabri-lo. Neste momento, não há nada que me faça desconfiar que o Eugene é mais do que uma vítima trágica e alguém de quem devíamos cuidar, não acusar. Estamos de acordo que devemos deixar esta pobre família em paz? — Ela não disse nada e o oficial Higashida continuou: — Ótimo. Vou anular a minha recomendação anterior de detenção temporária e prisão domiciliária, e eliminar tudo isto dos registos do tribunal de menores.

O resto da audiência foi uma névoa. Só me lembro de que o oficial Higashida rabiscou qualquer coisa no seu bloco de notas e voltou a

colocar a tampa na caneta, lenta e cuidadosamente, com um estalido, e depois, com igual lentidão e cuidado, pousou a caneta exatamente no meio do bloco. Enquanto ele fazia as suas observações finais, olhei para a caneta no ecrã e pensei na cara daquele rapaz na janela do centro de detenção, atrás das grades.

Ontem, tínhamos demonstrado um enorme regozijo com o anúncio de uma prorrogação temporária. Mas hoje, quando a videochamada terminou e o ecrã ficou a negro, nenhum de nós festejou — não houve abraços, graças a Deus ou sorrisos. A anulação da ameaça contra o Eugene era uma vitória gigantesca, algo por que ansiávamos e que eu esperava que aliviasse a pressão que me apertava os pulmões e o coração, que atenuasse as dores do meu corpo. Mas, quando muito, a dor tornou-se mais intensa e profunda, como se a minha preocupação com o Eugene estivesse a encobrir outra coisa, como uma ligadura, e que, agora que ela tinha sido arrancada, eu tinha de enfrentar a dor permanente que estava por baixo. A Shannon disse:

— Ouçam, sei que estão destroçados por causa do Adam, claro que sim. Mas o que acabou de acontecer é uma coisa boa, é algo por que podem e devem estar gratos e até felizes. É possível que se sintam culpados por não ser conveniente festejar numa altura destas. Mas é um triunfo. Não só a audiência, mas o facto de o Eugene conseguir finalmente comunicar as suas ideias e defender-se. Estou muito orgulhosa de ti, Eugene. Estou muito feliz e aliviada por ti, por todos vocês. Por isso, aproveitem para processar tudo e desfrutem dos momentos em que se sentem efetivamente felizes e aliviados. Tenho a certeza de que é isso que o vosso pai queria. O que ele fez pelo Eugene foi heroico, e deviam celebrar isso também. Ele merece.

Ela tinha razão, claro, e as suas palavras tiveram o efeito de despertar a minha mãe, que lhe agradeceu por tudo — por ter posto a sua vida em suspenso para se dedicar com tanto empenho ao caso do Eugene, por ter posto a sua saúde em risco para estar no mesmo espaço que nós, por ter sabido lidar connosco e com as autoridades, de modo a conseguir o melhor resultado.

A Shannon arrumou os seus apontamentos, guardou as duas páginas num saco para deixar na esquadra de polícia e dirigiu-se para a porta. A minha mãe seguiu-a à distância para se despedir. Quando

ouvimos a porta a fechar, eu, o John e o Eugene olhámos uns para os outros. Estava à espera de que o Eugene voltasse a correr escada acima para começar a saltar, mas vi a exaustão a apoderar-se dele, o seu corpo descaído e os olhos arregalados a fazê-lo parecer ainda mais um miúdo vulnerável. Estávamos todos sentados no sofá, com o Eugene entre mim e o John, e encostámo-nos uns aos outros, com as nossas cabeças a tocarem-se.

A minha mãe voltou a entrar na sala. Parou ao lado do suporte do quadro de letras em estêncil, com a cabeça ligeiramente inclinada, e observou-nos como quem estuda um quadro de que se gosta, mas que nunca se viu ao vivo — com um novo apreço, um catalogar das vertentes em que se repara pela primeira vez, um amor mais profundo do que se imagina. Ou talvez tenha sido eu a ver as coisas dessa forma.

A minha mãe deu um passo na nossa direção e o Eugene levantou-se e correu para ela, para os seus braços abertos. Eu e o John pegámos na mão um do outro e apertámos com força.

Ficámos assim durante muito tempo. Eu e o John com os olhos toldados pelas lágrimas, mas abertos para captar a imagem que tínhamos diante de nós. A mãe e o Eugene num abraço apertado, com as lágrimas a fundirem-se onde as faces se tocavam. Ao seu lado, o quadro de letras, a tábua de salvação do Eugene, e, na parede à nossa frente, a lista da Shannon.

O que aconteceu a Adam Parson?

Uma pergunta para a qual havia finalmente resposta. A hipótese «Morte acidental com envolvimento do EP» tinha sido descartada.

Mais tarde, nessa mesma noite, quando a Shannon enviou a notificação do cancelamento da audiência no tribunal de menores, riscámos o último ponto da lista e arrancámo-la da parede.

Nos dias e semanas que se seguiriam, colocaríamos o quadro à frente do Eugene na esperança de que ele comunicasse connosco sem a Anjeli pela primeira vez; tentaríamos várias vezes por dia, tantas vezes e durante tantos dias quantos fossem necessários. E, quando isso finalmente acontecesse, poríamos em palavras tudo o que tínhamos sentido durante aquelas sessenta horas — o pânico, a complacência, a autorrecriminação, a dúvida e até os momentos de fúria e ódio contra o pai — e começaríamos a processar o que tínhamos passado e

aprenderíamos a aceitar a nossa família com o pai apenas na nossa memória. Sabíamos que isso estava para vir.

Para já, o início. Amanhã, ou na próxima semana, ou no próximo mês, começaríamos tudo de novo, encontraríamos um novo ponto de partida para reconstruir, novos laços para formar uma nova unidade familiar, mais pequena do que antes. Mas isso teria de esperar. Eu e o John levantámo-nos. De mãos dadas, avançámos para junto da mãe e do Eugene e entrámos no abraço que nos esperava.

PARTE VI

CEM DIAS

1 de outubro de 2020

Quinta-feira

Zebras, Unicórnios e a Navalha de Ockham

Terminamos onde começámos. Um homem não regressa a casa do parque. O rapaz que estava com ele, o seu filho mais novo, corre para casa sozinho, arranhado, com sangue nas unhas, traumatizado. Salta e grita durante horas, tentando em vão acalmar-se. Não se acalma. Não consegue. O parque situa-se junto a uma falésia com águas revoltas, onde é fácil escorregar e cair e nunca mais ser visto.

O filósofo inglês Guilherme de Ockham, que defendeu um princípio de parcimónia e economia para a resolução de problemas, o qual viria a chamar-se a Navalha de Ockham, diria: ao escolher entre hipóteses, a resposta mais simples e que requer o menor número de suposições será, provavelmente, a correta. Por outras palavras, não pensar demasiado. A resposta óbvia é que o homem desaparecido caiu à água por acidente e morreu. Nesse caso, porque perdemos tanto tempo à procura de zebras e unicórnios?

O mesmo se passa com o Eugene. Um rapaz com dificuldades motoras evidentes em todos os aspetos da sua vida, sobretudo em termos de motricidade fina, não consegue falar. Não será a resposta óbvia que se trata de um problema motor? Porque é que a primeira suposição que se faz é que se trata de um problema cognitivo, um problema comportamental? Porque não aceitar aquilo que está à vista de todos? E se esse rapaz encontra alguém que torna a comunicação possível com recurso a um quadro de letras posicionado num ângulo

mais fácil para ele soletrar as palavras, porquê a resposta unicórnio de que o miúdo com a suposta deficiência cognitiva está de alguma forma a conseguir detetar e decodificar um sinal quase invisível para soletrar perfeitamente respostas longas? Porque evitamos o óbvio?

Passámos grande parte do verão e do outono a trabalhar com o Eugene na ortografia e na transição para um tablet portátil. Ao falarmos às pessoas sobre o trabalho do Eugene com a Anjeli, deparámo-nos com um número chocante de pessoas que se recusam terminantemente a acreditar. Não estou a falar de pessoas com dúvidas, que não estão dispostas a acreditar sem provas. Estou a falar de negacionistas que rejeitam provas, afirmando que é tudo uma farsa. Vídeos de não falantes a teclar de forma independente — só podem ter sido adulterados. Não falantes a escrever respostas a perguntas do público em conferências — tablets pré-programados, ou talvez os pais a escrever as respostas nos bastidores. Um dos primeiros pacientes da Anjeli é um rapaz autista não falante cujos comportamentos repetitivos frequentes incluem agitar os braços e bater com a cabeça. Para entrar na universidade, teve de fazer um exame numa sala vazia, sozinho, com o equipamento informático da própria instituição. Os negacionistas escreveram longas análises, como se estivessem a dissecar truques de magia: câmara oculta no cabelo e auscultador encoberto, a mãe no exterior junto ao edifício a sussurrar as letras, uma a uma, ou a escrevê-las diretamente com um teclado *bluetooth*. É deprimente, irritante e fascinante, tudo ao mesmo tempo — os esforços hercúleos que as pessoas fazem para não acreditar no que estão a ver, para rejeitarem tudo o que não se enquadra na narrativa que lhes foi incutida sobre o funcionamento do mundo. É uma espécie de ancoragem tendenciosa particularmente incisiva a nível coletivo. É cansativo lidar com isso, e quando dizemos não, já chega, eles dizem: «Estão a ver? Eles estão a esconder alguma coisa.»

Se subirmos suficientemente a fasquia epistemológica, há coisas que nunca podem ser provadas; o ceticismo extremo conduz ao niilismo, à eliminação de todo o significado. Só não percebo porquê. E depois penso na minha mãe a expressar o terror que sentiu ao pensar que o Eugene esteve preso toda a sua vida, a culpa que carregava por ter causado a agonia do filho. Se acreditar nos nossos olhos e aceitar provas significar que estávamos errados e que fomos

involuntariamente responsáveis pela condenação de um grupo de pessoas a uma prisão interna — talvez seja mais fácil negar. Mas nunca lhes poderei perdoar por isso.

Não estou a dizer que todos os não falantes são como o Eugene, que podem beneficiar de métodos como o da Anjeli, que os seus problemas são motores e não cognitivos. Só peço que não façam suposições com base no rótulo incorreto de «não verbal», na aparência e no comportamento de alguém. Dediquem algum tempo a indagar. O que nos remete para a Navalha de Ockham. Porque é uma regra de ouro heurística, um atalho mental concebido para ser eficiente, e, se toda esta experiência me ensinou alguma coisa, foi que há falácias inerentes à heurística. Atalhos, batotas, enviesamentos cognitivos, coisas que fazemos e presumimos para sermos eficientes, com base em probabilidades e estatísticas, em vez de dedicarmos tempo a perceber. «Asiático» como sinónimo de estrangeiro não americano e bom a matemática; «negro» como sinónimo de criminoso; «não falante» como sinónimo de não verbal; incapacidade de apontar as respostas corretas nos testes de QI como sinónimo de estupidez (e de inferioridade em relação a um ser humano *normal*); sorrir como sinónimo de felicidade, e por aí fora.

O meu pai diria que precisamos de manter a linha de base baixa, ancorá-la ao momento em que pensávamos que o Eugene era verdadeiramente não verbal, para evitar que as dúvidas inexplicáveis e a hostilidade absoluta do mundo nos desiludam. Mas não tenho feito isso. Discutimos o assunto, e a questão é que prefiro que a linha de base seja aquela que deve ser, aquela que precisa de ser: pessoas que presumem e aceitam a inteligência, a competência e o valor. Menos do que isso seria o mesmo que dizer: vamos definir a linha de base como a altura em que as mulheres não podiam votar, em que os negros eram escravos, em que cidadãos americanos eram presos por serem japoneses, e deixar que os nossos corações se elevem e cantem o *Kumbaya* por isso já não acontecer nos dias que correm. O caralho! É este aspeto fundamental que não me parece que o meu pai e outros proponentes da maximização da felicidade percebam: para algumas pessoas, a premissa de que a felicidade é o supracumulo da vida está completamente errada.

O Eugene tem uma opinião diferente. Não sobre a linha de base

social e a presunção de competência — estamos de acordo nesse aspeto —, mas sobre o facto de, embora o pai não quisesse que tudo o que tinha feito se tornasse uma experiência, ter sido isso que aconteceu para a nossa família. A nossa linha de base tornou-se uma linha em que não só o nosso pai estava morto, como o próprio Eugene estava detido numa prisão. Estamos arrasados com a perda do nosso pai, mas comparar a nossa situação com essa linha de base — o que poderia ter acontecido, o que quase aconteceu — faz-nos sentir um pouco melhor. Nesse sentido, o meu pai provou o seu ponto de vista, e a Harnonee também.

O Eugene é generoso até com os negacionistas. Não é que não lhe deem raiva. O que ele faz é reorientar essa raiva para o trabalho, para alimentar a sua motivação a fim de fazer a transição completa para a escrita independente e para se ligar a outros não falantes. A Anjeli organiza encontros semanais no quintal dela. O Eugene tem sido apenas um observador, intimidado pelo ritmo da discussão, mas adora ir, ver aquela comunidade de não falantes a comunicarem uns com os outros — a brincarem, a partilharem, a relacionarem-se, como qualquer outro grupo de amigos adolescentes.

Há dois outros observadores como ele, ambos rapazes autistas da idade do Eugene que utilizam o quadro de letras há relativamente pouco tempo. Os três têm feito sessões de terapia de grupo, respondendo à vez às perguntas da Anjeli sobre História, Ciências e Literatura, à semelhança de um qualquer pequeno grupo de alunos em ensino doméstico. À medida que se vão sentindo mais à vontade uns com os outros e com o uso do quadro de letras, a Anjeli incentiva-os a trabalhar em poemas coletivos. Ela diz que deve ser por causa da privação de produção verbal que tiveram durante toda a vida, ou talvez pela inclinação natural das pessoas autistas para padrões e pela intensidade do seu processamento sensorial, mas a verdade é que os seus pacientes têm uma afinidade natural com a poesia. Já perguntei se posso usar o meu programa de composição para fazer música com este poema, como parte da minha tese.

Recordo a raiva e o medo latente,

Tão cansado, tão indolente.

Nos meus ouvidos, uma nova voz.

Já sinto o fim do isolamento atroz.

Estou feliz por estar presente.

Aqui, onde o medo está ausente.

O medo ao qual já sou indiferente.

Estou presente, estou presente.

É um refrão que vemos muito na poesia e nos ensaios dos não falantes. «Estou presente.» Uma declaração de existência tão simples que não deveria estar na boca de nenhum ser humano. O que significa então que este grupo de pessoas sinta a necessidade de a proferir tantas vezes? É a repetição que me parte o coração. A insistência, o tom de desafio. Dá-me vontade de agarrar nos negacionistas pelos ombros e de os sacudir, gritar-lhes na cara: «Estão a ver? Eles estão presentes. Estão presentes como vocês, porra!» Têm palavras, pensamentos, opiniões. Quero mostrar a essas pessoas o vídeo do Eugene, a raiva dos seus punhos cerrados enquanto soletrava E-S-T-O-U P-R-E-S-E-N-T-E, depois a vírgula, não um ponto final, depois outro E-S-T-O-U, seguido de uma pausa, os braços ainda no ar, os olhos postos nos amigos, alternadamente, um entendimento tácito entre todos, e os três a soletrarem em uníssono, P-R-E-S-E-N-T-E.

Hoje é o centésimo dia da morte do meu pai, embora, como não há corpo, ele ainda não tenha sido declarado legalmente morto. A Shannon está a apresentar uma petição para obter a certidão de óbito, que é necessária para coisas como o pagamento do seguro de vida e a divulgação da ficha clínica. Há alguns meses, a inspetora Janus encerrou o caso do meu pai e devolveu-nos as suas coisas, o que nos pareceu um fim conclusivo, mas a Shannon avisou que o caso pode ser reaberto em qualquer altura. O caso do meu pai continua a ser considerado um caso de pessoa desaparecida por resolver.

Na tradição coreana-budista com que a minha mãe cresceu, o centésimo dia da morte de uma pessoa é considerado o encerramento oficial do período de luto. Parece apropriado, de alguma forma, que o caso do meu pai ainda seja considerado não resolvido. Porque a verdade é que, se os primeiros cem dias são

supostamente para fazer o luto, para todas as interrogações, negações, raivas e quaisquer que sejam os passos do nosso processo, fartámo-nos de andar às voltas com as questões ainda não resolvidas sobre o meu pai que aquelas primeiras sessenta horas revelaram. Algumas, conseguimos resolver (ou decidimos deixar de lado), sendo uma delas a questão da experiência do cancro. Depois de falarmos com o médico do meu pai (que entrou em contacto com a minha mãe aquando da cobertura noticiosa da suposta morte do meu pai) e com algumas amigas, e de aprofundarmos os ficheiros QF, eis a conclusão a que chegámos: o meu pai acordava muitas vezes durante a noite para urinar, um sinal de envelhecimento ou de cancro da próstata, pelo que, tendo em conta o seu historial familiar, decidiu fazer o exame anual ao sangue mais cedo. O resultado foi positivo, mas — e este é um *mas* gigantesco — o teste tem uma taxa de falsos positivos de 15 a 75% (!!!!), e ele não quis assustar-nos desnecessariamente. Enquanto esperava pela biopsia, fez duas coisas: 1) marcou um segundo teste de despistagem para 23 de junho, o dia em que desapareceu, e 2) contou a três das suas grandes amigas da Henry's House sobre o teste positivo (mas não sobre a elevada taxa de falsos positivos) e sobre o segundo teste marcado. Não contou à minha mãe sobre o teste inicial positivo.

Isto deixa-nos com dois mistérios que penso que nunca iremos resolver. Um deles é se a última experiência QF, datada de 23 de junho, envolve esta repetição do teste de despistagem. Acredito que sim, que o meu pai deve ter contado a metade do grupo de mães sobre o teste (pedindo-lhes para não contarem a ninguém, nem mesmo aos outros elementos do grupo, como fez comigo e com o John nas experiências QF anteriores) e deixou as outras três como grupo de controlo. Tendo em conta os apontamentos do meu pai sobre como proteger a família de notícias traumáticas, acho que faz sentido que ele realizasse experiências com pessoas amigas; será que saber do teste de despistagem positivo mais cedo diminuiria a dor se o teste posterior confirmasse o cancro? Intensificaria o alívio no caso de uma boa notícia? O John contrapõe que, nos seus apontamentos, o pai dizia que nunca faria nada cruel e que fazer experiências com cancro seria definitivamente considerado cruel, mesmo se as cobaias fossem amigas de circunstância. Ele acha que o pai desabafou com as primeiras amigas que viu depois de receber os resultados do teste de

despistagem, mas, quando se acalmou, decidiu que o teste era demasiado impreciso para nos contar, a nós ou a qualquer outra pessoa, até à repetição do mesmo. As opiniões da minha mãe e do Eugene variam conforme o dia. O Vic não faz ideia, nem sequer arrisca um palpite, mas acha que estou ansiosa por associar isto à experiência de 23 de junho porque preciso de a riscar e seguir em frente. Porque, se não for esta a experiência, isso abre toda uma nova área de investigação sobre o que raio poderá ser — pode ser *qualquer coisa*, e, aparentemente, essa incerteza incomoda-me e eu não seria capaz de a suportar. Presumo que ele não esteja errado, embora eu nunca lhe dissesse isso.

Claro que o mistério permanece: será que o meu pai tinha mesmo cancro? Nunca saberemos; ninguém sabia, nem o meu pai nem os médicos. O meu pai diria que o melhor seria partirmos do princípio de que sim, porque assim a linha de base a partir da qual medimos a tragédia da sua morte prematura será mais baixa. Mas quando o nosso nível de felicidade é de 0,00000001, faz diferença dividi-lo por uma linha de base de 10 ou 1? Continua a ser horrível. Tal como aquela questão das bombas nucleares e da Guerra Fria — não importa se conseguimos matar toda a gente no mundo elevado à potência de dez ou de cem; morto é morto.

O maior mistério deriva do depoimento do Eugene e da nota de duas páginas encontrada nos seus calções. Se tivesse de arriscar um palpite, diria que, nos últimos 97 dias, pensei nestas coisas aproximadamente 70% das minhas horas acordada, ou seja, 1630 horas. São tantas as perguntas, tantas as possibilidades, que tive de fazer uma tabela:

Questão	Resposta	Notas
1. O depoimento do Eugene é verdadeiro?		
2. A probabilidade de desculpas do pai na noite anterior		
3. A probabilidade de que a cena no vídeo		
4. A probabilidade de comunicação aberta com o pai		
5. A probabilidade de que o pai		
6. A probabilidade de que o pai		
7. A probabilidade de que o pai		
8. A probabilidade de que o pai		
9. A probabilidade de que o pai		
10. A probabilidade de que o pai		
11. A probabilidade de que o pai		
12. A probabilidade de que o pai		
13. A probabilidade de que o pai		
14. A probabilidade de que o pai		
15. A probabilidade de que o pai		
16. A probabilidade de que o pai		
17. A probabilidade de que o pai		
18. A probabilidade de que o pai		
19. A probabilidade de que o pai		
20. A probabilidade de que o pai		
21. A probabilidade de que o pai		
22. A probabilidade de que o pai		
23. A probabilidade de que o pai		
24. A probabilidade de que o pai		
25. A probabilidade de que o pai		
26. A probabilidade de que o pai		
27. A probabilidade de que o pai		
28. A probabilidade de que o pai		
29. A probabilidade de que o pai		
30. A probabilidade de que o pai		
31. A probabilidade de que o pai		
32. A probabilidade de que o pai		
33. A probabilidade de que o pai		
34. A probabilidade de que o pai		
35. A probabilidade de que o pai		
36. A probabilidade de que o pai		
37. A probabilidade de que o pai		
38. A probabilidade de que o pai		
39. A probabilidade de que o pai		
40. A probabilidade de que o pai		
41. A probabilidade de que o pai		
42. A probabilidade de que o pai		
43. A probabilidade de que o pai		
44. A probabilidade de que o pai		
45. A probabilidade de que o pai		
46. A probabilidade de que o pai		
47. A probabilidade de que o pai		
48. A probabilidade de que o pai		
49. A probabilidade de que o pai		
50. A probabilidade de que o pai		
51. A probabilidade de que o pai		
52. A probabilidade de que o pai		
53. A probabilidade de que o pai		
54. A probabilidade de que o pai		
55. A probabilidade de que o pai		
56. A probabilidade de que o pai		
57. A probabilidade de que o pai		
58. A probabilidade de que o pai		
59. A probabilidade de que o pai		
60. A probabilidade de que o pai		
61. A probabilidade de que o pai		
62. A probabilidade de que o pai		
63. A probabilidade de que o pai		
64. A probabilidade de que o pai		
65. A probabilidade de que o pai		
66. A probabilidade de que o pai		
67. A probabilidade de que o pai		
68. A probabilidade de que o pai		
69. A probabilidade de que o pai		
70. A probabilidade de que o pai		
71. A probabilidade de que o pai		
72. A probabilidade de que o pai		
73. A probabilidade de que o pai		
74. A probabilidade de que o pai		
75. A probabilidade de que o pai		
76. A probabilidade de que o pai		
77. A probabilidade de que o pai		
78. A probabilidade de que o pai		
79. A probabilidade de que o pai		
80. A probabilidade de que o pai		
81. A probabilidade de que o pai		
82. A probabilidade de que o pai		
83. A probabilidade de que o pai		
84. A probabilidade de que o pai		
85. A probabilidade de que o pai		
86. A probabilidade de que o pai		
87. A probabilidade de que o pai		
88. A probabilidade de que o pai		
89. A probabilidade de que o pai		
90. A probabilidade de que o pai		
91. A probabilidade de que o pai		
92. A probabilidade de que o pai		
93. A probabilidade de que o pai		
94. A probabilidade de que o pai		
95. A probabilidade de que o pai		
96. A probabilidade de que o pai		
97. A probabilidade de que o pai		
98. A probabilidade de que o pai		
99. A probabilidade de que o pai		
100. A probabilidade de que o pai		

Sombreei aquilo em que acredito pelo menos 80% das vezes, que é (irônico e surpreendente, dada a minha habitual posição antiotimismo) o cenário ideal: tudo aconteceu exatamente como o Eugene disse; ele esteve sempre a dormir e não ouviu nada do que eu e o John sussurrámos; eu fiz asneira e não lavei os calções do Eugene, e a nota que estava nos calções era verdadeira. Simples, de acordo com a Navalha de Ockham. A única coisa em que vacilo é na visão que partilhei com o John; estou 50-50 entre ter sido uma ligação telepática inexplicável com o Eugene, semelhante ao Blue Brain, ou ter sido um subproduto subconsciente de anos da nossa prática de fusão mental através do encadeamento de ideias verbalizadas.

A coluna da direita da tabela inclui o pior cenário possível: eu e o John inventámos toda a história; o Eugene ouviu os nossos sussurros (por isso é que o ressonar dele ficou mais alto — fingiu que estava a dormir) e embelezou a história para criar uma versão falsa; e quando a Shannon falou na necessidade de corroboração, a minha mãe e/ou o John usaram o tempo entre a reunião via Zoom com a Shannon e a audiência de anulação — seis horas, comigo fora do caminho no piso de cima, o que lhes deu tempo suficiente para fazerem o que tinham a fazer — para criarem a nota falsa, colocá-la nos calções limpos do Eugene e esfregar sujidade e relva do quintal para fazer com que os calções parecessem sujos; e, na realidade, o que aconteceu foi que o Eugene e o meu pai nunca fizeram as pazes e, num momento de frustração e fúria, o meu irmão empurrou o meu pai do penhasco abaixo. Não acredito minimamente nesta versão, nem mesmo 0,001% das vezes.[29] Primeiro, por causa daquele último pequeno-almoço, em que os arco-íris do pai suscitaram aquela combinação de gargalhada e revirar de olhos no Eugene. Porque já o vi fazer aquilo outras vezes; quando falamos com o Eugene e o incluímos verdadeiramente nas conversas, em vez de o ignorarmos como costumávamos fazer, a sua personalidade emerge, e ele faz muitas vezes aquela coisa de olhar para o teto para gozar com um de nós (normalmente o John). Sempre que vejo aquilo, penso naquela última manhã com o pai e tenho a certeza de que eles nunca teriam andado à bulha.

Não é tudo ou nada, claro. Todas as variações, todas as permutações e gradações entre os dois extremos da crença absoluta e do ceticismo conspiracionista formam um conjunto vertiginoso de

narrativas. Das 11 644 combinações possíveis das respostas sim/ talvez/não da tabela, há uma que não me deixa dormir à noite e que me convenceu de que era real depois de ter encontrado o papel na nossa fotocopadora no dia a seguir à audiência de anulação. A Shannon pediu-me uma cópia das páginas que estavam na pasta de arquivo que eu tinha encontrado na primeira noite; queria que o seu perito em caligrafia as usasse como termo de comparação, caso a inspetora Janus pretendesse verificar a autenticidade das duas páginas encontradas nos calções do Eugene (o que veio a acontecer, claro). Pensei que tinha deixado a pasta no meu quarto, mas não a encontrei, por isso fui procurar e dei com ela na secretária do meu pai. Ao abrir a tampa da fotocopadora, vi um papel lá dentro: uma das páginas da pasta do meu pai.

Eis o que pensei de imediato: a mãe e/ou o John pegaram naquela folha, uma página com quase todas as letras do alfabeto na letra de imprensa do pai, fotocoparam-na usando o modo escuro e depois colocaram um papel em branco por cima e decalcaram as letras do meu pai e criaram a nota que foi encontrada nos calções do Eugene. A forma perfeita de garantir que a letra coincidia.

Imaginei a nota na minha mente, comparei-a com a folha que estava na fotocopadora e percebi o que me estava a incomodar. A Anjeli disse que o Eugene não gostava de usar atalhos ortográficos; ela teve de o convencer a usar abreviaturas para ser mais fácil contar-nos o que aconteceu ao meu pai. Então, porque é que a transcrição letra a letra que o meu pai fez do que o Eugene tinha soletrado, e que ocorreu dois dias antes, continha frases como «LOL, PQ FAZES ISTO» e «VAMOS CONTAR FAM?» A resposta é óbvia: a mãe e/ou o John criaram aquela nota posteriormente, esquecendo-se de que, até então, o Eugene não tinha usado abreviaturas. Estaria a ser demasiado cética? A Anjeli também disse que já tinha tentado fazer com que o Eugene usasse atalhos. Teria ele começado a usá-los com o pai para facilitar a conversa?

Foi então que criei a tabela, para poder refletir melhor. E aqui está o que destaquei como mais provável nessa altura:

Regra	Descrição			
Regra 1	Se o Eugene é verdadeiro			
Regra 2	Se a mãe pede desculpas do pai na noite anterior			
Regra 3	Se a mãe pergunta que origina a cena no vídeo			

Sim	Primeira comunicação aberta com o pai			
Sim	A pergunta do pai			
Sim	Resposta que eu e o John damos ao pai?			
Sim	Resposta quando eu estava sozinho?			
Sim	Resposta de 2 páginas no início do Eugene é verdadeira?			
Sim	Bolso foi verdadeira:			
	4a. Criada/colocada no bolso pela mãe, pelo John ou por ambos?			
Sim	Resposta (Segunda) colocada no bolso do Eugene)			
Sim	Se Eugene estava quando eu estava que fosse diferente ou que não estava no bolso dos calções)			

Talvez seja a minha alergia permanente ao otimismo demasiado perfeito, mas faz sentido que seja algo intermédio, certo? Não um heroísmo perfeito e autossacrifício, mas também não um empurrão deliberado do Eugene: apenas uma crise sensorial momentânea, o pai a tentar evitar que o Eugene perca o controlo depois de ser insultado pelos rufias, e o meu irmão a ter o comportamento habitual nessas ocasiões — olhos fechados com toda a força, a cabeça a abanar e o corpo numa agitação, um visceral e enfático «NÃO, AFASTA-TE DE MIM», saltos, guinchos — e, quando finalmente se acalma e abre os olhos, o pai desapareceu. O pânico de não saber o que fazer, o desvendar do mistério, as provas a surgirem, uma a uma, e depois, na névoa do sono a meio da noite, a resposta que chega em sussurros, o que poderia ter acontecido, o que terá acontecido, o que ele espera que tenha acontecido. Talvez saiba que inventou tudo. Talvez não. Talvez não tenha a certeza. E, quando as duas páginas aparecem no seu bolso, convence-se de que aquilo aconteceu mesmo.

Quanto à nota, mesmo quando acredito no pior, que foi escrita pela mãe e/ou pelo John, lembro-me de que a autenticidade da nota não tem qualquer relação com a culpa ou inocência do Eugene. A história do Eugene pode ser absolutamente verdadeira e tanto um como outro podem ter acreditado em cada palavra e, mesmo assim, falsificado a nota. Provas substanciais, como disse a Shannon. Uma garantia que seria revelada apenas se a inspetora Janus agisse de forma irracional e injusta, uma salvaguarda para a polícia nos deixar em paz. Seria muito mau se assim fosse?

Tentei perguntar — perguntar, não, nem sequer sugerir, isso seria ir longe demais. Falei do assunto ao John e à mãe. Interpelei o meu irmão:

— Já agora, onde estavam os calções do Eugene? Podia jurar que os tinha lavado.

Ele respondeu que estavam no monte de roupa suja no chão da

casa de banho do Eugene, mas tem piada que a camisola amarela não estava lá. Perguntei à minha mãe:

— Lembras-te do que aconteceu à roupa suja? Podia jurar que tinha lavado os calções do Eugene.

Ela disse que tinha posto uma carga na máquina de secar no outro dia quando a máquina de lavar deu sinal, não se lembrava em que dia tinha sido, mas que fora uma sorte eu não os ter lavado.

O mesmo aconteceu com a folha dentro da fotocopidora, que mostrei à minha mãe e ao John.

— Vejam o que encontrei na fotocopidora. Estranho, não acham?

A minha mãe encolheu os ombros, disse que o meu pai devia ter tirado uma fotocópia para a Anjeli guardar nas suas fichas, coisa em que eu não tinha pensado. Ambos ficaram tristes com a ideia de o pai ter feito aquilo. Não pareceram culpados ou nervosos. Mais tarde, lembrei-me de que não podia ter sido o meu pai, porque me lembrava de ter visto aquela folha na pasta de arquivo, mas podia estar enganada, porque era uma das páginas só com letras aleatórias, sem perguntas sobre Ciências ou História como outras folhas — mais difíceis de distinguir.

Nunca disse nada ao Eugene. Se ele não inventou nada, se é tudo real, merece toda a minha confiança. Já duvidaram dele tempo suficiente.

E, se inventou alguma coisa, fê-lo por nós e pelo pai. Se quisesse salvar-se, podia ter escolhido uma história diferente, muito menos generosa para com o pai. Mas o Eugene sabia que estávamos chateados com o pai por nos ter escondido a Anjeli e o seu método, por duvidarmos dele ao ponto de não poder comunicar livremente com o pai, por isso escolheu uma história que explica todas as coisas que manchavam as recordações que tínhamos do nosso pai. Devolveu-nos o nosso pai, a linha de base não cretina do nosso pai. É uma dádiva, que tenciono preservar e acarinhar, não descartar e pôr em causa.

No mês passado, tive a oportunidade de saber mais sobre a nota, e não só — e tudo sem duvidar do Eugene ou interpelar diretamente a minha mãe ou o John. Teve que ver com a dica enigmática do meu pai

sobre o código de quatro dígitos do seu telemóvel, «somar toda a F & todos os Q», que nunca tínhamos conseguido desvendar.

Acho que a Shannon ficou contente por não conseguirmos aceder ao telemóvel. Podíamos partir do princípio de que o Eugene estava em segurança desde que o telemóvel continuasse bloqueado. Se não fosse o facto de a investigação do meu pai continuar tecnicamente aberta e de não podermos mexer em potenciais provas, a Shannon ter-nos-ia aconselhado a destruir o telemóvel e a garantir que aquela linha de investigação se extinguia. Como o Eugene nunca foi julgado, lembrou-nos, nada impede a polícia de apresentar queixa contra ele no futuro. (Isto veio à baila quando a minha mãe lhe disse que estávamos a incentivar o Eugene a escrever sobre tudo aquilo por que tinha passado. «Isso é ótimo», disse a Shannon, «mas lembrem-se de que tudo o que escreverem, tudo o que contarem a outras pessoas, pode vir a público, por isso tenham cuidado.» Pensei que deve ser triste ser advogado, encarar tudo como potencialmente incriminatório.)

Seja como for, um dia, em agosto, fiquei trancada fora de casa depois de ir buscar o correio e tive de introduzir o código de acesso no teclado da nossa garagem. O meu pai criou códigos personalizados e o meu equivalia aos números de MIA P. Enquanto olhava para as letras que estavam por baixo de cada número e introduzia 6-4-2-7, pensei: *Espera*. FELICIDADE era 3354243233, e QUOCIENTE era 786243683. Se somarmos todos os números correspondentes a «felicidade», obtemos 32. No caso de «quociente», 47. Ou seja, 3247. Um número com quatro dígitos.

Fiquei tão entusiasmada que peguei no telemóvel do meu pai assim que entrei em casa. Só o aviso em letras vermelhas — «9 tentativas de acesso desde o último *login*» — é que me lembrou de que a próxima tentativa seria a última antes de o telemóvel apagar automaticamente todos os dados como medida de segurança. *Muito bem*, pensei, *ainda bem que não avancei por conta própria*. O que estava a fazer? Devia esperar pela chegada dos outros para partilhar a minha revelação. Mesmo que 3247 fosse o código certo, *sobretudo* se fosse o código certo, tínhamos de fazer aquilo juntos. Na verdade, devia ser o Eugene a clicar nas fotos, a mostrar-nos a última fotografia dele com a nota de duas páginas. Já estava a imaginar o seu sorriso orgulhoso, a forma como me enfiaria o telemóvel na cara, numa provocação não

verbal: «Estás a ver? Admite. Duvidaste de mim, não duvidaste? Só um bocadinho?»

Espera. Era por isso que estava tão desejosa por desbloquear o telemóvel do meu pai? Para confirmar que o Eugene estava a dizer a verdade? Ao fim e ao cabo, acreditava nele na maioria das vezes, mas não sempre. E também não confiava totalmente na minha mãe e no John. E não era isso — o nível elevado, mas não total, de confiança, a necessidade de confirmação externa e provas objetivas para ele próprio e talvez para mim também — o que impedia o meu pai de nos falar do trabalho que o Eugene fazia com a Anjeli, de ver o quanto ele estava a magoar o Eugene? Eu tinha-o recriminado por isso, mas não estaria eu a fazer o mesmo?

Pensei no que a Shannon diria, no que ela *disse* naquele primeiro dia na esquadra. «Não me interessa se alguma vez vamos descobrir o que aconteceu; não ter resposta nenhuma é melhor do que ter uma resposta que implique o Eugene.»

Olhei para o telemóvel, os quatro espaços em branco à espera da minha introdução: 3-2-4-7. Eu conhecia-me bem. Queria respostas, desesperadamente, e ali estava uma, a poucos cliques de distância. Se guardasse o telemóvel, convencer-me-ia, no dia seguinte ou no outro, de que tinha sido pelo melhor, que mais ninguém precisava de saber, que me limitaria a dar uma espreitadela e a não contar a ninguém, e que se — *quando* — encontrasse a fotografia que comprovaria tudo isso seria uma salvaguarda para o Eugene no futuro.

Ouvi a porta da garagem a abrir e ergui os olhos. Vi o espaço em branco na parede à minha frente onde costumava estar a lista da Shannon, e um pedaço de fita adesiva esfarrapada que restava de quando a tinha arrancado da parede. Pensei no meu voto naquele primeiro dia, ao ler a lista. Pai ou Eugene? A porta da cozinha abriu-se.

— Mia? Ajudas-nos a trazer as compras? — A mãe e o Eugene. Estava a ficar sem tempo. Carreguei no 3. 2. 4. O meu dedo avançou para o 7. Pairou sobre ele. O 4 estava mesmo por cima, e se eu carregasse nele... — Mia! Onde estás? — Baixei o dedo. Carreguei.

Letras vermelhas. «Telemóvel bloqueado. Dados apagados. Contactar o serviço de apoio ao cliente.»

Como eu disse, conheço-me bem. E conheço o meu pai.

Pousei o telemóvel, agora um pedaço de plástico e metal inerte. Um artefacto. Corri para a cozinha, onde o Eugene carregava um saco de compras ridículamente pesado, prestes a cair. Apressei-me a ajudar e quase caí também; ri-me do que poderia estar naquele saco — carvão ou barras de ouro? — e juntos conseguimos levá-lo para a despensa. (Eram garrafas enormes de refrigerante e uma melancia.) Abracei o Eugene. Abracei a minha mãe. Ela franziu o sobrolho e perguntou a que se devia aquilo. Sorri e disse que estava só a dizer olá, que tinha tido saudades deles. Saí para ir buscar mais compras.

[29] Pensei nela durante 30 minutos (0,0006% dos últimos 100 dias) e até o disse em voz alta, mas só ao John. Foi em julho, depois de termos passado o dia todo a rever os filmes preferidos do pai em homenagem ao que teria sido o seu 51.º aniversário. A mãe deixou o Eugene ver a maioria, até o *Pulp Fiction* (uma versão censurada sem «foda-se», o que, foda-se, dadas as 255 ocasiões em que a palavra era proferida neste filme de 150 minutos, ou uma vez a cada 35,3 segundos, em média, era irritante). Ela guardou *A Raiz do Medo* para depois de o Eugene ir dormir e, quando o vi, reparei em algo que nem acreditei que me tinha escapado antes: (SPOILER!) uma reviravolta em que o simplório aparentemente inocente (um gago, claro, com um sorriso permanente de simplório, como não) acaba por se revelar um génio do crime mordaz e de discurso rápido. Virei-me para o John (a mãe tinha adormecido) e disse: «OK, viste como ele se safou por parecer “lento”, não falar depressa e estar sempre a sorrir? Estamos a fazer a mesma coisa? Dizemos que sabemos que o Eugene é inteligente, mas no outro dia, quando ele resolveu aquela equação quadrática, tentei disfarçar, mas fiquei mesmo surpreendida, sabes? Tipo, porque é que não acreditamos que ele pode ter inventado esta história? Será que isso é porque, lá bem no fundo, ainda somos tendenciosos?» O John olhou para mim como se fosse maluca. «Não, é porque não achamos que o Eugene seja um assassino e um mentiroso maléfico e psicopata. Tal como nunca pensei que pudesses ter matado o pai, eliminado o corpo e culpado o Eugene de tudo, mesmo sabendo que, se alguém nesta

família tem cabecinha para isso, esse alguém és tu.» Disse esta última parte de uma forma que me fez pensar que não era um elogio, mas preferi deixar passar. Desliguei a televisão e disse: «Se isto fosse um filme, sabes quem seria o assassino? Tu, o filho adorável, encantador e maravilhoso.» O John pareceu ficar irritado, em vez de se rir do ridículo, e isso fez-me pensar: a discussão dele com o pai, a nota... seria possível? Meu Deus, o que se passava comigo? A partir daquela altura, jurei manter-me afastada de tudo o que tivesse «reviravoltas» ou «curvas e contracurvas».

Lua Refulgente e Oculta

A cerimónia do centésimo dia vai ser simples. Só nós, a família, no parque, de manhã cedo, antes que comecem a chegar as multidões. Por um estranho capricho do destino, uma coincidência, ou seja lá o que for que lhe queiram chamar, hoje, o centésimo dia desde o desaparecimento do meu pai, é o dia da lua das colheitas, a primeira lua cheia do outono. Na Coreia, assinala-se o Chuseok, um dia para visitar os túmulos dos antepassados e prestar homenagem aos seus espíritos. Quando vivíamos na Coreia, celebrávamos o Chuseok da forma tradicional: caminhando ao longo do riacho até ao cemitério da família da minha mãe, na encosta da colina, e depois limpando as ervas daninhas, fazendo vénias e comendo nas campas dos nossos avós. Inicialmente, tínhamos imaginado a cerimónia do centésimo dia em casa, mas, quando nos apercebemos de que calhava no Chuseok, começámos a pensar em ir até ao parque, caminhar ao longo do rio e passar algum tempo no miradouro da cascata, que era o mais próximo possível do local onde o meu pai estava enterrado. A ideia de comungar com o espírito do meu pai no local da sua morte era um pouco assustadora, mas não mais do que rezar sobre restos mortais apodrecidos e cobertos de vermes.

Mesmo assim, inicialmente estávamos inclinados a não o fazer, por causa do Eugene. Ele demorou dois meses a querer voltar ao miradouro da cascata, o que nós compreendemos (sinceramente, foi difícil para todos nós), e dissemos-lhe que não tinha de voltar a pôr os pés no parque, muito menos naquele local. Mas ele insistiu que sim,

que tinha de lá estar. Além disso, disse-nos, ele não iria esquecer o pai ou o que lhe tinha acontecido se evitasse aquele sítio. E em terceiro lugar (meu Deus, adorava a forma como o Eugene estava a captar os trejeitos que eu própria partilhava com o pai, como aquele de enumerar tudo), ele não queria esquecer, queria recordar e passar tempo ali, porque não era apenas o local onde o pai tinha morrido; tinha sido ali que ele trocara heroicamente a sua vida pela dele. Era um local para recordar e agradecer o sacrifício do pai.

Vim cedo para o parque. Deixei um bilhete à minha mãe, ao John e ao Eugene a dizer que queria ver o pôr da lua e o nascer do sol e que nos encontraríamos às 7h30, conforme o planeado. Segui o trilho ribeirinho, o mesmo percurso que o meu pai fizera no último dia, a água a descer o rio, a ganhar velocidade e força, a espumar, a agitar-se, a contornar as pedras, e depois uma barragem de rochas escarpadas, uma súbita corrente e, por fim, a força da gravidade, a queda estrondosa contra as rochas lá em baixo, outrora tão irregulares e ásperas como as outras, mas agora alisadas por milénios de erosão. Cheguei ao miradouro quando a lua cheia começava a pôr-se, o círculo perfeito de branco de um lado do céu e, do outro, o laranja do amanhecer a lançar um brilho suave sobre o véu de gotículas de água.

A combinação do pôr da lua e do nascer do sol é muito bonita, mas não foi por isso que vim cedo. Desconfiava que o meu plano pudesse ser ilegal (não pesquisei intencionalmente, para poder alegar ignorância) e queria ilibar a minha família de qualquer culpa. Posicionei-me no sítio onde penso que o meu pai estava quando apanhou o braço do Eugene, o último sítio que pisou antes de cair. Daí, dá para ver tudo, é uma queda de uns bons 30 metros. Senti uma inclinação momentânea do solo e sentei-me. Coloquei as palmas das mãos no chão para me equilibrar, senti um formigueiro — provavelmente devido à altura e à minha excitação nervosa, mas, tendo em conta o que o Eugene disse sobre sentir a presença do pai naquele local e a recordação desta mesma vista na minha visão partilhada com o John, pareceu-me significativo que aquilo ganhasse contornos sobrenaturais. Vi o que tinha visto na minha mente durante os últimos três meses. A mão do meu pai agarrada ao braço do Eugene, as suas lágrimas, os óculos desalinhados, a ausência de noção de profundidade, um puxão desesperado para evitar que o Eugene

caísse, mas o cascalho debaixo dos sapatos, os pés a deslizarem para mais perto da extremidade e depois mais além, no ar, não consigo aguentar mais, tenho de largar o braço do Eugene, o último toque na sua pele quente. E depois, antes de iniciar a queda, o baque do corpo do filho no chão, e a constatação — o Eugene está a salvo, vai sobreviver.

Quem me dera poder esticar esse milésimo de segundo de alívio, paz e alegria de modo a durar uma vida inteira, fazer uma pausa nessa bela imagem do meu pai no ar, em pleno voo, antes da queda — o vento a soprar-lhe no cabelo, o tecido esvoaçante, o céu límpido, a água a correr lá em baixo —, antes do domínio da gravidade e do terror. E, quando isso aconteceu, conheço bem o meu pai, esse terror não foi apenas em relação à queda, ao impacto, à água, à morte, mas também ao Eugene. Ele vai ficar bem? Como vai chegar a casa? E a Anjeli. Ela tem covid, está no hospital. E se ela morrer e ninguém souber do seu trabalho com o Eugene? Devia ter contado a toda a gente, porque não contei a ninguém, e se o Eugene nunca chegar a falar com a Hannah, com a Mia, com o John? E se o condenei a uma vida de silêncio e sofrimento?

Tem sido esta a minha preocupação desde o mês passado, quando liguei a um canoísta que quase morreu no parque, mas que acabou por ser salvo como por milagre. Foi há mais de dez anos, mas ele descreveu em pormenor o momento em que pensou que ia morrer. Disse que é mesmo verdade o que as pessoas dizem sobre os acidentes, que o tempo abranda e que a vida nos passa à frente dos olhos, e lembra-se de se preocupar com o filho, que estava atrás dele, não só com a sua segurança, mas também com questões práticas triviais.

— Preocupe-me durante o que me pareceram cinco minutos com o facto de ele não ter dinheiro e não poder comprar comida, e depois fiquei zangado comigo próprio por não lhe ter dado um cartão de crédito para o caso de ser necessário, e depois imaginei como é que a minha mulher ia levar o carro dela e o meu para casa — contou-me, entre risos.

Não consigo dizer-vos o quanto me perturbou imaginar o meu pai e aquilo que o teria deixado aflito, a culpa e a preocupação com o Eugene. Não podia falar sobre isso com o John ou com a minha mãe, e muito menos com o Eugene; não fazia sentido que eles também se

preocupassem, e, além disso, não queria que soubessem que continuava a investigar casos de pessoas que tinham sobrevivido a quedas e quase afogamentos no nosso parque.

A resposta chegou há dias, quando estávamos a falar sobre o que devíamos fazer para a cerimónia do pai. Os três não gostaram muito da minha ideia de espalhar cinzas no rio (não as *cinzas* do pai, obviamente, mas as cinzas dos pais dele que estavam depositadas nas urnas em cima da lareira, que argumentei serem basicamente as cinzas do pai num sentido genético, misturadas com cinzas de cabelos queimados do pente do pai e algumas folhas do caderno QF). Claro que toda a gente adorou a ideia do John — doar um banco de madeira para o miradouro em memória do pai e fixar uma placa no banco durante a cerimónia. O Eugene quis fazer um discurso utilizando a sua nova aplicação de conversão de texto em voz, que também foi unanimemente apreciada e aprovada. A minha mãe achou que também devíamos ler passagens dos livros preferidos do meu pai (mais apreço e aprovação), sendo um deles *O Príncipezinho*.

Eu e o John lemos *O Príncipezinho* com o pai quando tínhamos uns 7 anos, como parte de uma campanha encetada por ele para aumentar as minhas capacidades de «pensamento flexível» (ao que parece, os meus professores achavam que era demasiado rígida e desdenhosa das opiniões dos outros), através do debate sobre histórias que convidam a respostas e interpretações diferentes. Quando chegámos ao fim, em que o narrador se preocupa com o facto de a sua ovelha desenhada a lápis comer a flor do Príncipezinho porque ele se esqueceu de desenhar correias no açaimo da ovelha e diz «Façam a seguinte pergunta: sim ou não? A ovelha comeu a flor?», eu disse que aquilo era estúpido. O homem não precisava de se preocupar porque podia simplesmente decidir que aquele era um açaimo especial com bordas de velcro que se colavam à lã do focinho da ovelha mesmo sem as correias. O meu pai disse que isso funcionaria de acordo com a lógica interna da história, só que o velcro ainda não tinha sido inventado naquela altura. O John teve uma ideia diferente; o homem podia fazer outro desenho do açaimo, com correias, e enterrá-lo no sítio onde o Príncipezinho morreu. «Isso resultaria, apesar de não haver viagens no tempo na história?», perguntei ao meu pai, transformando a minha crítica numa pergunta aberta e curiosa, como o meu pai sugeriu. «Sem

dúvida», respondeu, explicando a não linearidade do tempo, a sua circularidade, a forma como transcende a nossa compreensão da «racionalidade» — tudo conceitos que eu conhecia de *Star Trek*, mas que não tinha pensado em aplicar a outros mundos ficcionais.

Foi nisto que pensei quando escrevi esta história do que nos aconteceu depois do desaparecimento do meu pai. Mesmo as coisas que me envergonho de recordar, as coisas odiosas e rancorosas que acho que não conseguiria dizer em voz alta. Tentei escrevê-la como uma carta ao meu pai, mas pensar em dizer-lhe estas coisas diretamente era demasiado estranho. Era mais fácil fingir que estava a escrever para outras pessoas, pessoas que não conheço. Estávamos a ficar com pouco papel em casa, por isso imprimi-a em letra minúscula, a um espaço simples, sem margens, frente e verso. (Achei que o que importava era o simbolismo, não a legibilidade.)

E aqui estou eu. Sentada no chão, no miradouro da cascata, com as palmas das mãos sujas e pontilhadas por pequenas marcas de cascalho, com a história da nossa família nas minhas mãos. Tiro a lata da mochila que trouxe comigo e coloco as páginas lá dentro. Acendo o longo isqueiro que usamos para acender a lareira e chego a base branca da chama ao canto da primeira página. Mantenho-o ali até ver as chamas a corroerem o início da história, palavra a palavra — «Não chamámos logo a polícia.»

Fico a ver o fogo e penso: *Pai, isto é para ti. Quero que saibas o que aconteceu ao Eugene, que ele está bem, que agora está a soletrar connosco, a intensidade da alegria que sentimos todos os dias quando comunica connosco. Escrevi a história do que aconteceu depois da tua queda, e estou a queimá-la e a deixar as cinzas caírem onde tu caíste, no mesmo ar, na mesma água. Eu sei que não acreditas nestas coisas, e ainda sou agnóstica em relação a todas as nossas consciências estarem ligadas. Mas a ser verdade, com base na sua própria lógica interna, tem de transcender o tempo. E sim, também me apercebo de que, com base na sua própria lógica interna, não precisava de datilografar a história, imprimi-la, queimá-la, tudo isso. Transcendência é transcendência. Acho que essa parte era para mim. Quis provar a mim própria que fiz alguma coisa, que não fiquei apenas a cogitar. Quanto mais não seja, soube-me bem escrever tudo, confessar os meus pensamentos feios. Queimá-los também me sabe bem. contei ao Vic e ele aprovou, diz que o meu subconsciente vai perceber a ressonância simbólica da catarse e da expiação, ou lá o que foi, e que isso vai acabar por me*

poupar uma batelada em terapia no futuro. (Além disso, está um frio de rachar; o fogo é útil e simbólico.)

Não demora muito para que tudo queime e o fogo se extinga. Pegado no recipiente de lata quente com as luvas de cozinha que trouxe na mochila (ideia do Vic, que foi escuteiro; ele é muito precavido), levo-a até à beira da falésia e despejo os restos carbonizados. Faz mais chiqueiro do que eu esperava. O vento espalha as cinzas por toda a parte. Mas um torrão de cinzas negras atinge a água, espalha-se como uma gota de tinta e afunda-se lentamente. Quando o último pedaço de papel queimado atinge a água, vejo a cara de um homem — olhos fechados, um ligeiro sorriso, sereno. Estou a olhar para aquele local há demasiado tempo, digo a mim mesma, pestanejo e, de facto, ele desaparece, volta a transformar-se em sombras sem forma e sem sentido de água cinzenta, em salpicos e rochas. Sei que foi o meu cérebro a sobrepor uma imagem que não existe, um truque resultante da evolução combinado com o facto de não fazer mais nada senão imaginar o meu pai desde que aqui cheguei. Mas isso não importa. Sei que, doravante, quando pensar nos últimos momentos do meu pai, vou pensar nas minhas palavras a entrarem na sua consciência naquela fração de segundo antes de ele morrer. Ele a saber que o Eugene está a salvo. Que ele, todos nós, vamos ficar bem.

Levanto-me e deito mãos ao segundo motivo para ter vindo mais cedo. É uma surpresa para o Eugene. Decidimos tomar um pequeno-almoço em memória dos antepassados da família na mesa de piquenique — *donuts* com creme e bacon em homenagem ao pai, rolos de arroz *gimbop* com ovo estrelado, espinafres e rabanete *daikon* em homenagem aos nossos avós — e depois começar a cerimónia com o discurso do Eugene. É mais fácil para ele concentrar-se quando está revigorado, logo após o pequeno-almoço. Tem feito muitos progressos, mas continua a ter dias bons e dias maus, e cansa-se facilmente. É-lhe difícil fazer a transição para uma aplicação de quadro de letras e tocar nas letras no ecrã com o dedo indicador (uma função motora fina), por isso decidiu que devíamos trazer o quadro em estêncil de maiores dimensões no suporte, com o qual se sente mais confortável. Faz sentido, mas a verdade é que ele ficou desiludido por não poder «falar» de forma autónoma através da função de conversão de texto em voz.

É aí que entra a minha surpresa. Passei o verão de volta deste projeto para lhe oferecer como presente de anos no mês que vem, mas consegui ter tudo pronto um pouco mais cedo: um enorme tablet tátil de 24 polegadas pré-configurado com uma função de conversão de texto em voz e um quadro de letras com a disposição de estêncil a que ele está habituado, e uma caneta de tablet inserida num lápis oco (obra da minha colega de quarto, calouira de Ciências da Computação, e da sua equipa do laboratório de inovação). O Eugene está cada vez melhor a apontar com os dedos, mas é mais rápido a usar o movimento de esfaqueamento, e creio que vai ter muito para dizer.

Coloco o quadro de letras em frente ao banco. Sento-me como o Eugene se vai sentar, de frente para a cascata, ajusto a altura, o ângulo. A Lua, enorme e brilhante quando cheguei ao parque, tem estado a pôr-se, aquele círculo perfeito de branco a descer por detrás das árvores ao longe, mas ainda consigo vê-la, uma nesga de branco a esbater-se no céu pálido. Dentro de alguns minutos, vai esconder-se atrás da linha do horizonte, deixando de ser visível, tal como o Sol que espreita no horizonte oposto. Mais tarde, quando o Eugene estiver aqui sentado, quando lhe entregar o lápis-caneta, hei de falar-lhe da lua cheia, de como ela ainda está na nossa órbita, apesar de não a podermos ver, luminosa com a luz do Sol, à espera do pôr do sol para voltar a nascer. O Eugene vai sorrir e puxar o braço para trás, naquele movimento familiar de punho, enquanto eu, a mãe e o John vamos ficar ao seu lado, de mãos dadas, suficientemente perto para lhe tocar, mas com cuidado para não o distrair, cientes de como é difícil, este novo cenário, as emoções exacerbadas deste dia neste local, o novo quadro e a caneta contra o cenário vertiginoso da cascata. Vamos apertar as mãos em antecipação, sem saber com que letra ele vai começar, o que vai dizer, ou quanto tempo vai demorar. Lenta e cautelosamente, o Eugene há de aproximar a caneta-lápis do ecrã-estêncil e começar a falar.

Emigrei com os meus pais da Coreia para os Estados Unidos quando tinha 11 anos e andava no liceu. Éramos muito pobres em Seul, vivíamos num quarto na casa de outra família, com uma casa de banho externa e uma bomba de água ferrugenta, e os meus pais queriam um futuro melhor para mim, a sua única filha.

Quando nos mudámos para casa da minha tia nos subúrbios de Baltimore, ganhei coisas fantásticas com que nem sequer sonhava: canalização interior (sanitas!, chuveiros!), o meu próprio quarto (com uma cama), uma televisão a cores, um frigorífico e um piano que podia tocar durante horas todos os dias. Objetivamente, uma vida melhor; eu devia estar em êxtase. E, no entanto, sentia-me infeliz. Sentia muitas saudades da minha antiga vida. Sentia falta da proximidade com os meus pais, que raramente via, visto que trabalhavam das seis da manhã à meia-noite numa mercearia com vidros à prova de bala na baixa de Baltimore e dormiam num pequeno armazém nas traseiras. Tinha saudades dos meus amigos, do meu bairro e da escola, daquele sentimento de pertença e de integração com pessoas que se pareciam, vestiam, comiam, soavam e falavam como eu.

Eu era uma pessoa diferente em inglês e em coreano. Na Coreia, era uma rapariga sociável, a melhor da turma, sempre a falar, a sussurrar com os amigos, a organizar jogos no recreio. Aqui, nos Estados Unidos, não conseguia perceber nem dizer nada além de umas quantas «frases essenciais em inglês» que tinha decorado de um livro, o que não ajudava muito. *Where is the lavatory?* tornou-se «lá-bá-tó-di» no meusotaque, o que a professora interpretou como sendo uma

demonstração de apreço por Ciências (como era apanágio das crianças asiáticas) e curiosidade em relação ao laboratório da escola. Senti-me incrivelmente frustrada, perdida e sozinha, mas era mais do que isso. A nossa sociedade — não apenas a americana, mas a sociedade humana em geral — equipara as capacidades verbais, sobretudo a fluência oral, à inteligência. Apesar de haver um bom motivo para eu não conseguir falar inglês, sentia-me estúpida, julgada e envergonhada. Tornei-me uma *bah-bo*.

Isto intensificou-se quando aprendi inglês até ao ponto em que conseguia compreender, mas continuava a não conseguir falar. Quando não conseguimos falar, os outros partem do princípio de que não compreendemos e falam de nós à nossa frente. Os miúdos gozavam abertamente com o meu sotaque carregado, a minha sintaxe estranha e o meu inglês «macarrónico» — mesmo quando sorriam para mim e fingiam ser simpáticos. Era humilhante. Apesar de me ter tornado fluente em inglês passados poucos anos, essa experiência afetou profundamente o meu sentido de competência e confiança. Já passaram mais de quarenta anos, mas, quando penso nisso hoje, ainda sinto aquele ardor da vergonha.

Há mais de uma década, fui a um congresso médico para saber mais sobre as opções de tratamento para a colite ulcerosa do meu filho, incluindo a oxigenoterapia hiperbárica (OHB), um tratamento experimental a que faço referência no meu romance de estreia, *Miracle Creek*. O médico do meu filho descreveu um incidente em que um doente de longa data — um adolescente autista que não falava e que toda a gente supunha não compreender nada, quanto mais ler ou escrever — pegou no brinquedo do alfabeto da irmã que andava na pré-escola e escreveu: «Ajuda-me, dói muito.»

Vieram-me lágrimas aos olhos e não consegui parar de pensar ou falar sobre isso. A dor e a frustração que aquele rapaz não deve ter sofrido durante toda a vida, com pensamentos e palavras que queria desesperadamente exprimir, mas não conseguia, e com receio de que aquilo pudesse continuar para o resto da vida. A minha experiência limitada e temporária — ser incapaz de falar inglês durante alguns anos, nada comparado com a condição de uma vida daquele rapaz —

foi assaz dolorosa, mas não consigo imaginar o trauma que deve ser não ter uma forma de veicular os nossos pensamentos em qualquer língua ou em qualquer formato; não saber se alguém alguma vez saberá que compreendemos, que temos palavras trancadas dentro de nós.

Quando falei às pessoas sobre aquele rapaz, soube que não era o único. Comecei a ouvir histórias de pessoas diagnosticadas com «autismo grave e não verbal» que trabalhavam com terapeutas que abordavam o autismo de uma perspectiva completamente diferente, com base na pergunta: e se estas pessoas não conseguem falar devido a problemas motores e não a défices cognitivos? E se nos concentrarmos em melhorar as suas capacidades motoras e a regulação sensorial para que possam apontar para as letras, de modo a conseguirem comunicar?

Os resultados foram surpreendentes. Muitas pessoas que eram supostamente «não verbais» (ou seja, *sem palavras*), incluindo crianças que eu conhecia da OHB, começaram a exprimir-se verbalmente, através da escrita. Não apenas desejos e necessidades básicas (como «quero água» ou «dói-me a cabeça»), mas ensaios sobre História, Literatura, Ciências, e sobre as suas próprias experiências de se sentirem aprisionados nos seus corpos. Estes textos eram tão bem escritos que tenho vergonha de admitir que, no início, eu, tal como muitos outros, pus em causa a sua autoria, perguntando-me até que ponto as mães ou os terapeutas não estavam a «ajudá-los». Estas dúvidas desapareceram rapidamente quando vi vídeos, observei sessões de terapia e falei diretamente com os pacientes, sentando-me ao lado deles enquanto moviam os braços para formular perguntas e comentários em resposta às minhas interpelações, sem que ninguém lhes tocasse. Desde então, comecei a ensinar escrita criativa a um grupo de soletradores, e fico impressionada quando apontam, letra após letra, todos os pensamentos que editaram nas suas mentes durante tanto tempo até saírem frases e parágrafos apurados, completos e maravilhosos.

No meu caso, escrevo quando não percebo alguma coisa, para resolver algo doloroso e desconcertante. Penso que é por isso que escrevo sobre pessoas que têm dificuldade em expressar-se na minha ficção: porque o preconceito contra elas é do mais doloroso e

desconcertante que já encontrei. Quer seja um imigrante, uma pessoa que gagueje ou que seja autista, tenha afasia, apraxia/dispraxia ou síndrome de Angelman — há muitos motivos para ter dificuldade em falar, não relacionados com a qualidade dos seus pensamentos. É sabido que não devemos julgar o valor intrínseco de uma pessoa com base na aparência externa — quantas histórias se baseiam nesta tese? Porque não aplicar o mesmo modelo para a comunicação? Espero que *Quociente de Felicidade* possa ajudar a mudar isso. Espero que possa ser um acrescento a obras corajosas como *The Reason I Jump*, de Naoki Higashida, e *Ido in Autismland*, de Ido Kedar, assim como ao documentário *Wretches and Jabberers*, que põe em causa e desmente a suposição profundamente enraizada da nossa sociedade de que a fluência oral é equivalente à inteligência. O facto de não conseguirmos falar não significa que não sejamos capazes de pensar ou compreender.

Quociente de Felicidade é uma obra de ficção. As personagens e os acontecimentos deste romance são fruto da minha imaginação, mas a história do Eugene baseia-se na vida de pessoas reais — não falantes — que ultrapassaram o pressuposto erróneo, ao longo da vida, de que sofriam de uma deficiência intelectual grave e aprenderam a comunicar através da soletração e da escrita. Existem encontros de soletradores emergentes e fluentes como os que descrevo no final do romance, e tive o privilégio de observar e participar em vários deles.

O poema do capítulo 33 é um excerto de *It's Sure Been Quite a Year*, um poema colaborativo criado num desses encontros, o Neurolyrical Café, de junho de 2021, e posteriormente apresentado no SpellX de 2021. O SpellX anual e o Neurolyrical Café mensal, ambos patrocinados pela Associação Internacional para a Ortografia como Comunicação (I-ASC), são encontros virtuais de soletradores que celebram o desbloqueio das suas palavras através de trabalhos criativos — poesia, ensaios, vídeos e canções. São eventos abertos ao público, e recomendo-os vivamente a todos os que queiram ver os soletradores a trabalhar e/ou que procurem inspiração. (Para mais informações, consultar i-asc.org.)

O estudo de rastreio ocular a que faço referência é baseado em

«Eye-tracking Reveals Agency in Assisted Autistic Communication», da autoria de Vikram K. Jaswal, Allison Wayne e Hudson Golino, do Departamento de Psicologia da Universidade da Virgínia, publicado a 12 de maio de 2020, pela *Scientific Reports*. (Para mais informações sobre os estudos de investigação do professor Jaswal, consultar JaswalLab.org.)

Baseei as manifestações do duplo diagnóstico de autismo e síndrome de Angelman (AS) em mosaico do Eugene no que aprendi com famílias generosas que me abriram as portas de sua casa e partilharam as suas histórias, bem como em trabalhos de investigação e entrevistas com a Dra. Lynne Bird da Universidade da Califórnia, em San Diego. Quaisquer erros que possam existir são da minha exclusiva responsabilidade. Os recursos disponibilizados pela Angelman Syndrome Foundation em angelman.org são inestimáveis para quem quiser saber mais.

Duas advertências. Primeiro, quero esclarecer que não estou a afirmar que soletrar para comunicar é possível para todos os não falantes; conheço pais de crianças com autismo e/ou síndrome de Angelman que tentaram várias terapias e não conseguiram desbloquear palavras como o Eugene. Não é fácil; os soletradores, e respetivos pais e terapeutas dão conta de um processo difícil e lento, de progressos inconsistentes, de reveses frequentes e da dificuldade de trabalhar com diferentes parceiros de comunicação.

Segundo, o método de comunicação que descrevo no romance, o FAE, é fictício. É inspirado nas duas terapias reais com as quais estou mais familiarizada e que testemunhei pessoalmente — o Rapid Prompting Method (RPM), desenvolvido por Soma Mukhopadhyay, uma inovadora fonte de inspiração para outros, que tornou possível grande parte da comunidade ortográfica atual, e o Spelling to Communicate (S2C), desenvolvido por Elizabeth Vosseller, cuja paixão, brilhantismo e compaixão inspiraram muitas das cenas que envolvem o FAE. Em vez de defender um método em detrimento do outro, o que não me sinto qualificada para fazer, optei por incorporar elementos que são comuns: ensinar ortografia no contexto de aulas académicas e trabalhar por etapas, começando com quadros em estêncil com letras de grandes dimensões. Tomei algumas liberdades e personalizei o FAE, de modo a poder adaptá-lo ao contexto da

história. Além disso, criei o FAE fictício porque não queria que este romance fosse lido como um guia de instruções ou de formação. Incentivo qualquer pessoa que queira aprender mais a consultar os recursos que estão disponíveis e atualizados na minha página de Internet, angiekimbooks.com, e a trabalhar diretamente com terapeutas formados e certificados.

As teorias sobre a felicidade sempre me fascinaram, e muitas das reflexões do Adam baseiam-se nos meus próprios rabiscos sobre o tema (e, sim, nas folhas de cálculo que tentam reduzir algumas dessas ideias a números concretos), que fui fazendo ao longo dos anos. A primeira vez que ouvi falar do chamado «estudo sobre a felicidade dos vencedores da lotaria», lembrei-me dos meus amigos na Coreia a dizerem-me que tinha sorte por me mudar para a América e dos meus pais a compararem o nosso visto a um bilhete de lotaria. A diferença entre o que me diziam que devia sentir e o que senti efetivamente quando viemos para os Estados Unidos — alegria pura *versus* infelicidade — é algo que me intrigou na universidade como estudante de Filosofia, o que me fez pesquisar e escrever sobre teorias da felicidade objetiva e subjetiva.

A abordagem desse estudo em *Quociente de Felicidade*, designado como Estudo de Caso Contraintuitivo #1, baseia-se em «Lottery Winners and Accident Victims: Is Happiness Relative?», de Philip Brickman, Dan Coates e Ronnie Janoff-Bulman, publicado em 1978 no *Journal of Personality and Social Psychology*, bem como em estudos subsequentes analisados em «Happiness and Memory: Affective Significance of Endowment and Contrast», por Varda Liberman, Julia K. Boehm, Sonja Lyubomirsky e Lee D. Ross, publicado em 2009 em *Emotion*, e no fascinante ensaio de opinião «Happiness Won't Save You», da autoria de Jennifer Senior, publicado em novembro de 2020 no *The New York Times*. O Estudo de Caso Contraintuitivo #2 baseia-se na história do almirante James Stockdale, no Capítulo 4 do livro *Good to Great: Why Some Companies Make the Leap and Others Don't*, de Jim Collins. O Estudo de Caso Contraintuitivo #3 baseia-se em «We'll Always Have Paris: The Hedonic Payoff from Experiential and Material Investments», de Thomas Gilovich e Amit Kumar, publicado

em 2014 na revista *Advances in Experimental Social Psychology*.

O «curso de Felicidade de Yale» que está presente no livro refere-se ao curso «Psychology and the Good Life», da professora Laurie Santos, disponível através do *Coursera* com o título «The Science of Well-Being».

O Projeto Blue Brain baseia-se no projeto EPFL Blue Brain da École Polytechnique Fédérale de Lausanne, um projeto de neurociência de simulação que começou em 2005 para reconstruir digitalmente o cérebro dos ratos.

Além destas fontes referenciadas no livro, tive inúmeras conversas com amigos ao longo dos anos que me falaram de artigos, *podcasts*, blogues e livros interessantes sobre a felicidade, os quais constituíram a espinha dorsal destas ideias. Infelizmente, não guardei registos e não posso dar conta de todos esses recursos aqui, mas alguns a que voltei durante a escrita deste romance incluem os artigos de Arthur C. Brooks na série «How to Build a Life» na *The Atlantic* e o *podcast Happiness Lab* apresentado pela Dra. Laurie Santos. Além disso, o trabalho interessante do Dr. Joel Frohlich sobre a felicidade em crianças com síndrome de Angelman nos blogues *Knowing Neurons* e *Psychology Today* inspirou algumas das entradas no caderno do Adam Parson sobre este tópico.

Links, mais informações e atualizações dos recursos acima referidos estão disponíveis no meu site, em angiekimbooks.com.

A lista de pessoas que me ajudaram em vários aspetos deste livro é extremamente longa. Mas tenho de começar pela minha extraordinária agente, Susan Golomb, que me incentivou (com persuasão e ocasionais ameaças carinhosas) a começar finalmente a escrever este romance, e que depois fez a sua magia nos bastidores para me levar ao meu editor de sonho, David Ebershoff, cujo brilhantismo, bondade, paciência e enorme fé em mim e nesta história me guiaram até à meta. Susan e David, não estou a exagerar quando digo que não teria conseguido escrever este livro sem vocês. Obrigada.

Estou muito grata à maravilhosa equipa da Hogarth e da Random House pelo seu trabalho árduo e pelo extraordinário apoio e entusiasmo: Andy Ward, Rachel Rokicki, Maria Braeckel, Michelle Jasmine, Erin Richards, Windy Dorresteyn, Taylor Noel, Erica Gonzalez, Carrie Neill, Isabell Liu, Susan Turner, Cassie Gonzales, Jocelyn Kiker, toda a equipa de vendas da Penguin Random House e todos aqueles que fizeram um trabalho fantástico para levar este livro ao mundo. Kimberly Burns, és o meu porto de abrigo, e estou radiante por fazermos isto juntas novamente. Agradeço também à equipa da Writer's House, incluindo a Simon Lipskar, Kate Boggs e Peggy Boulos Smith, e aos meus editores estrangeiros. Um agradecimento especial ao Angus Cargill, o meu editor no Reino Unido, pelas suas notas precisas e perspicazes, e à equipa da Faber por ter apoiado o crescimento deste livro do outro lado do Atlântico. Jason Richman, da UTA, obrigada por me ter defendido, e ao meu trabalho, e pelos seus conselhos sempre sábios.

A minha sincera gratidão aos membros das famílias e

comunidades soletradoras/não falantes, autistas e da síndrome de Angelman que generosamente me dispensaram tanto do seu tempo e me inspiraram a explorar níveis mais profundos desta história. Otto Lana, Erin Sheldon (membro do Conselho de Administração da CommunicationFIRST), Anne Tucker, professor Vikram Jaswal da UVA, Tauna Szymanski (diretora-executiva da CommunicationFIRST), Karen Lager, Shannon Zish (fundadora da Unspoken Thoughts LLC), Lisa Quinn (diretora-executiva da Reach Every Voice), Karen Hoerst e David Rosenblatt não só compartilharam comigo as suas experiências e conhecimentos, como também leram os primeiros esboços deste livro e deram um *feedback* essencial. Não há palavras para expressar a vossa importância no meu processo de escrita. Vocês são o núcleo e o coração deste livro. Nicky Watkinson, Laura Dragonette e Julia Henderson também deram um *feedback* meticuloso e ponderado que me ajudou a melhorar imenso o livro.

Tenho de destacar a Elizabeth Vosseller, fundadora da I-ASC e da Growing Kids Therapy, por ter sido uma importante primeira leitora deste livro e por me ter apresentado ao Spellerverse e aos alunos de escrita criativa que tive o privilégio de ensinar. Ian Nordling, Caden Rainey, Ryan Wotton, Benjamin Trendler, Jack Haynes, Ben Carpentier, Benjamin D. McDonald e Harry R. — continuam a ensinar-me lições de humildade, a surpreender-me e a inspirar-me com as vossas ideias, perguntas, escrita primorosa e sede de aprendizagem. Também tenho de agradecer a Katlyn Billue, Kelly Berg e aos restantes membros da equipa pela sua orientação e mentoria. Ethan Tucker, Mike Keller, Jack Allnutt, Matthew Lager e James Potthast — quando vos conheci, há mais de quinze anos, não tinham qualquer vaso comunicante para as vossas ideias e pensamentos. Acompanhar os vossos percursos ao longo dos anos e ler os vossos extraordinários ensaios e discursos (partilhados pelas vossas mães guerreiras) tem sido uma bênção. E quanto às mães guerreiras — Anne, Lori, Amy, Karen e Brooke — não tenho palavras para dizer o quanto vos admiro pela vossa fé, coragem e persistência, e o quanto estou grata pela vossa vontade de partilhar com o mundo o percurso das vossas famílias com autismo.

Muitos outros compartilharam experiências e conhecimentos essenciais para este livro. Mark Bergin, a família Sclater (Michelle,

Dustin, Jake e Bailey), a Dra. Lynne Bird da UCSD, Stacy Ruddick, Edith Chen, Elizabeth Zielinski, Donna Shank (fundadora da Wings to Thrive), Katherine Yoder (diretora-executiva da Adult Advocacy Centers), Dr. Kyung-Eun Yoon da UMBC, Katie Hainsworth, Minsoo Kang, Abbey Thompson do programa Ask a Geneticist da Stanford@TheTech, Chris Lipscombe (*qurgh* do Klingon Language Institute), Alafair Burke e as minhas queridas primas Min-Kyung Terri Kang e Sara Starr-Cho responderam às minhas muitas, muitas perguntas sobre síndrome de Angelman, mosaicismo genético, RPM e outras terapias ortográficas, procedimentos policiais no norte da Virgínia, sistema de justiça criminal juvenil, entrevistas forenses, protocolos hospitalares durante os períodos de confinamento da covid-19, sistemas de romanização do coreano, inatismo, heurística, e por aí fora. Os erros são da minha exclusiva responsabilidade. Agradeço também ao meu grupo de caminhadas e ao clube do livro por me terem apresentado os trilhos que inspiraram esta história e pelas nossas divertidas sessões de troca de ideias regadas a vinho.

Escrever é muitas vezes um esforço solitário, e a minha comunidade de escritores foi indispensável para o meu processo de escrita e sanidade. Jean Kwok, os nossos prazos semanais mantiveram-me a escrever, e as nossas sessões de *feedback*/desabafo salvaram-me das profundezas da obscuridade. Guardarei sempre com carinho a nossa parceria de escrita durante a pandemia. Christina Kovac, os nossos retiros de escrita na praia são uma dádiva; obrigada (e a ti também, Sharon Taylor!) e mal posso esperar para escrevermos os nossos terceiros livros lado a lado. A minha Flim-Flam Hive — Alafair Burke e Janelle Brown —, o que faria eu sem as nossas centenas de mensagens diárias sobre tudo, desde o concurso de ortografia e o Wordle até às falhas na narrativa e aos desastres de vestuário? (Resposta: definitivamente nunca QB e muito provavelmente perderia o juízo!) Fernando Manibog, Carolyn Sherman, John Benner, Dennis Desmond e Beth Stafford — este é o terceiro livro que nasce da Prosecco & Prose; um brinde a muitos, muitos mais! Para os autores do meu grupo de crítica de romances, Danielle Trussoni, Janelle Brown, James Han Mattson, Tim Weed, Jean Kwok e Chris Bohjalian, as vossas opiniões sinceras e sem hesitações ajudaram-me a ver coisas que não conseguia ver, e estou muito contente por vos ter ao meu

lado. Lisa Gornick, Julia Phillips, Jamie Mason, Danielle Girard, Amin Ahmad e Julie Langsdorf também foram primeiros leitores, e estou grata pelo vosso apoio. Comecei a escrever este livro durante os tempos desconcertantes da pandemia, no verão de 2020, como parte de um grupo de escrita silencioso do Zoom. Jamie Mason, Danielle Girard, Jay Shepherd, James Hankins, Christine Kovac e Kathleen Barber, estou grata por toda a escrita, conversas (algumas das quais foram incluídas neste livro) e angústias partilhadas.

O meu amor e gratidão vão para os meus queridos amigos Susan Rothwell, Marla Grossman, Mary Beth Pfister, Susan Kurtz e Jonathan Kurtz por terem lido este livro, mas, mais importante, por terem sempre acreditado em mim e por me apoiarem.

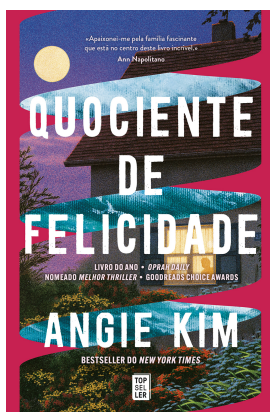
Aos meus maravilhosos 엄마 e 아빠, os meus pais, que sacrificaram tudo para me proporcionarem a extraordinária vida que tenho agora, e à minha 이모 Helen, a minha segunda mãe — 감사합니다. 사랑해.

Aos meus três filhos, a quem dediquei este romance. Escusado será dizer que escrever isto me traz lágrimas aos olhos. (Não me revirem os olhos!) Amo-vos tanto e desejo-vos a mais absoluta das felicidades. Obrigada por me deixarem roubar tantas histórias e frases da nossa vida familiar para este livro. Obrigada por terem respondido a todas as minhas perguntas sobre as peculiaridades linguísticas e comportamentais, codificação, algoritmos, tendências das redes sociais, composição musical e muito mais dos adolescentes e da Gen Z. Um agradecimento especial ao Steve, que foi um inestimável primeiro leitor, entusiasta de notas de rodapé, compositor de música para audiolivros e *designer* do site.

E, por último e mais importante, a minha gratidão e amor sem fim ao meu marido, Jim Draughn, que me levava café à cama todas as manhãs, fazia o jantar todas as noites, tratava de todas as coisas relacionadas com a casa e os nossos filhos, lia inúmeros esboços e ouvia as minhas queixas diárias durante todo o processo. És um santo, e eu não te mereço. Mas tenciono passar as próximas décadas a tentar fazer por isso.

«Não chamámos logo a polícia.»

Estas são as primeiras palavras de um romance extraordinário sobre uma família cujas vidas se alteram de um dia para o outro quando o pai desaparece.



Mia, uma jovem de 20 anos irreverente e hiperanalítica, tem uma explicação para tudo — e é por isso que, num primeiro momento, não fica preocupada quando o seu pai e o seu irmão Eugene, um rapaz autista e portador da rara síndrome de Angelman que não consegue falar, demoram a regressar de um passeio por um parque próximo de casa. O mais provável será que tenham perdido o telefone. Ou talvez tenham parado para fazer alguma coisa nalgum sítio.

Quando o irmão entra em casa, ensanguentado e sozinho, torna-se claro, todavia, que o pai está desaparecido e que a única testemunha é o próprio Eugene.

O que se segue é uma investigação ininterrupta do paradeiro deste pai,

mas também um retrato emocionalmente rico e comovente de uma família cujos segredos podem estar no cerne do seu desaparecimento.

Com uma narrativa poderosa, Angie Kim transforma a trama clássica de um desaparecimento em algo totalmente original, criando a história inesquecível de uma família que tem de fazer tudo para verdadeiramente se encontrar.

«A afirmação de que um livro irá mudar a nossa vida parece muitas vezes um exagero. Aqui, o potencial é real.»

Kirkus Reviews

Angie Kim mudou-se ainda pré-adolescente de Seul, na Coreia do Sul, para os subúrbios de Baltimore, nos Estados Unidos. Depois de frequentar a Interlochen Arts Academy, estudou Filosofia na Universidade de Stanford e frequentou a Faculdade de Direito de Harvard, onde foi editora da Law Review.

O seu romance de estreia, *Miracle Creek*, conquistou o Edgar Award, o ITW Thriller Award, o Strand Critics Award e o Pinckley Prize, e foi considerado um dos melhores livros do ano por várias publicações. *Quociente de Felicidade* foi considerado o melhor livro do ano pela *Oprah Daily*, um dos melhores do ano pelo *Washington Post*, *Bookpage*, *Kirkus Reviews*, *New York Post*, entre outros, e foi um dos nomeados para «melhor thriller» pelos Goodreads Choice Awards de 2023.

Angie Kim vive no norte da Virgínia com a sua família.

SAIBA MAIS SOBRE A AUTORA:

angiekimbooks.com

Instagram: [@angiekimask](https://www.instagram.com/angiekimask)

Twitter: [@angiekimwriter](https://twitter.com/angiekimwriter)

Facebook: [angie.kim.va](https://www.facebook.com/angie.kim.va)